

ufsm

# Celulares conexões e afetos:

a sociabilidade e o consumo de  
smartphones entre jovens de  
comunidade popular

Romulo Oliveira Tondo

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**CELULARES, CONEXÕES E AFETOS:  
A SOCIABILIDADE E O CONSUMO DE  
*SMARTPHONES* ENTRE JOVENS DE  
COMUNIDADE POPULAR**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Romulo Oliveira Tondo**

**Santa Maria, RS, Brasil.  
2016**

**CELULARES, CONEXÕES E AFETOS:  
A SOCIABILIDADE E O CONSUMO DE *SMARTPHONES*  
ENTRE JOVENS DE COMUNIDADE POPULAR**

**Romulo Oliveira Tondo**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PosCom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na linha de pesquisa de Mídias e Estratégias Comunicacionais.

Orientadora: Professora Doutora Sandra Rubia da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil  
2016**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Tondo, Romulo  
Celulares, Conexões e Afetos: a sociabilidade e o  
consumo de smartphones entre jovens de comunidade  
popular / Romulo Tondo.-2016.  
186 p. ; 30cm

Orientador: Sandra Rubia da Silva  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2016

1. Afetos 2. Consumo 3. Juventude 4. Telefones  
Celulares 5. Sociabilidade I. Silva, Sandra Rubia da II.  
Titulo.

---

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Romulo Oliveira Tondo. A reprodução de partes, em material intelectual, livros, artigos e outros, trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Tondo, Romulo. **Celulares, Conexões e Afetos**: a sociabilidade e o consumo de *smartphones* entre jovens de comunidade popular. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PosCom, da Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

Contato eletrônico do autor: romulotondo@gmail.com

**Endereço Institucional**

Universidade Federal de Santa Maria / Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Avenida Roraima, 1000 - Prédio 21, sala 5130  
CEP: 97105-900, Camobi, Santa Maria/RS

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação de Mestrado em Comunicação

**CELULARES, CONEXÕES E AFETOS:  
A SOCIABILIDADE E O CONSUMO DE *SMARTPHONES*  
ENTRE JOVENS DE COMUNIDADE POPULAR**

elaborada por Romulo Oliveira Tondo

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Dr<sup>a</sup>. Sandra Rubia da Silva

PosCom - Universidade Federal de Santa Maria (Presidente/Orientadora)

---

Dr<sup>a</sup>. Carla Fernanda Pereira Barros

PPGCom - Universidade Federal Fluminense (Primeiro membro)

---

Dr<sup>a</sup>. Liliane Dutra Brignol

PosCom - Universidade Federal de Santa Maria (Segundo membro)

---

Dr<sup>a</sup>. Eugenia Mariano da Rocha Barichello

PosCom - Universidade Federal de Santa Maria (Membro Suplente)

**Santa Maria, RS, Brasil, 2016**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais afetuosas que conheço, que ao longo desses anos me acolheram nesse plano e me ensinaram a amar: a minha família. Sem esquecer dos novos amigos, os jovens da pesquisa. Sem vocês, essa trajetória não seria possível. Espero que nossa conexão perdure por muitos e muitos anos. Gratidão eterna.

## AGRADECIMENTOS

Acredito no poder que as palavras possuem. Acredito também que elas são capazes de construir sonhos e aproximar ou distanciar pessoas, sejam elas amigas ou inimigas. Acredito também que juntos, eu e você (amigo ou pesquisador), podemos transformar as realidades em que estamos inseridos, seja através de um carinho, de uma mão amiga ou simplesmente de uma palavra. E por falar em palavras, estas, por sua vez, podem ser capazes de transpor barreiras físicas e psíquicas, fazendo com que os nossos sonhos jamais morram sozinhos.

Durante esses últimos anos, pude conviver intensamente com pessoas alegres, gentis e acima de tudo cordiais, que foram capazes de doar mais que seus conhecimentos, tendo me ensinado, por meio de ações, que somos capazes de afetar das mais diferentes formas. A elas, minha eterna gratidão.

Aos meus pais, **Nilo e Inêz**, agradeço a vida, o carinho e o amor a mim doados no transcorrer desses anos de vida. Por vezes, sinto-me em dívida com vocês pela ausência em momentos especiais ao longo desses dois anos. Essa vitória é possível na medida em que vocês acreditaram na minha capacidade e me apoiaram seguir essa carreira como pesquisador, mas especialmente como alguém que se preocupa com as pessoas. Dos anos trabalhados como voluntário em organizações como **AIESEC, ONG Infância-Ação e Parceiros Voluntários**, tornando-me uma pessoa mais humanista.

Ao meu irmão **Daniel** e à minha cunhada **Roberta**, agradeço todo carinho e acolhimento durante minhas idas e vindas de Porto Alegre; ao me terem como referência e persistência na busca de uma melhor qualificação. Vamos à luta! No final, tudo vai valer a pena e juntos triunfaremos. À minha irmã **Rita**, ao meu cunhado **Marcos** e aos meus sobrinhos **Kauê e Otávio**, obrigado por compartilharem comigo esse momento; em especial, à minha irmã, que no dia do resultado da seleção estava extremamente feliz pela minha conquista. Seu sorriso ainda está marcado não somente em minha memória, mas no meu coração.

Sou grato à minha orientadora **Sandra Rubia** por eleger meu projeto “Celulares, Conexões e afetos” como sua primeira orientação de mestrado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sou grato por me apresentar autores, metodologias, mas, acima de tudo, por ter se dedicado à minha pesquisa com olhar sempre atento.

Aos colegas do grupo “*Consumo e Culturas Digitais*”: **Amanda Fiuza, Ana Cássia Pandolfo, Alisson Machado, Camila Pereira, Cássio Aguiar, Jonária França, Nara Magalhães, Laura Garcia, Tânia Avila, Caroline Santos**; e os novos membros **Farida**

**Rabuske e Thiago Trindade:** obrigado por me auxiliarem durante essa trajetória acadêmica, seus olhares me ajudaram em momentos distintos da pesquisa. Um agradecimento especial a **Caroline**, minha coorientanda de trabalho de conclusão de curso, por permitir que eu pudesse lhe transmitir meu conhecimento, ao mesmo tempo que aprendi contigo.

À **Camila Pereira**, minha amiga, musa do smartphone! Gratidão por fazer parte da minha vida. A luz que há em seu coração é capaz de afastar qualquer escuridão. Não se deixe abalar por momentos que surgirão em sua vida. Toda luz necessária para trilhar qualquer caminho, você encontrará dentro de si mesma. Haverá verões onde as andorinhas não terão condições de migrar, mas sempre haverá alguém para ajudá-las. Obrigado pela companhia em todos os momentos da minha pesquisa.

À **Denise de Lima**, a colega designer, que me fez aprender a controlar minha própria ansiedade, observando quais são e para quem posso demonstrar meus afetos. Também sempre disposta a me escutar e me acolher em abraços bem apertados. Saiba que foi a primeira pessoa que simpatizei naquela terça-feira, nas aulas de mídias e territorialidades. Espero que nossa amizade nos leve para viagens pelos quatro cantos do mundo.

À **Nathália Schneider**, ninja afetada, por entrar na minha vida e virar ela de cabeça para baixo. Essa afetação me faz refletir e aprender que, diariamente, temos que viver cada segundo sem fazer muitos planos para amanhã. Se bem que... ainda tenho meus planos A, B e C. Grato por me apresentar também seus amigos e agora meus amigos: **Bruno, Fran, Gil e Pablo**.

Às unipampeanas: **Darciele Marques e Tauana Jeffman**, por compartilharem das minhas angústias, por sempre estarem dispostas a conversar sobre a minha pesquisa, por darem dicas de leitura e por compartilharem momentos hilários, como aquele congestionamento em uma sexta-feira, de setembro, no Rio de Janeiro. Sem contar os sorrisos e os cafés que compartilhamos.

À amiga **Angela Meincke**. Saiba que até mesmo nas tragédias encontramos pessoas que transmitem paz e boa energia. Nossos (des)encontros sempre me fazem pensar que uma boa amizade sempre é regada a suco, a uma tapioca ou qualquer “gordice” que possamos encontrar na Quitanda. E por falar, na Quitanda, obrigado ao Bruno e à Fran, super gentis e sempre bem amados comigo.

À Universidade Federal de Santa Maria, pela qualidade do ensino público e gratuito e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM por me transmitirem um pouco de seus conhecimentos. Agradeço especialmente aos professores **Eugenia Mariano da Rocha Barichello, Maria Ivete Trevisan Fossá, Rejane Oliveira Pozobon, Viviane Borelli, Liliane Brignol e Cássio dos Santos Tomaim**; e às pós-



doutorandas **Anelise Rublescki, Isabel Guimarães e Nara Magalhães** por fazerem do PosCom, nos anos de 2014-2016, um ambiente muito prazeroso para se realizar uma pesquisa.

Grato também aos colegas da Comissão de Divulgação Científica, **Sandra Depexe, Maurício Lavarda, Denise de Lima, Mirian Quadros, Juliana Motta e Tanise Pozzobon** por me instigarem a aprender mais sobre algo que eu gosto, especialmente a Comunicação gráfica. Também sou grato a todos os colegas da turma de 2014.

Obrigado também ao Ministério da Educação que, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**), subsidiou meus estudos com uma bolsa de pesquisa. Tal custeio foi importante na aquisição das bibliografias utilizadas para a construção teórica desta dissertação, assim como para o comparecimento em eventos acadêmicos no período de 2014-2016, na maioria deles apresentando resultados dessa pesquisa. Entre tais eventos, há três internacionais: o VII Encontro Brasileiro de Estudos do Consumo (ENEC, 2014), o 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade e 5º Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática (UFSM, REDE CIIDII, 2015) e o Congresso Internacional Comunicação e Consumo (ESPM, 2015).

Aos meus amigos AIESECOs, **Fábio Martinez e Magnum Queiroz**, e as amigas de longa data **Mauren Minato, Geice Peres, Ana Paula Cantareli** por compartilharem comigo suas ideias, suas casas e suas conquistas. Grato pelo apoio!

E a gratidão aos 43 educandos e dois professores que participaram da primeira etapa da pesquisa, à direção da Escola Anita Garibaldi e às três famílias que me acolheram durante as atividades do campo da pesquisa, em especial a **Laura**, o **Icaro**, a **Anneliese** e a **Érika** por doarem mais que simplesmente dados etnográficos, mas sim, um fragmento de suas vidas, das suas memórias. Eles, muitas vezes, abdicaram de outras coisas para me acolher. Este trabalho não é somente meu, é de todos vocês.

Às professoras membros da banca, **Carla Barros e Liliane Brignol**, por aceitarem, em 2015, fazer parte da minha qualificação, trazendo um olhar apreciativo e ao mesmo tempo atento aos detalhes da pesquisa, ajudando a dar sustentação, sugerindo melhorias e apontando também o melhor caminho a ser percorrido na análise.

E a todos aqueles que alguma forma torceram pela desenvolvimento da pesquisa e trocaram ideias comigo nos congressos, nas cafeterias e também nos corredores da **FACOS**, meu obrigado.



## EPÍGRAFE

*“Os bens são neutros, seus usos sociais, podem ser usados como cercas ou como pontes”*

**Mary Douglas e Baron Isherwood** em  
“O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo”

## RESUMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

### CELULARES, CONEXÕES E AFETOS: A SOCIABILIDADE E CONSUMO DE *SMARTPHONES* ENTRE JOVENS DE COMUNIDADE POPULAR

**AUTOR:** ROMULO TONDO

**ORIENTADORA:** SANDRA RUBIA DA SILVA

**Local e data da defesa:** Santa Maria, Rio Grande do Sul, 21 de março de 2016

Este estudo investiga o consumo de *smartphones* entre os jovens moradores de uma comunidade popular localizada na região oeste de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Nesta pesquisa, o consumo é compreendido por meio da cultura material e da importância que o telefone celular possui na construção do cotidiano de cada sujeito. Dessa forma, optou-se por uma investigação de caráter qualitativo, o estudo etnográfico, para compreender como os jovens se relacionam com o telefone celular (*smartphone*) e como o dispositivo é responsável pela manutenção e pela construção de suas redes de sociabilidade, tendo como enfoque principal as questões relacionadas à (re)construção das relações afetivas com e por meio do dispositivo móvel. A atividade de campo teve início em março de 2014, com a aproximação e a convivência com 43 jovens educandos, em uma atividade educacional na escola Anita Garibaldi.

A aproximação do campo teve duração de um ano letivo e foi concluída em dezembro de 2014. Em janeiro de 2015, ocorreu a imersão no campo, com intuito de compreender melhor as dinâmicas de posse e consumo do telefone celular por quatro jovens, Laura, Icaro, Anneliese e Érika. Para tanto, foi utilizada, como técnica principal para obtenção dos dados etnográficos, a observação participante, sendo possível, a partir da convivência com os jovens e seus familiares, perceber a importância do dispositivo na mediação da experiência de consumo e relacionamento desses sujeitos. Observou-se também que o dispositivo é responsável por mediar grande parte do cotidiano desses jovens, bem como é o principal elo entre seus pares e aqueles que fazem parte de sua rede de afinidade, tornando-se um dispositivo técnico-afetivo indispensável para esses jovens na construção de suas conexões *online* e *off-line*. Nessa circunstância, foi possível averiguar que os telefones celulares são compreendidos por esses jovens como objetos significativos para a construção de suas sociabilidades, diante de um momento em que suas relações extrapolam as relações face a face e ganham a ambiência digital. Da mesma forma, o dispositivo serve como repositório de suas micromemórias afetivas, diante de uma construção de afetos reais virtualizados na e pela máquina, capazes de construir uma cadeia afetiva a partir dos usos e apropriações do dispositivo no dia a dia.

**Palavras-Chave:** Afetos. Consumo. Juventude. Telefones Celulares. Sociabilidade

## RESUMEN

### TESIS DE MAESTRIA UNIVERSIDAD FEDERAL DE LA SANTA MARIA

#### CELULARES, CONEXIONES Y AFECTOS: LA SOCIABILIDAD Y EL CONSUMO DE *SMARTPHONES* ENTRE LOS JÓVENES DE COMUNIDAD POPULAR

**AUTOR:** ROMULO TONDO

**DIRECTORA DE TESIS:** SANDRA RUBIA DA SILVA

**Local y fecha de la defensa:** Santa Maria, Rio Grande do Sul, 21 de marzo de 2016

Este estudio investiga el consumo de *smartphones* entre los jóvenes que viven en una comunidad popular ubicada en la región oeste de Santa Maria, interior del Rio Grande do Sul. En esa investigación, el consumo es comprendido a través de la cultura material y de la importancia que el celular posee en la construcción del cotidiano de cada sujeto. De esa manera, se optó por una investigación de carácter cualitativo, el estudio etnográfico, para comprender cómo los jóvenes se relacionan con el celular (*Smartphone*) y cómo el dispositivo es responsable por el mantenimiento y por la construcción de sus redes de sociabilidad, teniendo como enfoque principal las cuestiones relacionadas a la (re)construcción de las relaciones afectivas con y por medio del dispositivo móvil. La actividad de campo tuvo inicio en marzo de 2014, con la aproximación y la convivencia con 43 jóvenes educandos, en una actividad comunicativa en la escuela Anita Garibaldi. La aproximación de campo tuvo la duración de un año escolar y fue concluida en diciembre de 2014. En enero de 2015, ocurrió la inmersión en el campo, con el intuito de comprender mejor las dinámicas de posesión y consumo de celulares por cuatro jóvenes: Laura, Icaro, Anneliese y Érika. Para tanto, fue utilizada como técnica principal para obtención de los datos etnográficos, la observación participante, siendo posible, a partir de la convivencia con los jóvenes y sus familiares, percibir la importancia del dispositivo en la mediación de la experiencia de consumo y relacionamiento de tales sujetos. Se observó también que el dispositivo es responsable por mediar grande parte del cotidiano de tales jóvenes, así como el principal eslabón entre sus iguales y aquellos que hacen parte de su red de afinidad, se convirtiendo en un dispositivo técnico-afectivo indispensable para esos jóvenes en la construcción de sus conexiones *online* y *off-line*. En tal circunstancia, fue posible averiguar que los celulares son comprendidos por los jóvenes investigados como objetos significativos para la construcción de sus sociabilidades, delante un momento en que sus relaciones trascienden las relaciones cara a cara y ganan ambiencia digital. De la misma manera, el dispositivo sirve como repositorio de sus micromemorias afectivas, delante una construcción de afectos reales virtualizados en y por la máquina, capaces de construir una cadena afectiva a partir de usos de apropiaciones del dispositivo en el cotidiano.

**Palabras Clave:** Afectos. El Consumo. La Juventud. Teléfonos Móviles. Socialidad

## **ABSTRACT**

**MASTER COURSE DISSERTATION  
FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA**

**CELL PHONES, CONNECTIONS AND AFFECTS:  
THE SOCIABILITY AND THE CONSUMPTION OF SMARTPHONES BETWEEN  
YOUNGER IN POPULAR COMMUNITY**

**AUTHOR:** ROMULO TONDO

**ADVISER:** SANDRA RUBIA DA SILVA

**Defense Place and Date:** Santa Maria, March 21<sup>nd</sup>, 2016.

This study investigates the use of smartphones among young residents of popular community located in the western region of Santa Maria, the interior of Rio Grande do Sul. In this study, consumption is understood through the material culture and the importance that the mobile phone has the construction of the daily life of each subject. Thus, we chose a qualitative research, ethnographic research, to understand how young people relate to the mobile phone (smartphone) and how the device is responsible for maintaining and building their social networks, with the main focus issues related to (re) construction of emotional relationships with and through the mobile device. The field of activity began in March 2014, with the approach and living with 43 young students in an educational and communicative activity at school Anita Garibaldi. The approach of the course lasted one school year and was completed in December 2014. In January 2015, was soaking in the field, in order to better understand the dynamics and ownership of cell phone use by four children, Laura, Icaro, Anneliese and Erika. Thus, it was used as the main technique for obtaining ethnographic data, participant observation, if possible, from the interaction with young people and their families realize the importance of the device in mediating consumer experience and relationship of these subjects. It was also noted that the device is responsible for mediating much of the daily lives of these young people, and is the main link between their peers and those who are part of your network affinity, making it a technical and emotional device indispensable for these young in building their online and offline connections. In this circumstance, it was possible to verify that cell phones are understood by these young people as significant objects to the construction of their sociability, before a time when its relations extrapolate relationships face to face and make a digital ambience. Similarly, the device serves as a repository of their affective micromemórias, before a building of real affection in virtualized and the machine able to build an emotional chain from the uses and appropriations of the device on a day by day.

**Key words:** Affections. Consumption. Youth. Cell phones. Sociability

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b> - Empresário norte-americano com o celular DynaTAC 8000X, em 1984. ....	26
<b>Figura 2</b> - Smartphone de Laura e o de Anneliese . ....	63
<b>Figura 3</b> - Casas do Jardim Aurora.....	84
<b>Figura 4</b> - Casas de alvenaria e a construção de edifícios na comunidade.....	85
<b>Figura 5</b> - Sexo biológico dos jovens da pesquisa na Escola .....	91
<b>Figura 6</b> - Perfil familiar dos jovens da Escola .....	92
<b>Figura 7</b> - Identificação com as mídias.....	93
<b>Figura 8</b> - Credibilidade transmitida pelas mídias aos jovens.....	94
<b>Figura 9</b> - A posse de telefone celular pelos jovens da Escola.....	95
<b>Figura 10</b> - Acesso à internet pelos jovens da Escola .....	96
<b>Figura 11</b> - Presença dos jovens em redes sociais digitais .....	97
<b>Figura 12</b> - Festa junina promovida pelos alunos do ensino médio .....	100
<b>Figura 13</b> - Slides da atividade conceitual de Educomunicação .....	101
<b>Figura 14</b> - Jovens em tarde de captação fotográfica .....	103
<b>Figura 15</b> - Chegada na escola e discussão sobre tratamento das imagens .....	104
<b>Figura 16</b> - Genograma da Família Nuclear de Laura.....	107
<b>Figura 17</b> - Genograma da Família Nuclear de Icaro.....	115
<b>Figura 18</b> - Genograma da Família Nuclear de Anneliese e Érika.....	118
<b>Figura 19</b> - Vídeo publicado por Laura para homenagear o filho em site rede social .....	134
<b>Figura 20</b> - Foto tirada por Davi possui construção de status afetivo por Laura .....	136
<b>Figura 21</b> - Reprodução de imagens compartilhadas pelo Icaro no Facebook.....	137
<b>Figura 22</b> - Demonstração de afeto entre amigas .....	138
<b>Figura 23</b> - <i>Screenshot</i> do grupo de Whatsapp “Cachaceiros F.C”.....	141
<b>Figura 24</b> - <i>Screenshot</i> de uma publicação do grupo Whatsapp Santa Maria .....	144
<b>Figura 25</b> - Montagem de <i>screenshots</i> de publicações do grupo do WhatsApp .....	145
<b>Figura 26</b> - Smartphones de Anneliese e Érika são da mesma marca para evitar brigas .....	152
<b>Figura 27</b> - Antigo smartphone de Laura ganha um novo dono.....	153

## **LISTA DE REDUÇÕES**

**APP** – Aplicativo

**AT&T** - American Telephone and Telegraph

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**DHMCM** - Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes

**DynaTACs** - Série de celulares lançados pela empresa Motorola

**GSM** - Global System for Mobile Communications / Sistema Global para Comunicações Móveis

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PNAD** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

**SIM** - Subscriber Identity Module / Módulo de Identificação do Assinante

**TELEBRAS** - Telecomunicações Brasileiras S.A.

**TETO** - Organização presente na América Latina e Caribe

**UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: A SOCIABILIDADE E OS USOS DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NO COTIDIANO DOS JOVENS .....</b>	<b>17</b>
<b>1.DO TELEFONE CELULAR AO SMARTPHONE: SOBRE USOS E APROPRIAÇÕES</b>	<b>25</b>
1.1.A Comunicação Móvel: o Telefone Celular em Pesquisas Científicas .....	25
1.2.Os telefones celulares em uma perspectiva da academia brasileira.....	31
1.3.“Ser jovem é mais que bater um <i>selfie</i> no celular e postar no Facebook” .....	36
<b>2.“TÁ NA MÃO, TÁ PERTO DE MIM”: SOBRE CONSUMO, CULTURA MATERIAL E TECNOLOGIA AFETIVA.....</b>	<b>45</b>
2.1.As teorias do Consumo: um campo em construção e expansão .....	45
2.2.Consumo de objetos: a cultura do material e os telefones celulares.....	50
2.3.A juventude e o consumo: os telefones celulares e outras tecnologias .....	51
2.4.Pobreza Digital: o telefone celular como artefato para inclusão social e digital.....	55
2.5.Micromemórias do cotidiano: o telefone celular como mediador tecnofetivo .....	59
<b>3.CONEXÕES: CAMINHAR, OBSERVAR E CATIVAR NA ERA DA MOBILIDADE ...</b>	<b>67</b>
3.1. Caminhar: a pesquisa etnográfica no campo da Comunicação.....	67
3.2. Observar: as técnicas qualitativas, a observação participante e as entrevistas .....	76
3.3. Cativar: a trajetória não-linear e a experiência de campo.....	80
<b>4.ALÔ! É DO JARDIM AURORA? SMARTPHONES E AS MÚLTIPLAS CONEXÕES COTIDIANAS .....</b>	<b>83</b>
4.1.O Jardim Aurora: um olhar sobre a comunidade .....	83
4.2.O retorno ao Jardim Aurora: um novo caminho a ser percorrido .....	87
4.3.Do “estranho” ao sujeito comunicante: o consumo de tecnologia em uma perspectiva dos usos e das apropriações do telefone celular em sala de aula.....	90
4.4.“Família é pra mais que sangue”: as famílias do Jardim Aurora.....	104
4.4.2.A Família de Laura: os diferentes níveis de consumo tecnológico .....	106
4.4.3.A família de Icaro: o consumo de tecnologia e experimentação .....	113
4.4.4.Família de Anneliese e Érika: juventude e a afinidade tecnológica .....	117
<b>5.“EU SINTO TUDO ISSO”: AFETOS E CONEXÕES MÓVEIS.....</b>	<b>125</b>
5.1.Conectando pessoas, dados e sentimentos: as micromemórias afetivas .....	125
5.2.Ligando o coração aos dedos: as relações de amor entre os jovens e suas conexões...	128
5.3.“Nem sempre foi assim na rua”: sobre violência e outros afetos em <i>smartphones</i> .....	139
5.4.“Esse sim, é celular pra jovem”: sobre telefones celulares e <i>smartphones</i> .....	149
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS .....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>173</b>



## INTRODUÇÃO: A SOCIABILIDADE E OS USOS DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NO COTIDIANO DOS JOVENS

São seis horas da manhã, o telefone celular toca pela primeira vez, e a função soneca é ativada. Cinco minutos depois de o primeiro alarme soar, a configuração realizada como precaução no dia anterior aciona novamente o despertador. Saio da cama. Dou meus primeiros passos pelo quarto, acendo a luz, tomo banho, escovo os dentes e arrumo o cabelo. Pego em minhas mãos, pela segunda vez, o *smartphone* e busco em um aplicativo (app) como será a temperatura no decorrer do dia. Verifico que não será necessário levar guarda-chuva, nem mesmo um casaco.

Enquanto meus pais assistem na televisão às últimas notícias, estou na cozinha, preparando meu café. Após um minuto e meio no micro-ondas, o café está pronto. Entre um gole e outro, leio meus *e-mails* por outro aplicativo no celular. Na caixa de entrada, estão os últimos *e-mails* decorrentes de uma série de atividades a serem realizadas durante a semana. Começo a categorizar as atividades marcadas no *e-mail* e crio eventos na agenda presente no dispositivo. Configuro a agenda para que o sistema me envie uma notificação em forma de *e-mail* um dia antes das minhas principais atividades e um aviso sonoro uma hora antes, para que eu possa ter uma noção de tempo. Acesso rapidamente meu perfil no site de rede social Facebook<sup>1</sup> e percebo que existe um *feed* sobre a Instamission<sup>2</sup> em parceria com a Teto Brasil<sup>3</sup>.

Acho interessante mostrar por meio de imagens o que podemos fazer para melhorar a cidade em que vivemos e impactar nossa rede de contatos com uma ideia bacana que pode ser desenvolvida no dia a dia. Percebo que é também através da fotografia que podemos captar momentos que ficam eternizados para sempre em nossas lembranças. Olho no *display* do celular e são 07h20min. Saio de casa a passos largos em direção à parada de ônibus, preciso pegar a próxima condução da linha Tancredo Neves – Campus. São 07h40min, o ônibus chega. Logo que passo o cartão eletrônico e cruzo a roleta, percebo que existem alguns lugares vagos no

---

<sup>1</sup> Facebook é um site de rede social lançado em 2004. Atualmente, é considerado o maior site do gênero, com mais de 1.44 bilhão de usuários. Deste montante, mais de 89 milhões são brasileiros. O site também possui versões mobile para acesso rápido à plataforma e para determinadas funções dentro da rede social, como o Messenger, aplicativo para conversa.

<sup>2</sup> Instamission é um projeto de fotografia colaborativo que se utiliza do aplicativo Instagram. O projeto apresenta também as missões e fotografias captadas por usuários de todo o Brasil em sua página no Facebook. <[www.instagram.com/instamission](http://www.instagram.com/instamission)>; <[www.facebook.com/instamission](http://www.facebook.com/instamission)>.

<sup>3</sup> TETO é uma organização presente na América Latina e Caribe, que busca superar a situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas nas comunidades precárias, por meio da ação conjunta de seus moradores e jovens voluntários. Dessa forma, a TETO, com o auxílio dos jovens, busca construir moradias para famílias que estão vivendo em situações de vulnerabilidade em assentamentos, proporcionando-lhes uma casa provisória.

final do ônibus. Enquanto percorro o corredor do ônibus até o final, percebo que muitas pessoas estão com seus telefones celulares em mãos. Algumas utilizam a conexão móvel de seus telefones celulares para entrar no Facebook e/ou mandar mensagens através do WhatsApp<sup>4</sup>, outros ficam entretidos durante o percurso com jogos e escutando música.

Estamos cruzando o arco da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os telefones celulares que estavam sendo tateados pelos seus donos, agora, repousam em seus bolsos e sacolas. Os estudantes e os funcionários da universidade começam a descer no primeiro ponto, minha parada é a próxima. Logo que desço do ônibus, pego o *smartphone* do bolso e capturo algumas imagens da fachada do prédio do Centro de Ciências Naturais e Exatas, que apresenta um mosaico no formato do rosto do físico alemão Albert Einstein. Tiro algumas fotos e logo continuo a caminhada até o prédio 21, local onde ocorrem as atividades deste dia. Vamos discutir os principais legados deixados por Marshall McLuhan. Percebo que, nesse momento, o telefone celular é uma extensão de nossas vidas e da mesma forma é capaz de mediar, (re)construir e armazenar nossas experiências diárias para que, em qualquer momento posterior, possamos retomá-las e delas nos apropriarmos, compartilhando-as com os nossos contatos, por meio do próprio dispositivo.

A aula passa rápido. Toco na tela do celular e vejo que o *display* indica que são 12h30min. A professora diz seus últimos apontamentos e logo somos liberados. Volto correndo para o terminal. O próximo ônibus em direção à minha casa sai às 12h45min. Assim como eu, diversos alunos estão regressando para suas residências. Como forma de observação, nos últimos minutos no ponto de ônibus, reparo na quantidade de pessoas que estão conectadas aos telefones celulares. A contagem de sujeitos que possuem telefones celulares em mãos naquele momento é interrompida por um barulho seco: uma jovem deixa cair seu *smartphone* no chão. Ela rapidamente pega o aparelho que deixou cair. Seu rosto não apresenta nenhuma reação e ela entra no ônibus. Fico imaginando qual seria a minha reação se o ocorrido tivesse acontecido comigo. O ônibus chega e, agora, é minha vez de regressar para minha casa.

Assim como eu, milhares de pessoas traçam suas atividades diárias com auxílio das funcionalidades disponíveis no telefones celulares. Na perspectiva de Rich Ling (2004), os telefones celulares servem como dispositivos microcoordenadores do cotidiano, além de servirem como artefato que constroem uma sensação de segurança em seus donos. No Brasil, o

---

<sup>4</sup> Whatsapp é um aplicativo para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantâneas, de imagens, áudios e vídeos através de uma conexão à internet. Em 2014, o aplicativo foi comprado pelo Facebook. Recentemente, o Whatsapp também proporcionou aos seus usuários a chamada por voz de longa duração, além de poder ser acessado no *desktop*, a partir da leitura de um QR-Code.

consumo de tecnologia móvel intensificou-se nos últimos anos. Dessa forma, o telefone celular passou a ser considerado um bem essencial, ou seja, um produto que auxilia na vida cotidiana dos sujeitos<sup>5</sup>.

Em 2011<sup>6</sup>, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), teve como objetivo averiguar o acesso à internet e a posse de telefone celular para uso pessoal. A partir desse estudo, foi possível compreender que os usos da Internet estão cada vez mais corriqueiros na vida dos brasileiros e que o telefone celular pode auxiliar ao acesso à rede, principalmente, entre os jovens.

Mais recentemente, o IBGE apresentou os dados referentes ao ano de 2013 da PNAD, comprovando que o telefone celular está amplamente difundido entre todas as faixas etárias e nos mais diferentes grupos sociais. O estudo destaca que o nível de acesso à internet e a posse de telefone celular é maior entre os jovens. No entanto, este cenário está mudando gradativamente, devido à maturação da posse das tecnologias entre as diferentes idades. A antropóloga Rosália Winocur (2014) acredita que enquanto os jovens utilizam as tecnologias com uma maior naturalidade, por estarem imersos em uma cultura digital e experimentarem novas tecnologias com maior facilidade, os adultos tendem ter uma maior dificuldade no manuseio e na aquisição de uma tecnologia nova. Nesse sentido, a pesquisadora acredita que os adultos tentam domesticar a tecnologia para incorporá-la em atividades cotidianas (WINOCUR, 2014, p. 19).

No entanto, os níveis de acesso e posse, assim como os usos e as apropriações de telefone celular, são temas recentes nas pesquisas relacionadas ao campo das Ciências Sociais Aplicadas, principalmente no que tange ao consumo por camadas populares. Esta pesquisa surge como uma aproximação entre os campos das Ciências da Comunicação e da Antropologia Social, principalmente nos estudos desenvolvidos pela Antropologia Urbana, que elege a pobreza como sendo um de seus principais temas de investigação. O objetivo principal desta investigação visa responder **como ocorre o consumo dos telefones celulares, por intermédio dos usos e apropriações, pelos jovens moradores do Jardim Aurora**<sup>7</sup>, bairro localizado na

---

<sup>5</sup> Portal de Telecomunicações, Internet e TIC. Aparelho celular deve ser regulamentado como produto essencial. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/EPYAJ5> > Acesso em: 23. mar.2015.

<sup>6</sup> Em 2011, foi a primeira vez que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) apresentava dados quantitativos referente à posse de telefones celulares para uso pessoal, através de um caderno específico para a posse desse objeto. Em anos anteriores, a pesquisa de telefones celulares era desenvolvida de forma complementar aos demais objetos investigados pelo IBGE.

<sup>7</sup> Os nomes citados nesta dissertação são pseudônimos. Sendo assim, em conversa com os interlocutores da pesquisa, foi mencionado o caráter adotado na investigação em preservar os dados fornecidos pelos jovens e demais informações que viessem identificar cada um deles. Para isso, sugeri que cada um dos interlocutores escolhesse os nomes pelos quais seriam identificados.

zona oeste da cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Ainda, busca-se responder **como este dispositivo é responsável por afetar a manutenção e a construção de suas redes de sociabilidade**. Para responder tal questionamento, tem-se como objetivo geral **entender como o consumo do *smartphone* emoldura e impulsiona a construção e a manutenção das redes de sociabilidade dos jovens de uma comunidade popular**. Já os objetivos específicos são: **a)** Investigar e descrever os principais usos e apropriações do telefone celular no cotidiano dos jovens da pesquisa; **b)** Investigar os níveis de consumo de tecnologia dos jovens; **c)** Identificar as dinâmicas afetivas entre os jovens e suas redes de sociabilidade a partir do telefone celular; **d)** Descrever dinâmicas socioculturais em que o telefone celular é capaz de mediar sentimentos e emoções dos jovens da pesquisa.

Para cumprir tais objetivos, foi escolhida como abordagem teórico-metodológica o estudo etnográfico. Tradicionalmente desenvolvida no campo das Ciências Sociais, a etnografia tem como objetivo compreender um determinado fenômeno social através da convivência com os sujeitos da pesquisa, denominados nativos. Nessa circunstância, o investigador busca, a partir da experiência de campo, no contato com os sujeitos, observar as dinâmicas sociais criadas por eles, a importância de determinada circunstância compreender tais movimentos e as construções socioculturais desses sujeitos. Nessa perspectiva, busca-se, através da coleta de dados etnográficos, entender como os jovens apropriam-se dos *smartphones* em suas ações cotidianas.

### **Organização da dissertação**

Nesta seção, apresento a organização dos capítulos da dissertação, a qual encontra-se dividida em cinco capítulos, além deste texto introdutório e das conclusões da pesquisa. Os capítulos serão divididos em dois eixos principais: o enquadramento teórico-metodológico (capítulos 1, 2 e 3) e a descrição densa (GEERTZ, 2008) dos dados obtidos por meio da pesquisa de campo que compreende a etnografia do consumo de *smartphones* por jovens de comunidade popular (capítulos 4 e 5).

O trabalho de campo foi realizado em dois momentos, perdurando 17 meses: a) a aproximação realizada entre os meses de março e dezembro de 2014, com educandos do ensino médio e professores da Escola Anita Garibaldi; e b) a imersão, realizada entre os meses de janeiro e setembro de 2015, com quatro jovens moradores do Jardim Aurora e suas famílias.

Durante a aproximação com os jovens, foi proposta uma oficina educacional na Escola Anita Garibaldi, localizada no limite geográfico entre a comunidade do Jardim Aurora e do Jardim América. A atividade promovida foi dividida em três momentos: 1) a compreensão

dos níveis de acesso e usos e apropriações das tecnologias pelos estudantes do primeiro e segundo ano da escola; 2) a desconstrução da mídia e a construção de um ambiente educacional na escola; e 3) a utilização do telefone celular como recurso pedagógico na construção do olhar desses jovens sobre a comunidade, por meio da captação<sup>8</sup> de imagens na comunidade.

A segunda etapa, a imersão, contou com a observação e a colaboração de quatro jovens com idades entre 15 e 21 anos, de ambos os sexos, moradores da comunidade do Jardim Aurora. Nesse percurso, optei por observar os usos e as apropriações das tecnologias pelos jovens, especialmente a utilização do telefone celular nas ações cotidianas, escutando os principais anseios desses jovens, ao levar em consideração os apontamentos<sup>9</sup> em que os telefones celulares ocupam um lugar de destaque. Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade, para retratar a discussão de temas e informações provenientes da observação participante e das conversas informais com os sujeitos da pesquisa. A seguir, apresento os capítulos, os principais assuntos e os conceitos que ganham reflexão no decorrer da escrita.

O primeiro capítulo, “Do telefone celular ao *smartphone*: sobre usos e apropriações”, apresenta as principais investigações realizadas sobre telefones celulares em uma perspectiva global. A presente revisão de literatura permite traçar um panorama sobre as principais pesquisas que elegem o telefone celular como objeto de pesquisa.

Na literatura internacional, as pesquisas que envolvem a telefonia móvel como reflexão acadêmica são recentes, se comparadas com outros objetos tradicionalmente estudados no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas; os estudos com telefones celulares referem-se ao início dos anos 2000. Para tanto, utilizam-se os resultados obtidos nas pesquisas realizadas por Rich Ling (2004), Amparo Lasen (2004; 2005; 2009), Hearther A. Horst e Daniel Miller (2006), Manuel Castells, Mireia Fernández-Ardèvol, Jack Linchuan Qiu e Araba Sey (2007) e Rosalía Winocur (2009), que compreendem os usos sociais dos telefones celulares e o impacto causado pela tecnologia móvel pelos usos e pelas apropriações cotidianas do dispositivo.

Já nas investigações brasileiras, o telefone celular tem seus primeiros resultados acadêmicos no final da década de 2000, a partir de pesquisas realizadas por Everardo Rocha e Claudia Pereira (2009) e Sandra Rubia da Silva (2010). Além dessas, é possível observar a

---

<sup>8</sup> A partir dos dados de observação e da compilação dos dados obtidos no questionário, analisado no capítulo 4, foi proposta a captação de imagens por meio da câmera presente nos telefones celulares dos educandos da escola.

<sup>9</sup> Os apontamentos da pesquisa são realizados no diário de campo do pesquisador para possível consulta na elaboração do texto final desta dissertação. Tais escritos vão de *insights* sobre a pesquisa, como temáticas a serem exploradas e diálogos realizados entre os jovens sobre o celular e/ ou sobre a perspectiva dos pais em relação ao uso dessa tecnologia pelos filhos.

crescente demanda pela compreensão da posse e da utilização do celular em uma série de investigações recentes nos campos da Ciências da Comunicação e da Antropologia.

As investigações mais recentes buscam compreender o telefone celular como um fenômeno social inerente a uma sociedade contemporânea, tais como: Gil Horta Rodrigues Couto (2009), Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca (2011), Leyberson Lelis Chaves Pedrosa (2011), Flora Dutra (2014), Patrícia Pereira Pavesi (2014) e Carla Barros (2014; 2015).

Nesse capítulo, também é apresentada a reflexão sobre o conceito de juventude como construção social a partir dos seguintes autores: Helena Wendel Abramo (1994), Catani e Gilioli (2004), Jesús Martín-Barbero (2008), Everardo Rocha e Cláudia Pereira (2009) e Néstor Garcia Canclini (2015). A partir da perspectiva desses autores, busco construir a ideia de juventude a partir da construção do “ser jovem” para os quatro participantes privilegiados.

O segundo capítulo, “*Tá na mão, tá perto de mim*”: o Consumo, a Cultura Material e a Tecnologia Afetiva”, aborda o consumo como um fenômeno social e cultural responsável pela manutenção e pelo vínculo social entre os sujeitos. Dessa forma, é construída a visão do consumo a partir das pesquisas desenvolvidas por Mary Douglas e Baron Isherwood (1978[2013]), Don Slater (2002), Livia Barbosa (2004), Everardo Rocha (2006), Diana Nogueira de Oliveira Lima (2010) e Daniel Miller (2013).

Para aprofundar a construção sobre o consumo na sociedade contemporânea, optei por compreender de que forma os objetos são importantes na vida dos sujeitos. Para tanto, é adotada a perspectiva do consumo como cultura material, sobretudo a visão Miller (2013). Para esse autor, a cultura material concebe que as pessoas e os objetos são inseparáveis, já que, para nos constituirmos como sujeitos, necessitamos da presença ou da ausência de objetos. Para apontar a importância da materialidade e da posse do telefone celular na construção do social, são apresentadas as investigações de Heather Horst e Daniel Miller (2006), Sandra Rubia da Silva (2010; 2011) e Everardo Rocha e Bruna Aucar (2014).

Nesse capítulo abordo o conceito de “Pobreza Digital” (apresentado em diferentes pesquisas da Rede DIRSI como construção de um cenário em constante transformação) e o de posse e apropriação de tecnologias no cotidiano dos sujeitos contemporâneos. Nessa perspectiva, compreendo a pobreza digital como os níveis de adoção e desempenho de usos por parte dos sujeitos. Sendo assim, a pobreza digital está ligada ao consumo material em uma perspectiva mais ampla que simplesmente a posse de um determinado objeto tecnológico.

Para finalizar o segundo capítulo, busco compreender como o dispositivo é responsável por mediar novas formas de sociabilidade e afetividade, sendo capaz despertar em seus usuários sentimentos, sejam eles bons ou ruins, para manutenção das suas redes. A ideia de afetos

mediados com e por meio do telefone celular é contemplada no conceito de tecnologia afetiva (LASEN, 2004, 2005), como uma proposta de perceber como os sentimentos e a tecnologia podem despertar novas práticas socioculturais entre os jovens. Nessa perspectiva, do celular como mediador afetivo, é apresentada uma aproximação do conceito de Lasen (2004, 2005; 2009) com a antropologia das emoções (REZENDE; COELHO, 2010) e a importância da fotografia como enlace emotivo/ sentimental (KOURY, 2008; NORMAN, 2008).

No terceiro capítulo, “Conexões: Caminhar, Observar e Cativar na Era da Mobilidade”, apresento o percurso metodológico e os principais desafios enfrentados ao longo da pesquisa de campo, da coleta de dados a partir da observação participante e das entrevistas semiabertas e da utilização de múltiplos suportes<sup>10</sup>. Reflito algumas visões do método etnográfico e dos principais procedimentos que envolvem a disciplina. As reflexões são realizadas a partir da essência do caráter etnográfico diante da movimentação e da construção do objeto analisado. Também apresento as técnicas de observação participante e o procedimento utilizado durante as entrevistas e a aplicação de questionários na atividade de campo, tendo como proposta mostrar de forma foram desenvolvidas as reflexões a partir da coleta, da análise e da escrita dos dados etnográficos, provenientes da pesquisa de campo realizada com os jovens da pesquisa. Nesse contexto, também é apresentada uma reflexão sobre os sentimentos envolvidos na construção do estudo, que levam em consideração o apoio e a necessidade da criação de vínculos com os sujeitos da pesquisa e seus familiares. A partir desses sentimentos e emoções observados em campo, são trabalhadas as categorias analíticas apresentadas e desenvolvidas na descrição dos capítulos analíticos.

No capítulo quatro, “Alô! É do Jardim Aurora? *Smartphones* e as Múltiplas Conexões Cotidianas”, são apresentadas ao leitor uma descrição do Jardim Aurora e das atividades desenvolvidas na primeira fase da atividade de campo, uma análise reflexiva dos dados obtidos no questionário aplicado aos educandos da Escola Anita Garibaldi, bem como o perfil dos quatro jovens e das famílias que participaram da pesquisa. Como forma de ilustração também é apresentado o genograma, uma representação gráfica das famílias dos quatro participantes privilegiados.

Usualmente, os genogramas são utilizados nos estudos de Antropologia de parentesco. Nesta pesquisa, utilizo os esquemas para mostrar a situação dos jovens diante de suas relações

---

<sup>10</sup> Como forma de adaptação ao campo, deixei os jovens da pesquisa livres para que pudessem entrar em contato por sites de rede social, whatsapp e demais ferramentas que achassem conveniente. Em alguns momentos, a utilização do Messenger do Facebook e do comunicador instantâneo Whatsapp deram suporte para a compreensão da lógica de consumo e apropriação dos telefones celulares pelos quatro participantes privilegiados da pesquisa.

familiares, levando em consideração que a família é uma das principais organizações sociais responsáveis pela manutenção das necessidades básicas desses sujeitos.

No capítulo cinco, “‘Eu Sinto Tudo Isso’: Afetos e Conexões Móveis”, apresento a descrição densa (GEERTZ, 2008), uma escrita reflexiva, realizadas a partir das categorias analíticas elaboradas como forma de apresentar os dados obtidos no decorrer do estudo etnográfico. Essa abordagem está relacionada à experiência de campo e às construções e às demarcações observadas junto aos jovens da pesquisa. No que tange à categoria de análise, é sinalizada a construção de manutenção de laços afetivos por parte dos sujeitos de pesquisa a partir do telefone celular. Dessa forma, resgatamos a construção do telefone celular como mediador afetivo, proposta por Lasen (2004; 2005), na qual são fornecidos contornos a partir dos usos e das apropriações do dispositivo a partir de fragmentos vivenciados e compartilhados por esses jovens em ambiente digital.

Por fim, são apresentadas as considerações finais desta pesquisa e os apontamentos de pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir dessa reflexão. Essas podem ser vistas como forma de aprofundamento não somente conceitual, mas também no que tange à compreensão dessas sociabilidades a partir do dispositivo, em uma perspectiva interdisciplinar entre as Ciências da Comunicação e a Antropologia Social.



## **1. DO TELEFONE CELULAR AO SMARTPHONE: SOBRE USOS E APROPRIAÇÕES**

Este capítulo apresenta um mapeamento das principais pesquisas sobre telefones celulares, desenvolvidas por pesquisadores em diferentes países. A primeira seção mostra os estudos desenvolvidos por Rich Ling (2004), Amparo Lasen (2004, 2005), Hearther Horst e Daniel Miller (2006), Manuel Castells, Mireia Fernández-Ardèvol, Jack Linchuan Qiu e Araba Sey (2007) e Rosalía Winocur (2009). Nesses estudos, os pesquisadores mostram que, mesmo sendo uma tecnologia global, o telefone celular é fruto dos usos e das apropriações de seus utilizadores, os quais estão imersos em uma perspectiva sociocultural. As ações do cotidiano fazem com que as atribuições dadas ao dispositivo sejam as mais diferentes possíveis. Diante desse fenômeno, a segunda parte deste capítulo aborda uma perspectiva dos estudos com telefones celulares em território brasileiro. Entre as investigações, encontram-se as pesquisas realizadas por Everardo Rocha e Cláudia Pereira (2009), Sandra Rubia da Silva (2010), Carla Barros (2014; 2015), Pavesi (2014), entre outras pesquisas realizadas no âmbito de Programas de Pós-Graduação. A aproximação entre a literatura estrangeira e a brasileira tem como objetivo lançar um olhar local, na perspectiva de compreender os usos e as apropriações dos telefones celulares por jovens moradores da comunidade Jardim Aurora. Por fim, é apresentado o conceito de juventude e a perspectiva adotada nesta investigação, trazendo para debate elementos essenciais para construção da categoria de juventude para pesquisa e a visão dos participantes em relação à categoria estudada.

### **1.1. A Comunicação Móvel: o Telefone Celular em Pesquisas Científicas**

A comunicação móvel, como a conhecemos na atualidade, é fruto de adaptações de diferentes tecnologias que a humanidade desenvolveu durante sua evolução. Cada uma dessas técnicas foi capaz de estimular novas estratégias de apropriação no cotidiano de muitos sujeitos.

O rádio foi um dos principais dispositivos que impulsionou pesquisas do que, hoje, conhecemos como telefone móvel. Em meados de 1940<sup>11</sup>, o termo telefone celular era conhecido pela população norte-americana, não da maneira como o conhecemos atualmente, mas como um dispositivo integrado às funcionalidades dos automóveis. No entanto, a ideia de

---

<sup>11</sup> A tecnologia dos telefones celulares passou de automotiva a móvel. O desenvolvimento tecnológico empregado pela Motorola e seus colaboradores fez com que o telefone celular fosse comercializado em 1974 como um protótipo de instrumento de pesquisa para o desenvolvimento científico e tecnológico. Poucas pessoas possuíam dinheiro para a compra de um aparelho celular na década de 1970, pois o custo de aquisição do modelo Motorola DynaTAC 8000X era de 3,995 dólares.

elaborar um dispositivo móvel que pudesse efetuar e receber chamadas em qualquer circunstância data do ano de 1947, quando Douglas Ring, em memorando interno para AT&T, propôs a criação de um equipamento que pudesse operar por meio de múltiplas antenas de rádio. Até então, os telefones celulares estavam localizados em automóveis e operavam com o intermédio de apenas uma antena, o que desfavorecia a utilização do dispositivo diante de questões operacionais e fluxo de ligações efetuadas ao mesmo tempo.

Em 1973, quase três décadas após as ideias de Douglas Ring, estudos desenvolvidos pela Motorola permitiram que a organização divulgasse suas pesquisas e promovesse uma conferência para demonstrar o que seria o futuro da comunicação móvel. Um dispositivo que conectasse as pessoas não somente localizadas na mesma cidade, mas também em qualquer parte do mundo, através de múltiplas antenas de rádio.

O modelo do aparelho apresentado pela Motorola na ocasião era um DynaTACs, um telefone móvel robusto com antena. Conforme John Mitchell, gerente da divisão de Comunicação da empresa, apontava em seu discurso, as principais atividades que poderiam ser realizadas pelos usuários do novo sistema desenvolvido pela Motorola, a partir daquele momento, seria “fazer chamadas telefônicas ao mesmo tempo. Andado em um táxi, a pé pelas ruas da cidade, sentado em um restaurante ou em qualquer outro lugar [que] um sinal de rádio pode chegar” (MOTOROLA, 1973).

**Figura 1– Empresário norte-americano com o celular DynaTAC 8000X, em 1984.**



**Fonte:** Acervo digital da Motorola Mobility, Inc <<http://www.motorola.com/us/Motorola-History/Corporate-Motorola-History-Timely-Achievement.html>>

No mesmo documento, Martin Cooper, diretor de operações de sistemas, projetava as futuras transformações da tecnologia ao dizer que “as aplicações desta tecnologia irão produzir telefones portáteis ainda menores e unidades de menor custo” (MOTOROLA, 1973).

Foi somente em março de 1983, após investimentos de 100 milhões de dólares, que a empresa lançou o telefone DynaTAC 8000X, um dispositivo com público alvo determinado, composto principalmente por executivos e organizações que pudessem arcar com o custo do dispositivo. Desde então, os telefones celulares passaram por inúmeras transformações tecnológicas e o custo de aquisição ficou acessível às demandas dos mais diversos públicos, podendo ser encontrados nas mãos das mais variadas faixas etárias.

Em um dos seus principais estudos, Rich Ling (2004) apresentou a evolução da telefonia móvel e como ela foi capaz de impactar a sociedade de acordo com suas necessidades de comunicação em locais de difícil acesso ou até mesmo em trânsito. O mesmo estudo evidencia que o mercado da telefonia móvel sofreu uma crescente transformação no início da década de 1990, com a introdução do sistema global para comunicações móveis (GSM) - *Global System for Mobile Communications*- e com o aparecimento e a comercialização do cartão Sim (*chip* para telefone celular), favorecendo o barateamento das linhas telefônicas.

Em sua pesquisa, Rich Ling (2004) foi capaz de sinalizar as principais transformações da telefonia móvel, que, hoje, faz parte do cotidiano daqueles que utilizam o telefone móvel para as mais diferentes formas de comunicação. O autor propõe que o telefone celular “é usado para proporcionar uma sensação de segurança, para coordenar as atividades, proporcionar a acessibilidade” (LING, 2004, p. 5).

O pesquisador acredita que o telefone celular serve como um mecanismo que permite aos jovens uma emancipação; mas, ao mesmo tempo, faz com que os pais tenham condições de monitorar seus filhos à distância. Rosalía Winocur (2009) também observou que a posse do telefone celular pode ser compreendida como uma conexão contínua entre membros da mesma família em diferentes momentos do cotidiano. Na ideia traçada por Rosalía Winocur (2009), na maioria das ocasiões não usamos o telefone celular para ampliar nossas redes de conhecidos ou para estabelecer novos relacionamentos, como acontece com a internet: ele é mais utilizado para que não se perca o contato com pessoas de nossos círculos afetivos. Castells et al (2007) apontam que o telefone celular, em muitos casos, na relação familiar entre pais e filhos, pode ser compreendido como uma espécie de cordão umbilical digital, evocando a relação biológica entre mãe e filho/filha.

No caso brasileiro, a comercialização de telefones celulares teve início na década de 1990. Nessa época, o consumo do telefone celular era privilégio para poucos, já que o custo era

elevado e os usuários eram, em sua maioria, executivos. Não sendo diferente do começo da comercialização do dispositivo na América do Norte e em países europeus e asiáticos.

O desempenho do telefone celular deixava a desejar: seu formado era robusto, pesado e tinha pouca capacidade de armazenamento de dados. Com a crescente demanda pelo mercado brasileiro, a estratégia adotada pelo governo foi a privatização da telefonia móvel no país, razão pela qual a TELEBRAS<sup>12</sup> foi privatizada no ano de 1998. Contudo, a introdução do capital estrangeiro (privado) fez com que as empresas brasileiras deste segmento tivessem que realizar uma adaptação em suas rotinas, fazendo com que suas propostas para os usuários do dispositivo se equiparassem com as ofertas proporcionadas pelas empresas já estabilizadas no mercado internacional. Dessa forma, foi favorecido o consumo do serviço móvel por outra parcela da população brasileira, as camadas populares, que viram no telefone celular uma forma de estarem sempre disponíveis para um eventual trabalho ou “bico”.

Da mesma forma, Horst e Miller (2006), em pesquisa etnográfica na Jamaica, analisaram o impacto dos telefones celulares para a população de baixa renda no país caribenho. Na reflexão proposta pelos investigadores, está o impacto dos telefones celulares para o desenvolvimento social e para a redução da pobreza, mostrando algumas estratégias das quais os jamaicanos se apropriavam a fim de estarem inseridos no contexto globalizado e, ao mesmo tempo, na tentativa de perpetuar os laços sociais com os sujeitos que faziam parte de suas redes de sociabilidade. Horst e Miller (2006), em suas descobertas, apontam que grande parte dos usos dos telefones por camadas populares era para manutenção das redes de sociabilidade que, porventura, pudessem auxiliá-las com um apoio financeiro. Os autores relatam que esse apoio financeiro poderia ser inclusive a doação de créditos para os celulares. Os créditos serviriam para que os jamaicanos entrassem em contato com pessoas de suas extensas redes de contato presentes no celular, para que, de alguma forma, pudessem suprir suas necessidades. Boa parte da ajuda era proveniente de conhecidos que moravam fora do país, em especial, nos Estados Unidos.

Neste momento, posso destacar duas estratégias observadas pelos pesquisadores. A primeira diz respeito à introdução do serviço “*call me*”<sup>13</sup> pela operadora local de telefonia

---

<sup>12</sup> A TELEBRAS é uma sociedade anônima aberta, de economia mista, constituída em 09 de novembro de 1972, vinculada ao Ministério das Comunicações. Está autorizada a usar e manter a infraestrutura e as redes de suporte de serviços de telecomunicações da administração pública federal, em conformidade com as orientações do Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital. Fonte: < <http://goo.gl/rror5I> >

<sup>13</sup> Serviço prestado pela empresa Digicel, o “*Call me*” era uma mensagem de texto enviada para até 20 destinatários pelo preço de cinco centavos de dólar. Horst e Miller mencionam que este tipo de mensagem foi a mais utilizada entre os jamaicanos de baixa renda e, de acordo com dados da empresa de telefonia, os jamaicanos chegaram a usar um total de 21 milhões de SMS em um único mês.

móvel, que permitia que os usuários enviassem mensagens de texto a um baixo custo para sua rede de contatos. A segunda estratégia refere-se ao tempo de duração do uso feito pelos usuários jamaicanos, que tinham um tempo de 21 segundos<sup>14</sup>, conhecida como “*link up*”<sup>15</sup>. Segundo os autores, essa prática servia para que os usuários pudessem falar com o maior número de pessoas pelo menor custo.

No Brasil, com a intensa comercialização dos telefones celulares e do cartão SIM, as operadoras de telefonia móvel assumem um papel importante na sociabilidade entre os usuários de telefone celular, principalmente aquelas que oferecem promoções para seus clientes. Nos anos 1990, as empresas tinham diferentes estratégias de fidelização por parte do cliente: algumas davam a oportunidade para que o usuário escolhesse o aparelho, entre as marcas com as quais a companhia possuía parceria, além da fidelização com os planos pré-pagos e pós-pagos.

Em anos seguintes, algumas operadoras acrescentaram aos seus planos de consumo a modalidade controle. Nessa modalidade, o usuário saberia quanto estaria gastando de forma fixa mensal; uma modalidade intermediária entre o plano pré-pago e o pós-pago. Entre os anos 2000, uma das operadoras brasileiras lançou a promoção pula-pula, na qual o consumidor pagava um determinado preço em um mês, não precisando efetuar recarga e no mês seguinte, pois seria creditado em sua conta o mesmo valor pago no mês anterior. A estratégia de bonificação era recorrente entre as operadoras brasileiras para fidelizar seus clientes. No entanto, é com o telefone pré-pago que os brasileiros começam a exercer sua criatividade em ações, como possuir um *chip* de cada operadora para aproveitar os bônus de cada uma (SILVA, 2010).

Da metade dos anos 1990, até a virada do século XX, os aparelhos celulares ganharam novas funcionalidades. Com isso, o telefone celular passou a executar outras tarefas, além das chamadas telefônicas e do envio de mensagens de texto. Nesse contexto, o celular tornou-se um aparato tecnológico essencial para grande parcela da população, principalmente os jovens, pois

---

<sup>14</sup> Para semelhante ao “*link Up*” foi realizada, entre os brasileiros, em meados de 2000, quando as empresas de telefonia móvel começaram a implementar suas promoções e bônus. A prática era realizada por pessoas com baixo poder aquisitivo e por jovens que não possuíam a mesma operadora que a pessoa quem desejava contatar. Para isso, utilizavam ligações de curta duração, em torno de 3 segundos, para efetuar a comunicação com a pessoa pretendida.

<sup>15</sup> A prática do “*link-up*” pelos jamaicanos de baixa renda está intimamente ligada ao número de contatos salvos em seus telefones celulares. Com uma extensa lista de contatos, estes sujeitos podem ampliar suas redes de sociabilidade. Para além do contato com seus familiares mais próximos, mas a adoção e criação de novas listas como de comunidades espirituais e religiosas, a procura de parceiros sexuais, e algumas estratégias adotadas por famílias de baixa renda na tentativa de auxílio financeiro. Além de apresentar um ponto de partida para a compreensão da rapidez com que os telefones celulares são incorporados na Jamaica, em especial entre a população de baixa renda.

possibilitava que eles estivessem conectados a uma série de funcionalidades que eram executadas por outros dispositivos como: o mp3, a câmera fotográfica e até mesmo os computadores pessoais. Tendo em vista todas essas funcionalidades, André Lemos (2007) define o telefone celular como sendo um “Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes - DHMCM” (LEMOS, 2007), caracterizando-se como um “Dispositivo” porque é um objeto, uma tecnologia de comunicação; como “Híbrido” por agrupar as funções de diferentes objetos já utilizados pelos sujeitos, como câmera fotográfica e de vídeo, GPS, telefone; como “móvel” pois podemos deslocados para qualquer lugar, mediante a portabilidade da tecnologia sem fio, ou seja, um instrumento de “Conexão”; e, por fim, caracteriza-se como “Multirredes”, pois através dele é possível empregar diversas redes, tais como *bluetooth*, infravermelho e internet (LEMOS, 2007, p. 25).

Para além da conexão, Castells et al (2007) considera que a segurança pessoal é um dos principais fatores que levam pessoas à aquisição de telefones celulares. No entanto, depois de adquirido o dispositivo, outras funcionalidades começam a despertar interesse de seu usuário. O autor sinaliza que, em épocas de catástrofes naturais ou em tragédias, os usos do dispositivo e da *internet* servem como instrumentos fundamentais e operacionais para a localização de sobreviventes e feridos, quando existe a possibilidade de a família entrar em contato com os envolvidos. Nesse contexto descrito por Castells et al (2007), podemos acrescentar a ideia de que o celular possui caráter de mediador de afetividade, tornando-se uma tecnologia afetiva (LASSEN, 2004; 2005), tema que será desenvolvido com maior profundidade no decorrer desta dissertação.

Para a investigadora, os usos do dispositivo permitem que seus usuários criem vínculos afetivos e possam, de alguma forma, exportá-los para/com auxílio desta tecnologia. “A principal razão para ter um telefone celular é de estar em contato com amigos e familiares e os aspectos mais importantes dos telefones celulares devem estar sempre acessível e conter todos os números de contato das pessoas que conhecemos”<sup>16</sup> (LASSEN, 2004, p.3, tradução minha). Dessa forma, a autora evidencia a importância do dispositivo para a manutenção das relações sociais do sujeito com sua rede de sociabilidade. Uma observação realizada pela pesquisadora em Londres, Madrid e Paris, entre os anos de 2002 e 2004, foi capaz revelar que mulheres e homens, das mais diferentes idades, sempre estavam com os telefones celulares em mãos, mesmo quando não utilizavam a tecnologia para nenhuma função.

---

<sup>16</sup> The main reason to have a mobile phone is to be in contact with friends and family and the most important aspects of mobile phones are to be always reachable and to contain all the contact numbers of those we know. (LASSEN, 2004, p.3)

Nessa perspectiva, Lasen (2004) constrói a ideia do telefone celular como um catalisador da experiência de comunicação, no qual as emoções são expressas por comunicação verbal e não verbal, esclarecendo que o telefone celular cumpre mais que a função multimídia, chegando a desempenhar uma função multissensorial (LASEN, 2004, p.5). A autora revela, dessa forma, a percepção das funcionalidades do dispositivo quanto ao uso e à apropriação de seus usuários. Um exemplo comum, e também usado pela autora, é o uso de sons para sinalizar a chamada de uma pessoa: o telefone vibra ao receber uma mensagem de texto, o envio de vídeos, transformando, assim, a interação entre os usuários em algo mais rico.

Lasen (2005) também contrapõe a ideia dos sentimentos bons, evidenciando a perspectiva da utilização da tecnologia afetiva como algo ruim entre as relações interpessoais, pois ela também facilita a exposição de sentimentos negativos, como a raiva, o ódio, a angústia e a ansiedade.

Nesse contexto, pode-se evidenciar que o telefone celular apresenta um caráter de mediação da vida cotidiana, seja na construção da subjetividade do seu dono, seja na manutenção e na construção das redes de sociabilidade, demonstrando que essa tecnologia pode ser estudada por intermédio das afetividades. Isso pode se dar pela perspectiva do conteúdo presente dentro do dispositivo ou pela perspectiva da customização da interface e exterior do aparelho, a partir das capas e demais objetos agregados. Sendo assim, a tecnologia afetiva é capaz de fomentar a manutenção das relações presentes na vida cotidiana, como, por exemplo a construção de vínculos afetivos mediados apenas pelo celular e das redes sociais digitais.

## **1.2. Os telefones celulares em uma perspectiva da academia brasileira**

Os usos e as apropriações cotidianas do objeto escolhido para esta pesquisa, o telefone celular, são temas de recentes investigações e debates nos campos das Ciências Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas no Brasil. Em mapeamento feito nos diretórios de busca da CAPES e dos programas de pós-graduação em Comunicação e Antropologia Social, foram encontradas poucas dissertações e teses que levam em consideração o telefone celular como ponto de partida para uma reflexão acadêmica.

Como argumentei no início deste trabalho, os estudos que articulam o telefone celular às práticas sociais relativamente recentes datam do início dos anos 2000, com as publicações de Rich Ling (2004), Amparo Lasen (2004), Manoel Castells et al (2007) e Rosalía Winocur (2009). No campo brasileiro, Everardo Rocha e Claudia Pereira (2009) buscaram compreender a cultura juvenil contemporânea por intermédio de um olhar antropológico das práticas de

consumo vinculadas à juventude, à tecnologia, ao luxo e à comunicação. No que tange à prática de consumo de tecnologia, os autores apontam os *gadgets*<sup>17</sup> como principais objetos que caracterizam essa geração.

Em 2010, Sandra Rubia da Silva, em sua tese de doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio de uma pesquisa etnográfica, investigou as práticas socioculturais e os processos simbólicos que os moradores do morro São Jorge, grupo popular localizado na capital catarinense, possuem a partir dos usos e das apropriações do telefone celular. Silva (2010) pôde perceber que os telefones celulares estavam presentes em diversas práticas sociais dos seus interlocutores, tais como manutenção de vínculos, práticas sociais como a religiosidade, práticas que envolvessem a questão de gênero e masculinidade e os tensionamentos entre gerações.

Carla Barros (2014), em recente publicação, deslocou o olhar do consumo individualizado do dispositivo para as práticas de consumo coletivo. Em sua observação, averiguou o hábito de assistir à televisão em telefones celulares. A pesquisa de cunho etnográfico, ainda em fase de execução, é realizada com os moradores das favelas do Rio de Janeiro e em espaços públicos, em especial, os deslocamentos desses sujeitos pela cidade através dos trens. Em suas observações, a autora aponta que a incorporação do telefone celular pelos sujeitos da pesquisa permite pensar em novas práticas de assistir à televisão e de sociabilidade por meio de um dispositivo criado para consumo individual. Nessa perspectiva, a autora apresenta que é necessário pensar sobre as generalizações acerca dos usos do celular como algo individual e perceber cenários mais amplos dos usos e das apropriações do dispositivo.

Patricia Pavesi (2014), em sua tese de doutorado, descreve o consumo e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) pelos jovens da Grande Terra Vermelha (GTV), a partir de coleta de dados em “ciberambientes” (PAVESI, 2014, p. 289). A autora ainda estuda como esses jovens se utilizavam das conexões e das possibilidades de construir novos espaços de sociabilidade. Pavesi (2014) salienta que as práticas desses jovens são híbridas, múltiplas e em constante transformação, argumentando que o acesso principal dos jovens da pesquisa era realizado a partir de um telefone celular. No entanto, seu olhar recai principalmente no esforço que os jovens possuem para garantir a conexão.

---

<sup>17</sup> Nesse contexto, os autores abordam os *gadgets* pela perspectiva McLuhaniana, como uma “bugiganga”, já que o autor em questão busca compreender esses aparatos tecnológicos como extensões do homem. Posteriormente, Rocha e Pereira atualizam o uso do termo, uma adaptação à realidade atual, tornando-se “brinquedos tecnológicos”, ou “*cool toys* para adultos”, ou até mesmo “equipamentos portáteis e cotidianos” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.59).



A Internet não constituía apenas mais um item no orçamento doméstico, ela era um serviço de primeira necessidade, colocado em equivalência no peso de serviços como o provimento de energia elétrica, água e gás. Mais ainda, a conexão era o passaporte para uma configuração importantíssima da vida social daquele grupo, onde as negociações da vida coletiva aconteciam com frequência e intensidade que não deixava nada a dever aos contatos feitos face a face. (PAVESI, 2014, p. 291).

Nessa perspectiva, a autora ajuda a pensar as múltiplas conexões obtidas pelo acesso à internet através dos telefones celulares, ao permitir pensar as afetividades do sujeito e suas conexões com as redes sociais digitais e demais redes que os jovens utilizam para construir sua sociabilidade.

Nas buscas realizadas no banco de dissertações e teses da Capes, foram encontradas dissertações em programas de Comunicação e Antropologia. Entre elas, podemos citar as pesquisas desenvolvidas por Anelore Spieker de Oliveira (2007), Gil Horta Rodrigues Couto (2009), Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca (2011), Leyberson Lelis Chaves Pedrosa (2011) e Flora Ardenghi Dutra (2014).

Em 2007, Anelore Spieker de Oliveira (2007) defendeu sua dissertação em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em sua investigação, a pesquisadora utilizou uma etnografia virtual tendo como proposta compreender o uso dos telefones celulares como dispositivos móveis convergentes. Oliveira (2007) constatou que a presença dos *smartphones* é capaz de viabilizar melhorias no cotidiano dos seus usuários, fazendo com que eles possam aproveitar as horas de lazer. No entanto, a autora salienta que mesmo que a posse do telefone celular permita que os seus usuários estejam à disposição de outras pessoas, os vínculos formados pelos sujeitos não se modificam com o passar do tempo. Para a pesquisadora, ao “pertencer a um grupo de identificação, mesmo que em um período passageiro, retoma-se a experiência contemporânea de estar só em meio à multidão” (OLIVEIRA, 2007, p.120), reforçando a ideia de que o dispositivo colabora com sentimento de solidão recorrente em muitos sujeitos na sociedade atual.

Couto (2009), em sua pesquisa, investigou os usos e os cenários de consumo dos telefones celulares nas cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora, Minas Gerais. Percorrendo essas duas cidades, o autor buscou identificar os usos dos celulares em locais públicos e privados, bem como a forma que esse dispositivo influenciou as situacionalidades cotidianas. Em sua proposta investigativa, Couto categorizou as situacionalidades empregadas ao telefone celular. A categoria “situacionalidade de proximidade”, inicialmente, abarcava a praticidade de acesso ao dispositivo. No entanto, o autor averiguou que existiam outras marcações relacionadas a mesma categoria que, em sua perspectiva, “em primeiro momento revelam a

comunidade, mas em última instância denotaram a frustração” (COUTO, 2009, p.104). Nessa perspectiva, o autor pontua sobre a comodidade, reflexo da experiência com a posse do dispositivo, sendo que entre os significados dessa experimentação estão relacionados aos usos e às apropriações dos telefones celulares comumente realizadas pelos usuários de telefonia móvel, tais como fazer e receber ligações e trocar mensagens de textos.

Ainda há outras três situacionalidades descritas pelo autor. A primeira é a situacionalidade marginal, que trata do descarte do dispositivo após o usuário decidir não utilizar o aparelho, em que o autor constata a existência de uma consciência ecológica e de descarte adequado pelos sujeitos da pesquisa. A segunda situacionalidade, a de desligamento, apresenta “desativamento” do dispositivo dentro do ambiente doméstico, como forma de economizar bateria e outras funcionalidades, além de ser uma maneira de aliviar as tensões regularmente informadas pelo dispositivo. Por fim, o autor explana a situacionalidade de exposição, relacionada à venda dos dispositivos, ao avanço da tecnologia, às questões econômicas na aquisição de celulares e às práticas suscetíveis da experiência de ter um aparelho que possua os mais diferentes artifícios que podem melhorar a experimentação do celular na vida cotidiana.

Já Fonseca (2011) contemplou, em sua pesquisa, os usos e as implicações do telefone celular na vida cotidiana, a partir de uma pesquisa panorâmica do telefone celular na mídia, seus diferentes formatos, seja publicitário ou não, texto, vídeos e impressões. A autora realizou entrevistas com usuários de telefonia móvel de três agências de publicidade de Cuiabá, Mato Grosso, a fim de compreender como este recurso era apropriado por estes profissionais, tanto na vida pessoal, quanto profissional. Fonseca (2010) constatou que os usos e as apropriações dos telefones celulares demandam uma regra, uma espécie de etiqueta, que deve ser praticada pelo usuário a fim de ter um convívio harmônico com a tecnologia e com as funções do cotidiano. Nesse aspecto, a autora acredita que as representações recorrentes na mídia sobre o telefone celular sugerem a presença de um usuário imaginado, com conceitos de “modernidade, conectividade, instantaneidade, mobilidade, pertencimento” (FONSECA, 2011, p.156). Outro aspecto apresentado pela autora é o discurso dos usuários de telefonia móvel, permeados pela construção midiática, mas que, ao mesmo tempo, protagonizam experiências nos usos e nas apropriações do dispositivo.

Outra pesquisa que envolve a investigação com telefones celulares foi elaborada por Leyberson Pedrosa (2011), que analisou a experiência de produção de vídeos com celular por estudantes de uma escola pública do Distrito Federal. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, proposta desenvolvida com estudantes de terceiro ano do ensino médio. O autor

buscava compreender de que maneira o telefone celular poderia ser utilizado em processos comunicacionais entre esses estudantes, entre eles e a tecnologia e entre os estudantes e a escola. Em uma perspectiva educativa e de formação cidadã, o estudo propôs-se a compreender e, ao mesmo tempo, realizar um empoderamento desses sujeitos, investigando como esses estudantes poderiam utilizar o vídeo para dar voz às suas angústias de ser jovem, tendo conhecimento de seus papéis como atores sociais perante a escola. Na mesma perspectiva de Pedrosa, esta dissertação teve início com uma aproximação de campo na escola, desenvolvendo uma oficina de fotografia a partir do telefone celular em aulas de Geografia e Língua Portuguesa/Literatura.

Já em 2014, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PosCom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a dissertação desenvolvida pela pesquisadora Flora Dutra (2014). A investigação teve como objetivo compreender os usos e as apropriações do telefone celular por jovens de classe popular no ambiente escolar. Para tanto, a pesquisadora optou por realizar a pesquisa em dois momentos. O primeiro, de caráter exploratório, em que foram aplicados dois questionários, um via Facebook e outro intitulado “*online*”, com imagens do acervo das revistas *Veja* e *Super Interessante*. No segundo momento, foi desenvolvida uma observação participante com adolescentes no ambiente escolar, para, em seguida, ser realizada a coleta dos dados por meio de entrevistas semiestruturadas com dez estudantes.

Em sua pesquisa, Dutra (2014) pôde compreender a importância do telefone celular nas práticas culturais de seus sujeitos de pesquisa. Segundo a autora, a posse do telefone celular por jovens de baixa renda permite-lhes moldar “novos significados com a mídia, a família e a sociedade em geral” (DUTRA, 2014, p. 163). Em contrapartida, a investigadora aponta que a experiência desses jovens também é moldada por uma série de enfrentamentos cotidianos no ambiente familiar e doméstico, principalmente quando a opinião ou atitudes desses jovens diverge da dos pais. Nessa perspectiva, as observações da autora colaboram com a construção do campo da Ciência da Comunicação ainda pouco explorado e em constante transformação, tendo em vista os usos e as apropriações da tecnologia por jovens, principalmente no que tange ao consumo da tecnologia e aos usos sociais das mídias.

Tendo em vista as pesquisas até então conduzidas sobre o consumo de telefones celulares nos campos das Ciências Sociais Aplicadas, a presente pesquisa tem como objetivo contribuir com o campo das Ciências da Comunicação, por meio de um diálogo com a Antropologia Social, na perspectiva dos telefones celulares (*smartphones*) como mediadores afetivos entre jovens de comunidade popular e suas redes de sociabilidade.

Ao assumir a “tecnologia afetiva” (Lasen, 2004; 2005) como conceito norteador desta pesquisa, destaco a importância da mediação tecnológica na vida desses jovens, principalmente

no que diz respeito à construção das relações afetivas no cotidiano. O dispositivo serve como instrumento de propulsão das relações emocionais e, muitas vezes, como uma forma de escapismo das relações conturbadas do seu cotidiano. Se ao mesmo tempo, é possível expandir suas relações por meio da construção de conexões com outras pessoas, é através do telefone celular que esses jovens ganham novas práticas de socialização de seus afetos. Contudo, existem exemplos que são evidenciados com maior frequência entre esses jovens, como o compartilhamento de frustrações e alegrias em sites de rede social, as comunicações por mensagens em comunicadores instantâneos e, até mesmo, a reprodução e a circulação de violência a partir de imagens e vídeos que são furtados ou tidos como casos de *revenge porn*<sup>18</sup>.

Para melhor compreensão dessas práticas, optei pelo convívio com os jovens do Jardim Aurora, pelo tempo de um ano e seis meses, originando, assim, um estudo etnográfico sobre o consumo dos celulares como mediadores afetivos. Dessa forma, tenho como objetivo assimilar, a partir da experiência do trabalho de campo com os jovens da pesquisa, de que forma o telefone celular é responsável por mediar as experiências desses jovens em uma perspectiva que envolva a comunicação digital, compreendida pelo hibridismo do suporte comunicacional e enlace afetivo, fazendo do dispositivo um objeto tecnoafetivo.

### **1.3. “Ser jovem é mais que bater um *selfie* no celular e postar no Facebook”**

No campo das Ciências Sociais, existem formas de construir e relativizar a juventude enquanto categoria. Nessa situação, é importante apontar que essa fase da vida ganhou visibilidade no cenário brasileiro nos últimos anos, tanto no cenário midiático, quanto em pesquisas científicas, para que em seguida, seja possível realizar uma breve descrição sobre a juventude para os participantes desta investigação.

Na história, durante muito tempo, o jovem foi considerado uma espécie de criança grande. A juventude, enquanto categoria, foi percebida a partir do século XIX (ARIÈS, 1981, p. 47). O estereótipo desses sujeitos era relativizado a partir de suas experiências enquanto sujeitos em constantes transformações biológicas e comportamentais, na qual muitos eram apresentados pela mídia como sujeitos rebeldes, com hábitos desastrosos e antissociais<sup>19</sup>. Esses

---

<sup>18</sup> De origem inglesa, o termo é utilizado para referenciar práticas de vazamento de documentos digitais, geralmente como forma de vingança, entre sujeitos ao final do término de uma relação afetiva.

<sup>19</sup> Em 2015, escrevi em parceria com a pós-graduanda Camila Rodrigues Pereira o artigo - “Meu Celular, Meu Mundo”: notas sobre consumo e juventude nas páginas de Zero Hora - apresentado no grupo de trabalho Comunicação e Culturas Urbanas da Intercom, realizado em 2015 na cidade do Rio de Janeiro. É possível ter acesso ao trabalho através do link < <http://goo.gl/4yHys9> >.

tipos de adjetivos eram comumente apresentados como forma “estar” adolescente, que aos poucos foram abandonados e transformados em um modelo de liberdade e beleza, por meio de práticas e estratégias de consumo hedonista, atualmente vendidas como uma performance de “ser jovem” em qualquer idade.

Podemos atribuir definições à juventude a partir de alguns enquadramentos (a faixa etária, a determinação de maturidade e imaturidade, o perfil socioeconômico, o estado de espírito e o estilo de vida) que se organizam em eixos que podem ser explorados enquanto uma categoria socialmente construída, que demarca situações socioculturais na construção de perfis de juventude.

Em suas pesquisas, Abramo (1994; 2003; 2007) fornece um panorama sobre a tematização social da juventude no Brasil. A pesquisadora afirma que existe uma série de setores da sociedade que, desde o início da década de 1990, propõe visibilizar as necessidades decorrente desta fase da vida. Entre eles, Abramo (2007) aponta que os meios de comunicação, em especial a imprensa, é um dos principais difusores de informações sobre a juventude por meio de publicações dirigidas e especializadas ao público em questão, como “os cadernos *teen* nos grandes jornais, programas de auditórios na televisão, programas de rock ou de rap nas rádios e canais de televisão, revistas de moda, comportamento e aconselhamento” (ABRAMO, 2007, p. 73). A autora acrescenta a presença constante do jovem em pautas de telejornais.

Na produção noticiosa, a autora (2007) argumenta que boa parcela das reportagens que envolvem as temáticas juvenis, ao serem dirigidas ao segmento “adulto”, possuem abordagem que tendem a indagar os problemas sociais vivenciados no cotidiano juvenil, como violência, crime, exploração sexual e drogadição, de forma a tentar preveni-los ou combatê-los (ABRAMO, 2007, p. 73).

No que se refere à produção acadêmica brasileira, Abramo (2007) argumenta que durante algum tempo o segmento jovem foi deixado de lado nas pesquisas científicas. No entanto, houve um retorno do tema nas reflexões de pesquisadores, principalmente na formulação de dissertações e teses, sendo essas investigações, em sua maior parte, destinadas a refletir sobre os “sistemas e instituições” que faziam parte do cotidiano desses jovens. A pesquisa também aponta que, a partir dessas reflexões, surgiram novos estudos “voltados para consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (ABRAMO, 2007, p. 74).

Nesse cenário, é importante salientar, assim como Abramo (2007), que as políticas públicas voltadas para a criança, dadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), foram importantes na construção de políticas voltadas para crianças e adolescentes da população

brasileira. No entanto, como a própria pesquisadora afirma, no Brasil, “diferente de outros países, nunca existiu uma tradição de políticas públicas especificamente destinadas aos jovens, como alvo diferenciado do das crianças, para além da educação formal” (ABRAMO, 2007, p. 74). A pesquisadora pontua que, em dissonância com os países de Língua Espanhola na América Latina, o fenômeno de políticas públicas voltadas para esse segmento ganha notoriedade a partir dos anos de 1980, com a articulação de organizações como a CEPAL, ONU e propriamente o governo da Espanha.

No contexto colombiano, Jesús Martin-Barbero (2008) menciona que o primeiro estudo voltado às práticas juvenis é a investigação de Alonso Salazar<sup>20</sup>. Em sua aproximação com o tema, Martin-Barbero (2008) pontua que a juventude e a cultura são apresentadas por uma perspectiva de “des-ordenamento cultural” observados a partir de dois ângulos:

...da defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios audiovisuais e pelas ‘novas’ tecnologias; e da emergência de novas sensibilidades, nas quais se encarnavam, de forma ‘precipitada’ e desconcertante, alguns traços mais fortes da mudança de época. (MARTIN-BARBERO, 2008, p.11).

Para o autor (2008), ambos os movimentos são pertinentes para pensar a construção da juventude em consonância com pesquisas desenvolvidas em outras partes do mundo. O pesquisador ainda cita o aumento considerável das pesquisas sobre a juventude no contexto dos países íbero-americanos e espanhol. Naquele momento, as pesquisas apontavam a migração de jovens para a Espanha em busca de novas oportunidades<sup>21</sup>. Outro importante eixo trabalhado por essas publicações diz respeito aos modos investigativos sobre juventude, citando aqui a Pesquisa Nacional da Juventude no México, realizada por Néstor Garcia Canclini em 2006, e as temporalidades da juventude, realizada por Amparo Lasen (2000).

Já o caso das políticas públicas brasileiras, diferentemente dos países latinos, progrediu lentamente (ABRAMO, 2007, p. 74). No entanto, ganhou notoriedade a partir da promulgação de um estatuto que prevê contemplar os jovens a partir de uma proposta de 2013, que considera como jovem qualquer pessoa entre 15 e 29 anos.

Catani e Gilioli (2004) contextualizam que a categorização da juventude por faixa etária é proveniente das relações culturais de um determinado povo, o que significa dizer que o jovem está atrelado às práticas sociais cotidianas do seu país ou região. Segundo os autores (2004,

---

<sup>20</sup> A pesquisa realizada por Salazar (1990) foi capaz de perceber as gangues urbanas juvenis do ponto de vista cultural. SALAZAR, Alonso. *No Nacimos pa'semilla*. Bogotá, Cinep. 1990.

<sup>21</sup> SERRANO, Martín. *Informe Juventud em España*. Madri, 2001.

p.13), são utilizadas pesquisas estatísticas para o desenvolvimento de políticas públicas, como, por exemplo: a inserção deste jovem no mercado de trabalho, tendo em vista que, em nosso país, o jovem só pode se inserir como menor aprendiz aos 14 anos de idade; a responsabilização civil, penal e eleitoral. Após os 18 anos de idade, com a maioridade, o jovem pode executar qualquer atividade profissional legalizada no território brasileiro.

Outra forma de enquadramento dada à juventude é pelo critério socioeconômico. Os investigadores (2004) argumentam que essa delimitação está atrelada à “renda, escolarização, casamento, paternidade ou maternidade, ambiente rural ou urbano e independência econômica”. Esse eixo será aprofundamento no capítulo 4 a partir do conceito de pobreza digital, momento em que é traçado o perfil individual dos jovens da pesquisa, os quais têm entre 15 e 21 anos de idade e são moradores da zona urbana – mais especificamente, de uma comunidade popular.

Entretanto, meu pensamento e minha reflexão sobre a juventude não estão simplesmente ancorados nas questões etárias, como apontam Catani e Golioli (2004), pois conversa com a proposta do pesquisador mexicano Néstor Garcia Canclini (2015). Nesta pesquisa, o autor evidencia o avanço notório das pesquisas relacionadas à juventude, deixando de lado a categoria como uma questão geracional, e menos ainda, como sendo uma função pedagógica ou disciplinar. Canclini (2015) acredita que o sentido da juventude está atrelada ao “sentido intercultural do tempo”. Por esse ângulo, a juventude apresenta características para além de uma determinação etária, englobando as necessidades de uma sociedade em constante transformação.

Nesse contexto, a faixa etária é apenas um ponto entre uma gama de informações socioculturais que pretendo levantar a partir da reflexão e do embasamento proposto por investigadores brasileiros. Podemos pensar, então, em juventudes, no plural, devido aos múltiplos perfis e construções socioculturais em um país como o Brasil. O consumo e a produção juntam-se para constituir a utopia de ser jovem em qualquer idade, fazendo com que a “juvenilização” da sociedade também seja compreendida pelos hábitos de consumo de um determinado grupo. Nessa situação, os objetos consumidos e suas apropriações diante de um contexto cultural nos fornecem indícios que podem ser percebidos como uma movimentação de “rejuvenescimento” de sujeitos já adultos diante de seus costumes.

Um exemplo disso é a construção de um ideal de beleza que lhes forneça a sensação de (re)construção de sua juventude, ainda que em plena vida atual. Nessas condições, os adultos se sentem gratificados com elogios tecidos ao estímulo da aparência física ser diferente da sua idade cronológica. Existe, dessa forma, uma construção da juventude através do consumo. A tecnologia, em especial a comunicação digital e o uso da palavra, permite que as pessoas sejam

quem elas queiram ser em ambientes virtualizados. Neles, o sentimento nutrido por esses sujeitos ganha novas reconfigurações, ultrapassando os afetos apresentados no cotidiano, sejam eles frutos da interação face a face ou de uma dinâmica construída a partir da fruição digital: dinâmicas que envolvam a afetação do indivíduo diante de uma tela de dispositivo, que opera como uma extensão do corpo/face de outro sujeito, que pode estar diante da mesma experiência a quilômetros de distância.

Em suas análises, Rocha e Pereira (2009) apontam que a ambivalência e a fragmentação são dois aspectos que evidenciam as práticas e as experiências juvenis na sociedade. Sendo a ambivalência no sentido de “que pode caber em conjuntos diferentes, como também é, muitas vezes, anômalo – algo que não cabe em conjunto nenhum” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 39-40). Na referida pesquisa, a ambivalência pode ser expressa pelos autores como a posição desempenhada pelos sujeitos na juventude, não sendo crianças nem adultos, abrindo, diante do indivíduo, diferentes possibilidades. Outra marca da ambivalência são as dúvidas e as certezas, expressividade relacionada pelos autores, muitas vezes, ao campo das perdas cotidianas. Nessa pesquisa, os jovens apontaram que juventude é fruto de novas experiências, uma “a melhor fase da vida”, na qual “se têm ‘desilusões’ e ‘dúvidas’, uma fase de ‘sofrimento diante do temor do novo’” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 41).

Os jovens do estudo de Rocha e Pereira (2009) temem tanto o fracasso, quanto a morte. O fracasso está relacionado à carreira profissional e às questões financeiras, essa última atrelada à liberdade desses jovens. Já a morte é a perda de uma pessoa próxima. Outro apontamento relacionado à ambivalência é constituído nos discursos do próprio sujeito e dos múltiplos espaços ocupados por ele. No discurso “dos adultos, da mídia ou nas diversas instituições sociais – são passíveis de incoerência, tanto no plano interno de cada um quanto nos planos comparativos de uns com os outros” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 41). Nessa circunstância, os autores apontam que o discurso direcionado a uma criança é pontual, definido por certezas e, muitas vezes, imposições. Já quando o discurso é proferido para um jovem, é passível de interpretação, fazendo com que a “percepção da incoerência dos discursos é um elemento definitivo para a construção da identidade do adolescente” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 42).

Foi possível constatar, a partir das conversas com os jovens da comunidade, que o principal temor relacionado à fase juvenil é a conclusão do ensino médio e a inserção no mercado de trabalho. Alguns jovens têm a pretensão de seguir os estudos e tentar o ingresso no ensino superior pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Outros admitem que não possuem mais “saco” para estudar, mas temem não serem contratados em virtude da comunidade em que moram e sua distância do centro da cidade. Na convivência com os jovens



e seus familiares, a preocupação da inserção profissional também era um tema de preocupação entre os pais. A ambivalência também era expressa no discurso familiar: alguns acreditavam que os jovens já deveriam estar estudando e ajudando na manutenção das necessidades da família. Também existiam os pais que tinham o discurso das condições: ao lembrar do próprio passado, as mães e os pais diziam que tinham condições mínimas de ofertar uma educação melhor que a deles para seus filhos, dando-lhes a oportunidade de uma melhor qualificação profissional.

Outra marca importante para compreensão da juventude, para Rocha e Pereira (2009), é a fragmentação. Neste trabalho, a fragmentação das experiências juvenis somam-se ao conceito de tecnologia afetiva (LASSEN, 2004), a fim de dar vazão às experiências permeadas pelas construções de dados e experimentações dos jovens a partir de seus telefones celulares, denominadas aqui como micromemórias afetivas. Dessa forma, cabe evidenciar que as construções de fragmentação propostas por Rocha e Pereira (2009) dão suporte para pensar a juventude em suas múltiplas vivências, incluindo as experimentações dos jovens em sites de redes sociais, aplicativos de relacionamentos e repositório de imagens, como também em comunicadores instantâneos. Os usos e as apropriações dos aplicativos permitirão com que cada jovem tenha uma experiência diferenciada, tendo em vista que as necessidades de elaborações (jovem x dispositivo) é decorrente de múltiplas necessidades.

Rocha e Pereira (2009) compreendem que a fragmentação é passível de ser compreendida a partir de cinco marcas, as quais são atravessadas e elaboradas a partir das experiências de cada sujeito. A primeira marca relacionada à fragmentação está atrelada à cultura pós-moderna. Nesse ângulo, os autores constroem a ideia que a fragmentação pode ser compreendida por dois elementos convergentes: enquanto sinal do mundo pós-moderno, atrelada à globalização, excessiva exposição à mídia, entre outras características, e à própria noção da vida jovem, que possui experiências de vida diversificadas e segmentadas. Nas palavras dos autores: “assim, as duas coisas são corretas: não só a sociedade e o contexto dessa geração de adolescentes são fragmentados pela pós-modernidade, como também a adolescência é, ela mesma, uma experiência fragmentada dentro do ciclo de vida”. (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.43).

A segunda marca vinculada à fragmentação na juventude é construída a partir da aquisição e da elaboração de novos saberes: a “fragmentação intelectual”. Nessa perspectiva, Rocha e Pereira (2009) apontam que é na adolescência/ juventude que existe uma fragmentação dos saberes, tendo em vista que na escola a educação é dada de acordo com as etapas da vida. Na primeira etapa, na infância, a criança aprende a ler e escrever unicamente com uma

professora. Com o avanço na educação, existe a fragmentação das disciplinas: o que era ensinado unicamente por uma docente, passa a ganhar uma segmentação de disciplinas e horários. Essa fragmentação, segundo os autores, “totaliza a imagem do saber (...) e, assinala o desenvolvimento da experiência de multiplicidade e fragmentação do conhecimento” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.43), permeando tanto a educação formal quanto a informal.

Diante dessa multiplicidade e fragmentação, os autores constroem o terceiro eixo que pode ser compreendido pela “superficialidade dos comprometimentos” na fase juvenil. Rocha e Pereira (2009) apresentam a visão de que a juventude é um “momento de não comprometimento”, já que para os jovens tudo é momentâneo e não duradouro. Nas palavras dos autores, “nesse sentido, o compromisso que ele assume com o mundo é, de certa forma, superficial, e sempre capaz de ser renegociado” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 44).

A quarta marca apresentada para uma perspectiva de fragmentação da juventude está atrelada à ideia de compartilhamento de diferenças. A ideia descrita pelos autores aponta que a juventude é um espaço privilegiado para trocas, reunindo uma série de experimentações cotidianas que podem ser construídas a partir de diferentes esferas: culturais, morais e políticas. Nessa perspectiva, os autores apontam que a juventude possui a flexibilidade e a liberdade de experimentação. Sobre os jovens, é possível construir ideias múltiplas e híbridas, aglutinando, muitas vezes, mais de um campo. Sendo assim, o mundo juvenil “adquire certa circularidade, a experiência pode ser reunida de uma forma mais livre, com mais ou menos coerência, maior ou menor grau de criatividade” (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 45).

Já a quinta marca relacionada à fragmentação é vista pelos autores como uma consequência do compartilhamento das diferenças. Para a Rocha e Pereira (2009), não somente as experiências são passíveis de mudanças, mas o próprio jovem é passível de mudanças a partir de um cenário em que o próprio sujeito é capaz de se movimentar livremente entre grupos, tribos, subculturas e múltiplas manifestações socioculturais. Essa movimentação e circulação permitem a aquisição de conhecimentos múltiplos, distintos das gerações anteriores, em que havia pouco trânsito entre as subculturas. Na juventude moderna, “parece não haver maiores problemas em passear entre vários mundos simbólicos que caracterizam cada um dos diferentes grupos” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p.45).

A partir disso, desenvolvo a premissa de que a juventude é uma construção social, deixando de lado a ideia da juventude como algo natural e biológico, pois, na verdade, esta fase da vida é feita e constituída de práticas que variam de acordo com a cultura em que o sujeito está inserido, ou até mesmo dentro da mesma cultura através de subculturas. Aponto que nesta pesquisa o jovem é fruto de uma ampla construção social, fruto da fragmentação cotidiana e

dos impactos das relações com inúmeras organizações e pessoas, em especial a família, com quem compõe dinâmicas afetivas que demarcam novas formas de compreender o mundo que o cerca. É esse sujeito, jovem, em primeiro lugar, que observa as transformações sociais (VELOSO; BARBOSA, 2012). Tais perspectivas são capazes de apontar novas rotinas de apropriações e ações diante das movimentações socioculturais.

Se levarmos em consideração os usos da tecnologia em ambiente familiar, o jovem é o primeiro a experimentar os novos artefatos, não pela necessidade ou pela destreza em operacionalizar um dispositivo, já que esse também terá que aprender. Mas, sim, pelo fato que na condição juvenil existe a necessidade de experimentação, de erros e de aprendizado com seus erros, e um futuro para somar essas construções para saber se a experiência foi válida.

Para os sujeitos da pesquisa, não existe uma percepção única do que é ser jovem. Existe diferentes formas de ser jovem. Diante das observações, foi possível constatar que essa atribuição múltipla da juventude está atrelada a algumas marcas da fragmentação propostas por Rocha e Pereira (2009), especialmente a juventude como uma maturação de saberes, a inserção no mercado de trabalho e a facilidade com que esses sujeitos possuem em transitar entre um grupo e outro. Ser jovem, para eles, está atrelado a uma série de decisões: ser responsável por escolhas mais maduras que envolvem não somente a sua pessoa, mas também uma perspectiva de vida. Para Laura, uma das participantes, sua condição de juventude está atrelada ao bem-estar do filho e das conquistas profissionais. Apesar de ter pouca experiência profissional, a jovem busca o melhor para si e para o filho. Já para Icaro, a juventude é um período de descobertas, de tensionamentos familiares e uma construção e aceitação de si mesmo. Para Anneliese e Érika, irmãs gêmeas, a juventude ganha um foco de preparação para idade adulta, um período de maturação e de escolhas de um futuro que tende a ser promissor. Dessa forma, a juventude também pode ser compreendida por uma experiência complexa e variável diante das construções de cada sujeito.



## **2. “TÁ NA MÃO, TÁ PERTO DE MIM”: SOBRE CONSUMO, CULTURA MATERIAL E TECNOLOGIA AFETIVA**

Este capítulo tem como objetivo desenvolver um olhar crítico sobre as teorias do consumo. Como ponto de partida para a discussão, é adotado o trabalho desenvolvido por Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), publicado originalmente no ano de 1973, sendo considerado uma proposta inovadora de como podemos compreender o consumo pelas relações dos sujeitos com os objetos, assim como pela relação dos sujeitos entre si. Abordarei o consumo como cultura material, levando em consideração os preceitos de Daniel Miller (2013), segundo o qual “nosso uso e nossa identificação com a cultura material oferecem uma capacidade de ampliar, tanto quando cercear nossa humanidade” (MILLER, 2013, p. 12). Indo além, é proposto um olhar sobre o consumo feito pelos jovens, principalmente o consumo de telefones celulares; tal olhar, muitas vezes, envolve um apreço pela tecnologia. Nessa perspectiva, também são apresentados dois conceitos importantes para o desenvolvimento desta dissertação: a) pobreza digital, que consiste nos diferentes níveis de acesso às tecnologias por parte dos sujeitos-usuários; e b) tecnologia afetiva (LASSEN, 2004, 2005), que nos permite desenvolver uma reflexão acerca dos usos e das apropriações dos telefones celulares como objetos culturais tecnoafetivos.

### **2.1. As teorias do Consumo: um campo em construção e expansão**

O consumo ganha uma nova perspectiva na sociedade contemporânea, principalmente com as pesquisas desenvolvidas com o olhar antropológico, o qual compreende o consumo como um fenômeno social inerente à vida em coletividade. Nesta pesquisa, pensamos o consumo como a construção do objeto para um grupo de jovens de comunidade popular, por meio dos usos e das apropriações que fazem do telefone celular em ações do dia a dia, seja pelo uso do dispositivo em virtude de suas funcionalidades, como a função do despertador, ou para a criação de novos laços afetivos por intermédio dos sites de rede social. Nessa perspectiva, compreendemos o consumo como uma estratégia de comunicação em constante aperfeiçoamento, capaz de aproximar esses jovens de seus iguais e, ao mesmo tempo, operar como forma de distinção de seus pares.

Sendo assim, o consumo é compreendido como um processo cultural em constante construção e expansão. Mary Douglas e Baron Isherwood (2013) são responsáveis por trazer, em seu estudo intitulado “O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo”, um olhar

antropológico sobre os estudos do consumo, sendo capazes de descolar as investigações para um cenário em construção, tendo em vista que o consumo é um fenômeno cultural capaz de efetuar a estruturação de valores, regular as relações sociais, da mesma forma que é capaz de definir mapas culturais. Nessa perspectiva do consumo como uma construção, os autores esclarecem que o consumo não é simplesmente o ato da compra, mas sim um sistema de trocas simbólicas que permite que o indivíduo seja capaz de compreender os códigos de uma determinada situação. Dessa forma, a pessoa necessita das trocas para efetivamente acionar suas próprias construções do social. Evidenciando que “os bens são neutros, seus usos sociais, podem ser usados como cercas ou como pontes” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 30).

Para Mike Featherstone (1995), a cultura do consumo está ancorada em três perspectivas fundamentais. A primeira está relacionada com a expansão da produção capitalista de material, que ocasionou a construção de locais e novas propostas de consumo. Featherstone (1995) aponta que essa forma de consumo é observada por uma parcela investigadores com bons olhos, priorizando uma escolha e uma construção individualizada de como consumir. No entanto, outra parcela pesquisadores acredita que o consumo chega a construir um controle sobre a população, impondo limites, criando uma “manipulação ideológica e controle ‘sedutor’ da população, prevenindo qualquer alternativa de ‘melhor’ de organização das relações sociais” (FEATHERSTONE, 1995, p.31).

A segunda perspectiva da cultura de consumo está atrelada às questões sociológicas do consumo, mais precisamente, na relação da satisfação dada pelo consumo de um determinado objeto e nas construções sociais a partir da posse de um bem de consumo como forma de permitir o acesso a um determinado grupo por uma questão de *status*, criando vínculos com o objeto e formas de estabelecer distinções sociais. (FEATHERSTONE, 1995, p.31). O terceiro lugar ocupado pelo consumo está relacionado às questões emocionais, ao ao sonho e aos desejos que, segundo Featherstone (1995), circulam no imaginário cultural dos sujeitos consumidores, despertando as necessidades de “diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos” (FEATHERSTONE, 1995, p.31).

Don Slater (2002) aponta o consumo como um processo cultural que ganhou força com a modernidade, em especial no Ocidente, devido às práticas sociais cotidianas. Para o autor, se fosse necessário definir a cultura do consumo em uma única característica, seria com as seguintes palavras:

...a cultura do consumo designa um acordo social onde relação entre a cultura vivida e os recursos sociais, entre modos de vida significativos e os recursos materiais e simbólicos dos quais dependem, são mediados pelos mercados. A cultura do consumo

define um sistema em que o consumo é dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio do exercício do livre-arbítrio pessoal na esfera privada da vida cotidiana. (SLATER, 2002, p.17).

Dessa forma, o autor salienta que a cultura do consumo não é a única forma de reprodução cultural presente na vida dos sujeitos nos últimos trezentos anos, nem mesmo é uma questão exclusiva do Ocidente; entretanto, a cultura do consumo encontrou no modo de vida dos ocidentais sustentação e alcance globais.

Lívia Barbosa (2004) afirma que a visão brasileira sobre os estudos do consumo são influenciadas principalmente pelos trabalhos de Adorno e Horkheimer (a partir da Escola de Frankfurt), Hebert Marcuse e Baudrillard, não existindo, dessa forma, uma tradição brasileira de pensar o consumo e a sociedade do consumo, ratificando o que a pesquisadora chama de uma “repetição mecânica” (BARBOSA, 2004, p. 58) dos conceitos apresentados por aqueles autores. Ao pensar a estrutura adotada pelos pesquisadores brasileiros sobre o campo do consumo, a autora apresenta quatro versões distintas sobre sociedade do consumo e o significado atribuído ao consumo.

Na primeira, o consumo é percebido como algo que destrói as diferenças significativas entre indivíduo e sociedade, sendo visto através de um olhar capitalista e de uma forte introdução da ideia de que o consumo é “um aspecto geral da erosão da cultura como um todo” (BARBOSA, 2004, p. 59). Na segunda, o consumo é percebido através de uma visão materialista, em que são “desejos irracionais por mercadorias que levam as pessoas a se preocuparem mais com os bens que os demais seres humanos, afetando e diminuindo a parcela de humanidade em cada um de nós” (BARBOSA, 2004, p. 59), mostrando o consumo como algo oposto à sociabilidade. Já na terceira versão, são percebidos os tensionamentos entre o consumo e a autenticidade, em que o “aumento do consumo de massa é, pois, visto como necessariamente oposto ao nosso envolvimento com a produção” (BARBOSA, 2004, 59). Por fim, a quarta versão, na qual o consumo “produz” a ideia de tipos de sujeitos, favorecendo a crítica sobre as questões relacionadas “à imitação, à competição por status como um dos principais modos de relações sociais, ao individualismo, ao consumo conspícuo, e sua exibição em detrimento de outras formas de sociabilidade” (BARBOSA, 2004, p.59). Nesse trabalho, a pesquisadora afirma que existe pouca produção acadêmica efetiva sobre os estudos do consumo, tornando um campo vasto para futuras investigações.

Everardo Rocha (2013) indica que a expressividade do consumo na sociedade contemporânea não é condizente com as investigações que podem ser apresentadas a partir de reflexões sobre o consumo. Um olhar do autor sobre o possível silenciamento a respeito das

investigações sobre o consumo seria a superficialidade com que a temática é abordada no cotidiano, sendo, muitas vezes, projetada pela sociedade como algo “fácil de generalizações superficiais, prejulgamentos inconsequentes e suposições precipitadas” (ROCHA, 2013, p.10). Nesse contexto abordado por Rocha (2013), a mídia ganha um espaço de construção e produção de sentidos acerca do consumo, favorecendo alguns enquadramentos em relação a outros.

Rocha (2013) aponta que pode ser explicado como hedonista, moralista e naturalista. O autor explica que a abordagem do consumo como forma hedonista é a mais conhecida pelos sujeitos, estando atrelada à publicidade e, com isso, tornando-se mais perceptível as construções a partir dessa abordagem. Dessa forma, o autor aponta que é através da popularidade que essa visão do consumo é capaz de transmitir e revelar “preconceitos ao observador crítico” (ROCHA, 2013, p.11), buscando, por intermédio da venda, denunciar a ideologia existente por trás da construção hedonista, a qual “entrega sua artificialidade ao equacionar consumo como sucesso, felicidade e qualquer outra das infinitas seduções publicitárias” (ROCHA, 2013, p.11).

Nesse aspecto, o autor acrescenta que é através do consumo hedonista que é possível perceber outra visão do consumo, a moralista. A visão moralista do consumo é responsável por responsabilizar o consumo pelos problemas sociais, os desníveis de acesso aos bens. Sendo assim, Rocha (2013) explica que este tipo de visão do consumo, muitas vezes, torna-se simplória e ingênua, não conseguindo avançar em discussões amplas e profundas sobre o assunto. É através do enquadramento moralista que se torna possível perceber o desequilíbrio ideológico e o tensionamento entre as categorias “produção” e “consumo”. A sociedade acredita que a produção é superior ao consumo, pois constrói uma visão da categoria a partir do trabalho, da profissão e das empresas, ao passo que, na realidade, a categoria “consumo” é atrelada ao gasto, à compra e às marcas. (ROCHA, 2013, p. 12).

Nessa construção e tensionamento entre as categorias, o pesquisador aponta que é “como se a produção tivesse algo nobre e valoroso, representando o mundo verdadeiro ou a vida levada a sério, e o consumo, no polo oposto, tivesse algo de fútil e superficial, representando o mundo falso e inconsequente” (ROCHA, 2013, p.12). Nessa perspectiva, a mídia de massa assume um papel disseminador de ideologias, responsável, muitas vezes, por apresentar de forma superficial a temática em seus suportes, em especial em programas televisivos que contam com um espaço de tempo curto para o aprofundamento de uma discussão sobre o consumo na sociedade contemporânea.

Para Everardo Rocha (2013), existe ainda um terceiro enquadramento sobre o consumo, o naturalista. Ele, por sua vez, é responsável por apresentar o consumo como uma necessidade biológica do sujeito ou de uma universalidade humana. Nessa perspectiva, o autor acredita que



a visão de consumo como naturalista é capaz de mesclar os significados recobertos pela ideia do consumo, confundindo, dessa forma, o sujeito através da dimensão cultural e simbólica presente nas práticas de consumo. É a partir dessa visão que devemos pensar as práticas relacionadas ao consumo, analisando as práticas de consumo como cultura e como práticas simbólicas, não as misturando, mas sabendo que ambas são responsáveis pela construção de uma cultura do consumo.

Nessa perspectiva, existem pesquisadores que buscam realizar investigações sobre o consumo, somando-se à perspectiva dos estudos de Livia Barbosa (2004) e de Everardo Rocha (2006, 2010, 2013), destacando, principalmente, o consumo por camadas populares. Rocha (2009) argumenta que durante muito tempo o consumo realizado pelos sujeitos pertencentes às camadas populares eram invisíveis aos segmentos de marketing e demais áreas articuladas ao mercado. Porém, o autor salienta que tal invisibilidade dos pobres como consumidores estava também relacionada ao modelo da classificação utilizada em pesquisas que se respaldavam na tipificação das classes sociais – A, B, C, D e E. Por sua vez, as classes sociais tinham como intuito classificar os consumidores a partir da posse de bens, desclassificando os que tinham pouco acesso ao consumo ou os que não tinham. O autor considera essa circunstância um “segundo fantasma: o etnocentrismo”, que levaria a ideia de que os segmentos populares não consumiam, “cuja única finalidade existencial era sobreviver, lutando, a cada dia, para comer e continuar na luta para comer novamente”. (ROCHA, 2009, p.14).

Nessa perspectiva de compreender o consumo de camadas populares, há diversos estudos, entre eles a pesquisa desenvolvida por Carla Barros em 2007, cuja investigação se dedicou ao consumo realizado por empregadas domésticas e as relações com a mídia. Ademais, as investigações mais recentes de Barros (2009, 2011, 2012, 2014, 2015) buscam compreender o consumo e a apropriação de tecnologias digitais por moradores de bairros populares na cidade do Rio de Janeiro e as práticas sociais desencadeadas a partir do consumo e por meio dele.

Também pode-se destacar a pesquisa desenvolvida por Rosana Pinheiro Machado e Lucia Mury Scalco (2012) sobre o consumo de vestimentas de marca por jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre. Ainda, podem ser mencionadas as pesquisas de Sandra Rubia da Silva (2010, 2011) sobre o consumo de telefones celulares por moradores um grupo popular na cidade de Florianópolis, e suas demais investigações que compreendem o telefone celular como um artefato sociocultural que possibilita que esses sujeitos apropriem-se da tecnologia para melhorar suas condições de vida, seja pelo consumo do telefone celular como entretenimento (através da música, games e conexão com as redes sociais digitais) ou como uma ferramenta de segurança diante da necessidade de pedir auxílio.

A presente pesquisa visa, sobretudo, contribuir com este cenário de pesquisas qualitativas desenvolvidas com moradores de camadas populares.

## **2.2. Consumo de objetos: a cultura do material e os telefones celulares**

Após discutir o consumo como fenômeno social, é importante, para este trabalho, apresentar uma visão do consumo como cultura material e como os objetos são capazes de auxiliar a construção dos sujeitos e das suas práticas com a sua presença, ou até mesmo ausência, no cotidiano, levantando a premissa de que, geralmente, “é por meio de coisas que realmente fazemos pessoas” (MILLER, 2013, p.202). Desse modo, alicerçamo-nos na ideia desenvolvida sobretudo por Daniel Miller, segundo o qual “a melhor forma de entender, transmitir e apreciar nossa humanidade é dar atenção à nossa materialidade fundamental” (MILLER, 2013, p.10) que nos cerca durante nossa vida. Acredito que a materialidade, o objeto, é capaz de apresentar o indivíduo por suas escolhas e adaptações criativas de como ele se utiliza do objeto nas ações cotidianas, já que a carência/ausência de um determinado objeto não significa que as pessoas não queiram consumi-lo, o que possibilita adaptações e reconfigurações dos objetos disponíveis para a execução de tarefas que podem ser executadas pelo material ausente em nossas vidas. Essa ideia pode ser realocada para o cenário de inclusão digital brasileiro, sobretudo quando apontamos os custos da tecnologia para o acesso à informação.

Se o ponto de partida é a inclusão dada pelo acesso a computadores pessoais (*desktop* e ou *notebook*), apesar do avanço das tecnologias empregadas e do barateamento em sua aquisição, o custo ainda é alto para uma parcela da sociedade brasileira – sem mencionar o custo da manutenção desta tecnologia. Nessa perspectiva, o telefone celular de última geração, o *smartphone*, vem sendo apropriado para a construção do acesso às informações que, anteriormente, eram realizadas somente através do computador. Apesar de o computador ser uma ferramenta projetada para executar ações que necessitem de longas jornadas de execução (levando em consideração questões morfológicas, como o teclado e tamanho da tela), o celular vem apresentando uma facilidade de apropriações, já que ele é capaz de executar grande parte das tarefas executadas pelos usuários do computador. Outro ponto é o custo da aquisição dos telefones celulares na atualidade: podemos encontrar aparelhos a um baixo custo, o que chamamos de *smartphones* de entrada.

Segundo Diana Nogueira de Oliveira Lima (2011), as relações sociais são mediadas pela presença dos objetos: “os objetos não são pura matéria, mas são, ao contrário, carregados de significados socialmente construídos” (LIMA, 2010, p.11). Para este estudo, é necessário pensar a presença do celular na vida cotidiana de jovens de comunidade popular e as

imbricações dos usos dessa tecnologia na vida dos jovens do Jardim Aurora. O ponto de partida é pensar nas transformações causadas pela adoção do dispositivo por esses adolescentes, tendo em vista que existe a opção de eles não possuírem esse objeto, uma vez que boa parte desses adolescentes possui seu próprio telefone celular por uma necessidade de estar conectado com os pais, com seus amigos, além de o celular poder ser a única forma de conectarem-se à internet.

É prática recorrente entre os jovens julgar uns aos outros pelos objetos que possuem, sendo necessário, muitas vezes, possuir determinado objeto para “estar na turma”. Os laços afetivos que se apresentam nessa faixa etária estão, muitas vezes, atrelados à posse de objetos, na ótica da materialidade, sendo que tais objetos podem ser roupas, perfumes, livros, *games*, e até mesmo, um *smartphone*. Possuir um celular *smartphone* é uma questão de *status* perante os jovens, já que este tipo de celular está na “moda” e possibilita que esse jovem realize inúmeras ações que os telefones tradicionais não têm a capacidade de realizar.

Segundo Daniel Miller (2013), a posse de objetos permite que os sujeitos constituam-se através de suas escolhas, já que não possuir um objeto cria uma nova perspectiva de construção do indivíduo e de suas relações com a sociedade. Dessa forma, “o uso da cultura material na construção do eu e da sociedade não é específico do capitalismo ou das sociedades mercantilizadas. Ele é encontrado em todas as sociedades” (MILLER, 2013, p.214).

No entanto, ao cunhar o termo “humildade das coisas”, o autor salienta que “antes de realizarmos coisas, nós mesmos crescemos e amadurecemos à luz de coisas que nos foram transmitidas pelas gerações anteriores” (MILLER, 2013, p. 83), proporcionando-nos um olhar de que a evolução dos objetos, à luz da cultura, apresenta-nos uma construção fluida dos indivíduos em relação à sua construção. E isso não se dá apenas por um único objeto, mas por um sistema que se apoia em inúmeras ações do cotidiano, as quais fazem do individual uma apropriação do coletivo, necessitando sempre do objeto como forma de afirmação dos traços da cultura em questão.

### **2.3. A Juventude e o consumo: os telefones celulares e outras tecnologias**

A utilização dos telefones celulares por jovens é uma realidade global, como podemos observar nos estudos desenvolvidos por Ling (2004), Horst e Miller (2006), Castells et al (2007) e Winocur (2009), mostrando diferentes adaptações dos usos e apropriações dos telefones celulares. Nessa perspectiva, apresentaremos os ganhos desta pesquisa, principalmente no que tange ao consumo do *smartphone* como objeto sociocultural tecnoafetivo.

É importante lembrar que as estratégias cotidianas dos usos e apropriações dos telefones celulares são relativas para cada indivíduo; porém, existem práticas incorporadas que são

comuns em um determinado cenário pesquisado. Rosalía Winocur (2009) propõe que a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no cotidiano não “implica necessariamente uma substituição de suas potencialidades senão sua adequação das mesmas situações sociais, culturais e afetivas altamente significativas para os diversos grupos e indivíduos antes da chegada da tecnologia em suas vidas”. (WINOCUR, 2009, p.16). Nessa perspectiva, os jovens, assim como crianças e adultos, utilizam tecnologias de acordo com suas necessidades básicas, seja para a realização de uma ligação, para o envio de uma mensagem de texto, para a utilização das redes sociais digitais, ou para jogos em plataformas sociais. Com isso, fica entendido que, para a prática da maioria dessas ações, deve existir a presença de outro indivíduo que precisa ter pensado no perfil de usuário.

O uso dos telefones celulares por jovens estende-se para além do uso com os familiares. Podemos dizer que ele é potencializado nas mãos desses indivíduos que buscam em seus iguais, outros jovens, novas formas de sociabilidade por intermédio do dispositivo. O que fica claro com a pesquisa desenvolvida pela mexicana Rosalía Winocur (2009) é a maneira que o dispositivo pode ser explorado como meio de conexão, tanto no contexto familiar, quanto na sociabilidade com outros indivíduos que não compõem esta esfera. O celular é visto como um ponto de acesso à internet, principalmente para aqueles com poucas condições financeiras.

Diante de uma construção midiática, Freire Filho e Lemos (2008) afirmam que existe um rótulo geracional para além dos jovens. Esse rótulo apresenta as pessoas nascidas depois da década de 1980 com uma curiosidade, confiança e destreza única quando o assunto é a utilização de computadores, de internet e de celulares. Hoje, a juventude é representada como adepta preferencial de novos aparatos tecnológicos ou atrelada a discursos sobre transformação social. Os autores Freire Filho e Lemos (2008) trazem-nos, em sua pesquisa, constatações de que essa representação não pertence somente à “Geração Digital”: “A identificação da ‘cultura tecnológica’ como uma ‘cultura juvenil’ remonta à década de 80, quando surgiram os computadores pessoais, os videogames e a internet” (FREIRE FILHO e LEMOS, 2008, p.18).

Para Castro (2012), ao realizar uma pesquisa sobre consumo de tecnologia com jovens, averiguou que a presença constante das mídias no cotidiano dos sujeitos da investigação. Para a autora, grande parte dos adolescentes possui um auto índice de exposição as mídias, principalmente àquelas que lhes fornecem a conexão com seus pares, dessa forma sendo capazes de auxiliar na construção de suas próprias identidades e subculturas. Castro (2012) ressalta ainda que cada vez mais as fronteiras entre as atividades desenvolvidas pelos sujeitos estão cada vez mais próximas umas das outras, ou seja, o jovem na sociedade moderno-contemporânea cada vez consome mais informações em um pequeno espaço de tempo. Esse

contexto é impulsionado propriamente por uma cultura juvenil, na qual os próprios jovens estão acostumados a compartilhar informações entre seus iguais; dessa forma o dispositivo eletrônico e plataformas auxiliam na construção de uma afetação. Neste pensamento, podemos considerar que a própria indústria auxilia na aquisição de novos produtos, já que os mesmos tornam-se tecnologias ultrapassadas na medida em que outros produtos são disponíveis no mercado.

Carla Barros (2012), em uma pesquisa etnográfica realizada com jovens moradores nas favelas de Santa Marta e Vila Canoas, no Rio de Janeiro, apresenta como se dá o uso de tecnologias em três contextos: a sociabilidade dos jovens no universo dos jogos digitais em espaço de *lan house*; a elaboração da plataforma digital do *wikimapa*; e algumas apropriações relativas aos usos do telefone celular por esses jovens. Nesse contexto descrito por Barros, os jovens vivenciam experiências no “espaço da *lan* como um clube local” (BARROS, 2012, p.102), ratificando o que a autora aponta como uma prática de sociabilidade em atividades compartilhadas entre esses jovens. Nesse sentido, a autora descreve que os meninos costumam gastar um menor tempo nas redes sociais digitais e utilizar a maior parte do tempo nos *games* de estratégia *online*, como o caso do jogo *World of Warcraft* (WoW). Já as meninas ficam, em média, menos tempo conectadas à internet, se comparadas aos meninos, e ocupam o tempo para navegar nos sites de rede social. (BARROS, 2012, p.104).

Sobre a sociabilidade juvenil masculina nas *lan houses*, a autora destaca que o compartilhamento de computadores é algo comum entre esses jovens, tido como estratégias para melhor desempenho no jogo digital. Nessas circunstâncias, a autora acredita que exista um deslocamento do uso individual do *personal computer*, o qual torna-se “uma espécie de ‘computador pessoal compartilhado’” (BARROS, 2012, p. 105). Já no *wikimapa*, um mapa digital colaborativo de conteúdo aberto, os moradores, por meio de seus computadores, tinham como objetivo de mapear e sinalizar por aplicativo os principais pontos de suas comunidades. Esse projeto apresenta os principais pontos das favelas do Rio, tendo em vista que a maioria dos serviços de GPS não apresenta mapeamento das áreas de favelas. Na época, os jovens que participavam do *wikimapa* utilizavam um telefone celular para mapear as localidades.

Segundo Barros (2012), o caso da *wikimapa* da Santa Marta merece destaque por apresentar um caráter de “‘inclusão social’ de parcelas ‘marginalizadas’ da população” o (BARROS, 2012, p.109), sendo o principal objetivo da construção colaborativa dar visibilidade aos territórios até então tidos como “invisíveis”. Outro aspecto descrito por Barrs (2012), é a utilização dos telefones celulares como objetos de trocas entre os moradores de camadas médias e camadas populares. Nesse contexto, Barros (2012) traça um paralelo entre os celulares de

usuários de camadas médias e os usuários de camadas populares: os primeiros, muitas vezes, após a compra de um novo aparelho celular, deixam o antigo dispositivo guardado, inutilizando o aparelho; já os usuários de camadas populares utilizam o dispositivo antigo como um bem para troca e ou venda, aumentando a circulação do objeto e o número de donos. Já para os jovens, muitas vezes, a troca de um celular entre membros da família poderia significar que o celular antigo dessa pessoa poderia ser seu.

A sociabilidade virtual a partir de telefones celulares também foi tema de pesquisas realizadas por Ana Maria Nicolaci-da-Costa (2005; 2006). Apesar da recente popularização dos telefones celulares entre os brasileiros, a autora destaca que os telefones celulares são responsáveis por auxiliar na manutenção das relações, construindo não uma nova forma de relacionamento, mas relações virtuais apresentadas a partir de “um aprofundamento duradouro das afinidades e empatias identificadas nas interações virtuais travadas entre desconhecidos nos ambientes coletivos de encontro virtual na internet” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 54).

Silva (2012) aponta que o consumo de telefones celulares por jovens moradores do Morro São Jorge, nome fictício dado ao bairro etnografado pela pesquisadora em seu trabalho doutoral em Antropologia Social, estava para além do dispositivo como meio de comunicação: ele funcionava como um dispositivo que auxiliava os jovens do sexo masculino na performance da própria masculinidade. Nesse contexto, o telefone celular ganha uma dinâmica em que se torna um elemento simbólico importante na construção da masculinidade dos jovens observados pela pesquisadora. Segundo Silva (2012), a música era um dos elementos que caracterizava essa masculinidade entre os jovens, sendo o funk o estilo musical predominante. Nos casos observados, os jovens ouviam música sem os fones de ouvidos, ocupando espaços onde, muitas vezes, em virtude das características físicas, tal música não poderia ser contemplada. Dessa forma, as características biológicas, corporais, davam passagem para as performance com o som oriundo dos dispositivos móveis que, “ao ocuparem o espaço sonoro à sua volta, também reatualizam uma estratégia de construção de masculinidade que pode ser equiparada, penso, àquela do corpo viril e musculoso, que domina o espaço em torno de si”. (SILVA, 2012, p. 66).

Outra perspectiva abordada por Silva (2012) é a sociabilidade caracterizada pelo compartilhamento de músicas por esses jovens que utilizavam-se do *bluetooth*. A autora ainda observou de que forma uma tecnologia global, como os telefones celulares, estavam sendo empregados por esses jovens em um contexto local.

Tondo (2015) aponta que em sua atividade de campo foi possível observar que o consumo do telefone celular, especialmente no que diz respeito ao acesso à internet, não se

restringe ao espaço das residências. Alguns jovens buscam, através da internet móvel, utilizando a tecnologia 3G, criar uma conexão ininterrupta de suas experiências virtuais. Compartilham suas práticas cotidianas em redes virtuais e entre seus amigos, seja utilizando a conexão com a internet, seja com ligações ou envio de mensagens de texto ou multimídia. No entanto, existem aqueles que somente dispõem de um tipo de conexão, a 3G e/ou a internet banda larga com utilização da rede sem fio, os quais, a partir de suas limitações de acesso, buscam estratégias para utilizar os aplicativos e ferramentas disponíveis nos telefones celulares que usam a conexão com a internet. Nessas situações, a questão do pertencimento e da sociabilidade por meio das múltiplas conexões do celular apresenta um fator importante na vida desses jovens.

A juventude, e em especial a adolescência, é uma fase em que os sujeitos desenvolvem a sua identidade, seja coletiva ou individual, bem como buscam a compreensão de suas vidas diante das adversidades encontradas no cotidiano. Com isso, as tecnologias comunicacionais contemporâneas tornam-se parte intrínseca da vida cotidiana desses sujeitos, agindo como uma tecnologia afetiva (LASEN, 2004) e auxiliando no seu processo de emancipação diante das construções afetivas no âmbito *online* e *off-line*. É esse aspecto que busco apresentar no transcórre.

#### **2.4. Pobreza Digital: o telefone celular como artefato para inclusão social e digital**

O acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC) na sociedade informacional é um tema que afeta inúmeros países, cada qual com suas peculiaridades, mostrando a existência de um desnível de acesso a essas tecnologias e como elas são empregadas no cotidiano de seus usuários. O termo pobreza digital está vinculado aos diferentes níveis, principalmente à desigualdade, de acesso às TIC e aos diferentes níveis de utilização dos dispositivos tecnológicos pelas pessoas. Ao utilizar o termo pobreza digital, busca-se discutir a importância dos dispositivos tecnológicos para amenizar a disparidade nos níveis de acesso à informação e do desenvolvimento humano.

No Brasil, apesar de existirem benefícios fiscais<sup>22</sup> que auxiliem na aquisição de equipamentos tecnológicos, a exemplo dos *smartphones*, a aproximação com as tecnologias no cotidiano das camadas populares está atrelada ao acesso à educação. É na escola que, muitas

---

<sup>22</sup> Benefícios fiscais para aquisição de telefones celulares inteligentes, os *smartphones*, foram prorrogados até 2018. A iniciativa visa contribuir com o desenvolvimento de aplicativos e demais produtos para a tecnologia móvel. Disponível em: < <http://goo.gl/u8M7tr> > Acessado em: 10 de janeiro de 2016.

vezes, as crianças, os jovens e os adultos possuem o primeiro contato com o computador e acesso à internet. Com os altos valores para obtenção de computadores e sua manutenção, o telefone celular e a tecnologia 3G tornaram-se uma grande aliada para o acesso à internet de muitos sujeitos, principalmente da parcela jovem. Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2013, apontou que o número de brasileiros com acesso à internet é de 85,6 milhões de pessoas, com 10 anos ou mais de idade, com pelo menos um acesso no período de realização da pesquisa<sup>23</sup>. Dessa população pesquisada em 2013, o acesso à internet é maior entre os jovens: 75,7% com idades que variavam de 15 e 17 anos e 73,8% os que tinham entre 18 e 19 anos. Esses dados reforçam os índices já averiguados em anos anteriores.

Na mesma pesquisa (IBGE, 2013), também é possível perceber a crescente demanda do uso da internet por outras faixas etárias, em especial, os adultos que compreendem a faixa etária entre 45 e 49 anos e 50 anos ou mais: eles tiveram o consumo de tecnologia duplicado entre os anos de 2005 e 2011.

Ainda sobre o acesso e usos à internet, a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), desenvolvida pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, indica que a internet é a segunda mídia preferida pelos brasileiros (13,1%), perdendo apenas para a televisão (76,4%). Se levarmos em consideração o uso das mídias pelos jovens, a pesquisa retrata o aumento da internet para 25%, e a queda do índice da televisão para 70%.

Já a posse de telefone celular entre os anos de 2005 e 2011 chegou a 115,4 milhões, o que correspondia a 69,1 % da população. Segundo dados apresentados pela Teleco<sup>24</sup>, o país possuía 281,7 milhões de celulares, o que sugere maior aderência do dispositivo móvel diante de outras TICs. Conforme dados da PNAD, o grupo etário com maior número de consumidores de telefonia celular continua sendo os jovens, sendo 41,9%, na faixa de 10 a 14 anos de idade, e atingindo um dos maiores números no final da juventude (25 a 29 anos), com uma taxa de 83,1%.

Para os pesquisadores Hernán Galperin e Judith Mariscal (2007), a posse dos telefones celulares contribui como uma ferramenta de fortalecimento de laços sociais de seus usuários. Ademais, a posse de um telefone celular gera um impacto econômico na vida cotidiana de sujeitos de classe popular, principalmente no que tange ao fortalecimento das redes de confiança e à articulação e obtenção de trabalhos informais. Essa e outras pesquisas compõem um

---

<sup>23</sup> No período de referência dos últimos três meses [últimos 90 dias que antecederam ao dia da entrevista]. (IBGE, 2015, p.33).

<sup>24</sup> Empresa de consultoria especializada em telecomunicações e internet. < <http://www.teleco.com.br> >



panorama traçado pelos investigadores da Rede Diálogo Regional sobre Sociedade da Informação (DIRSI), que busca, em suas investigações, compreender o impacto da TIC na sociedade.

Algumas dessas pesquisas envolvem o acesso à banda larga por comunidades pobres e problematiza de que forma a internet e outras TIC podem se tornar ferramentas para o empoderamento dos seus usuários na construção e na elaboração de estratégias que diminuam a disparidade de acesso à tecnologia. Segundo dados apresentados pela DIRSI em recente publicação, o acesso à banda larga no Equador está associado ao aumento de até 7,5% renda do trabalho em dois anos. Ademais viu-se que o uso da internet por meio da banda larga em escolas do Brasil, Chile e Peru, auxilia nas taxas de abandono escolar. No entanto, algumas dessas investigações recomendam que os governos tenham cautela na construção de políticas públicas voltadas para o acesso à banda larga. As iniciativas de inclusão digital também devem prever a formação de profissionais que tenham a função de construir, com estes novos usuários, uma inserção tecnológica sadia e de acordo com as demandas e as necessidades desses indivíduos. Tais iniciativas também devem ser desenvolvidas pensando no empoderamento tecnológico das mulheres, tendo em vista que grande parte da população feminina de classe popular não possui acesso à tecnologia. Isso poderia potencializar o impacto e promover a equidade de gênero.

Investigações desenvolvidas pela DIRSI apontam que o telefone celular é uma das tecnologias que permite o maior acesso à internet, devido ao baixo custo na sua aquisição e manutenção, levando em consideração o uso de computadores. Em uma perspectiva brasileira, podemos citar a pesquisa desenvolvida por Sandra Rubia da Silva (2011). A partir de um estudo etnográfico, a autora apresenta os impactos causados pelas apropriações dos telefones celulares por 41 mulheres em situação de vulnerabilidade social da cidade de Curitiba, capital paranaense. Nessa investigação, a pesquisadora levanta quatro aspectos recorrentes nas vidas das interlocutoras: a) a preocupação das mulheres com o valor da tarifa da telefonia móvel; b) a importância que o telefone celular tem como instrumento que auxilia na manutenção dos laços familiares e no cuidado com filhos; c) a percepção do dispositivo como mecanismo de auxílio na geração de renda; e d) o acesso à internet para fins educativos, que poderiam auxiliar em uma melhor posição de trabalho e para colaborar em pesquisas escolares dos filhos, buscando acrescentar uma perspectiva da tecnologia como mediadora do bem-estar social.

Ainda em um contexto brasileiro, Bacha, Neto e Schaun (2013) apontam que o telefone celular pode ser considerado um aliado na inclusão digital e social, favorecendo o sujeito-usuário na construção de uma cidadania ativa, principalmente no que se refere à socialização (BACHA, NETO e SCHAUN, 2013, p.378). Isso implica principalmente na obtenção de

créditos e na busca por uma operadora que melhor ofereça facilidades e vantagens para seus usuários. Atualmente, o mercado brasileiro de serviços para telefonia móvel caracteriza-se pela existência de sete *holdings*: Vivo, Claro, Tim GSM, CorpCo (resultante da união da Oi e Portugal Telecom), CTBC Celular, AEIOU e Sercomtel Celular (BACHA, NETO e SCHAUN, 2013, p.379), o que favorece o usuário, ainda mais com as vantagens obtidas a partir da portabilidade dos números diante das necessidades de cada usuário.

Para o consumidor jovem, muitas vezes, o não cumprimento das suas necessidades implica no rompimento com a empresa de telefonia móvel, e uma série de intervenções podem ser feitas a partir das redes sociais digitais, ampliando assim sua voz diante de seus pares. Diante disso, muitas empresas investem no *marketing* direcionado ao público jovem para uma melhor obtenção de resultados por parte desse público. No que se refere à pesquisa mercadológica, podemos citar como exemplo de pesquisa segmentada o Radar Jovem 2015, desenvolvida com 4.000 jovens de todas as regiões brasileiras, de diferentes classes sociais, com idades entre 18 e 29 anos, focando exclusivamente nos hábitos de consumo dessa parcela.

A pesquisa evidenciou que 55% do “*share of wallet*” desses jovens está destinado ao consumo de bens e serviços relacionados a telecomunicações, aquisição de dados para acesso à internet móvel, na compra de um novo celular, entre outros. Tais dados evocam que os jovens dos 18 aos 24 anos se destacam entre os que têm maior pretensão de adquirir um novo modelo com mais diferenciais e funcionalidades, como acesso à internet e câmera acoplada com melhor resolução (BACHA, NETO e SCHAUN, 2013, p.379).

Horst e Miller (2006), em pesquisa realizada na Jamaica, apresentam como os telefones celulares eram apropriados por comunidades de baixa renda e as diferenças entre os homens e mulheres nas suas maneiras de apropriação. Os resultados da pesquisa indicam que para os homens jamaicanos o uso do telefone celular era para lidar com o tédio e o isolamento, com as aquisições e as manutenções de sistema de apoio (amigos, colegas, vizinhos e familiares), recebendo oportunidades de emprego e descobrindo as diferentes informações. O uso dos telefones celulares por parte das mulheres, por sua vez, era feito com a finalidade de fomentar laços sociais, já que existia uma tentativa de prevenção de não estar só (tendo em vista que a cultura não vê isso com bons olhos), havendo gestão da solidão e o compartilhamento de problemas, gerando um grande dispositivo no auxílio da comunicação e aconselhamento. Castells et al (2007) apontam a existência de experimentos governamentais “em regiões menos desenvolvidas como a África, onde a tecnologia tem sido usada para uma variedade de propósitos incluindo a saúde pública e votação” (CASTELLS ET AL, 2007, p.102).

Já Bacha, Neto e Schaun (2013) acreditam que com tantas possibilidades de usos e apropriações do dispositivo móvel, muitas vezes, o usuário de baixa renda chega a se confundir com tantas opções. “São tantas as possibilidades que esse usuário se atém a mais prática. A inclusão social, o existir na comunidade tem extrema importância para a população de baixa renda e o celular se tornou, então, uma máquina para adquirir status social” (BACHA, NETO e SCHAUN, 2013, p.392).

Podemos observar que o consumo de telefones celulares em Santa Maria também está em expansão. Na presente pesquisa, iniciada em março de 2014, e com a participação de 43 jovens provenientes de duas comunidades populares de Santa Maria, o Jardim América e o Jardim Aurora, os jovens, quase que em sua totalidade, possuíam um telefone celular - *smartphone*, sendo apenas um jovem que não possuía o telefone celular, segundo ele, por opção. O motivo apontado por ele era poder sair na comunidade sem ser rastreado pelos pais durante os horários que não se encontrava em casa.

No entanto, podemos perceber que o uso de telefone celular nessa comunidade não é somente um exercício de consumo realizado pelos adolescentes e jovens. Muitos adultos que trabalham em outros bairros utilizam o telefone celular para entrar em contato com os filhos quando eles estão em casa. Essa prática é corriqueira quando parte das mulheres da comunidade também trabalha e deixa os filhos sozinhos em casa. Dessa forma, o telefone celular torna-se um “cordão umbilical digital” (CASTELLS ET AL, 2007), permitindo que essas mães saibam o que está ocorrendo com seus filhos.

## **2.5 Micromemórias do cotidiano: o telefone celular como mediador tecnoafetivo**

Nesta seção, apresentaremos diferentes perspectivas dos telefones celulares como mediadores da afetividade. É possível pensar o telefone como um artefato que expande nossas emoções, positivas e negativas, aproximando-nos ou afastando-nos de outros sujeitos.

Como procurei abordar anteriormente, a sociabilidade dos jovens por meio desse dispositivo é extremamente complexa, sendo um dos principais pontos a ser debatido no decorrer desta dissertação. A reflexão aqui proposta é uma aproximação sutil, não esgotada, entre os estudos do afeto que têm no telefone celular não somente uma perspectiva comunicacional, mas uma perspectiva de sociabilidade contemporânea, que permite que esses sujeitos construam, por meio das múltiplas conexões do dispositivo e de seu cotidiano, formas de se afetar e de afetar os outros que fazem parte da sua rede de sociabilidade. De antemão, creio que a construção de uma tecnologia do afeto prevê o envolvimento de consumo entre o

sujeito e o objeto. Dessa forma, o sujeito afeta o objeto da mesma forma que o objeto é capaz de afetar o sujeito diante de suas especificidades.

É possível perceber que essa analogia faz sentido quando, no dia a dia, utilizamos o telefone celular para marcar uma reunião, por meio da função da comunicação por voz. Em seguida, após marcar o horário e o local da reunião, inserimos na agenda um compromisso e um aviso de notificação com o recurso da agenda eletrônica. Logo após, recebemos, por um aplicativo de mensagem instantânea, uma mensagem com uma imagem de um amigo. A conexão à internet e os dados ali contidos afetam o interior do dispositivo, fazendo com que ele seja afetado pelo sujeito. Existe uma fragmentação cotidiana que nos afeta e que ao mesmo tempo afeta o dispositivo com as nossas marcas pessoais, que muitas vezes, incrustamos o objeto com fragmentos de nossas rotinas. Nesses e em outros momentos, somos afetados por sentimentos e emoções que nos fazem lembrar de momentos que necessitam de um espaço em nossas vidas: o dispositivo está ali como suporte para auxiliar o nosso cotidiano tecnoafetivo.

Na tentativa de ir além nesta reflexão tecnoafetiva, do afetar-se pela máquina, penso de que maneira o dispositivo é capaz de afetar nossa humanidade, nossas construções subjetivas e nosso enlace afetivo com outros sujeitos na construção de micromemórias afetivas.

A resposta, ainda que embrionária, pode ser compreendida pelas fragmentações que o dispositivo permite o sujeito-usuário tecer de suas experimentações. Esse tensionamento entre dispositivo e sujeito é possível, porque, constantemente, o usuário deposita arquivos digitais em sua estrutura. Aqui cabe salientar que a máquina possui limitações operacionais, mesmo com a customização que o sujeito pode realizar nos *smartphones*. Os interlocutores desta investigação não dominam a linguagem de programação para desconstrução do dispositivo, quase nunca percebidas pelo usuário até que seja avisado na tela que a memória artificial presente na máquina está prestes a ficar “lotada”. Essa forma de afeto máquina/homem é básica, sendo, talvez, a mais reconhecida entre os jovens da pesquisa, tendo em vista o número de fragmentos pessoais que guardam em seus dispositivos. É um aviso que o dispositivo, em uma operação digital, dá ao operante de que existem muitas “memórias”, e que elas podem ser expandidas para outros espaços, seja para um repositório de arquivos, seja para espaços de visibilidades, como as redes sociais digitais.

Outra forma de a máquina afetar as ações cotidianas é o congelamento da tela. Mais comum em aparelhos *smartphone*, tal afeto faz com que os sujeitos tenham alguns segundos do seu tempo “roubados” pela máquina. Comumente, essa ação ocorre com frequência, fazendo com que sujeitos-usuário tenham uma sensação de “impotência” diante do ocorrido ou até mesmo momentos de “raiva”, seguidos de batidas ou xingamentos ao dispositivo.

Amparo Lasen (2004, 2005) atribui um nome a este cenário de sentimentos e afetações intermediados pelos telefones celulares, chamando-o de “tecnologia afetiva”. Ela consiste em momentos em que o dispositivo é capaz de “mediar a expressão, a apresentação, a experiência e a comunicação de sentimentos e emoções” (LASEN, 2004, p.1) dos indivíduos que o operam. A pesquisadora propõe que grande parte dessa situação se apresenta pelo fato de os telefones celulares serem transportados pelos seus donos muito próximos ao corpo, tornando-se uma extensão e, ao mesmo tempo, um objeto que potencializa esse corpo. Por esse ângulo, a investigadora propõe que os celulares são capazes de operar pela mediação, pelo agenciamento compartilhado entre os sujeitos e os telefones móveis e a relação entre o corpo e o dispositivo. (LASEN, 2009, p.3).

A utilização desses dispositivos significa também o que Castells et al (2007) chamam de m-etiqueta: múltiplas formas de se comunicar pelo telefone celular. Tais regras fazem com que o sujeito crie uma readequação de suas práticas sociais, principalmente em uma esfera pública, já que, muitas vezes, o caráter da utilização do telefone celular pode potencializar práticas afetivas entre os usuários do dispositivo. No entanto, Lasen (2004) acredita que ao longo de nossas experiências aprendemos a controlar e esconder nossos sentimentos diante de situações que venham se tornar embaraçosas ou inadequadas. Por isso, muitas vezes, o sujeito pode ser mal interpretado caso desconheça esses códigos que lhe farão ter acesso a uma etiqueta móvel. Lasen (2004) aponta que as etiquetas são adaptadas e que é mais recorrente a visualização de ligações com uma tonalidade afetiva, do que tristezas e constrangimentos. No entanto, a pesquisadora relata que também foi possível perceber que

Usuários de telefones móveis já estão usando seus telefones para comunicar o humor de um lugar por chamada e também pelo envio de imagens e textos de estádios de futebol, locais de concertos, clubes, *resorts* de férias, salas de aula e escritórios, ou demonstrações públicas. Novas aplicações, tais como 'Bluetooth', poderiam melhorar esse tipo de comunicação e abri-la para aqueles cujos números de telefone não estão em nossa agenda de telefones (LASEN, 2004, p.4 – tradução minha).<sup>25</sup>

Isso permite pensar o uso de recursos do dispositivo para captar ações e emoções no momento exato que elas ocorrem podem potencializar o que Lasen (2004) chama de tecnologia afetiva. Castells et al (2007) observam que a câmera fotográfica dos telefones celulares tornou-

---

<sup>25</sup> Mobile phone users are already using their phones to communicate the mood of a place by talk and also by sending pictures and texts from football stadiums, concert venues, clubs, holiday resorts, classrooms and offices, or public demonstrations. New applications such as 'Bluetooth' could improve this kind of communication and open it to those whose phone numbers are not in our phone book.

se alvo de constantes críticas sobre a proposição e utilização desse recurso por sujeitos em diferentes partes do mundo.

Os autores trazem três exemplos de ações que ocorreram no Japão com a popularização deste *gadget*, mas que pode ser observado em qualquer país inserido no mercado de bens de consumo. O primeiro deles foi a utilização da câmera para tirar foto das peças íntimas das mulheres que utilizam saias ou até mesmo em casas de banhos públicas sem autorização dos indivíduos que estavam no local. O segundo foi o chamado “*digital shop-lifting*” (CASTELLS ET AL, 2007, p. 118), em outras palavras: a utilização da câmera fotográfica para captar imagens de produtos que possuem direitos autorais. Para o autor, a maioria das vezes, a câmera fotográfica foi utilizada para fotografar o conteúdo das revistas, diminuindo o número de exemplares vendidos. A terceira e última ação diz respeito à utilização da câmera do celular como prática ofensiva: “usá-la como uma ferramenta de coerção, muitas vezes acompanhada de atos de violência” (CASTELLS ET AL, 2007, 118).

Outra experiência afetiva com os telefones celulares foi observada por Patrícia Pavesi e Vinícius Lorde Dias (2014) na customização dos telefones celulares pelos proprietários. Os autores apontam que a customização dos toques telefônicos entre os jovens observados é comum diante da possibilidade de se saber, a partir do *ringstone*, quem está efetuando a chamada. Na mesma perspectiva de individualizar a posse do telefone celular e suas experiências, os pesquisadores indicam a customização da tela inicial do telefone celular com *wallpaper*. Essa prática de utilizar imagens para diferenciar os celulares também foi observada por Silva (2010), em que os participantes das pesquisas colocavam imagens religiosas e/ou de pessoas com laços afetivos, geralmente, os filhos. A pesquisadora constatou que, na maioria das vezes, essa prática era comum no objeto portado pelas mulheres. Nesse segmento, as mulheres possuíam capas que serviam para duas funções: a proteção do celular e acessório de diferenciação, funcionando, em alguns casos, como um artigo de moda.

Nesse aspecto, é possível apontar que, com a chegada do *smartphone*, o ato de customização passou a ganhar novas proporções, sendo possível customizar não somente a parte externa (com a utilização de capas personalizadas, enfeites e adesivos), mas também a parte interna, a partir do uso de aplicativos presentes no dispositivo. Com o avanço da tecnologia, o sujeito-usuário pôde promover uma interface de acordo com suas necessidades, decidindo quais aplicativos seriam utilizados, além de poder personalizar as demais funcionalidades e transformá-las em objetos tecnológicos mais pessoais, resgatando, assim, questões relacionadas tanto à identidade do sujeito quanto a relações afetivas.

**Figura 2** - Smartphone de Laura (à direita) e o de Anneliese (à esquerda) são exemplos de construções afetivas a partir da customização do dispositivo.



**Fonte:** Diário de Campo Virtual/ Romulo Tondo.

As relações afetivas são observadas nos sites de redes sociais. Os fragmentos do cotidiano desses jovens são incorporados em sites de rede social como o Facebook, criando uma cadeia afetiva (TONDO e SILVA, 2015b) a partir de fotografias, vídeos, músicas e demais mídias que venham construir uma parcela de seus afetos. É possível perceber que nessa circunstância o objeto é responsável por dar suporte à fragmentação descrita por Rocha e Pereira (2009), em especial aquela que atrela a juventude como “uma experiência fragmentada dentro do ciclo da vida” (ROCHA, PEREIRA, 2009, p. 43). Por esse ângulo, podemos averiguar que a fragmentação da construção afetiva pelo telefone celular é capaz de proporcionar ao usuário inúmeras experiências diversificadas. Tais experiência podem ir desde o processo de compra e escolha de um dispositivo de acordo com seus pares, somando-se ao processo de construção e manutenção de suas redes pelo dispositivo em um ambiente híbrido, por trocas de mensagens de texto, imagens, vídeos, com ou sem auxílio da internet, bem como a customização do objeto, o que lhe permite individualizar a máquina.

No contexto da pesquisa, as fotografias ganham destaque nas narrativas pessoais e nas coletivas, construindo, em sites de rede social, costuras marcadas pelo emocional capaz contar momentos pessoais e ao mesmo tempo reviver experiências já esquecidas, resgatando, dessa forma, uma construção de fragmentos de memória de cada sujeito. Um exemplo observado é o compartilhamento de imagens pelos jovens remontando experiências já vivenciadas no site de

rede social Facebook. A partir de uma imagem já publicada, o jovem é capaz de resignificar e remontar o fato ocorrido. Para Koury (2008), “a fotografia, assim, caracterizada como lembrança, provoca no olhar que vê uma síntese da memória pessoal. Significa gestos, atos e sentimentos” (KOURY, 2008, p.162). Dessa forma, os dados digitais presentes nos telefones celulares são responsáveis por capturar uma essência afetiva dos seus proprietários, resguardando no dispositivo momentos que podem ser resgatados com um simples toque.

Nessa perspectiva, também torna-se importante compreender que as emoções são fruto de construções sociais, decorrentes da elaboração cultural de cada sujeito inserido em uma determinada sociedade permeada por diferentes fatores socioculturais. Para Rezende e Coelho (2010), as emoções podem ser compreendidas através de aprendizados ao longo da vida, especialmente na fase inicial da vida, sendo posteriormente acionadas de acordo com a necessidade e o repertório do sujeito. Nas palavras das autoras, “as emoções tornam-se então parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 30).

Nesse contexto, expresso que os sentimentos mediados pelo e com o dispositivo são capazes de afetar as relações sociais dos jovens, no que tange à sua sociabilidade. As construções são negociadas a partir das necessidades do usuário e das condições de produção e circulação de conteúdo em sites de rede social, comunicadores instantâneos e aplicativos de conteúdos privados. Tais negociações são construções fragmentadas que se dão nas estratégias dos usuários na construção de conteúdo e na circulação do arquivo digital pelo *smartphone*.

Uma experimentação comum entre os jovens do Jardim Aurora é a elaboração de fotos de si e a posterior publicação dessas imagens. Existem múltiplas situacionalidades que podem ser observadas na construção de si a partir da construção e captação da imagem pelo *smartphone*. Na pesquisa, foi possível observar que os jovens, após captura da imagem, passavam por um processo de (re)construção do espaço, através do tratamento da imagem com aplicativos específicos. Após a aplicação de efeitos e das necessidades de reconfigurações estéticas da imagem terem sido supridas, alguns jovens compartilhavam as imagens nas redes, alteravam as imagens de perfil ou deixavam armazenadas no dispositivo para que em outro dia fosse possível resgatar a imagem e usar em seu benefício. As imagens armazenadas e utilizadas em outras datas, geralmente, estavam associadas à necessidade de motivação por parte dos usuários e/ou por “não acontecer nada de diferente em minha vida”.

No processo de construção e circulação de imagens, é possível construir a ideia de que os dados presentes no celular circulam do dispositivo e formam cadeias afetivas. Essas cadeias



afetivas são decorrentes do processo fragmentado da construção, não somente das fotos, mas de qualquer conteúdo realizado a partir do dispositivo, armazenado em sua memória e posteriormente, ou no mesmo momento, compartilhado em suas redes. Esse processo de cadeia afetiva está atrelada às micromemórias: de certa forma, o sujeito se desprende de seu tempo na construção de algo que, ao mesmo tempo que lhe satisfaça, proporcione uma visibilidade diante das demais publicações na rede. Nessa perspectiva, o usuário também leva em consideração as singularidades das plataformas utilizadas, melhorando, de certa forma, a sua performance diante dos recursos ofertados em sua máquina. Sendo assim, os *smartphones* colaboram com a sociabilidade virtual, potencializando desde a construção dos dados virtuais, passando pela a circulação das informações e chegando ao consumo.



### **3. CONEXÕES: CAMINHAR, OBSERVAR E CATIVAR NA ERA DA MOBILIDADE**

Este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso metodológico adotado para a realização desta dissertação: o estudo etnográfico. Tradicionalmente desenvolvida no campo das Ciências Sociais, a pesquisa etnográfica tem como objetivo compreender um determinado fenômeno social a partir da observação participante, ou seja: o investigador vivencia experiências com os sujeitos da pesquisa para desenvolver um olhar apreciativo das interações socioculturais da comunidade estudada, podendo, dessa forma, familiarizar-se com a perspectiva do nativo. Nessa perspectiva, com o desenvolvimento teórico-metodológico desta pesquisa, apresentarei minhas principais ações para aproximação com os jovens do Jardim Aurora e alguns contratempos decorrentes da vivência no trabalho de campo da pesquisa.

#### **3.1. Caminhar: a pesquisa etnográfica no campo da Comunicação**

Uma das principais funções de uma pesquisa científica é fazer avançar a compreensão sobre determinado campo e oferecer, de certa forma, uma compreensão analítica sobre um tema abordado e problematizado a partir de uma questão norteadora. Nesta pesquisa, optei pela prática da pesquisa etnográfica, principal método utilizado pelos antropólogos, e apropriada por diferentes Ciências que buscam, a partir da pesquisa qualitativa, observar, compreender e apresentar descritivamente as lógicas de um determinado grupo social. A partir das experiências observadas e relatadas por esses sujeitos pesquisados, chamados de nativos, é possível desenvolver uma compreensão sobre as suas próprias lógicas de construções socioculturais.

Janice Caiafa (2007) elabora um panorama sobre a pesquisa etnográfica evidenciando os principais aspectos que constituem a experiência do etnógrafo. A pesquisadora relata que as primeiras experimentações do Campo são decorrentes dos relatos de viagens, muitas vezes, permeados pelas experiências de viajantes, missionários e andarilhos que tivessem realizado um deslocamento geográfico e construído narrativas sobre determinado povoamento ou país. Caiafa (2007) acredita que a etnografia “floresce nas ciências sociais pela mão da antropologia participa com esses primeiros etnógrafos tanto do ímpeto e da atração pelo deslocamento, quanto da preocupação com dar conta de alguma forma dos eventos observados” (CAIAFA, 2007, p. 135). Esses relatos muitas vezes eram elaborados e analisados por pesquisadores convencionalmente denominados antropólogos de gabinete, tendo em vista que suas práticas de análise eram baseadas na interpretação das experiências de uma segunda pessoa.

Foi no início do século XX que a etnografia foi considerada uma atividade do antropólogo, sendo Bronisław Malinowski um dos principais antropólogos a utilizar a etnografia como aporte teórico-metodológico para suas pesquisas. Janice Caiafa (2007) aponta que foi com Malinowski que a pesquisa etnográfica estabeleceu, no trabalho de campo, uma das técnicas de compreender as interações socioculturais dos sujeitos pesquisados. Nessa perspectiva, a construção do trabalho de campo permite que o etnógrafo, a partir da observação participante, tenha condições de analisar as práticas sociais por meio da convivência com os sujeitos que auxiliam na construção da pesquisa. Sendo assim, Caiafa (2007, p. 137) coloca que pesquisa etnográfica faz avançar a investigação e surgir novas formas de problematizar a atividade de campo e o exercício do etnógrafo.

Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabelecerá com as pessoas que encontra no campo. Estes são chamados “informantes” na tradição antropológica – um tanto inadequadamente, já que tal expressão, ao mesmo tempo em que traz uma ressonância policial, dá a entender que aquilo que o etnógrafo coleta é apenas informação. (CAIAFA, 2007, p. 137).

Assim como Caiafa (2007), outros pesquisadores propõem-se a pensar e discutir a questão de como nomear os sujeitos que estão construindo e compartilhando suas experiências com o antropólogo, de maneira a colaborar com as pesquisas. Roberto Cardoso de Oliveira tem um texto intitulado “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” (2006). Esse título foi a inspiração da nomeação de cada um dos subcapítulos deste capítulo da dissertação, somando-se o cativar, explicado futuramente, pois apresenta as considerações na perspectiva dos sujeitos envolvidos na investigação.

Para Oliveira (2006), o exercício do antropólogo pode ser compreendido pelas ações desenvolvidas durante o processo investigativo. O “olhar” e o “ouvir” são apresentados pelo autor como atividades relacionadas à atividade de campo. É importante salientar, segundo Oliveira (2006), que a observação do ambiente e os diálogos com os sujeitos envolvidos na pesquisa são importantes para a construção de uma interpretação dos dados qualitativos, o que faz com que essas duas sejam atividades imbricadas, não desassociadas. Já a atividade de “escrever” é realizada após a atividade de campo, no âmbito de uma instituição, a universidade, longe de todas as práticas vivenciadas e construídas na dinâmica do campo.

Na experiência de campo da pesquisa no Jardim Aurora, tive o cuidado de refletir a construção e a manutenção dos laços com os jovens da pesquisa. Posteriormente, cuidei a maneira de referenciá-los no momento da coleta dos dados etnográficos. Janice Caiafa (2007)

apresenta um ponto que se tornou um dos principais temas a ser discutido nas práticas sociais evidenciadas no trabalho de campo: de que forma nomear os participantes de uma pesquisa. No Jardim Aurora, percebi os telefones celulares como os elementos responsáveis pela comunicação e manutenção de laços afetivos, vínculos que se encontram em constante transformação. Nessa premissa de construção e manutenção de relações, tive que cativar os participantes por meio de um convívio, contando minha experiência de vida e os trazendo para mais próximo das experiências que tive na comunidade do Jardim Aurora.

Ao pensar tais construções, frutos de uma aproximação que tinha por finalidade analisar a mediação tecnológica dos afetos pelo telefone celular, muitos deles confidenciaram dados que nem meus os pais ou amigos sabiam. Se os jovens são capazes de compartilhar suas experiências, suas construções de afetividade, o termo “informante” não é capaz de sustentar as imbricações e as intepretações vivenciadas com os jovens durante a atividade de campo.

É necessário também apontar que a não utilização do termo “informante” nesta pesquisa vai ao encontro do que Rosana Pinheiro Machado e Lucia Mury Scalco (2012) refletem sobre as necessidades de se pensar em contextos de moradores de comunidades populares. Nesse contexto, a palavra assume uma perspectiva negativa, de delator de ações praticadas por moradores da comunidade para policiais e demais órgãos fiscalizadores.

Neste momento, compreendo que houve diferentes formas de participação dos jovens na pesquisa. Os 43 jovens que participaram dos primeiros momentos da pesquisa, foram nomeados como “participantes”. Já os quatro jovens que acompanhei durante o segundo momento da pesquisa, foram chamados de “participantes privilegiados”, os quais compartilharam o seu tempo, abdicaram de horas com seus amigos e familiares, resgataram memórias e dividiram suas angústias e alegrias diante de uma pesquisa que necessitava de envolvimento das partes envolvidas.

Nessa circunstância, o “cativar” seria o processo pelo qual o investigador deve estar disposto a observar as necessidades emergem do campo. A palavra estaria ainda mais adequada se utilizada em pesquisa cujo campo envolvesse crianças, adolescentes e jovens. De certa forma, o pesquisador deve estar atento às necessidades dos sujeitos que participam de sua pesquisa. No entanto, essas práticas mudam constantemente em função do imaginário que esses jovens têm do pesquisador. Durante o campo, tive inúmeros momentos facilitados pela minha abertura a momentos como cafés da tarde, rodas de chimarrão, compartilhamento da experiência de escutar música e, inclusive, discussões sobre futebol com uma das participantes da pesquisa. Para mim, cativar foi estar sensível. Foi estar aberto ao afeto que veio do campo. Foi criar laços com esses jovens para que eles pudessem conversar comigo sem nenhum ressentimento de que

eu expusesse suas dúvidas e/ou necessidades como um “dedo duro”. Em um dos momentos, um dos jovens falou “só estou falando contigo pois acredito em você; não aparece ser aqueles dedo duro da comunidade. Você conta e depois na esquina já sabem do que tu falou”.

Outra reflexão problematizada na construção desta dissertação foi o anonimato das identidades, a adoção do nome fictício pelos jovens da pesquisa. O que me pareceu óbvio no primeiro momento, por se tratar de um estudo etnográfico, foi resgatado como algo de caráter reflexivo e foram explicados os motivos que me levaram a pensar como poderia ser abordada e resguardada a identidade desses jovens. Sendo assim, os nomes utilizados nesta pesquisa não correspondem aos nomes de batismo desses jovens; os nomes aqui foram atribuídos pelos próprios jovens como dinâmica de estreitamento de relações e aproximação dos sujeitos com a pesquisa. Da mesma forma, alterei o nome da comunidade para evitar a identificação dos jovens e das famílias que me receberam durante a experiência de campo.

Fonseca (2010) argumenta que o anonimato em pesquisas etnográficas, muitas vezes, é utilizado como uma prática pouco reflexiva por resguardar unicamente o investigador, deixando de lado os anseios e as necessidades dos próprios sujeitos de pesquisa. Em sua reflexão, a pesquisadora salienta que cada etnografia permitirá ao pesquisador apresentar seus dados de diferentes formas, atribuindo nomes aos sujeitos, ou até mesmo utilizando os nomes verdadeiros dos sujeitos.

Cabe salientar que a atribuição de nomes aos sujeitos por parte do pesquisador, geralmente, é utilizada em pesquisas em que os sujeitos não querem ser identificados, o que pode se dar por vários fatores, como serem menores de idade, possuírem alguma relação de risco ou por encontrarem-se em situação de vulnerabilidade. Nesse aspecto, o anonimato serve para resguardar e proteger os sujeitos da pesquisa, construindo, dessa forma, um vínculo de confiança com os sujeitos da pesquisa, permitindo que esses confiem no pesquisador para compartilharem seus olhares sobre a questão investigada. No segundo ponto, o anonimato deve ser revisto, não como prática investigativa de resguardo dos interlocutores, mas como uma construção e uma necessidade de articular com os interlocutores formas mais plurais de dar visibilidades às lutas de uma determinada classe, organização e movimento social.

Na prática, em especial de estudos etnográficos, o anonimato deve ser revisto: ele não deve ser versado simplesmente como uma prática de ocultamento de um nome, mas como uma forma de proteção dos sujeitos da pesquisa, já que cada pesquisa traz em sua essência vozes que não devem ser silenciadas, mas sim construídas de forma horizontal, em diálogo entre o investigador e os sujeitos da pesquisa. Fonseca (2010) aponta que “não é o nome literal das

coisas (aldeias, pessoas), mas sim a descrição da vida social que real a veracidade de seu relato” (FONSECA, 2010, p. 9).

A partir da reflexão proposta pela autora, penso na relação de confiança a mim atribuída durante a pesquisa. Digo que não foi unicamente minha a opção pelo anonimato, mas sim uma construção coletiva. Venho trabalhando uma perspectiva plural das minhas escolhas no campo, que implicam sempre a consulta dos jovens, e em seguida, de seus familiares. Ao explicar essa questão aos jovens e seus pais, existe a possibilidade de uma ruptura das ideias do pesquisador e dos participantes diante da construção da atividade de campo. Devemos estar abertos para explicar aos pais que a escolha diz respeito aos relatos dos jovens e que, por ventura, esses podem trazer indícios ou até mesmo relatos expressos de alguma temática que traga um desconforto aos jovens. Também devemos compreender que esses jovens são na maioria, (três entre quatro) menores de idade. Sendo assim, é importante que os pesquisadores tenham conhecimento de questões jurídicas em uma perspectiva de leis que envolvam seus sujeitos de pesquisa. Em primeiro lugar, é pensada a segurança desses jovens. Somos nós, enquanto pesquisadores, que devemos pensar em nossos interlocutores, em suas vidas e no desenvolvimento delas, como é pressuposto dos jovens que trabalham comigo. Por mais que tratemos de uma construção de consumo de telefones celulares, resguardo a identidade desses jovens por serem em sua maioria sujeitos com idade inferior aos 18 anos. Apesar dos avanços do Estatuto da Juventude (2013), também devemos conduzir nossos estudos a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), já que os jovens apresentados nesta pesquisa possuem idades entre 15 e 18 anos, e seus direitos e deveres são apresentados nessa última legislação.

Juntamente com a opção pelo do anonimato dos jovens, deu-se a opção pelo o anonimato dos pais, tendo em vista que a comunidade local é pequena, o que facilitaria a identificação dos jovens da pesquisa se os pais fossem identificados.

Um fato que ilustra a necessidade do anonimato ocorreu com a oportunidade de ingressar em um grupo de *whatsapp* e construir um dos construtos desta dissertação, a violência. Ao falar de violência, esses jovens trouxeram em suas falas algumas pistas de como a sociedade vem desenvolvendo um tipo de violência cada vez mais comum, a violência digital<sup>26</sup>. A presença da violência observada no campo virtual fez com que a necessidade do anonimato fosse realmente articulada e apresentada aos jovens e seus pais. Essa necessidade se deu também pelo fato de que o estudo se deu por meio de observações, fruto da construção de um

---

<sup>26</sup> Caracterizo, nesta construção, a violência digital como qualquer circulação de informação (texto, imagem, audiovisual) que envolva o constrangimento e/ou qualquer outro grau opressão, hostilização e outras formas de fazer com que o sujeito violentado sinta-se depreciado de sua conduta moral.

método investigativo, qualitativo, que dá vazão às construções e às apreciações de um convívio com os interlocutores. Evidencio que essa construção é permeada pelas construções com os jovens, além de uma construção subjetiva dos fragmentos das vidas compartilhadas com o pesquisador e com os relatos apresentados enquanto seus recortes de experiência e vida.

Nesse contexto, a prática da etnografia, para Clifford Geertz (2008, p.4), consiste em "estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante". Sendo assim, a pesquisa etnográfica abarca uma série de amarrações teórico-metodológicas que formalizam a construção da pesquisa. Ela começa na seleção da comunidade estudada, passa pela forma que ocorre a aproximação com ela, pela convivência com os sujeitos da pesquisa, pelo estranhamento das relações socioculturais apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, pela coleta dos dados etnográficos, chegando, por fim, à apresentação dos dados obtidos.

Geertz (2008), em seu livro "A interpretação das Culturas", considera que a etnografia consiste em uma descrição densa da situação estudada e apresentada pelos seus interlocutores, algo que vai além do superficial, compreendendo a percepção das sutilezas observadas pelo investigador na prática da pesquisa. Essa percepção, por sua vez, está presente na descoberta e na compreensão das "teias de significado" apresentadas no cotidiano vivido e observado entre os seus interlocutores.

Para desenvolver o conceito de descrição densa, Geertz (2008) adotou a sutileza do ser humano de piscar, comparando dois meninos e suas piscadelas. No primeiro menino, o ato de piscar é involuntário; já no segundo, é atributo de forma "conspiratória ao amigo" (GEERTZ, 2008, p.5). Segundo o autor, o ato observado, aparentemente, não apresenta diferença. No entanto, o ato observado com maior intensidade e cautela, por parte do menino que faz das piscadelas uma forma de conspirar contra o amigo, permitirá a observação dos diferentes aspectos por detrás da piscadela involuntária do menino que possui um "tique involuntário". A etnografia, nessa situação, é prevista como:

[...] uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos às quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como categoria cultural, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra (GEERTZ, 2008, p. 5).

Já Michael Angrosino (2009) compreende a etnografia como sendo "literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a etnografia lida com gente no sentido



coletivo da palavra, e não com indivíduos. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura” (ANGROSINO, 2009, p.16). Na perspectiva das propostas de Geertz (2008) e Angrosino (2009), a etnografia consiste no estudo da cultura a partir da interação com um grupo social, a fim de compreender como um determinado fenômeno social é constituído a partir do sujeito nativo.

Para este estudo etnográfico, optamos compreender como o telefone celular impacta a vida de jovens de uma comunidade popular da cidade de Santa Maria, buscando entender como o dispositivo é utilizado em ações do cotidiano, sua importância e suas implicações frente às adversidades da vida desses jovens. Para isso, é necessária uma imersão nessa cultura, uma vivência cotidiana, para que se possa identificar e analisar as atribuições dadas por esses jovens a esse dispositivo. Por ora, pelo que se pode inferir de estudos já mencionados, o dispositivo possui características subjetivas para esses indivíduos, ao mesmo tempo que auxiliam na sociabilidade, na formação e na consolidação de suas conexões, seja por meio do compartilhamento de dados, pela escrita de mensagens curtas e/ou por uma ligação.

Para Angrosino (2009), a etnografia, como método, é uma soma de fatores que fazem com que a pesquisa apresente uma contextualização, uma descrição mais próxima da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa. Nas palavras do autor, a etnografia é "a arte e a ciência de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e crenças" (ANGROSINO, 2009, p.30).

Nessa perspectiva, o autor aponta que o método consiste em sete fatores que permeiam a prática etnográfica. O primeiro deles é que a pesquisa baseada em um trabalho de campo, produzindo e coletando dados *in loco*, ou seja: diferentemente de outros tipos de pesquisa, a etnográfica consiste no convívio com os interlocutores, permitindo, dessa forma, compreender as dinâmicas sociais dos sujeitos da pesquisa. O segundo ponto abordado pelo autor é a personalização, o que significa dizer que o método etnográfico é regulado pelo olhar que o investigador tem a partir das interações com os interlocutores em pleno campo, onde emergirão manifestações que podem ser exploradas para a obtenção dos dados. A terceira observação feita por Angrosino (2009) é o caráter multifatorial do método, o qual pode ser conduzido por duas ou mais técnicas para a obtenção dos dados, sendo possível o cruzamento de dados qualitativos e quantitativos para se ter uma construção sólida do tema a ser estudado. O quarto aspecto é referente aos prazos relacionados à pesquisa etnográfica. Tradicionalmente, se constrói um estudo denso sobre uma determinada cultura e comunidade, o que demanda tempo e dedicação do pesquisador e dos interlocutores. Assim, existe uma série de fatores que devem ser considerados, entre eles, a criação de vínculos com os sujeitos da pesquisa, o que demanda,

além do tempo, sensibilidade por parte do pesquisador. Dessa forma, as pesquisas etnográficas são uma construção de longo prazo, não existindo tempo exato, cujo período pode variar de algumas semanas a um ano ou mais. O quinto ponto apresentado por Angrosino (2009) é que o método etnográfico é indutivo, no qual existe um acúmulo de informações detalhadas sobre a pesquisa a fim de mapear as práticas e as relações socioculturais de um determinado grupo da sociedade. O sexto ponto diz respeito ao caráter dialógico do método, ou seja: as interpretações do investigador são apresentadas na medida em que elas estão sendo apresentadas pelos interlocutores. Por fim, o método é considerado holístico, conduzido para retratar de forma densa e completa o grupo estudado.

A partir da reflexão sobre o estudo etnográfico, apresento, a seguir, os primeiros momentos de imersão na atividade de campo e a compreensão do que seria necessário para compreender as dinâmicas de sociabilidade em ambientes virtuais, tendo em vista que esses jovens tinham acesso a diferentes plataformas – algumas com restrições familiares.

Durante os meses de janeiro e fevereiro 2015, convivi com a família de Laura, uma das interlocutoras que me apresentou Icaro. Nessa aproximação com a jovem, fui capaz de compreender as principais questões norteadoras da pesquisa: como é a interação dos jovens da comunidade do Jardim Aurora com o telefone celular e como são reforçadas as relações com a família, gerando uma tensão diante do uso excessivo da tecnologia.

Após o início do ano letivo de 2015 e da construção da rede de novos jovens da pesquisa, passei a conviver com os jovens após às 18h, tendo em vista que eles estudavam ou trabalhavam durante o dia, no turno da tarde. No final do mês de abril 2015, as visitas começaram a acontecer durante os finais de semana, em virtude das atividades extraclasse dos jovens e da exaustão dos informantes que trabalhavam durante o dia, os quais, após uma longa jornada de trabalho, ainda tinham que dar atenção às funções domésticas, cuidar dos filhos, lidar com alguns imprevistos ou ainda cuidar os membros da família.

Com o avançar das atividades de campo, foi possível perceber que a construção das experiências com o telefone celular desses jovens estava imbricada com os consumos móveis da internet. Dessa forma, resolvi começar a observar também a presença e a circulação dos dados desses jovens no site de rede social Facebook, além da utilização do WhatsApp como um dos meios de comunicação. É possível compreender as dinâmicas socioculturais e a apropriação desses jovens no ambiente virtual, em contextos públicos e privados, o que faz com que seja importante problematizar a construção do espaço virtual como campo de estudo etnográfico com esses jovens.

Nessa perspectiva, Fragoso, Recuero e Amaral (2013) apontam a existência de nomenclaturas relacionadas ao campo de estudos etnográficos no ambiente virtual. O caráter empregado nas abordagens etnográficas mencionadas a seguir são reflexo da aproximação do campo social com as diferentes áreas que o compõem como a Administração, a Comunicação, o Marketing, as Ciências Sociais, entre outras.

A etnografia virtual começa a ser problematizada pela cientista inglesa Christine Hine e seus estudos, aplicando a metodologia em ambiente virtual (HINE, 2000). A investigadora defende a etnografia virtual, em seu caráter qualitativo, pensando a internet como cultura e como artefato cultural. Apropriando-se dos principais princípios da abordagem da etnográfica clássica, a investigadora propõe que

[...] uma etnografia da Internet pode observar com detalhes as formas em que se experimenta o uso de uma tecnologia. Em sua forma básica, a etnografia consiste na imersão do investigador no mundo que se estuda por um tempo determinado e leve em conta as relações, atividades e significados que são criados entre os que participam e os processos desse mundo. O objetivo é tornar explícitas certas formas de construção de sentido dessas pessoas, que muitas vezes não são ditas ou tomadas como concebidas. (HINE, 2000, p.13)

Dessa forma, a pesquisadora acredita que o uso da etnografia virtual auxilia na compreensão dos fenômenos contemporâneos provenientes de uma sociedade em rede (CASTELLS, 2000) e das práticas virtuais mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Em uma entrevista concedida a Adriana Braga (2012), Christine Hine explica que o etnógrafo em ambiente virtual deve ter algumas precauções relacionadas às questões de pesquisa, as quais, muitas vezes, necessitam de abordagens e técnicas específicas. No entanto, é necessário que o pesquisador tenha um panorama do fenômeno a ser estudado: tal panorama é a construção do campo. No caso da presente pesquisa, a aproximação com os jovens no ambiente escolar resultou em uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Ao utilizar a etnografia no ambiente virtual, pode ser realizada uma pesquisa sobre as plataformas utilizadas pelos interlocutores, observar suas apropriações, e, assim, em momento posterior, construir as perguntas norteadoras.

Um segundo aspecto abordado por Hine (2012) é a reflexividade. Esse ponto, tradicional da etnografia, também deve ser problematizado e versado no ambiente virtual. A reflexão sobre os fenômenos digitais é importante devido aos múltiplos espaços e circunstâncias das ferramentas no cotidiano dos sujeitos. Muitas vezes, a criação de um novo espaço virtual faz

com que o etnógrafo necessite resgatar suas experiências anteriores em outros espaços para incorporar, refletir e compreender que tipos de dinâmicas são construídas a partir daquele espaço em constante reconstrução.

### **3.2. Observar: as técnicas qualitativas, a observação participante e as entrevistas**

Como instrumentos para a coleta dos dados etnográficos, optou-se pela observação participante (PERUZZO, 2011), pela aplicação das entrevistas semiabertas em profundidade (DUARTE, 2011), além dos dados apresentados pelos interlocutores em momentos informais anotados no diário de campo. Tais propostas de coleta foram pensadas devido à experiência de campo e ao fluxo de informações inerentes ao convívio com os jovens que estiveram presentes no decorrer de um ano e meio de pesquisa. Assim como ressalta Travancas (2011), apesar de essa investigação apresentar dados quantitativos, oriundos de aplicação de questionários aos jovens da pesquisa no primeiro momento do trabalho, e trazer dados sobre a posse do celular pelo brasileiro, o principal ganho são as questões apresentadas a partir de uma pesquisa qualitativa que leva em consideração o cotidiano do jovem.

A observação participante permite trazer construções e aproximações vivenciadas pelos jovens, sendo o objeto de investigação proveniente do olhar e das apreciações decorrentes da “inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2011, p. 125). Travancas (2011) evidencia que ao mesmo tempo que o pesquisador observa a construção das dinâmicas realizadas pelos sujeitos da pesquisa, eles também realizam uma observação do investigador, podendo, dessa forma convidá-lo para realizar atividades de outra natureza que não somente as propostas por ele. Essas construções podem “alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar”. (TRAVANCAS, 2011, p. 103). Desse modo, o investigador deve estar aberto às possibilidades que as atividades de campo podem lhe proporcionar.

Nessa perspectiva, Peruzzo (2011) apresenta três aspectos que se aplicam às pesquisas participantes. Uma delas é a presença contínua do investigador em campo, para que ele possa presenciar e vivenciar, de forma compartilhada, as ações do público estudado, para que consiga construir uma sistematização das experiências e construções a partir da observação dos sujeitos da pesquisa. (PERUZZO, 2011, p. 126). Nessa circunstância, a autora (2011, p. 127) aponta que o pesquisador sempre fará a interpretação dos dados da pesquisa a partir de experiências já vivenciadas. Dessa forma, é possível pensar esse aspecto atrelado ao pensamento do Geertz

(2008), quando o ele diz que as interpretações dos dados são uma construção subjetiva do investigador e que somente uma interpretação oriunda dos nativos teria sua real essência dos fatos como eles são traçados. Desse modo, a interpretação idealizada pelo investigador é uma interpretação em segunda mão.

Na convivência com os jovens, percebi que os usos e as apropriações do telefone celular estavam relacionados, na maioria das vezes, ao uso da câmera fotográfica, usualmente tido como sinônimo de autorrepresentações e aproximações com seus familiares e amigos. Essas construções ganhavam constantes apresentações em espaços virtuais e, constantemente, eram reconfiguradas. Entendo que essas reconfigurações nem sempre apresentavam as situações vivenciadas pelos jovens, mas apresentavam uma expressão de um momento em que os jovens maquiavam situações de seu cotidiano no desejo de afetar suas redes de sociabilidade de uma maneira positiva. Também foi possível perceber uma construção e uma demarcação de afeto para além do “carinho”, relacionado à construção do amor, em especial com a figura materna. Por inúmeras vezes, os interlocutores falavam sobre sentimentos positivos que nutriam com a figura materna, dando a entender a centralidade da dessa figura em suas vidas e na dos seus familiares.

A primeira necessidade que tive no decorrer da experiência de campo foi a construção e a manutenção dos vínculos com esses jovens, de modo a cativar esses sujeitos a participarem de uma pesquisa de longa duração. Além de explicar as necessidades da pesquisa e das necessidades que implicavam a escolha pelo estudo etnográfico, em especial, o longo período de convivência e observação de suas atividades, tive a necessidade de decidir com esses jovens e seus familiares o que poderia e o que não poderia ser explicitado na pesquisa.

A dúvida dos jovens sempre recaía sobre a mesma questão: “Mas, se eu falar alguma besteira, você me corrige?”. Então, eu explicava que a essência de uma pesquisa qualitativa não estava em dizer o que é certo ou errado, mas sim, construir um estudo que pudesse mostrar como eles, jovens do Jardim Aurora, estavam se utilizando do telefone celular naquele momento. Dessa forma, a entrevista em profundidade ajudaria a construir à experiência subjetiva (DUARTE, 2011, p. 62) desses jovens e os entrelaçamentos criados por eles na construção de seu cotidiano.

Nessa perspectiva, as entrevistas possibilitaram identificar elementos qualitativos das vivências e apropriações do *smartphone* no cotidiano dos jovens participantes da pesquisa. Entre os tipos de entrevistas apresentadas por Duarte (2011), devido ao caráter etnográfico e ao perfil dos interlocutores, jovens em diferentes fases, optou-se pelas entrevistas semiabertas. Esse tipo de entrevista permitiu flexibilidade e reorganização das ideias diante do processo de

escuta realizada pelo investigador, ou seja: o roteiro de perguntas serviu apenas como um fio condutor da entrevista, em que o jovem era constantemente questionado a partir do desencadeamento de ideias suscitadas pelas suas respostas. Como forma de minimizar a ansiedade e nervosismo desses jovens, as entrevistas foram realizadas, em sua totalidade, no ambiente familiar. Outro motivo que levou à realização das entrevistas em ambiente doméstico foi para que não houvesse nenhuma preocupação dos pais quanto à prática da pesquisa, principalmente quando as entrevistas eram realizadas com as meninas.

As entrevistas foram conduzidas de dois modos: bate-papos informais e entrevistas semiabertas em profundidade. Nessa etapa, as entrevistas foram gravadas com o próprio telefone celular, a fim de transcrevê-las para a elaboração da narrativa desses jovens. Como instrumentos de coleta (DUARTE, 2011, p.76) dos dados etnográficos, foram utilizadas anotações do diário de campo, as quais me permitiriam a construção e o resgate de questões mais subjetivas, além da realização de construções relacionadas à descrição de ambientes e de situações que ocorreram em momentos da atividade campo. As gravações das entrevistas semiabertas no próprio telefone celular, que posteriormente foram transcritas na íntegra (DUARTE, 2011, p.76), na tentativa construir um recorte situacional mais próximo da realidade desses jovens. Ainda, foram utilizados os dados obtidos por meio de conversas tidas em aplicativos, como o WhatsApp e o Facebook, para marcar entrevistas e ou até mesmo desenvolver algumas conversas mais pontuais com os interlocutores.

Nessa construção metodológica, a segunda necessidade foi refletir acerca dos dados etnográficos obtidos a partir de ferramentas digitais, em especial, os comunicadores instantâneos WhatsApp e Facebook Messenger. As conversas realizadas nessas ferramentas foram exaustivamente pensadas: De que modo se daria o recorte dos dados obtidos com esses suportes? Como esses dados seriam apresentados no decorrer da descrição densa (GEERTZ, 2008)? Tais questões se colocaram devido à profundidade das construções subjetivas do pesquisador diante das afirmações feitas pelos interlocutores, sem mencionar a necessidade de construir novas formas de apresentação desses dados devido ao suporte de coleta de dados. Ademais, há o aspecto da escrita não linear, sujeita à fragmentação, além de ocorrer, muitas vezes, a oposição de ideias dos interlocutores, diferindo dos dados que foram coletados a partir de entrevistas face a face.

Penso que os dados oriundos da investigação *online*, da etnografia virtual, não são o ponto central dessa discussão, mas servem como indício para uma reflexão maior do Campo. Esses dados me permitem traçar o momento em que esses jovens se encontram, uma constante

transformação de seus pensamentos e ações e uma geração de consumos não circunscritos em um número limitado, mas em um fluxo permanente de aprendizados e afetações.

Nesse fluxo, construí uma parte importante na devolução de saberes da minha experiência etnográfica. Com a constante participação em congressos da área da Comunicação e do Consumo<sup>27</sup>, optei por apresentar os resultados de cada artigo aos jovens, mostrando como suas práticas de consumo e apropriações do celular auxiliariam a compor um cenário sobre práticas juvenis. Para os jovens, muitas vezes, as estratégias utilizadas para publicação de um conteúdo em uma rede social era pensada em seus amigos. Laura, uma das participantes privilegiadas, comentou que publica as imagens no final das tardes, pois acreditava que seus amigos estavam no Facebook e poderiam curtir a foto assim que a vissem no site. Essa prática, segundo Laura, também é realizada pela maioria de seus amigos, os quais publicam imagens e vídeos em horários em que outros amigos estão conectados, podendo, assim, além de curtir a publicação, comentá-la, gerando mais resultados para a publicação.

Em uma das conversas após a apresentação de um artigos produzidos com alguns dados da pesquisa, Icaro comentou que na internet as pessoas não publicavam o que elas sentiam, mas o que os outros queriam que as pessoas sentissem, já que, muitas vezes, as pessoas acabam adicionando no “Face” pessoas que nem conhecem na “vida real”. Essa reflexão aponta para um dos principais resultados da pesquisa de Barros (2009) relacionada à sociabilidade na rede. Nessa pesquisa, a autora argumenta que a partir de um cenário de intensificação da aquisição de computadores por famílias de uma comunidade popular no Rio de Janeiro, foi possível investigar as apropriações cotidianas por parte dos jovens, tendo como pressuposto que eles tinham maior afinidade com a máquina. Barros (2009) aponta que, após a aquisição do computador, os jovens começaram a compor hábitos de acesso diário à internet, em especial ao site de relacionamentos Orkut, ao comunicador instantâneo MSN Messenger e ao site de letras de músicas vagalume. Nessa investigação, alguns jovens apontaram que o site de relacionamento Orkut e o Messenger eram as principais plataformas de contato com pessoas que já faziam parte de suas redes de afinidade. Atualmente, as necessidades de comunicar dos jovens não mudou: o Orkut deu lugar ao Facebook e o MSN Messenger abriu as portas para uma série de comunicadores virtuais, precedendo o atual Whatsapp.

---

<sup>27</sup> Durante os anos de 2014 e 2015 apresentei fragmentos da etnografia em eventos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, o quais, de alguma forma, auxiliaram na reflexão dos dados etnográficos, tais como o grupo de trabalho de “História da Mídia Digital”, da Rede Alcar; o grupo de trabalho “Consumo, Inclusão Social e novas Configurações Subjetivas”, do Encontro Nacional de Estudos do Consumo; o grupo de trabalho “Comunicação, Consumo e Subjetividade”, do Congresso Internacional de Comunicação e Consumo; e o grupo de trabalho “Comunicação e Culturas Urbanas”, da Intercom.

O que mudou desde então foi o comportamento evidenciado por Icaro, segundo o qual os jovens não veem problema em adicionar pessoas desconhecidas, de outras faixas etárias, de outras regiões do país ou até mesmo de outras nacionalidades. Sendo assim, as questões relacionadas à construção e à manutenção da sociabilidade tornaram-se complexas com a presença de inúmeras plataformas digitais e o acesso a aplicativos pelo celular, já que cada plataforma permite um tipo de atualização, possibilitando que o sujeito-usuário construa múltiplas maneiras de estar conectado a outras pessoas. Nessa perspectiva, ressalto que a forma de conteúdo proposto pelos usuários permite que as afetações sejam múltiplas, passíveis de construção de cadeias afetivas. Tais cadeias começam no momento da produção, armazenada no dispositivo, podendo circular em sites de redes social, como no compartilhamento privado (e-mail, pendrive e outros dispositivos que auxiliem dispersão desse fragmento). Outro indício é o formato dado ao suporte, que pode ser uma imagem, um vídeo, um texto ou um áudio. Esses dados digitais fornecem múltiplas perspectivas de afetação ao sujeito usuário e à máquina.

### **3.3 Cativar: a trajetória não-linear e a experiência de campo**

Em 2013, convivi com o Jardim Aurora e tive a oportunidade de “observá-lo” a partir da participação no projeto “Jogo Oasis<sup>28</sup>”, promovido pelo Instituto Elos<sup>29</sup> em parceria com a AIESEC de Santa Maria<sup>30</sup>, um ano antes do meu ingresso como pós-graduando na UFSM. Boa parte do percurso de observar a comunidade é fruto de uma construção que desenvolvi durante a minha graduação em Comunicação Social e das necessidades que tive durante o curso de fazer algo além do que era ensinado dentro das salas dos cursos de Comunicação da Faculdade de Comunicação Social (FACOS).

Creio que com o passar do tempo, nós, pesquisadores das Ciências Sociais e Aplicadas, e em especial os investigadores que desenvolvem pesquisas qualitativas, trazemos um olhar

---

<sup>28</sup> O Jogo Oasis é uma ferramenta de apoio à mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos. Composto por jogadores da comunidade, o jogo considera uma definição ampla de comunidade, que envolve diversos atores, como moradores, ONGs, governo local, lideranças e empresas. Concebido para ser de uso livre e praticado de forma totalmente cooperativa, para que todos, juntos, realizem algo em comum, o Oasis propõe regras que permitem a vitória de todos, sem exceção. Definição retirada do site do Instituto Elos. Disponível para acesso em: < [www.institutoelos.org/jogo-oasis/](http://www.institutoelos.org/jogo-oasis/) > último acesso em: 29.11.2014.

<sup>29</sup> O Instituto Elos é uma organização que prega o bem-estar para o mundo, através de ações de mobilização social, onde cada sujeito é responsável por entregar o seu melhor para o mundo. O Jogo Oasis é um dos principais projetos do Instituto e prega o desenvolvimento comunitário através da realização de um sonho coletivo. É possível conhecer outros projetos desenvolvidos pelo e sobre sua filosofia do Instituto através da url: < [www.institutoelos.org](http://www.institutoelos.org) >

<sup>30</sup> A AIESEC é a maior organização sem fins lucrativos gerida por jovens que desenvolve liderança responsável e empreendedora por meio de intercâmbios realizados em parceria com organizações, instituições e negócios ao redor do mundo, nos mais de 120 países e territórios onde está presente. Em Santa Maria, a AIESEC, possui seu escritório desde 1989.



nutrido pela realidade vivenciada pelos sujeitos de nossas pesquisas e sentimos a necessidade de refletir essas experiências nos campos que fundamentalmente dão sustentação às universidades brasileiras: a pesquisa, o ensino e a extensão.

Nessa construção é importante salientar que minha trajetória acadêmica não é linear. A graduação em Comunicação Social me fez perceber que nunca estamos só em um olhar científico e que nunca devemos pensar nosso objeto de pesquisa uma forma isolada, quadrada, sem considerar o que nossos pares e outros campos da ciência estão articulando sobre nossos objetos. Talvez seja esse entrelaçamento entre a Ciência da Comunicação e outros campos que tenham feito com que meu olhar se ampliasse em busca de novos horizontes e buscasse compreender a sociedade a partir de outras ciências.

Do tempo que passou, minha trajetória acadêmica ganhou força. Precisei adotar novos desafios e perspectivas para conseguir articular a minha experiência como graduado em Comunicação Social com os projetos sociais que desenvolvi em parceria com profissionais de outras áreas juntamente com o Ministério Público e o Conselho Municipal de Entorpecentes.

Minha monografia de conclusão de curso em Comunicação Social tinha o intuito de analisar o discurso de uma campanha no enfrentamento à exploração sexual de crianças no Estado do Rio Grande do Sul. A preocupação era falar sobre o silenciamento desse tema dentro e fora da mídia, além de trazê-lo para uma perspectiva acadêmica, mostrando que, muitas vezes, esses temas são tangenciados dentro da área da Comunicação. Logo após concluir a graduação, ingressei em uma especialização<sup>31</sup>, na Universidade Federal do Pampa – campus de São Borja, tendo como objetivo dar continuidade aos estudos sobre a violência e compreender como esse fenômeno social é observado em outras áreas do conhecimento. Fui convidado, pela minha orientadora, a participar do seu projeto de extensão em escolas municipais no combate ao *bullying*. Como tema final da especialização, analisei o projeto de responsabilidade social do canal de TV por assinatura *Cartoon Network*, o “Movimento Cartoon - Chega de *Bullying*”, principalmente as estratégias desenvolvidas em seu website<sup>32</sup>.

A experiência acadêmica interdisciplinar me favoreceu na construção de um campo mais suscetível ao outro. Esse, muitas vezes próximo, devido ao uso de objetos tecnológicos e, por vezes, diferentes na sua essência de ver o mundo, me trazia indícios de que as práticas de

---

<sup>31</sup> A especialização tinha um viés interdisciplinar com profissionais da área do Direito, Psicologia, Serviço Social, Enfermagem, Pedagogia, Fisioterapia e, somente eu, como Comunicador Social. Em novembro de 2013, obtive o título de Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar com o trabalho final intitulado “Chega de bullying: reflexões sobre a mobilização de crianças e adolescentes contra o bullying através da internet”.

<sup>32</sup> Tondo, Romulo; Rhoden, Juliana; Rhoden Valmor. “Chega de bullying”: um olhar sobre a mobilização de crianças e adolescentes contra o bullying na internet. IN: **Temática**, 2016, pp.16-32.

consumo eram constantemente resignificadas a partir de um conjunto de características permeadas por valores sociais complexos ao primeiro olhar, entre eles o afetivo. Ancorei-me em uma literatura de antropologia e do consumo, à qual tive acesso durante os dois anos de mestrado e que fez a diferença na organização e na compreensão das lógicas locais de consumo, dos usos e das apropriações do telefone celular por um grupo de jovens.

À primeira vista, a aproximação com os jovens dar-se-ia de forma fácil, decorrente da proximidade etária. No entanto, a idade foi apenas um dos elementos necessários para construir uma relação de confiança, tendo sido necessárias a persistência e a dedicação com as duas turmas em que foi trabalhada a oficina de fotografia a partir do celular. Para eles, era uma mistura de curiosidade com a construção de um novo saber, ou em outras palavras: a proposta de construção de um olhar sobre a comunidade a partir das suas experiências na comunidade. Para mim, houve mais que a necessidade de conhecer a comunidade: foi necessário me inserir no contexto de campo, observar a posse de telefone celular e as práticas decorrentes da utilização de sua utilização pelos jovens da Escola Anita Garibaldi, uma das escolas da comunidade do Jardim Aurora.

## 4. ALÔ! É DO JARDIM AURORA? SMARTPHONES E AS MÚLTIPLAS CONEXÕES COTIDIANAS

Neste capítulo são apresentadas a comunidade do Jardim Aurora, a Escola Anita Garibaldi e as três famílias que acompanhei durante a imersão de campo. Ao longo da descrição das famílias, serão apresentadas as jovens e o jovem que participaram da segunda etapa desta investigação. A atividade de campo foi realizada entre os meses de março de 2014 e setembro de 2015, com idas e vindas decorrentes das atividades desenvolvidas na comunidade e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Aqui, priorizo as atividades na comunidade, suas conexões e os usos do telefone celular no cotidiano desses jovens.

### 4.1. O Jardim Aurora: um olhar sobre a comunidade

As minhas primeiras impressões sobre a comunidade do Jardim Aurora são de 2013. Em julho daquele ano, tive a oportunidade de conhecer de perto os moradores de um bairro localizado na Zona Oeste de Santa Maria. A localidade foi fruto da apropriação das terras do governo do estado. O bairro, em sua totalidade, conta com sete comunidades, tendo recebido pessoas de outras localidades da cidade, de seus distritos e de outros municípios, como São Sepé, São Pedro e Itaara. A ocupação da região se deu pelo fato que nos anos 1990 muitas pessoas não tinham condições financeiras de alugar e ou construir uma habitação. Houve, dessa forma, uma mobilização de pessoas que lutavam por melhores condições de moradia na cidade. A ocupação se deu de forma pacífica. Boa parte das pessoas que lá estavam eram mulheres, donas de casa, que buscavam, com essa ação, garantir uma melhor condição de vida para suas famílias e ter um lugar para construir um pequeno espaço para cuidar de seus filhos e familiares.

A ocupação pelos primeiros moradores já possui 25 anos e nenhuma das famílias que mora na localidade possui garantia de suas casas. A prefeitura municipal de Santa Maria busca, ainda sem nenhuma definição, uma forma de legalizar as moradias e providenciar melhorias na qualidade de vida dos moradores daquela região. Desde a posse das terras, muitas coisas mudaram: a comunidade começou a ganhar seus contornos e foram construídas novas habitações à medida em que novos moradores sonhavam em ter a casa própria; o asfalto chegou e, com ele, uma série de benefícios, como a iluminação pública, as três escolas que lá existem, o posto de saúde, mercados e bares, bem como espaços coletivos de lazer.

Entre as sete comunidades que compõem o bairro, resolvi centrar minha investigação no Jardim Aurora, onde tive oportunidade de conviver por três meses, de julho a setembro de

2013 e, após o ingresso, por mais um ano e sete meses para a realização da etnografia. Durante o projeto Oasis, convivi intensamente durante três meses com os moradores do Jardim Aurora. Ia diariamente à comunidade para a realizar as sete etapas que, articuladas, tinham como principal contribuição a construção de uma comunidade mais proativa que buscasse uma maior autonomia entre os moradores da localidade.

A primeira delas, que mais me sensibilizou, chama-se “olhar”, também responsável por conhecer o território da comunidade. Como estrangeiros, naquele espaço, buscávamos (eu e os demais participantes) apreciar a comunidade, buscando ideias e práticas distintas. Grande parte das casas eram de tábua e materiais oriundos da coleta de reciclados, já que uma parcela considerável dos moradores dos terrenos localizados nas extremidades do Jardim Aurora vive da coleta de material reciclado. Existem também moradores que criam estratégias para minimizar os custos com a energia elétrica, construindo seus próprios aquecedores solares. A grande maioria das casas são cercadas por fios de lata que possuem uma dupla finalidade: delimitar os terrenos e o espaço para secar as roupas das famílias, como mostra a imagem à direita.

Figura 3 – Casas do Jardim Aurora



**Fonte:** Diário de Campo Digital - Romulo Tondo

Na comunidade, existem famílias que possuem condições para investir em uma casa de alvenaria. Boa parte dessas casas estão próximas da avenida da comunidade, principal acesso à comunidade do Jardim Aurora, para quem chega pelo bairro Jardim América.

Com o passar dos anos, o bairro também tornou-se referência para quem possuía dinheiro e gostaria de investir em uma casa própria. Mesmo sem a posse da escritura do terreno, é possível observar a construção de casas de alvenarias maiores que as casas dos primeiros

moradores, além de haver o início de construção de edifícios. Alguns moradores acreditam que com a chegada de casas de alvenaria e edifícios, a prefeitura comece a “olhar com outros olhos” para a comunidade. Há também aqueles que possuem medo da presença da prefeitura na localidade, tendo em vista que com a regulamentação das terras possa existir uma cobrança de valores e contribuições dos anos anteriores, tornando-se inviável para os moradores arcarem com uma dívida pública que pode chegar a 25 anos.

Figura 4 Casas de alvenaria e a construção de edifícios na comunidade



**Fonte:** Diário de Campo Digital - Romulo Tondo

Outro aspecto comum na comunidade é a presença de animais. Os animais de estimação ocupam um lugar central na vida das crianças da comunidade. Por diversas vezes, tive a oportunidade de observar meninos e meninas correndo atrás de seus cachorros em meio aos campos da comunidade. Também foi possível observar alguns cachorros nos colos de seus donos e o carinho com que esses animais eram tratados. Além dos cachorros, pude constatar a presença de inúmeros cavalos pela comunidade. Alguns desses animais serviam de locomoção para seus donos, enquanto outros, serviam de tração para a coleta de materiais reciclados.

Imagem: 1 Os animais ocupam um lugar de destaque na vida dos moradores



Fonte: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo

Por se tratar de uma comunidade afastada do centro da cidade, o Jardim Aurora está sofrendo uma transformação progressiva, ainda trazendo em seus ares pequenas sutilezas das cidades pequenas que vivem de atividade campesina, cujos moradores conhecem seus vizinhos e as necessidades de cada um deles. No Jardim Aurora, o jovem não possui muitos espaços para convivência com seus amigos, nem mesmo para fazer novas amizades. Uma parcela desses sujeitos se utilizam do espaço recreativo das escolas como ponto de encontro. Essas atividades estão, muitas vezes, ligadas a políticas públicas de educação e cidadania, como o programa do Governo Federal, “Mais Educação”, e o programa “Escola Aberta para a Comunidade”. Tais programas auxiliam os jovens na formação e na manutenção de suas redes, além de fomentar a produção e a circulação de conhecimentos da própria comunidade, favorecendo a formação de uma pertença ao espaço público/escolar.

Outro motivo pelo qual os jovens do Jardim Aurora recorrem ao espaço da escola está relacionado ao uso da internet. Duas escolas possuem laboratórios de informática aberto aos alunos no turno oposto ao de suas aulas. Nelas, existe a presença de um professor para auxiliar os alunos em atividades educativas e na realização de pesquisas de sala de aula. Uma dessas escolas, a Anita Garibaldi, possui acesso livre a uma rede *WiFi*, também disponível aos dispositivos móbile. O acesso livre a essa tecnologia é fruto da utilização dos *tablets* educacionais e da inserção de tecnologias comunicacionais contemporâneas no ensino e aprendizado dos alunos dessa escola. Cheguei a observar a posse e a utilização de telefones celulares na escola, principalmente pelos jovens, os quais se utilizavam da câmera fotográfica disponível no dispositivo para retratar seu cotidiano. Existiam indícios que esses jovens

acessavam a rede *WiFi* da escola para acessar sites de rede social e compartilhar imagens e outras informações com quem mantinham afinidade.

#### **4.2. O retorno ao Jardim Aurora: um novo caminho a ser percorrido**

No início do primeiro semestre letivo de 2014, com a aprovação da proposta de pesquisa no curso de mestrado em Comunicação da UFSM, comecei a pensar de que maneira poderia me aproximar novamente dos moradores do Jardim Aurora. Mesmo com a participação no projeto Oasis, em 2013, não tinha segurança para adentrar na comunidade em busca de jovens que pudessem colaborar com a investigação. A segurança aqui não se tratava das questões relacionadas à violência, amplamente abordadas pela mídia ao se referenciar aos bairros da periferia da cidade: a insegurança era pelo fato que não existia uma fórmula de como abordar esses jovens. Era uma jornada de descoberta que deveria ser trilhada com cautela. No entanto, após algumas leituras do campo da Antropologia, percebi que essas fórmulas, ou essas maneiras de me aproximar dos jovens do Jardim Aurora, só poderiam ser descobertas na atividade de campo. Também percebi que a insegurança era algo natural e que somente me aproximando dos jovens da pesquisa e com eles convivendo, eu teria condições de compreender melhor as necessidades da própria pesquisa.

O caminho escolhido, a etnografia, foi de intensas descobertas. Entre uma leitura e outra, tive que recorrer aos contatos que fiz durante o período que participei no projeto realizando na comunidade, para que pudesse, de alguma forma, voltar a circular pelo Jardim Aurora. Com a participação nas atividades do Oasis, tive a oportunidade de adicionar algumas pessoas em minha rede pessoal no Facebook. Entre elas estavam o líder comunitário, conhecido como Seu Pedro, e o professor de história e de geografia da Escola Anita Garibaldi, o Gabriel.

O primeiro contato com ambos após a atividade de 2013 se deu por meio da própria rede social Facebook. Foi por trocas de mensagens que tive a oportunidade de resgatar o laço e informar as necessidades da minha pesquisa, que estava ainda no início. A primeira mensagem que troquei com ambos foi uma apresentação formal, na qual mencionava minha participação no projeto Oasis, na comunidade e na escola no ano anterior, além de dizer que havia uma proposta de investigação para compreender os usos dos telefones celulares pelos jovens daquela localidade, mas que precisava do auxílio de ambos, já que pouco conhecia a comunidade e seus moradores.

Logo em seguida, tive o retorno do professor da escola. Ele se mostrou atencioso e curioso para saber do que se tratava o projeto e pediu para que eu fosse encontrá-lo na escola,



solicitando que eu levasse a proposta do projeto e explicasse como ele poderia me auxiliar no desenvolvimento. A reunião foi marcada para a semana seguinte ao contato. Surpreso com a resposta imediata de Gabriel, comecei a ler a dissertação de Pedrosa (2010) que trazia contribuições ao campo, versando sobre o uso do dispositivo como recurso pedagógico. Na pesquisa, o autor (2010) se utilizou do dispositivo para a captação de vídeos, fazendo com que os estudantes pudessem utilizar a máquina para se envolverem na produção de conteúdo e refletirem sobre as questões escolares. Ao finalizar a leitura, comecei a ter ideias de como poderia utilizar o espaço escolar para o desenvolvimento de uma primeira etapa da pesquisa.

Tendo em mãos uma proposta de atividade educativa e cultural com telefones celulares, dirigi-me à escola Anita Garibaldi. No entanto, em função de os ônibus que fazem o itinerário terem atrasado, tomei uma condução que me deixou no bairro do Jardim América, o qual faz divisa com a comunidade do Jardim Aurora. Ao descer na parada final, comecei a caminhar pela avenida Dom Antônio, principal acesso à comunidade pelo Jardim América, e comecei a observar a paisagem repleta de casas, estabelecimentos comerciais e sinalizações que traziam a comercialização de algum tipo de bem ou produto. As fachadas e as placas, muitas vezes, traziam os números dos telefones celulares para contato com o trabalhador e o estabelecimento.

Nessa perspectiva, os telefones móveis foram responsáveis por auxiliar muitos sujeitos a oferecer um número pessoal para eventuais contatos. Sorj (2003) e Silva (2010) apontam que o telefone celular facilitou a vida de trabalhadores que buscavam estabelecer contato com empresas e seus empregadores. Para o trabalhador informal, a posse de um dispositivo móvel auxiliou não somente na sua localização para um eventual trabalho, mas também o contato com seus familiares, em especial, as mulheres que tinham filhos pequenos e os deixavam em casa com vizinhos e ou alguém da família. (SORJ, 2003, p. 21).

Figura 6: Sinalizações de trabalhos informais



Fonte: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo



Ao chegar na escola, fui recebido pelo professor Gabriel e logo nos dirigimos para a sala dos professores. Lá conheci outra professora que tinha interesse em minha proposta, tendo em vista que ela estava começando a trabalhar com uma das propostas do “Programa Mais Educação” na escola. Expliquei, em detalhes, a proposta de pesquisa e a metodologia. Esclareci que havia a necessidade do acompanhamento e da observação desses jovens no próprio ambiente que eles conviviam e estabeleciam trocas com amigos, familiares e demais pessoas que fizessem parte de suas redes de afinidade.

Após explicar a proposta da pesquisa, os professores mencionaram que era necessário haver uma contrapartida para executar o projeto na escola e justificar minha permanência no ambiente escolar por um tempo prolongado. De início, a sugestão proposta pelos professores era explicar meu projeto de pesquisa para os alunos e ver se havia interesse por parte deles em colaborar com a investigação. Em caso de resposta afirmativa, deveria ser realizada uma capacitação dos alunos que pudessem ser trabalhada nas disciplinas ministradas por ambos. Os professores ainda alertaram que eu deveria redigir uma proposta de trabalho e me informaram que na próxima reunião com eles, haveria a participação da coordenadora pedagógica para dizer se era plausível a aplicação das atividades previstas no plano realizado para a pesquisa e capacitação dos alunos.

Ao sair da escola, eu percebi que não tinha nenhuma noção do consumo midiático realizado pelos jovens da escola e que sem essa percepção não poderia propor uma atividade que favorecesse a escola e que tivesse adesão dos alunos. Como premissa, realizei um questionário que seria aplicado no primeiro dia aos jovens da escola, após a apresentação da pesquisa que eu desenvolveria na comunidade. A partir da leitura da dissertação de Pedrosa (2010), a proposta idealizada para apresentar aos professores envolvia uma série de atividades, o que culminaria na captação de imagens por meio dos telefones celulares dos alunos na comunidade escolar. Alguns após receberem a mensagem do professor Gabriel, obtive o retorno do líder comunitário, Seu Pedro, que me explicou que seu acesso à rede social Facebook se dava esporadicamente, pois ele usava o computador de suas filhas. Após explicar e pedir desculpas pela demora, aceitou o convite de me auxiliar na pesquisa.

#### **4.3. Do “estranho” ao sujeito comunicante: o consumo de tecnologia em uma perspectiva dos usos e das apropriações do telefone celular em sala de aula**

Na primeira interação com os educandos da Escola Anita Garibaldi, observei a presença dos telefones celulares. A necessidade de observar a presença do telefone celular na vida desses estudantes se fez necessário para verificar se era possível implementar a ideia de construção de uma oficina a partir do telefone celular com jovens da escola.

Durante alguns dias, estive presente na entrada da escola no início do turno da tarde, às 13h, e pude perceber que os telefones celulares faziam parte das performances de conexão entre os adolescentes. Entre o perfil de estudantes da escola, existiam aqueles que entravam nas dependências logo após a sua chegada e aqueles que ficavam aos arredores da escola, esperando o sinal para nela ingressar. Em ambos os casos, o telefone celular era indispensável nas interações desses jovens. Alguns deles não tiravam os olhos da tela, ao mesmo tempo que respondiam os questionamentos dos amigos de grupo, os quais, de pouco em pouco tempo, também olhavam as telas de seu dispositivo. Percebi que a câmera fotográfica era fundamental nas performances afetivas entre esses jovens: através das expressões corporais, em especial as meninas, esboçavam expressões faciais a cada clique na tela até obter uma *selfie* que julgassem estar dentro dos padrões aceitáveis para a publicação e circulação nas redes sociais.

A presença do fone de ouvido plugado nos celulares foi algo frequente. Os jovens percorriam o trajeto de casa até a escola escutando música e sempre que avistavam um amigo erguiam as mãos em movimento de saudação e os chamavam para um breve bate-papo. Existiam aqueles que até compartilhavam o fone mostrar uma nova música – poucos compartilhavam o fone por muito tempo. Quando era necessário ouvir música em conjunto por muito tempo, os jovens do sexo masculino tiravam os fones do celular para que todos ao redor pudessem ouvir a novidade.

Silva (2012) observou que a prática de escutar música pelo telefone celular sem fone de ouvido era comum entre jovens do sexo masculino, com idades entre 13 e 18 anos, e que essas práticas estavam relacionadas à virilidade dos jovens. Outra constatação realizada pela pesquisadora foi de que não bastava os jovens terem acesso a um telefone celular que pudesse tocar música: era necessário que o dispositivo fosse munido da tecnologia *bluetooth*, favorecendo a troca de arquivos de formato mp3 pelos jovens (SILVA, 2012, p. 71).

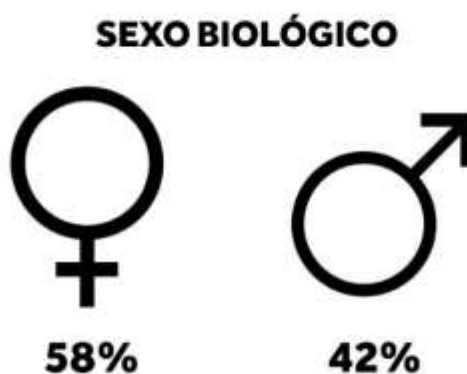
Nesse quesito abordado pelos jovens, pude constatar, com o andamento da pesquisa, que o conexão à internet facilitava a troca de música entre eles. Outra estratégia utilizada pelos jovens era a utilização da conexão USB para transferir músicas do computador para o celular.

Segundo um dos jovens, “era mais fácil baixar música pelo note e depois passar para o celular”. Após observar as práticas e as performances na entrada da escola, pude perceber que a posse do celular era presença constante no cotidiano desses jovens.

Após uma reunião com os professores e com a supervisora escolar, tive acesso às salas de aula. Foi a primeira vez que tive contato direto com os alunos da escola e, com isso, tive a oportunidade de aplicar um questionário para construir um panorama sobre o consumo midiático desses jovens e finalizar a proposta de oficina interdisciplinar. O questionário foi aplicado no dia 21 de maio, de modo simultâneo, em ambas as turmas, sendo composto de perguntas de múltipla-escolha e abertas, a partir do que foi possível perceber como era realizado o acesso aos meios de comunicação por esses jovens, bem como o perfil sociodemográfico deles.

As duas turmas de ensino fundamental da Escola Anita Garibaldi em que o questionário foi aplicado apresentavam um número de 43 educandos. Foi possível constatar que o número de alunas nas turmas era superior ao número de alunos, sendo 58% do sexo feminino e 42% do sexo masculino.

**Figura 5-** Sexo biológico dos jovens da pesquisa na Escola



A idade dos jovens varia entre 15 e 18 anos, alguns deles encontram-se atrasados com relação a idade prevista como “correta” pelos educadores. Um desses jovens com 18 anos, cogitou em começar a estudar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) por não sentir-se confortável com os colegas. Segundo ele a grande maioria dos colegas está em outra “vibe”; já que ele busca completar o ensino o mais rápido possível e ingressar no mercado de trabalho para auxiliar em casa.

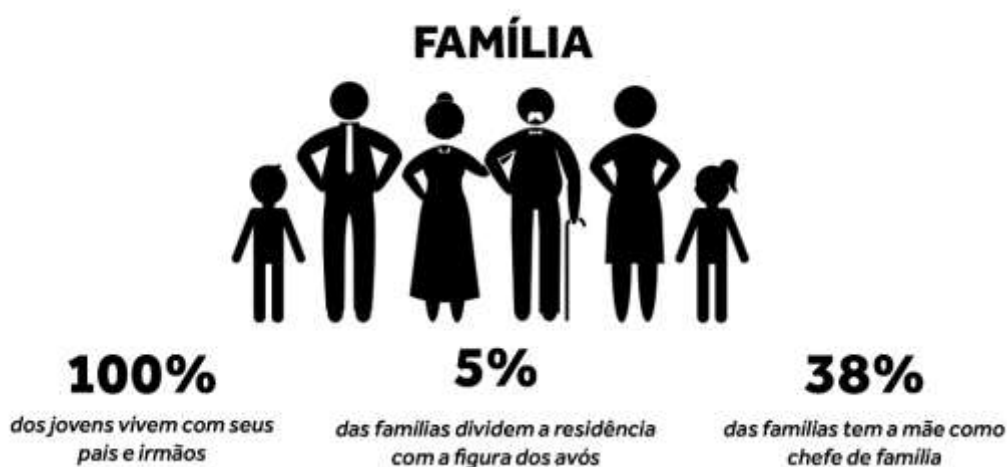
A idade dos jovens variava entre 15 e 18 anos. Alguns deles encontravam-se atrasados em relação à idade prevista como “correta” pelos educadores. Um desses jovens com 18 anos

cogitou começar a estudar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por não se sentir confortável com os colegas. Segundo ele, a grande maioria dos colegas está em outra “vibe”, já que ele buscava completar o ensino básico o mais rápido possível e ingressar no mercado de trabalho para auxiliar em casa.

As turmas de primeiro e segundo ano eram relativamente pequenas se comparadas ao número de alunos de outras escolas do município. Segundo o professor Gabriel, essa circunstância se dava pelo motivo de que a escola Anita Garibaldi estava recém implementando o ensino médio. A falta de professores e o espaço físico das salas de aula não comportariam ter turmas com um número maior de estudantes. A falta de outros recursos pedagógicos, como livros para todos os alunos, seriam sanados no ano seguinte, já que o governo estaria repassando, além dos *tablets*, a versão impressa dos livros. Gabriel havia comentado que cada professor da instituição possuía um *tablet*; entretanto, o dispositivo mais “atrapalhava” que auxiliava as atividades, já que o conteúdo estava nas nuvens e muitas vezes não se conseguia acessá-los.

Para o professor, a utilização dos *tablets* e de outros recursos tecnológicos em sala de aula favorecem o ensino-aprendizado. Auxilia os professores e os alunos na construção de aulas dinâmicas, principalmente em relação ao acesso ao conteúdo e à busca por mais informações com acesso à internet. No entanto, muitas vezes, essa questão esbarra, segundo Gabriel, na formação e na atualização das propostas pedagógicas da escola, no domínio das ferramentas e no acesso a elas por parte do professor.

**Figura 6** – Perfil familiar dos jovens da Escola



A partir da pesquisa, foi possível identificar que todos os estudantes moravam com sua família nuclear. A figura dos avós era constante na vida desses jovens. Muitos moravam próximo à casa dos avós e dois dos jovens dividiam a residência com seus predecessores e família nuclear. Outro fato possível de ser identificado com a pesquisa quantitativa é que o número de famílias que tinham a figura materna chefe de família – ou de único responsável pela manutenção da residência – correspondia a 38%, enquanto que 42% dos lares tinham como chefe de família a figura paterna, e 20% contavam com auxílio dos avós aposentados e familiares mais próximos.

Sobre o consumo de mídia, grande parte dos alunos possuía acesso a todos os meios de comunicação (jornal, rádio, televisão e internet), fosse em sua casa, na casa de vizinhos, na escola e nos projetos sociais desenvolvidos na comunidade. Os veículos impressos, por terem um custo elevado, segundo os jovens, não era consumido todos os dias. Geralmente, os jovens tinham acesso a esses veículos na escola e buscavam informações quando um professor pediam o jornal como fonte de pesquisa.

Quando o questionamento refere-se à identificação com alguma mídia, a internet encontra-se em primeiro lugar, com 67%. Já a televisão vem em segundo lugar, com 23%, e o rádio em terceiro, 10%. Para esses jovens, o jornal não é atrativo pelo fato de o suporte ser impresso, além de apresentar, muitas vezes, informações que já foram amplamente divulgadas por outros meios de comunicação. Nas palavras desses jovens, o “jornal que chega em casa traz notícias velhas”.

**Figura 7** – Identificação com as mídias



No que diz respeito à televisão, os jovens a utilizam para assistir a filmes e a telenovelas. O telejornal foi pouco citado pelos jovens, já que o consumo de notícias por eles se dá por sites de rede social e pela busca específica em sites de entretenimento, especialmente relacionados ao universo da música e dos filmes. Com relação ao rádio, notou-se que o seu consumo é frequente, mas não através do aparelho de rádio, como se pode perceber no relato de uma das jovens do segundo ano: “escuto muita música no telefone; conecto o fone no celular e não me preocupo se estou atrapalhando alguém. Geralmente, escuto as músicas da rádio daqui, mas também baixo da internet”.

**Figura 8** Credibilidade transmitida pelas mídias aos jovens



Levando em consideração os meios citados, foi questionado qual deles passa mais credibilidade na transmissão das informações. A televisão passou a liderar, juntamente com a internet, com um percentual de 39% dos entrevistados. O jornal passou a terceira posição, correspondendo a 22% dos estudantes.

Sobre a posse de telefone celular para uso pessoal, somente um estudante não possuía telefone celular. Quando questionado o motivo pelo qual não possuía um telefone celular, em momento posterior a aplicação do questionário, o jovem comentou que não gostaria de ser “rastreado” pelos pais enquanto estivesse fora de casa. Já os todos demais alunos, 97% da turma, possuíam um telefone celular de última geração, um *smartphone*.

Figura 9 - A posse de telefone celular pelos jovens da Escola



Com o passar do tempo, pude observar que os telefones celulares desses jovens eram *smartphones* do modelo “Samsung Duos”<sup>33</sup>. A personalização dos telefones celulares foi algo que percebi prontamente. Assim como Silva (2010), foi possível reparar que os telefones celulares das jovens estudantes eram mais customizados que o dos jovens. As jovens da Escola Anita Garibaldi possuíam capas protetoras coloridas e chamativas. Uma das educandas possuía uma capa de um cachorro de pelúcia. Podemos pensar que o uso de um animal de pelúcia possa remeter boas lembranças, além de aproximar mais o dispositivo da jovem. Já os meninos possuíam capas mais neutras, que variavam da cor preta ao cinza, nada chamativo. Existia também aqueles que nem utilizavam capa de proteção.

Mais uma percepção decorrente da aproximação com os jovens foi com relação à capacidade de armazenamento de dados no disco rígido do aparelho. Por se tratarem de *smartphones* de entrada, os telefones celulares possuíam baixa capacidade de arquivamento de informações. Uma das jovens mencionou que seu *smartphone* estava “lotado de coisas” e que para “baixar novos aplicativos ou guardar imagens e músicas” sempre apagava fotografias e músicas mais velhas ou que não “estavam mais nada moda”.

Sobre o acesso à internet, a maioria dos jovens o possui, sendo o ambiente familiar o principal local de acesso. O principal tipo de conexão adotada por esses jovens é a 3G, seguido do acesso pela banda larga.

<sup>33</sup> Entre os *smartphones* de custo acessível, o Samsung Duos pode ser encontrado em lojas especializadas entre os valores de R\$ 332,00 e R\$ 399,00. Esse custo pode variar de acordo com a localização e a oferta nas lojas. Entre esses *smartphones*, existem os que podem expandir a memória através dos cartões de memória, geralmente vendidos separadamente em lojas e comerciais informais. No que diz respeito à venda na cidade, os jovens da pesquisa mencionaram que existe uma “banca no camelôs” que vende, além cartão de memória, qualquer coisa que melhore o celular - de capinha até bateria nova.

**Figura 10** - Acesso à internet pelos jovens da Escola



Nesse grupo, existem jovens que possuem acesso à internet pelos dois tipos de conexão, a 3G e a banda larga. Nessa perspectiva, é possível pensar em uma evolução das pesquisas sobre acesso de tecnologia por em comunidades populares. No estudo de Barros (2012), o principal acesso à rede mundial de computadores se dava pela sociabilidade de jovens em pontos comerciais, as *lan houses*, e pontos de acesso livre subsidiados por organizações não governamentais. Já Silva (2010) relata que o acesso à internet pelos moradores do São Jorge era precária: segundo seus interlocutores, o custo para manter a internet era cara, já que deveriam desembolsar não somente o custo com a internet, mas com os aparelhos que realizavam a conexão. Outro aspecto apresentado pela autora era o alto custo da internet móvel através da conexão WAP. “Obviamente, também é possível usar a Internet no celular (WAP) e de fato a maioria dos celulares no São Jorge oferece essa facilidade, mas o alto custo inibe o uso” (SILVA, 2010, p. 207).

Com o desenvolver da pesquisa de campo, pude observar que não havia pontos de acesso comerciais ao redor da escola. Alguns indícios para a mudança desse necessário é do custo da aquisição de uma conexão banda larga por parte dos consumidores, bem como a compra de um telefone celular com conexão 3G. Para os jovens da escola Anita Garibaldi, ainda é dada a oportunidade da utilização do laboratório de informática para ter acesso à internet e para a realização de pesquisas escolares, além do acesso livre a *WiFi* para a conexão móvel de telefones celulares e *tablets*.



**Figura 11** – Presença dos jovens em redes sociais digitais



Sobre os usos sociais na internet, foi possível averiguar que todos os alunos possuem perfil no site de rede social Facebook, e alguns estudantes também possuíam conta no microblog Twitter e no aplicativo social de imagens e vídeos, Instagram. Essa demanda pelos usos de redes sociais digitais vem evoluindo no cenário brasileiro. Segundo dados obtidos pela pesquisa nacional de hábitos de consumo de mídia<sup>34</sup>, o brasileiro se utiliza da internet para realizar inúmeras tarefas do seu cotidiano. Cada grupo etário realiza funções distintas; no entanto, os usos de sites de rede social vem atraindo uma parcela significativa de pessoas de diferentes faixas etárias. O fluxo de consumo e o tempo de exposição dessas pessoas varia na medida dos usos e das apropriações que elas fazem do site. Para crianças, o grande atrativo são os jogos em rede.

Em observação no Jardim Aurora, pude perceber que as crianças que possuíam conta no Facebook acessavam o site para jogar em alguns aplicativos que favoreciam a sociabilidade com outros usuários, os quais, muitas vezes, tinham idade superior a sua. A maioria dos jogos era acessada por crianças do sexo masculino. Barros (2010) averiguou que os usos sociais de jogos *online* em *lan house* era predominantemente realizado por jovens do sexo masculino, enquanto as jovens realizavam a manutenção de seus perfis em sites de rede social.

Na perspectiva do jovem, a internet, e em especial as redes sociais, ocupam um lugar de profunda sociabilidade. É por intermédio delas que eles se encontram com outros jovens e

<sup>34</sup> A Pesquisa Brasileira de Mídia é executada anualmente desde de 2014 pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) e tem como objetivo compreender os hábitos de consumo da população brasileira referente aos principais suportes de comunicação midiáticos. As edições podem ser encontrados no site da secretaria através do site < <http://www.secom.gov.br/>>.

trocam informações e vivências do cotidiano. Além do uso da internet para o acesso às redes sociais, esses jovens se utilizam da internet para o download de músicas, filmes e seriados. Eventualmente, buscam conteúdos diferenciados em sites indicados por amigos e pessoas que estão entre seus contatos.

O telefone celular ocupa um lugar importante para os jovens da escola quando se trata de redes de sociabilidade. Por ser o principal dispositivo de acesso utilizado pela maioria dos 43 educandos, algumas funcionalidades são utilizadas com frequência por esses sujeitos, como a calculadora, a câmera fotográfica, o acesso à internet, o relógio e o despertador. Como dispositivo híbrido, o celular, com o passar dos tempos, vem substituindo outros objetos. Um dos jovens da escola chega a mencionar que não existe necessidade de comprar tantos objetos, já que o celular lhe proporciona tantas formas de executar tarefas em seu cotidiano.

Olha lá em minha casa não temos mais despertador, todos têm um celular e todos colocam o despertador pra funcionar. Outra coisa: aqui na turma não podemos usar o celular, mas de vez em quando quando é urgente, eu pego e uso a calculadora do celular, daí a profe vem e diz pra eu guardar, senão todo mundo quer usar. Sem falar que no recreio só dá gente com o celular na mão, né. Muita gente! Muita mesmo, tem dias que não consigo nem ligar a internet. Não consigo ver as mensagens no *whats*. Internet ruim. Também todos querem acessar ao mesmo tempo. Daí fica mais fácil quando acessar a internet quando venho pra educação física, não tem quase ninguém e a conexão tá boa. Fora daqui só uso a internet em casa.

Com a compilação desse instrumento, percebi a importância do telefone celular diante das demais mídias para esses jovens. O dispositivo era tomado em diferentes circunstâncias por esses sujeitos. Dos que dormiam com o telefone ao lado, aos que nunca se desconectavam da internet devido ao acesso à internet banda larga. Esses dados foram importantes para contrastar com os dados da observação dentro da ambiente escolar. Identifiquei que o uso do telefone celular realizado pelos educandos da Escola Anita Garibaldi se restringia a alguns espaços e momentos específicos dentro da sala de aula. Esses espaços sofriam constantes transformações pelo fato de haver professores que toleravam o uso da tecnologia e aqueles acreditavam que a “tecnologia veio para atrapalhar o ensino-aprendizagem dos alunos”. O uso mais frequente do dispositivo dentro de sala de aula era para a resolução de alguma operação matemática.

Os demais professores não utilizavam as potencialidades do telefone celular como um recurso pedagógico. Dessa forma, pensei que telefones celulares poderiam ser utilizados como recurso pedagógico e multidisciplinar para inspiração de outros professores de outras disciplinas. Na segunda semana, na presença dos alunos, apresentei a proposta de trabalho a ser desenvolvido com os jovens. A proposta passou por uma análise prévia da coordenação pedagógica da escola, já que seria necessário que os alunos saíssem da escola para a realização

das atividades, bem como deveriam realizar o uso do telefone celular<sup>35</sup>. Antes de explicar a atividade que seria desenvolvida com eles, os professores me convidaram para relatar alguns momentos e experiências da minha vida, além de eu ter sido solicitado para falar sobre como a educação havia sido importante na minha vida. Fiz questão de mencionar que toda a minha educação básica se deu em escola pública; expliquei que meus pais sempre acreditaram na educação das escolas públicas; e mencionei que o ingresso em uma universidade se dá com muito estudo e dedicação.

Nesse momento, houve algumas perguntas como: “Em qual escola você estudou no ensino médio?”; “Você fez cursinho pré-vestibular para passar na universidade?”. Tais questionamentos vieram por parte dos jovens do segundo ano, que já estavam prestando a prova do processo seletivo para ingressar na UFSM. Mencionei que durante o ensino médio estudei no Colégio Manoel Ribas; alguns jovens mencionaram que tinham o desejo de estudar no “Maneco”, mas que, por motivos de deslocamento, tiveram que optar pela escola da comunidade. Ainda falei que ao longo do meu ensino médio eu havia feito cursos preparatórios para o Programa de Ingresso ao Ensino Superior (PEIES), o qual foi extinto para a criação de novas formas de ingresso à UFSM.

Do contrário, os jovens do primeiro ano estavam mais interessados em saber qual era a proposta de oficina, mesmo que ainda não estivesse finalizada. Então, em poucas palavras, expliquei que minha proposta era acompanhar a turma para observar como eles utilizavam os telefones celulares. Houve um espanto por parte dos jovens ao saberem que havia pesquisas sobre telefones celulares. “Como assim pesquisa celular?” “Bah! Que legal. Eu não vivo sem o celular”, “Você vai vir mais vezes aqui?”.

Surpreso pelo estranhamento em relação à minha pesquisa, mencionei que seria necessário mais que a observação deles no ambiente escolar: seria necessária uma atividade que envolvesse o telefone celular. Eu havia pensado na proposta de construir com eles uma oficina de fotografia, cuja captação ocorreria na comunidade. Pela segunda vez, percebi que havia um interesse dos jovens pelo meu projeto: para aqueles jovens, de um estranho recém chegado na comunidade, tornei-me um “professor” ao começar interagir com os estudantes em novos espaços, como as festas promovidas pela escola.

---

<sup>35</sup> Para o desenvolvimento das atividades previstas na oficina de fotografia, os pesquisadores mostraram o conteúdo programático à coordenação pedagógica da escola a fim de ela aprovar as atividades com o uso do celular em sala de aula, tendo em vista que o uso do dispositivo é proibido por Lei nº 12.884 (Estado do Rio Grande do Sul) para fins não pedagógicos. Tendo a avaliação positiva, os professores de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e História aderiram às atividades e utilizaram as imagens e as visitas na comunidade para trabalhar de forma interdisciplinar as ações propostas pelos oficinairos.

**Figura 12** – Festa junina promovida pelos alunos do ensino médio



Foto: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo

Nas conversas informais, alguns adolescentes e jovens buscavam algumas dicas de como melhorar o desempenho do telefone celular por meio de aplicativos. Um deles inclusive perguntou se existia algum aplicativo que pudesse usar para enviar as fotos que ocupavam “um espaço muito grande na memória” e que “não gostaria de deletar algumas delas porque eram de momentos especiais com a família”. Expliquei que haviam uma série de sites que disponibilizavam aplicativos de acesso à conta e que e-mails como Gmail e Hotmail (outlook e msn) forneciam espaço na internet, de forma segura para os dados dele, além de haver outros similares, como o Dropbox. A partir dessas participações em ações da escola e da convivência com os jovens, comecei a ganhar confiança de alguns deles, enquanto outros ainda me viam um professor estagiário da escola. Em momentos de lazer e descontração com os estudantes, percebi que a utilização do telefone celular era algo comum entre os jovens e seus educadores. Vi que, muitas vezes, os professores pediam auxílio para explicar algo que não estavam conseguindo resolver. Os docentes que não sabiam mexer vibravam com os alunos ao verem o desempenho com que os jovens “dominavam” o celular, o que esses estudantes consideravam como algo “simples e fácil”. Com base nessas constatações, percebi que seria fácil construir uma oficina de captação fotográfica com eles.

Para o desenvolvimento da oficina, os jovens envolvidos foram sensibilizados a trabalhar com a Educomunicação<sup>36</sup>, que consiste em uma proposta pedagógica que utiliza os meios de comunicação para o desenvolvimento da educação.

<sup>36</sup> Em outro momento (TONDO; SILVA, 2015a) foram apresentados os detalhes da metodologia, as construções da captação das imagens e um olhar proposto por esses jovens pela comunidade do Jardim Aurora. Nesse artigo, é posta a educomunicação e como ela foi utilizada na oficina de captação fotográfica.

**Figura 13** – Slides da atividade conceitual de Educomunicação



Fonte: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo

A primeira atividade foi a análise de reportagens veiculadas em jornais de circulação regional e estadual, as quais traziam informações sobre juventude, costumes e percepções do cotidiano de algumas comunidades e o envolvimento desses sujeitos em ações cotidianas. O objetivo da atividade era perceber a identificação desses jovens com os valores apresentados nas reportagens. As turmas foram divididas em grupos para analisar as reportagens e apresentar relações com a comunidade.

Entre o corpus de análise, encontravam-se reportagens sobre comportamento e tecnologia, violência e educação. Uma delas trazia o assassinato de um jovem morador de um bairro popular no centro da cidade. A manchete trazia o texto: “Jovem morre atingido por golpes de faca”. Ao analisar essa reportagem, muitos alunos avaliaram a mídia como algo que “só vê o que ela quer” e que nem sempre retratava os jovens de comunidades como eles são. Comentaram também que “várias vezes os jornais vêm na comunidade para falar com os moradores e depois escrevem coisas ruins”. A identificação com a comunidade e com os moradores é perceptível diante da argumentação apresentada pelos jovens da escola.

Nesse mesmo momento, um dos jovens perguntou como eram feitas as reportagens. Dessa forma, pude apresentar o segundo módulo da atividade, que consistia em uma desconstrução da mídia e a proposta de um ambiente comunicativo dentro da escola, ou seja, uma mídia feita por eles. A ideia foi aceita e pude apresentar uma desconstrução dos meios e explicar, de forma simples, mas bem argumentada, que o conceito de mídia era algo mais complexo do que eu estaria apresentando para eles naquele momento. Iríamos trabalhar com a ideia que a mídia éramos nós e não somente os veículos e as empresas de comunicação da

cidade. Parti do seguinte questionamento: “Quem compreende melhor a comunidade de vocês”? Os jovens discutiram e mais uma vez apresentaram uma identificação com os membros da comunidade e a necessidade de apresentar uma visão da mídia diferente daquela retratada. Para eles, “na maioria das vezes a mídia era responsável por passar uma visão negativa dos moradores” e que “muitos jovens não conseguem trabalho no centro” devido a um receio do empregado diante do local de moradia deles. Argumentaram que as reportagens não refletem a realidade deles, além de trazerem uma percepção “negativa, que sempre criminaliza o jovem morador de bairros longe do centro da cidade”, mostrando a reportagem do jovem que havia sido esfaqueado no centro da cidade.

Comentaram também sobre violência no trânsito, assaltos, violência contra mulher e “nudes”. Quando o tema “nudes” foi debatido, a professora me abordou e falou que não era necessário eu responder esse tipo de questionamento. No entanto, acreditava que era necessário falar sobre todas as demandas que chegavam do campo. Foi dessa forma que consegui perceber algumas necessidades de falar sobre violência e segurança na rede.

Após o final da atividade, foi proposta, para semana seguinte, a captação de imagens para mostrar como eles percebiam a comunidade, seus moradores e a beleza dela. Foi enviado aos pais um aviso da realização atividade e o termo de autorização para que as filhas e os filhos pudessem sair das dependências da escola para a circulação na comunidade escolar na companhia de professores. A atividade de captação fotográfica era aguardada pelos jovens. No primeiro momento, havia sido programada uma oficina sobre captação de imagem pelo celular. Com a observação dos jovens, vi que não seria necessário realizar a oficina por completo, mas dar algumas dicas relacionadas ao enquadramento das fotos e à percepção da imagem por parte de pessoa que opera o dispositivo.

A dica mais importante, e que foi perceptível nas ações dos jovens, referia-se ao posicionamento do fotógrafo no campo. Mencionei que não deveriam pedir para as pessoas pararem para serem fotografada: a ideia era mostrar os momentos das pessoas e as paisagens urbanas do Jardim Aurora. Caso fosse necessário, os jovens teriam que realizar o deslocamento para capturar a imagem. Outra dica importante era apreciar a paisagem antes de clicarem na tela do telefone celular. As captações seriam realizadas em duplas e ocorreram em dois momentos, devido ao número de jovens envolvidas nas ações.

**Figura 14** - Jovens em tarde de captação fotográfica



Fonte: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo

Após, as duas tardes de captação, tivemos a oportunidade de discutir as fotografias realizadas pelos jovens e o que cada um deles gostaria de expressar com aquela produção imagética. A partir das discussões, foi possível perceber, assim como Carminatti (2009), que a construção dessas imagens, a partir do olhar desses jovens, refletem não somente a construção da comunidade, mas deles mesmos:

[...] é atravessado por inúmeras mediações que não aparecem nas imagens, mas as tornam possíveis, estando em jogo diferentes interesses equacionados não apenas no instante em que o fotógrafo com os olhos fixos no visor da câmera [em nosso caso na tela do celular] efetua o click, mas sobretudo na edição, momento em que técnica, estética, ética e política se entrelaçam num profícuo diálogo que faz (re)aparecer as ‘imagens do povo’ (CARMINATTI, 2009, p. 70).

Nessa circunstância, foi pensado e refletido com os jovens se era necessária a edição das fotos. Apesar de muitas das imagens não terem uma boa qualidade devido à captação ter sido realizada com um dispositivo móvel, cuja câmera fotográfica não possui tanta qualidade de resolução da imagem, elas trazem consigo uma carga simbólica que, independentemente, da qualidade, pode ser expressa a partir dos recortes situacionais.

Após, a seleção das imagens, foi realizada uma exposição fotográfica na escola, como forma de demonstrar o resultado da experiência de utilização do telefone celular como objeto de construção pedagógica em ambiente escolar.

O primeiro momento da pesquisa, a aproximação com os jovens da Escola Anitta Garibaldi, apresentou frutífero. No entanto, não senti, por parte dos jovens, uma abertura para dar continuidade ao trabalho de campo e realizar a imersão com esses participantes. Os jovens consideravam a minha pesquisa como uma espécie de atividade extracurricular ou uma atividade pedagógica, similar às realizadas pelos estagiários de licenciatura que trabalham na escola, atrelada aos momentos interdisciplinares de um currículo em fase de elaboração.



Durante alguns dias, refleti sobre o posicionamento diante das experiências com os jovens, concluindo que talvez eu pudesse reverter essa situação. Mas, em conversa com os professores da escola, percebemos que meu trabalho ganharia uma perspectiva mais dinâmica se uma segunda etapa com outros jovens da comunidade fosse realizada.

**Figura 15** - Chegada na escola e discussão sobre tratamento das imagens



Fonte: Diário de Campo Digital – Romulo Tondo

Por alguns meses, havia voltado meu olhar exclusivamente para os jovens da escola Anita Garibaldi, exceto em ações promovidas pela associação comunitária e festas escolares. Sair da escola e perceber que existiam outras possibilidades para a minha investigação foi uma sensação semelhante a que tive quando ganhei meu primeiro celular da minha mãe: existia um universo a ser explorado e eu deveria começar pela minha lista de contatos.

#### **4.4. “Família é pra mais que sangue”: as famílias do Jardim Aurora**

Ao frequentar a comunidade do Jardim Aurora em 2013, conheci algumas famílias e convivi com elas, entre as quais estava a família de Laura. Naquela época, Laura não se encontrava em Santa Maria, pois estava vivendo em Porto Alegre. De certa forma, cheguei a observar a dinâmica de algumas famílias e a maneira que os jovens da comunidade se utilizavam dos meios de comunicação, especialmente as redes sociais digitais. Notei que a frequência com que os jovens acessavam às redes sociais pelo telefone celular era elevada. Um dos indícios disso foi decorrente da mobilidade, pois o celular fica sempre ao alcance. Já a segundo indício observado era referente ao custo da aquisição de um computador ou até mesmo de um notebook. O valor que os jovens da comunidade gastava em *smartphones* era inferior ao



de um computador ou de um notebook. Além disso, os *smartphones* supriam as necessidades de sociabilidade dos jovens, com o uso dos sites de relacionamentos e comunicadores instantâneos.

O projeto Oasis, utilizava-se de uma página no Facebook para promover as atividades desenvolvidas na comunidade e para o chamamento do dia da realização do sonho coletivo da comunidade. Nessa observação, pude perceber a quantidade de jovens que possuía acesso ao site de rede social. Além disso, pude perceber, pela visitação às casas, dos moradores que muitos tinham filhos, categorizados aqui como jovens, já com família constituída: eram pais e mães de família e moravam no mesmo terreno que seus pais, mas em outra casa. Nessa perspectiva, o jovem conseguia sua emancipação a partir de uma união conjugal, mas não possuía condições financeiras suficientes para arcar com a compra de um terreno para a construção de sua casa. Em uma conversa, um casal de jovens disse: “ou compramos o terreno ou construímos a casa”. A explicação ainda carregava um tom afetivo, já que a construção da casa em que moravam se dera no terreno da casa da mãe da jovem, que já havia perdido o pai. “Ficamos aqui para ficar mais perto dela [mãe]. Somos só nós duas. Porém, acredito que quem casa quer morar na própria casa, né?”.

Conforme já ressaltara Sarti (2004), os estudos que envolvem jovens em seus contextos familiares exigem um olhar mais atento do investigador, um esforço de estranhamento, já que as relações de sociabilidade elaboradas pelos sujeitos tornam-se naturalizadas com o amadurecimento do vínculo entre o pesquisador e seus interlocutores em uma pesquisa etnográfica. Nessa perspectiva, a pesquisadora aponta que se olha “para o outro a partir das próprias referências, espelhando a realidade exterior naquilo que é ‘familiar’, sem enxergá-la em sua maneira de se explicar a si mesma.” (SARTI, 2004, p. 16). Dessa forma, estar atento às movimentações e às referências do grupo estudado permite compreender como os jovens e seus familiares possuem maneiras únicas de construir suas relações com cada membro da família.

Nesse sentido, atento, assim como Sarti (2004), que a família é responsável por selecionar e elencar funções para cada sujeito de acordo com a sua posição na configuração familiar. Tais funções não são dadas a priori, mas são maleáveis e reconfiguradas com o passar dos anos, ou até mesmo decorrentes de fatores sociais, como a chegada de um novo filho, um matrimônio ou o falecimento de algum familiar. Descobri, ao longo da experiência de campo, que os quatro jovens possuem voz ativa na compra ou na manutenção de suportes tecnológicos de suas famílias. Os pais, na maioria das vezes, responsáveis pelo sustento familiar, escutam os filhos para a adquirir qualquer tipo de objeto tecnológico. Isso acontece pelo fato de os

progenitores contemplarem os usos que os próprios descendentes realizam de tais suportes e por acreditarem que os filhos serão os mais beneficiados na compra do objeto.

Tendo em vista tais observações do jovem na família, apresento, por meio de genogramas, alguns dados relacionados à estruturação familiar e os níveis de consumo de pais e filhos, em especial, na centralidade do consumo do telefone celular por Laura, Icaro, Anneliese e Érika, participantes privilegiados desta pesquisa.

#### **4.4.2. A Família de Laura: os diferentes níveis de consumo tecnológico**

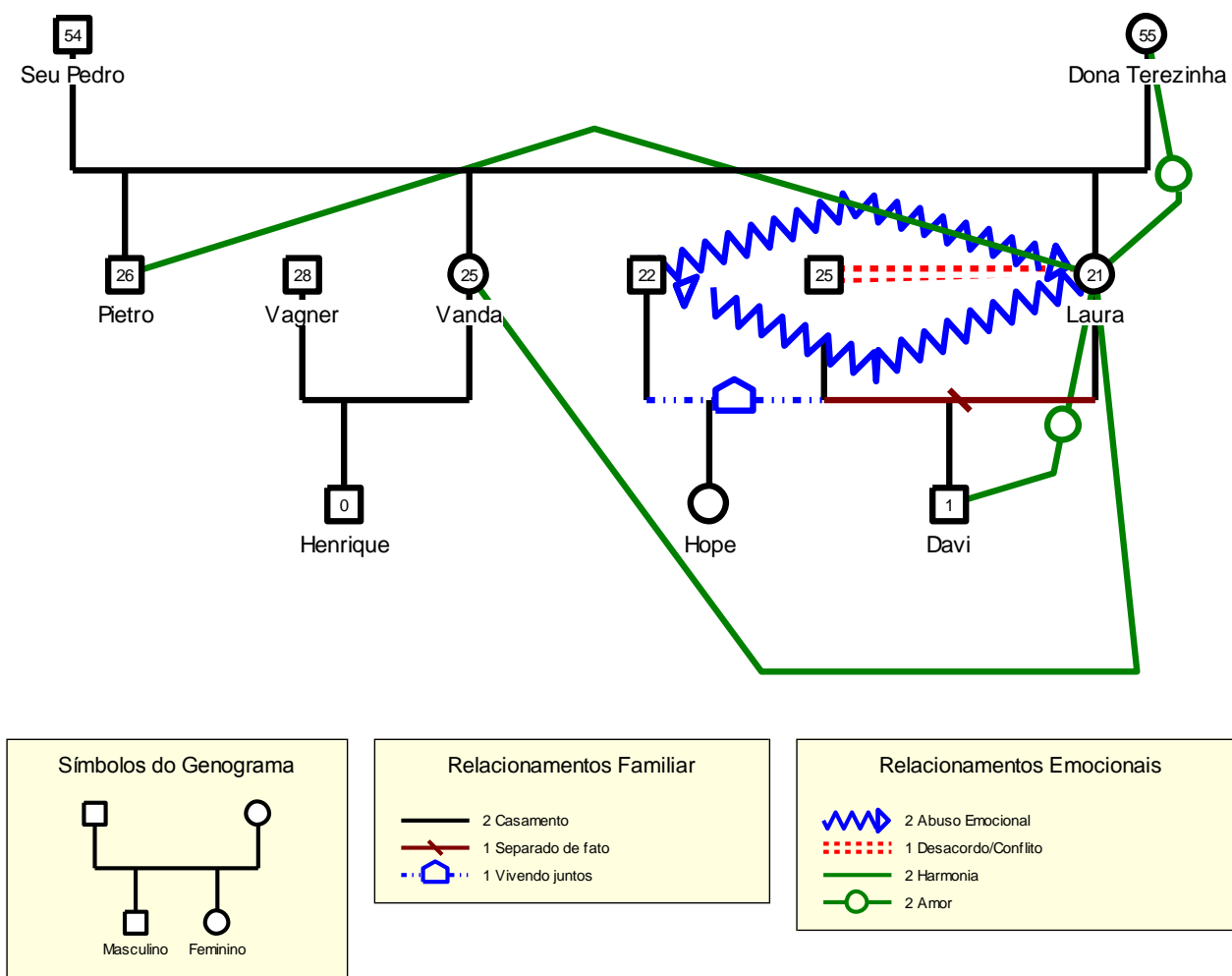
Na convivência com os moradores do Jardim Aurora, verifiquei que a família de Laura era uma das mais antigas na comunidade. Dona Terezinha e Seu Pedro se mudaram para a localidade no início dos anos 1990, quando as terras eram apropriadas pelos moradores da cidade. Dona Terezinha conta que as “crianças” ainda eram de colo quando ela pregou as primeiras tábuas para demarcar o seu terreno na atual avenida da comunidade. A construção da casa na comunidade foi importante, já que Pedro se encontrava internado no hospital da cidade.

A Vanda [filha do meio] ainda era bem pequena quando viemos pra cá. Um compadre meu disse ‘Terezinha, vai lá e marca tua casa’. Morávamos em outra cidade, então peguei um terreno bem bom perto lá na avenida. Ainda bem que consegui. O Pedro estava com problema no hospital. Depois que vim pra comunidade, todos os dias, eu ia a pé da comunidade até o hospital. Não foi fácil. Mas, conseguimos! (Dona Terezinha, 55 anos).

Apesar das dificuldades encontradas por Dona Terezinha ao se instalar na comunidade e na construção de novos laços sociais, as coisas mudaram com o passar dos anos. Atualmente, a família não mora na casa construída nos primeiros anos que viveram na comunidade. Eles estão morando em uma casa ampla de dois andares, fruto de um “brique” feito por Dona Terezinha e outra moradora da comunidade. Durante a adolescência, todos os filhos chegaram a morar com Dona Terezinha e Seu Pedro. Com a chegada da maioridade e com a incorporação ao quartel, o filho, Pietro, atualmente com 26 anos, construiu sua própria casa em um terreno ao lado da casa dos pais. Algo semelhante ocorreu com Vanda, a filha do meio: ela conheceu o marido, Vagner, e ambos acabaram por se instalar por período na casa de Dona Terezinha e Seu Pedro para “juntar dinheiro e construir a casa”. Vanda é estudante universitária e Vagner é educador em uma das escolas da comunidade. Com a chegada de Henrique, primeiro filho do casal, a casa foi construída no mesmo terreno da casa dos pais de Vanda. Laura, a participante privilegiada, vive com o filho Davi na casa dos pais. Segundo Seu Pedro, que ajudou os filhos

na construção de suas moradias, a atual casa onde vivem será de Laura assim que eles tiverem a oportunidade de ir embora para São Pedro, cidade vizinha de Santa Maria onde possuem uma “casinha de campo”.

**Figura 16** - Genograma da Família Nuclear de Laura



Fonte: Romulo Tondo / Familiares de Laura

As dinâmicas empregadas na utilização das tecnologias, em especial na utilização dos telefones celulares, pela família de Laura é diferente conforme as necessidades empregadas no dia a dia de cada sujeito. Dona Terezinha, matriarca da família, aos 54 anos, usa o celular como forma de manter contato com Laura e os irmãos, bem como com os familiares que moram em outras cidades do Estado.

No entanto, a utilização de outras mídias é comum no cotidiano da Dona Terezinha. Por ter pouco tempo livre, geralmente, o rádio é responsável por embalar os dias da matriarca em momentos de trabalho e descontração. Um dos principais entraves encontrado por ela nas

dinâmicas de uso e apropriação da tecnologia é não saber utilizar o “computador e outras coisas no celular”<sup>37</sup>. Para amenizar o “desconforto” de sempre ter que pedir auxílio para os filhos, Dona Terezinha chegou a frequentar algumas aulas de um projeto de inclusão digital em uma escola na comunidade, mas acabou desistindo por ter medo de um vício da tecnologia.

Quando eu estava fazendo um curso lá na escola, mas também eu já não gostei sabe por quê? Porque a internet tem um monte de coisinha que eu sei que vou gostar (“Ela tem medo de se viciar”, explica Vanda do outro lado da cozinha). E eu me vicio rápido, o que eu gosto todos os dias, eu tenho que fazer e daí eu não posso fazer o resto do serviço. Por que não adianta eu estar sentada ali se estou pensando na hora de colocar o feijão no fogo, tem que cuidar da casa, lavar a roupa. Daí, eu me aperto e me vicio. E eu não vou ter tempo pra isso. Eu sei, estava fazendo um cursinho lá na escola e eu estava gostando. Daí resolvi parar com tudo. (Terezinha, 55 anos)

Para ela, o celular é uma das formas de se manter informada sobre onde estão os membros da família, o esposo e os filhos, saber que horas eles retornarão para casa ou se necessitam de algum auxílio. Ela acredita que o celular pode ser utilizado como forma de contato caso alguma coisa aconteça fora do previsto.

É porque, muitas vezes, ele [Seu Pedro] sai e precisa ligar pra casa ou até mesmo com as crianças, eles também são da Oi, ligam. Acho importante que eles [as crianças] me liguem quando eles saem, me liguem pra dizer onde tão. No caso, eu cobro! Saem, mas me liguem, nem que seja a cobrar, mas me liguem. Eu espero, se eles não me ligam e esquecem, daí eu mesmo pego e ligo. Daí, eles têm tudo gravado e aparece, né? Na tela. Eu acho importante que eles tenham pra isso. Que Deus o livre aconteça alguma coisa, Deus o livre aconteça um acidente a primeira coisa que vão é o telefone, né? Pra procurar pra ligar pros familiar (Terezinha, 55 anos).

Um pouco diferente da esposa, Seu Pedro se apropria do telefone celular em suas atividades cotidianas com maior facilidade. Por possuir um telefone na modalidade pós-pago, o líder comunitário conversa e troca mensagens pelo telefone com moradores e algumas autoridades locais pelo dispositivo. Apesar de realizar a troca de mensagens de texto e ligar, o telefone celular de Seu Pedro não possui conexão com a internet. Para se conectar à internet, utiliza o computador. Para estreitar as relações com os conhecidos, adota o site de rede social Facebook para o compartilhamento de informações em seu perfil e a manutenção da página do Jardim Aurora na mesma rede social.

Converso e mando mensagem do telefone. Converso mais com pessoas próximas, que realmente preciso falar algo importante. Mas tem coisas que eu uso a internet. Quando

---

<sup>37</sup> As “outras coisas” referidas por Dona Terezinha são o envio de mensagem de texto e conexão à internet. Com dificuldade em enviar mensagem de texto, Dona Terezinha preferencialmente realiza ligações e/ou conta com o auxílio dos filhos para o envio de mensagens.

preciso fazer alguma coisa no Facebook preciso pedir ajuda para Vanda ou Laura; Elas me ajudam na página da comunidade no Facebook, e tenho minha própria página [perfil] também. Não me acerto muito bem com a tecnologia. (Pedro, 54 anos)

As dinâmicas mais elaboradas de Seu Pedro com o telefone celular e com os usos sociais do computador fazem com que ele encontre novas formas de estar em contato com os sujeitos de sua rede social. Além dessas tecnologias, seu Pedro utiliza-se da televisão para ouvir o noticiário com a família, assiste a jogos de futebol na televisão e ao mesmo tempo escuta os lances no rádio. Segundo Dona Terezinha, “é ele quem é dono do controle remoto”, ao se referir às escolhas da programação da televisão. Isso o torna mais propenso que a esposa no que diz respeito à realização de dinâmicas que envolvam tecnologia.

Sei mexer no rádio, na tv, no celular e algumas coisas do computador. Não sei mexer no DVD, não assisto filme, não sei ligar. Tem coisas que peço ajuda para não estragar, principalmente quando é na internet. A Vanda precisa da internet para fazer os trabalho, então mexo bem pouco nela, só o necessário para compartilhar coisas; (Pedro, 54 anos)

A perspectiva de “estragar” um determinado dispositivo, como referenciado por Seu Pedro, abre brecha para se discutir a domesticação proposta por Winocur (2014). Segundo a autora, os adultos são concisos na incorporação das tecnologias em seu cotidianos: somente após compreenderem as dinâmicas, estão propensos a incorporar tais objetos em seu dia a dia. Os jovens, por sua vez, são mais propensos para experimentar as novidades proporcionadas pela tecnologia. Na observação do Jardim Aurora, pude notar que boa parte dessa domesticação e distanciamento dos adultos dos usos das tecnologias está no medo de extraviar o objeto. No medo de “estragar” o objeto, também está a preocupação com o dinheiro despendido no conserto e/ou manutenção do aparelho, bem como o tempo que se estará sem a tecnologia. Ao se tratar de um computador ou um telefone celular, para esses adultos “estragar” significa não ter acesso ou não dar acesso aos seus filhos.

Vanda, 25 anos, possui um consumo moderado – porém contínuo – das tecnologias: ela se utiliza do celular para conversar com os familiares e colegas. Porém, o notebook é o instrumento que melhor lhe dá suporte no cotidiano, tendo em vista que a jovem é estudante universitária e seus trabalhos são desenvolvidos com auxílio desse objeto. A jovem faz uso da internet para seus estudos e também para se relacionar. Durante o afastamento das aulas, após o nascimento de Henrique, a jovem fazia uso de recursos provenientes dos avanços da tecnologia para estar em contato com seus colegas e conseguir manter-se atualizada das

atividades desenvolvidas em sala de aula. Nesse cenário, Vanda utiliza as tecnologias com facilidade, em especial daquelas que são utilizadas para auxiliá-la em seus estudos.

Já Laura, 21 anos, uma das participantes privilegiadas desta pesquisa, por passar grande parte da sua infância e adolescência na comunidade, tem um excelente domínio e apropria-se com facilidade das tecnologias digitais. Ela ganhou seu primeiro telefone celular aos 12 anos de idade, com o qual utilizava jogava “*Snake*”<sup>38</sup> e tirava fotografias. Com o passar dos anos, os usos e as apropriações do telefone celular ampliaram seus laços afetivos. Para a jovem, o celular foi e continua sendo um objeto importante para entrar em contato com os amigos, além de prover a conexão com novas pessoas. Laura conta que teve uma relação com um jovem de outra cidade e que ambos se correspondiam pelo site de rede social Orkut, tendo chegado a “ficar” com ele por alguns meses. Desse relacionamento, Laura teve Davi, seu filho de um ano de idade, com quem compartilha o uso do telefone celular nos momentos que está em casa.

Conheci o pai do Davi pelo Orkut. Sabe como é, né? Tinha aquela coisa de ver as últimas pessoas que entravam no perfil. Ele sempre estava entrando no meu perfil e não comentava nada, só olhava. Não deixava nem um tipo de mensagem, em aqueles recados de depoimento. Chegou um dia que eu entrei no perfil dele e tomei a atitude, falei mesmo. Depois ele me adicionou e nós começamos a conversar. Conversávamos muito pelo telefone celular antes de nos conhecer. Nos conhecemos e eu engravidei do Davi. Não deu certo a relação. Acho que ele era melhor na internet que presencial. Gosto muito mais das pessoas no virtual (Laura, 21 anos).

Nos primeiros meses de campo, Laura demonstrou ser uma jovem totalmente hiperconectada, diferente dos hábitos de consumo de Vanda. Nas primeiras conversas que tive com Laura, ela não desgrudava do telefone celular. Ao mesmo tempo que escutava meus questionamentos, estava compartilhando informações para atualizar em seu perfil no Facebook e conversando com uma série de amigos pelo WhatsApp. Em uma das minhas idas à comunidade, confessou-me que chegava a pegar uma extensão para conectar o *smartphone* até a tomada para ficar na frente de sua casa tomando chimarrão com os pais.

Sendo assim, o dispositivo e a conexão à internet surgem, para Laura, como um elemento de máxima sociabilidade virtual em tempos atuais. Ela afirma: “Nem sempre tive

---

<sup>38</sup> A primeira versão do game para dispositivos móveis da Nokia foi lançada em 1997, ainda em preto e branco, e pôde ser jogada no Nokia 6110, celular que chegou ao mercado no mesmo ano. Desde então, diversos modelos como 3310, 1600 e 1112 suportaram a versão monocromática da cobrinha. As versões em cores vieram posteriormente, inclusive em uma adaptação 3D para o malfadado portátil da Nokia, o N-Gage, lançado em 2003. O gadget foi fracasso de vendas, mas isso não impediu que o jogo da cobrinha continuasse sendo importante para a empresa e um dos grandes sucessos dos games em dispositivos móveis. Quem teve um celular Nokia mais recentemente, provavelmente testou o clássico em alguma de suas versões coloridas, como Snake EX2 ou Snake III. Fonte: “Relembre a trajetória do 'jogo da cobrinha' nos celulares Nokia”. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/7z9VHP> > Último Acesso em: 09.mai.2015

celular com internet. Antes eu tinha um celular sem. Mandava mensagem de texto e conversava com os amigos que moravam longe. Hoje, com o celular eu consigo falar com eles pelo Facebook”. Nessa dinâmica, proposta por Laura, o celular e a internet operam na manutenção e na construção de novas formas de estar junto com aqueles que estão longe, mas ainda podem manter contato.

Laura consegue utilizar do telefone celular e todos os aparelhos eletrônicos que possui em casa. Os hábitos de consumo de tecnologia da jovem envolvem a utilização diária do telefone celular: por ser um dispositivo híbrido, permite-lhe executar diferentes tarefas que poderiam ser realizadas por outros aparelhos. É pelo *smartphone* que Laura escuta música, assiste a vídeos, tira fotografias, realiza montagens, faz *download* de aplicativos e tem acesso às redes sociais. Notei que o uso do telefone celular para realizar ligações não é o principal finalidade de Laura, diferentemente da utilização feita por seus pais. Laura utiliza o celular para se conectar com seus amigos e conhecidos. Assim, faz do celular um ponto de acesso à internet. Tais atividades, pelos seus usos e das apropriações, são potencializadas em diferentes momentos do dia da jovem devido à mobilidade do dispositivo e à oportunidade de acessar a conexão móvel com a tecnologia 3G presente no *smartphone*.

Decorrente da conexão, Laura acessa as redes sociais não somente em casa, onde conta com internet banda larga, mas também utiliza o celular para realizar atualização dos perfis nas redes sociais e para o envio de mensagens pelo comunicador instantâneo com a conexão 3G. Para a execução de atividades que demandam mais dados de conexão, a jovem espera chegar à sua casa para executar o *download* e o *upload* de imagens e/ou compartilhamentos de arquivos com mais peso. Nessa perspectiva, Laura diz que “economiza” os dados para momentos mais importantes: “se preciso de uma informação eu ainda tenho internet, não gasto à toa”. Sendo assim, a jovem cria formas de consumo para sua internet 3G, balizando o seu uso como uma estratégia segurança (CASTELLS, 2007).

Como tenho internet em casa, uso a internet do telefone para atualizar meu perfil e conversar no whatsapp. Se preciso enviar uma foto, deixo pra fazer em casa que lá a conexão é melhor e evito desperdiçar a 3G. Gasto com a internet 3G todo o meu cartão. [...] Tem vezes, que coloco mais de 30 reais em cartão. Não utilizo o celular para ligação, uso ele para conectar ao Facebook e mandar mensagens do Whatsapp. Percebi que quando enviava foto ou áudio a internet não passava de 2 dias. Eu envio muito áudio e isso comia meu cartão (Laura, 21 anos).

Nesse aspecto, é importante salientar que existe uma fragmentação do acesso à conexão proposto pela jovem. Existem espaços e estratégias que levam a uma construção de seus usos e apropriações do telefone celular. Pela conversa que tive com Laura, pude constatar que o uso

do telefone celular e algumas funcionalidades são mais utilizadas quando se está sem a conexão à internet. Essas funcionalidades são acionadas como formas de amenizar os microtédios provenientes de seu cotidiano. Apesar da rotina ter mudado desde o início da atividade de campo, pois Laura conseguiu um emprego como secretária no centro da cidade, o celular é acionado tanto na ida quanto na volta do serviço, como forma de ocupar aquele momento com algo “útil” para a jovem.

Pra passar o tempo para chegar ao centro ou voltar eu escuto música. Quando tenho ainda internet eu converso no whastapp e vejo o Facebook. Na maioria das vezes, eu costumo escutar música. Não gosto de escutar as músicas que ficam tocando no ônibus. O bom é que no celular eu coloco todas as músicas que eu gosto, né. E fica tudo guardado ali, pra poder escutar a hora que eu quiser. Daí, o tempo passa mais rápido e quando vejo já estou aqui em casa. (Laura, 21 anos).

Observei que a família possui um alto desnível de práticas relacionadas ao consumo de tecnologia. Os pais possuem um uso básico e intermediário dos objetos tecnológicos dentro da residência: os usos que eles fazer estão relacionados à ação básica de ligar/desligar e sintonizar os aparelhos, no caso da TV e rádio. Quando se trata da apropriação do telefone celular no cotidiano, existe ainda uma lacuna nas apropriações realizada pelos pais: dona Terezinha usa o celular como forma de comunicação, sabe efetuar e receber ligações, lê as mensagens de texto, mas não sabe enviar as mensagens aos seus destinatários, solicitando ajuda aos filhos. Já seu Pedro sabe utilizar o telefone celular para ambas situações: ligar e enviar mensagens de texto.

Já o consumo de sites de redes sociais pelos adultos da comunidade se dá como forma de compartilhamento de notícias e fotografias. Em uma conversa com um dos pais dos jovens da pesquisa, percebi que o contato com os sites se dava com auxílio dos filhos, pois para algumas operações a serem realizadas o adulto não tinha domínio da técnica, necessitando, dessa forma, de eventuais ajudas de outra pessoa. Seu Pedro utilizava o computador para acessar ao site, mas relatava que não conseguia localizar as imagens no computador para enviar para o site. Na opinião de Seu Pedro, o uso das redes sociais para conversar é realizada somente em casos que não existe a urgência na obtenção de resposta: “o computador é mais fácil de conversar. Eu clico no rostinho da pessoa que eu quero conversar e logo aparece que eu posso conversar com ela. Mas não uso muito o computador, prefiro falar ao celular já que eu consigo falar com a pessoa na mesma hora”.

Com base nas observações realizadas na família e na casa de Laura, foi possível constatar que os níveis e frequência de uso dos objetos tecnológicos é distinto entre os membros da família. Entretanto, o principal uso do celular é comum entre os membros da família, cuja



finalidade é ter acesso a uma pessoa com mais facilidade, seja através das ligações ou da conexão com a internet.

#### 4.4.3. A família de Icaro: o consumo de tecnologia e experimentação

Conheci Icaro, 17 anos, nas atividades de mobilização do Projeto Oasis. No entanto, o estreitamento do laço de confiança com o jovem ocorreu após o meu convívio intenso com Laura, pois além de serem vizinhos, eles se consideram melhores amigos. Pela proximidade de ambos, Icaro foi convidado por Laura para batizar seu filho. Chamei Icaro para participar da pesquisa após perceber que toda vez que eu estava na comunidade realizando atividade de campo, lá estava o garoto, perguntando as novidades da pesquisa. Existia um interesse em saber mais coisas do universo dos telefones celulares, principalmente quando se tratava de assuntos de interesse como música e internet. Por ser filho de pais separados, Icaro teve um tempo nas férias junto à família paterna, que vive em outra cidade do estado. Durante a estada na casa do pai, o jovem chegou a atualizar constantemente seu perfil nas redes sociais com fotos e vídeos ao lado de primos e irmãos. Naquela ocasião, Icaro possuía um *smartphone* preto<sup>39</sup>, que sua mãe, Dona Iolanda, recém tinha lhe dado de presente. Diferente dos demais participantes da pesquisa, o jovem confessou que não gostava de ter o mesmo modelo de dispositivo que outra pessoa da comunidade.

Não gosto de ter o mesmo modelo de celular que as pessoas da comunidade. Não mesmo! Quando me perguntam qual é o meu modelo eu não digo e nem mostro. Ano passado eu troquei de celular duas ou três vezes, tudo por causa disso. As gurias da comunidade vem tudo querendo ver o que meu celular tinha para ir comprar um igual. Fui lá e troquei. [E os aparelhos, o que tu fizestes com eles?] Alguns eu dei para minha mãe e ela deu para minha sobrinha e outros eu vendi para comprar um novo celular. [Agora, tu estas satisfeito com o celular?] Sim, gosto dele. Também não deixo ninguém pegar nele. Ele é só meu. Se eu deixar alguém olhar e pegar na mão é capaz de amanhã eles irem na loja pra compra um igual (Icaro, 17 anos, estudante).

A experiência de consumo de tecnologia por Icaro é semelhante à de Laura. Porém, o jovem não apresentava os mesmos ritos e tempo dedicado aos objetos de tecnologia que sua amiga. Por estudar no turno da tarde<sup>40</sup>, o jovem não utilizava o dispositivo durante as aulas, somente nos intervalos. Nos momentos de descontração, Icaro escutava música e compartilhava

<sup>39</sup> Esse *smartphone* foi roubado em uma de suas idas de Icaro para a igreja. O caso será apresentado no capítulo 5.

<sup>40</sup> Em 2014, resolveu voltar a estudar e finalizou o ensino fundamental. No ano seguinte, buscou uma vaga no colégio Manoel Ribas, no centro da cidade, para realizar o ensino médio. O primeiro ano do ensino médio na escola ocorrem no turno da tarde, já o segundo e terceiro ano no turno da manhã.

com os amigos informações sobre sua cantora favorita, a norte-americana Lady Gaga. Como “*little monsters*”<sup>41</sup> foi responsável por moderar um grupo de discussão no Facebook e conduzir conversas no Whatsapp, ambos os grupos virtuais tinham como temática principal as performances e aparições da cantora na mídia. Um dos sonhos do garoto é cursar a faculdade de “música na federal”, para o que tem se dedicado aos estudos e cantado sempre que possível. Seu gosto pela música é permeado pela presença da religiosidade, pois além da artista americana o rapaz gosta de escutar músicas gospel. Segundo o jovem, cantar é uma forma de expressar sua adoração.

Deus me deu esse dom como forma de conseguir pregar e professar em seu nome. Vou na igreja em outro bairro da cidade, não me canso. Se tiver que sair a pé daqui e ir para a igreja eu vou. E olha que é bem longe, sabe. Lá para as bandas da vila Oliveira, passa o quartel e o hospital. Bem longe, pelo menos para ir a pé, né? [...] Mas, isso [música] eu gosto. Quero um dia estudar música na federal, mas não sei se eu passo (Icaro, 17 anos).

A religiosidade do jovem também é compartilhada pelos demais membros da família, em especial a mãe. Durante a atividade campo tive, pouco contato com a família de Icaro, pois a maioria das entrevistas e conversas que tive com ele ocorreram na casa de Laura. Já as interações com a mãe e demais familiares foram breves. Dona Iolanda sempre tinha um compromisso e já Paola, sua irmã, nem sempre estava em casa, mas quando estava não era receptiva. Atualmente, vivem no Jardim Aurora: Dona Iolanda, Paola e Beatriz, filha do irmão mais velho.

Um dado importante em relação à composição familiar de Icaro é o envolvimento da irmã com drogas lícitas, álcool e cigarro. Em anos anteriores, a irmã chegou a consumir “drogas mais pesadas”. Segundo o jovem, o tratamento foi encontrado na religião, como uma forma de “amenizar o sofrimento e pregar a palavra de Deus”. Pelas conversas, pude notar que Dona Iolanda tinha vergonha de falar sobre as necessidades e problemas enfrentados no ambiente doméstico. O irmão e a irmã de Icaro são fruto do primeiro casamento de sua mãe, um relacionamento conturbado, segundo ela. Sua filha, muitas vezes, briga com ela para conseguir dinheiro. O convívio de Icaro com a Paola é conflitante. O jovem não compactua com algumas atitudes dela, principalmente quando isso envolve as brigas constantes com a mãe. Nessa

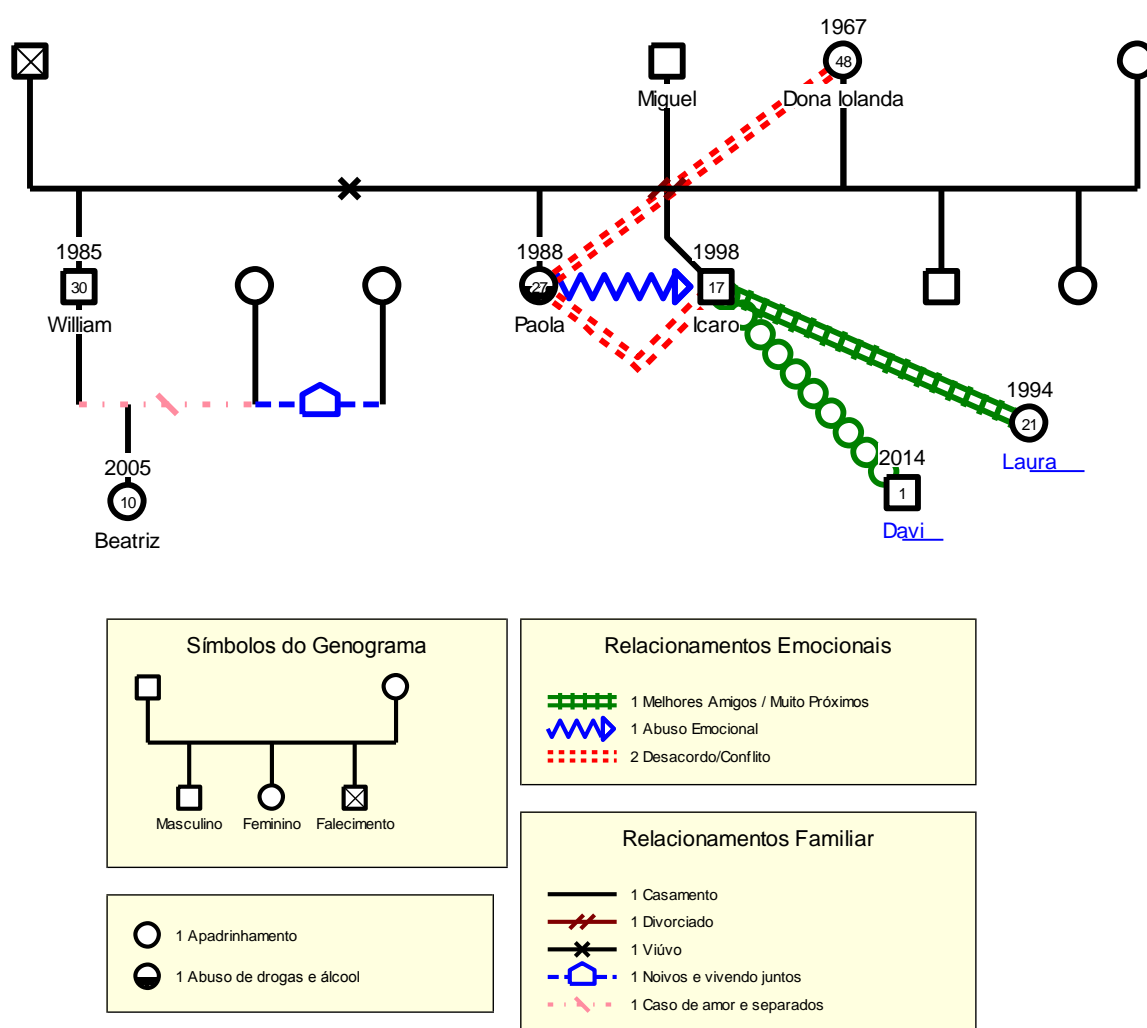
---

<sup>41</sup> A cantora americana refere-se a seus fãs como “*little monsters*” (pequenos monstros). Em 2012, Lady Gaga lançou uma rede social com mesmo nome para reunir seus fãs. O website estava exclusivo apenas para convidados desde seu lançamento e, apenas veio ser aberto em 10 de julho de 2012. Disponível para acesso em: <[www.littlemonsters.com/](http://www.littlemonsters.com/)> - Último acesso em: 09.mai.2015.

relação entre irmãos há muito xingamento, principalmente da irmã com relação ao irmão mais novo, que tenta defender a mãe das agressões da filha.

Sinto pena da minha mãe! Como ela [irmã] não tá trabalhando e minha mãe já é aposentada, ela fica pedindo dinheiro para ela compra cerveja e cigarro. Ela tem que pensar no futuro dela. Já vi ela agredir minha mãe, não gostei da atitude dela. Fui lá e disse umas pra ela. Onde já se viu brigar com uma pessoa que te ama. Amo minha mãe, se não fosse ela não sei se estaria vivo. Ela sempre faz o melhor dela para nós. [Icaro, 17 anos]

Figura 17 - Genograma da Família Nuclear de Icaro



Fonte: Romulo Tondo

Icaro, assim como os demais jovens da pesquisa, demonstram ter um envolvimento emocional maior com a figura materna do que com os demais membros da família. O jovem reconhece o esforço e a dedicação da mãe para criar os três filhos e a neta sem auxílio de

ninguém. Dona Iolanda é uma das incentivadoras para que o filho curse a faculdade, foi ela quem comprou o microfone e demais objetos que auxiliassem o filho a perseguir o sonho.

Reparei que o consumo de tecnologia pela família está entre os mais singelos. As principais tecnologias consumidas por todos são a televisão e o rádio. As tecnologias em rede, como a internet e telefonia celular, encontram-se em uma fase de experimentação para a maioria dos membros da família, com exceção do jovem. Dona Iolanda faz uso predominante das mídias clássicas, rádio e televisão, e utiliza o telefone apenas quando necessário. Independentemente do seu consumo cotidiano, não sabe mexer em outras tecnologias, sendo necessário pedir auxílio do filho mais novo quando se vê em uma ocasião que delas precise.

Já a irmã realiza um consumo de telefone celular baseado em ligações e envio de mensagens de texto, além de possuir perfil no Facebook, apesar de não atualizá-lo com frequência. Isso também é perceptível na relação que Icaro possui com as tecnologias. O rapaz possui perfil no site de rede social Facebook, mas o atualiza com pouca frequência. Em minhas conversas com Icaro, foi possível perceber que ele estava utilizando o WhatsApp com mais frequência. No que diz respeito aos demais sites de sociabilização na internet, o jovem mencionou o Snapchat, cuja lógica não compreendia, mas que tinha vontade de usar, apesar de seus amigos possuírem o aplicativo.

Se compararmos os usos da tecnologia realizados pelo jovem e os realizados pelos outros membros da família, é ele que demonstra ter o maior domínio das tecnologias. Icaro “baixa filmes no computador” para assistir com a sobrinha e compartilha músicas de seus cantores preferidos com os amigos através das redes sociais. Uma prática comum para Icaro é o *download* de músicas no notebook para depois escutar no celular.

Baixo as músicas de sites que consegui nos grupos que participo no Facebook. Daí eu pego e baixo. Deixo guardado no computador, quando não estou em casa eu pego e levo as músicas no celular. Pego o cabo e passo tudo do computador para o celular. Escuto as músicas no lugar que eu quiser, mesmo não tendo acessando à internet. Daí eu fico escutando, principalmente as músicas de louvor. Daí, já escuto e penso em cantar ela no culto. [Icaro, 17 anos].

Além de usar o computador para fazer o *download* de músicas e sincronizá-las com o *smartphone*, Icaro navega na internet pelo notebook para realizar suas principais tarefas escolares. O Jovem usa pouco a televisão e o rádio, utilizando-se do computador e do celular para suprir as demandas dessas duas mídias.

Quando eu não tinha o notebook eu pedia pra minha mãe me dar um. Escutava bastante tv, principalmente a novela e filme. Fazia companhia pra minha mãe. Depois

que ela me deu de presente o notebook, não assisto mais tv. Vejo tudo pela internet. Não vejo mais novela, agora eu assisto os filme que eu quero e os seriados que não pegava por causa da TV. [E quais seriados você curte ver na internet?] Bom, eu vejo bastante seriados, mas eu gosto mesmo é do Glee, aquele seriado do coral. Adoro música e eles são excelentes cantores. Então, escuto eles. Teve até um episódio que cantaram as músicas da Lady Gaga. [Icaro, 17 anos]

Para Icaro, o celular auxilia em suas tarefas diárias mais que o computador, principalmente nas relações afetivas, na manutenção de suas redes. “O computador fica em casa, já o celular eu carrego sempre comigo”.

#### **4.4.4. Família de Anneliese e Érika: juventude e a afinidade tecnológica**

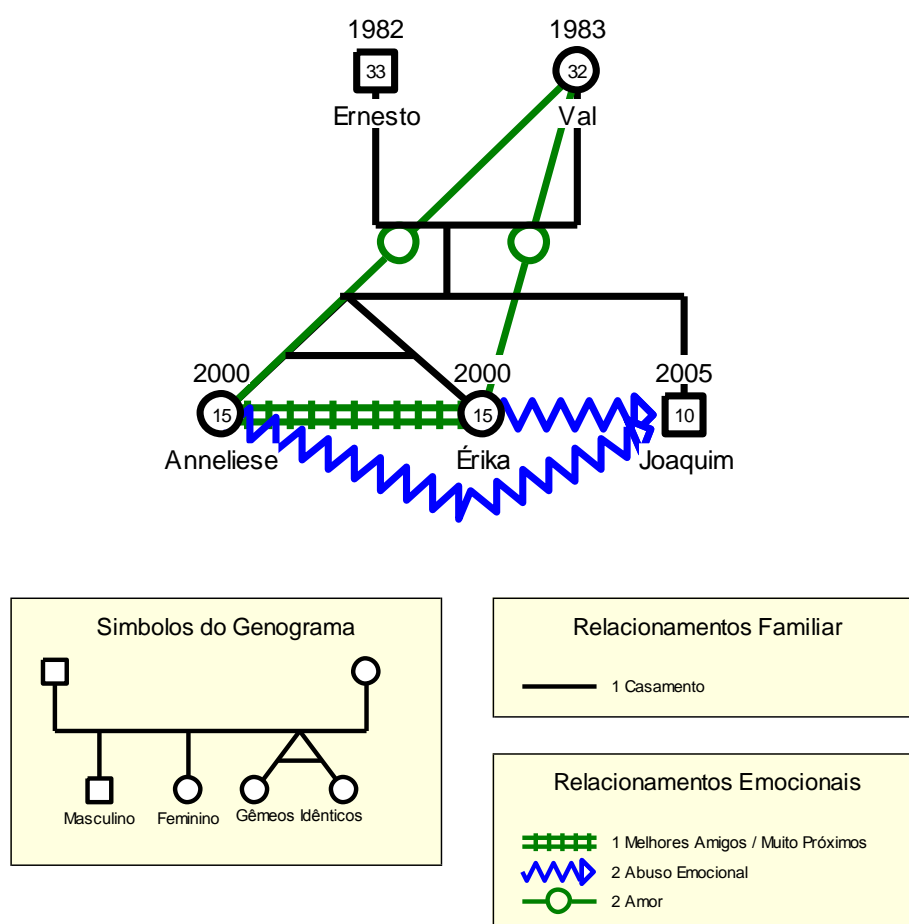
Anneliese e Érika, irmãs gêmeas de 15 anos, foram as últimas a ingressarem na pesquisa, ambas tendo sido indicadas por Laura. Val, mãe das meninas, é uma velha conhecida da família de Laura, pois foram vizinhas na chegada de ambas as famílias no Jardim Aurora. Os laços afetivos tornaram-se estreitos após Val tornar-se madrinha de Laura, ainda em sua adolescência. A convivência entre as famílias, hoje, não é intensa como nos primeiros anos na comunidade, mas ainda conseguem cumprir com os ritos de amizade. Uma vez que outra, fazem visitas, conversam sobre as novidades e celebram a união com chimarrão e muita risada.

Na primeira visita que realizei à casa de Anneliese e Érika, eu estava acompanhado por Laura e Dona Terezinha. Na ocasião, Dona Terezinha aproveitou a oportunidade para agradecer Val por ter cuidado de seu neto por uma tarde. Naquela dia, estavam na casa todos os membros da família, Val, Ernesto, Anneliese, Érika e Joaquim. Entre uma conversa e outra, surgiu a oportunidade de explicar a pesquisa, deixando espaço para os pais e as meninas compreendessem o projeto e como seriam dados os encontros. Val sugeriu que os encontros fossem realizados durante os finais de semana, especialmente sábado, pois todos estariam em casa ou poderiam organizar suas atividades na igreja conforme a necessidade do andamento do projeto.

Na primeira visita, foi possível constatar que o perfil de cada membro da família era completamente diferente uns dos outros, apesar de as jovens Anneliese e Érika construírem uma fala muito semelhante uma da outra. Val foi extrovertida e bastante comunicativa, inclusive falava, na maioria das vezes, mais que as filhas. Sabia de tudo da vida das garotas, com quem estavam, por onde andavam. Do outro lado, Ernesto, mais calmo e contido, só me respondia o necessário. Algumas vezes, pelo tom dos questionamentos, dava uma risada e respondia. Percebi que durante um bom tempo Anneliese e Érika apostavam em construções e falas

similares, no entanto, com o passar do tempo, foi possível observar algumas diferenças comportamentais entre as duas. Anneliese é mais emotiva, enquanto Érika é mais contida e racional. Ambas são vaidosas, pois pude perceber que sempre estavam preocupadas com a aparência. Segundo Val, “elas gastavam bastante tempo na frente do espelho”. Do contrário, as jovens sempre argumentavam que quando estavam pintando as unhas, alisando o cabelo ou escolhendo uma roupa, a mãe fazia questão de tirá-las da frente do espelho e pedir que auxiliassem em alguma função doméstica.

**Figura 18** - Genograma da Família Nuclear de Anneliese e Érika



Fonte: Romulo Tondo e Família de Anneliese e Érika

Joaquim, o filho mais novo, cursa o ensino fundamental em uma escola da comunidade. Durante minha pesquisa, ele observava de perto toda a movimentação na casa e as respostas dadas pelas meninas. No primeiro momento, eu acreditava que os pais das meninas haviam pedido para que o garoto estivesse ali espreitando as conversas. No entanto, pude perceber que como as conversas eram realizadas na sala, a criança permanecia no local devido ao uso

frequente do computador. O garoto passava horas imóvel jogando no Facebook, o que fazia com que criasse alguns atritos com as irmãs, principalmente por se tratar do único computador da casa, no qual as jovens realizavam pesquisas escolares. Além dos três filhos, o computador era disputado por Ernesto, que também utilizava o aparelho para jogar online. Conforme Ernesto, esse era o segundo computador que ele havia comprado para a família, considerado melhor que o primeiro, pois “veio com WiFi” e permitia que as filhas e ele pudessem conectar à internet pelos telefones celulares.

Da família, o pai certamente é o sujeito que possui maior afinidade com as tecnologias e disposição para investir seu salário em novos eletrônicos. Na maioria das visitas, Ernesto encontrava-se sempre no mesmo local, dividindo a tela do computador com o filho mais novo. Apesar de ter um *smartphone*, um notebook (que estava com a tela danificada) e um *tablet*, recentemente adquirido, era compartilhando a tela do computador e jogando com Joaquim que ele construía uma aproximação com o filho.

Diferentemente de Ernesto, Val confessou, diversas vezes, que não gostava da tecnologia e relutou em dar um telefone celular para as meninas, mas no final, foi ela quem permitiu que o marido comprasse um aparelho para cada uma das filhas.

Não gosto de tecnologia. Tinha um celular que comprei quando estava trabalhando. Mas, como parei de trabalhar por causa da doença da mãe, tirei o chip e utilizo ele para escutar os hinos da igreja. As gurias falam para eu comprar um pra mim, mas se alguém quiser conversar comigo basta vir aqui em casa ou ligar para o telefone aqui de casa. Quem sabe o telefone nosso pode ligar a qualquer hora. [Val, 32 anos, Dona de casa].

Nesse contexto, pude perceber que havia alguns desníveis de apropriação das tecnologias por parte do casal: um sujeito envolvido com a tecnologia e outro que, de certa forma, é familiarizado com a tecnologia, mas que não fazia questão de estar sempre envolvido com ela. Passando pouco tempo com o marido e os filhos, Val chegou a criar um momento da família.

Quando chega um determinado horário, geralmente de noite, quando todos estão em casa, eu peço para eles desligarem tudo e conversarem. Senão cada um fica no seu canto. As gurias ficam mexendo no celular, e o Ernesto e o Joaquim ficam grudados jogando na frente do computador. Somos uma família e devemos ter um momento só nosso. De vez em quando saímos e faço questão que eles não levem o celular ou que no lugar que nós tivermos não tenha internet. Daí nós podemos aproveitar mais. [Val, 32 anos, Dona de Casa]

Pouco adepta às tecnologias, em especial ao computador e aos celulares, Val chegou a contar que isso foi em decorrência de as colegas do antigo trabalho criarem uma página no Facebook para ela.

Chegou um dia que uma colega de serviço disse “Val, tu tem que ter Facebook. Tá todo mundo lá. Menos tu!”. Não disse nada para ela, até porque não gosto dessas coisas, de estar expondo minhas coisas na internet pro outros verem. Daí chego um dia no serviço e ela me disse que havia criado um perfil para mim. Eu fiquei chateada! Imagina, não autorizei a criação do perfil e estava lá no Face, e segundo ela com um monte de solicitação de amizades, inclusive de homens que eu nem conheço. [Val, 32 anos, dona de casa]

Com o medo de exposição da sua vida nas redes sociais, Val possui uma política de uso das redes sociais para as filhas. “Elas não podem ficar publicando tudo na página”. Em decorrência dessa atitude, nos perfis das filhas, Anneliese e Érika, há poucos amigos, os quais, em sua maioria, são jovens integrantes do grupo de jovens da mesma igreja que as meninas frequentam. Para as jovens, isso é reflexo da criação e dos frutos das amizades verdadeiras que elas possuem.

Não adicionamos todo mundo que nos adiciona no Facebook. Tem pessoas que nos adicionam que nós nem conhecemos, que são amigos de nossos amigos. Se não conhecemos não temos nenhuma afinidade. Prezamos nossas relações com as pessoas fora do Facebook e são essas as pessoas que temos contato também no Facebook. [E vocês não adicionam nem as pessoas da comunidade?] Não, nem sempre adicionamos as pessoas aqui da comunidade. Por mais que conhecemos não são pessoas que devam estar na nossa lista de amigos. São apenas conhecidos. [Anneliese, 15 anos, estudante]

Nossa relação com o Facebook e com os nossos amigos é assim. Nem sempre publicamos tudo o que queremos. Até porque existem muitas coisas que são de família. Na maioria das vezes, são as nossas amigas que nos marcam em publicações e aparecem na nossa página. [Érika, 15 anos, estudante].

Um pouco diferente do consumo das irmãs, Joaquim tem acesso pouco moderado ao site de rede social a uma série de jogos. Assim como o pai, o menino gasta boa parte de seu tempo livre em frente ao computador jogando em rede. Apesar de ser o local de ampla sociabilidade virtual e gerar a conexão com outros jogadores, inclusive desconhecidos, o garoto não possui uma relação expansiva com contatos que não compõem seus amigos no site. Segundo Ernesto, o filho só possui alguns contatos que não conhece e que os eles servem para “pedir vidas” para continuar jogando por mais tempo. Como estratégia de aumentar o número de ações e horas de jogo, o próprio pai chegou a criar novos perfis para enviar novas vidas para seu perfil original e para o perfil do filho.



Ele [Joaquim] não tem muitos amigos no Facebook e nem todos jogam os mesmos jogos que ele. Mesmo ele recebendo convites de outras pessoas no jogo, ele não pode aceitar todo mundo. Então jogo os mesmos jogos que ele. Ele me manda vidas e algumas outras coisas que eu preciso no jogo e eu faço o mesmo com ele. Como é limitado o número de coisas que podemos repassar ou número de vidas, cheguei a criar outros perfis no site para mandar mais vida. [Ernesto, 33 anos, Operador de máquina].

A ideia de construção dos perfis falsos surgiu de Joaquim. De acordo com o menino, a maioria dos colegas de sala de aula e dos garotos da comunidade realizavam a mesma estratégia para permanecer jogando por mais tempo no aplicativo virtual e que não havia nenhum mal em estar enviando tais “vidas” de um perfil falso para si. Em conformidade com a situação, o pai sempre estive diante das dificuldades digitais do filho e disposto a auxiliá-lo. Val nem sempre esteve de acordo, reclamava que o filho ficava muito tempo entretido com o aparelho, “que poderia brincar e que poderia fazer outras coisas”, mas salienta que nos dias atuais é complicado deixar que um filho fique na rua.

Ele fica muito tempo na frente do computador, queria que ele ficasse mais um tempo longe. Mas, se ele sair daqui ele vai querer fazer algo na rua, então prefiro que ele fique sentado na frente do computador jogando, aqui em casa, que ali na rua tem muita criança da idade dele perdida. Não quero isso pros meus filhos. Quero algo de melhor. [Val, 32 anos, Dona de Casa].

Já com as meninas, Val não preocupa tanto com a necessidade de estarem “na rua”, um vez que participam de um grupo de jovens da igreja e isso faz com que “tenham noção do que está certo ou errado”. Em contraponto à sociabilidade digital de Joaquim, os pais de Anneliese e Érika, principalmente a mãe, têm receio em permitir que as filhas tenham acesso a outros aplicativos e sites de rede social. Percebo que essa preocupação está relacionada ao domínio técnico, ou neste caso a falta de, já que Val não possui afinidade com as redes sociais digitais, não possui página no Facebook ou qualquer outra ferramenta que lhe inclua nessa esfera de sociabilidade por meio de sites de relacionamentos. O que lhe permite fazer o julgamento dessas ferramentas são as informações consumidas pelos seus círculos de convívio e as notícias de telejornais. Diante das impressões de como se configuram as redes, criam-se mecanismos e propostas para as filhas estarem dentro dos sites. Para as meninas, isso não afeta muito as relações que elas possuem no dia a dia, já que os amigos e conhecidos sabem como Val e Ernesto são com as meninas e suas relações na internet.

Já estamos acostumadas com isso. Temos Facebook e por ele conseguimos falar com nossos amigos e colegas. Não nos atrapalha em nada. Mas poderíamos ter também

acesso a outros programas, não temos whatsapp. No colégio, tem até um grupo da turma e quando não vamos na aula poderíamos pegar a matéria por ali. O horário também, tiram fotos e passam por ali. Eles nos passam. Mas, como não temos acesso ao programa, ficamos sempre perguntando para os nossos colegas que tem Facebook. As vezes não conseguimos tudo, mas está bom. Temos o Facebook e isso já ajuda bastante, principalmente quando não vamos na aula e para contato com nossos colegas [Érika, 15 anos, estudante].

As jovens, Érika e Anneliese, durante muito tempo, não tiveram acesso ao WhatsApp. Tendo em vista tal fato, cheguei a desinstalar o aplicativo do meu *smartphone* na tentativa de compreender como tais lógicas de construção dadas pelas meninas. Na ocasião, não avisei meus contatos da desinstalação do aplicativo, causando uma série de ruídos na comunicação. Após uma semana sem o aplicativo, percebi que para as pessoas que fazem uso do aplicativo a comunicação se dá de uma maneira mais fluida, tendo em vista que as conversas pelo WhatsApp são mais intensas que nos demais aplicativos e/ou sites que permitem o fluxo de mensagens em tempo real. Por mais que exista a possibilidade de comunicação por outras ferramentas digitais, como o e-mail, o Messenger do Facebook e/ou as ligações, a comunicação pelo aplicativo WhatsApp vem ganhando grande proporção na vida das pessoas. Isso é decorrente não somente da interface amigável, mas das dinâmicas criadas a partir da lógica do aplicativo em importar os contatos presentes na agenda telefônica, facilitando a comunicação dos seus usuários. Outro ponto a ser acrescentado é a facilidade com que os usuários produzem e circulam informação dentro do próprio aplicativo, podendo criar relações individuais, duais ou coletivas, em que são criados grupos que permitem a presença de no máximo cem usuários em interação mediada pelo celular.

Diante dos usos destacados, é possível pensar na construção de perfis familiares relacionados às apropriações da tecnologia. Prefiro dizer que esses perfis não são estanques: são elaborações e construções maleáveis, feitas de altos e baixos, mas que permitem traçar algumas singularidades a partir da observação do comportamento dos sujeitos diante utilização prática e cotidiana de usos individuais e coletivos. Ademais, Winocur (2014) apontou que os jovens, de um modo geral, possuem mais familiaridade com as tecnologias que os adultos. No entanto, no contexto estudado, as figuras paternas, Seu Pedro e Ernesto, têm feito mais uso das tecnologias que as figuras maternas. Ambos possuem um estreitamento com a tecnologia, em especial com o computador, para construir momentos cotidianos de entretenimento, buscando novas formas de lazer na internet. O celular é compreendido como um dispositivo de conexão com pessoas mais próximas, cuja necessidade se dá na elaboração e na manutenção de vínculos. Host e Miller (2006) já apontaram que, para os homens jamaicanos, o telefone celular auxilia na manutenção dos vínculos de apoio financeiro. Nessa perspectiva, o celular é visto como

instrumento de comunicação pontual e precisa, em muitos casos para deixar recados, deixando as interações mais propícias para se prolongarem em um contato face a face.

As figuras maternas utilizam-se do rádio e da televisão com maior frequência em seu cotidiano. Nesse cenário, de mães, é possível pensar em fluxos de perfis, em que as necessidades do lar são priorizadas quando comparas com o próprio consumo de tecnologia. As mães pensam primeiramente na família, no bem-estar dos filhos, dos companheiros e dos familiares, para depois pensarem nos momentos de lazer.

A primeira mídia opera em momentos de trabalho e descontração. É com o rádio ligado pela manhã que Dona Terezinha cuida do neto, cozinha e organiza suas atividades do lar. Val, por sua vez, escuta programas noticiosos e cantos de louvor a partir da seleção de músicas feitas pelas filhas contida em um *pendrive* acoplado na mídia. Já a utilização da televisão é compreendida como um momento de lazer coletivo. As mães assistem à televisão juntamente com os demais membros da família, sendo um momento de união e percebido por Val como um dos únicos momentos em que se pode conversar com os filhos sem que seja utilizado um telefone celular.

A utilização das tecnologias pelos jovens da pesquisa é multifacetada, fragmentada e irregular. Se fosse elencar a importância de uma tecnologia por esses jovens, o telefone celular entraria como o principal. No entanto, para esses jovens, o dispositivo só ganha a devida importância quando passa a estar “conectado a Facebook, ao WhatsApp e todos os meus amigos”. Nas necessidades de utilização, aponto a fragmentação de atividades diárias como um importante indício para compreender a lógica de consumo dos telefones celulares por esses jovens. Dessa forma, o *smartphone* de cada sujeito é singular, carrega notas da personalidade e da materialidade cotidiana, visto que a customização dos dispositivos é decorrente das demandas situacionais do cotidiano. Notei que além de aplicativos comuns, como o de acesso ao Facebook e ao comunicador WhatsApp, existiam outros aplicativos que apesar de serem populares entre os jovens da pesquisa, como o Retrica, era utilizado em diferentes momentos e para diferentes fins pelos jovens. Em alguns momentos, o aplicativo era utilizado somente para captar a imagem, mas na maioria das vezes o aplicativo era acionado para saturar imagens, aplicar filtros, para, posteriormente, tais imagens serem compartilhadas nas redes sociais.

Havia aplicativos que eram singulares para cada jovem. Anneliese e Érika possuíam em seus dispositivos um aplicativo que, diariamente, trazia um versículo da bíblia, além de aplicativos que auxiliavam as meninas na escola, como um aplicativo de exercícios e outro de com os horários do ônibus. Já Icaro gostava de escutar música: seu aplicativo de música lhe dava oportunidade de escutar músicas *online* e *off-line*, construir *playlists* e compartilhá-las

com seus amigos. Laura, por sua vez, utilizava-se muito dos sites de rede social e do aplicativo do YouTube para assistir vídeos com o filho, além de baixar, constantemente, novos jogos no celular para passar o tempo ocioso.

Nessa perspectiva, o celular auxilia na reconfiguração das performances juvenis em espaços híbridos, face a face ou virtuais, na manutenção dos laços já existentes, como também na construção de laços afetivos iniciais. Inerente à sociabilidade desses jovens, o celular é responsável pelas amarrações de micromemórias afetivas, construídas pelos usuários a partir do dispositivo e das relações que possuem na necessidade de se relacionar e se comunicar com seus pares e redes de afinidade. Nessas micromemórias afetivas, são inconstantes e suscetíveis as elaborações de cada sujeito, embora tragam em sua essência a necessidade da conexão e do compartilhamento. São essas micromemórias que ganham força na construção subjetiva e na sociabilidade desses jovens, principalmente quando são reconfiguradas a partir da tecnicidade presente no celular.

## 5. “EU SINTO TUDO ISSO”: AFETOS E CONEXÕES MÓVEIS

Laura, Icaro, Anneliese e Érika utilizam-se do telefone celular em diferentes ocasiões do cotidiano, potencializando suas sociabilidades. Laura é mãe e usa o celular em momentos de descontração e entretenimento com o filho Davi. Acessa às redes sociais digitais para conhecer pessoas e conversa com os amigos por meio de um comunicador instantâneo. Icaro, seu melhor amigo, usava o telefone celular para escutar música e conversar com os amigos – até ter seu *smartphone* assaltado no caminho da igreja. Annelise e Érika, irmãs gêmeas, usam o dispositivo para auxiliar na comunicação com os jovens da igreja, os pais e os colegas de aula. Sem a autorização da mãe para utilização do WhatsApp, buscam estratégias para conversar com os amigos utilizando-se do disposto e da internet. A partir da vivência e da observação das relações dos jovens com o telefone celular, é realizada a construção da categoria de analítica a partir da fragmentação (Rocha e Pereira, 2009) e das tecnologias afetivas (Lasen, 2004), o que convencionei a chamar de micromemórias afetivas. Através dessa categoria, foi possível compreender a divisão das experiências juvenis em consonância com o dispositivo como principal mediador das relações construídas por esses jovens. Nessa perspectiva, os afetos apresentados pelos jovens podem ser expressos com os dados capturados e armazenados em seus smartphones.

### 5.1. Conectando pessoas, dados e sentimentos: as micromemórias afetivas

No capítulo anterior, apresentei alguns indícios de que o telefone celular ocupa um lugar de destaque na experiência juvenil e dos demais membros das três famílias observadas no Jardim Aurora. Neste tópico, aprofundarei a ideia de micromemória afetiva como uma fragmentação das experiências de consumo dos afetos por meio dos smartphones pelos jovens da pesquisa na construção e na manutenção de suas sociabilidades.

Como foi percebido por Rocha e Pereira (2009; 2004), a fragmentação é uma das características importantes para compreender a juventude enquanto categoria social da sociedade moderno-contemporânea. Para os autores, a fragmentação pode ser observada a partir de cinco marcas que expressam a construção das experiências juvenis.

Nesta investigação, a ideia de fragmentação está calcada na construção e na manutenção das experiências de consumo a partir do dispositivo móvel e sua sociabilidade em uma ambiência híbrida, possível de se adaptar às necessidades de comunicação do sujeito-usuário. As ideias aqui expressas, a exemplo do termo micromemórias afetivas, dialogam com

conceito de Rocha e Pereira (2009) desde no que tange à ideia de fragmentação decorrente da cultura moderno-contemporânea até situação do sujeito como categoria jovem, capaz de se adaptar e circular entre diferentes tribos e subculturas, não esquecendo da ampliação de suas redes de contato e afinidade. Junto à fragmentação, é importante perceber que o dispositivo permite que esses jovens expressem suas afetações, tornando-se o principal objeto contemporâneo capaz de mediar das relações afetivas (Lasen, 2004) desses sujeitos.

Por esse ângulo, o telefone celular pode ser compreendido como instrumento de emolduração das experiências juvenis. Suas vivências a partir do telefone celular acarretam na construção de conteúdos digitais carregados de expressões técnico-afetivas, sendo essa a possibilidade que o jovem tem de construir dados afetivos, a partir das necessidades e aplicações vivenciadas, dados que manifestem suas elaborações afetivas cotidianas. Nessa perspectiva, as práticas de construção e circulação de conteúdo digital realizadas pelos jovens como dinâmicas afetivas pelo telefone celular, convencionei a chamar de micromemórias afetivas. Não superficial e fixa, essa experiência de consumo está em constante desenvolvimento e transformação por parte dos sujeitos-usuários, no que tange à expressão de suas necessidades para suas redes de afinidade.

O dispositivo é parcialmente responsável por (re)construir as situacionalidades vivenciadas pelo jovem. Dessa forma, o dispositivo opera como mediador das manutenções das relações entre os sujeitos (LASSEN, 2004). A partir dessa ideia, Lasen (2005, p. 139) nos fornece indícios para pensar o telefone celular como um dos principais meios afetivos entre os sujeitos na contemporaneidade. Através do dispositivo, a investigadora acredita que as práticas de compartilhamento e produção de dados vinculados à afetividade humana tornaram-se mais fáceis de compartilhar devido à principal função dos telefones celulares: a comunicação. No entanto, a comunicação mediada pelo celular favorece o compartilhamento de aspectos emocionais inerentes à comunicação humana, criando, dessa forma, uma “sintonia emocional” necessária para a construção e manutenção dessas relações.

Nesta pesquisa, o dispositivo é apropriado pelos jovens como o principal artefato de conexão com seus pares e seus familiares: o telefone celular está no núcleo das experiências juvenis e dá suporte à fragmentação e à construção de estratégias de consumo que fazem do *smartphone* um coordenador das atividades (LING, 2001). O telefone é utilizado em diferentes momentos do dia, sendo capaz de substituir diferentes objetos na vida desses adolescentes, revolucionando a maneira com que esses jovens se relacionam com outros objetos e como consomem essas mídias. Um exemplo dessa situação é a maneira que jovens assistem à televisão e escutam o rádio. Entre os jovens da pesquisa, a televisão tornou-se, em muitas

ocasiões, um objeto a figurar em segundo plano; já o telefone ocupava a centralidade da atividade, conduzindo, muitas vezes, o diálogo entre o sujeito e outros indivíduos. O ato de escutar o rádio, por sua vez, tornou-se prazerosa na medida em que somente um dispositivo supria as carências. Saliento que o consumo de duas ou mais mídias ao mesmo tempo não é algo atual. As pessoas já consumiam duplamente as mídias, como por exemplo: a leitura de um jornal realizada concomitantemente ao ato de escutar uma música no rádio, ou uma partida de futebol pelo rádio; visualizar os dribles pela televisão, jogar *games* na televisão e escutar música em um walkman. O que reflito aqui é que o telefone celular tornou-se um objeto central e capaz de substituir o uso de outros objetos de uso cotidiano, não somente midiáticos, mas também aqueles que carregam em si marcas do que somos.

Miller (2013) argumenta que os objetos que nos cercam trazem indícios do que somos. Sob esse ponto de vista, o telefone celular proporciona ao usuário numerosas ações que podem impulsionar sua sociabilidade, tornando-se algo complexo e múltiplo. Nesta perspectiva analítica, acrescento que as micromemórias afetivas não estão atreladas somente ao consumo fragmentado e às experiências móveis de juvenis. Elas estão também elencadas aos demais consumidores da tecnologia móvel, apesar de serem mais perceptíveis as experiências de consumo oportunizadas pela juventude, diante de um dispositivo híbrido e suas múltiplas conexões.

A construção das micromemórias afetivas estão atreladas ao envolvimento humano-máquina, aos dados presentes na máquina e à capacidade que eles têm ou não afetar os seus consumidores. Ao mesmo tempo em que o sujeito afeta a máquina, a máquina é capaz de afetar o seu usuário, como mencionado anteriormente. Atrelo a esse pensamento o uso e a apropriação do telefone celular na vida dos sujeitos, a presença do objeto e, conseqüentemente, as ações desempenhadas com ele, ou seja: a capacidade de operar a máquina fará com que suas micromemórias sejam ativadas. Quanto maior a destreza e a familiaridade com o dispositivo, maior vai ser a construção das micromemórias: o sujeito estará em constante produção e compartilhamento de dados digitais que fornecem indícios, fragmentos, do cotidiano do sujeito operante. Pessoas com menor destreza e com pouco domínio da tecnologia também terão suas micromemórias depositadas nesta máquina, porém, muitas vezes, esses fragmentos são reproduções e ou colocações de outros sujeitos que as auxiliam na manutenção dessa conexão com o dispositivo.

É possível pensar nas micromemórias afetivas como costuras temporais pessoais e ao mesmo tempo coletivas, tendo em vista que os *smartphones* permitem o compartilhamento de dados e seu armazenamento por parte do seu receptor a partir da internet. Sendo assim, os dados

digitais operam para além dos dados de voz, das imagens, dos vídeos e download de aplicativos, funcionando para qualquer arquivo digital que, de alguma forma, seja possível de afetar o sujeito através do consumo da tecnologia. A experiência fragmentada, em diferentes momentos do dia, a qualquer instante, fornece ao telefone celular um caráter pessoal permeado por construções coletivas. Apesar da utilização compartilhada do dispositivo e do empréstimo para efetuação de uma ligação ou troca de SMS, “o uso de telefones celulares está associado a estilos de vida pessoais” (LASSEN, 2005, p. 115).

Nessas condições, um exemplo evidenciado entre os jovens do Jardim Aurora são que fotos são compartilhadas em grupo pelo comunicador instantâneo WhatsApp, que posteriormente, ganham os sites de rede social. Existem casos em que a imagem não é compartilhada e fica durante algum tempo na memória do dispositivo. Após esse lapso de tempo, são capazes de ganhar espaço nos sites de redes sociais, como *loopens* atemporais, entre passado vivido por esses jovens e o presente compartilhado, como costuras digitais rememoradas através dos fragmentos de um momento composto por afetos.

A partir disso, apresento análises que perpassam a ideia da fragmentação cotidiana e das micromemórias afetivas. Essas percepções compreendem atividades observadas e relatadas pelos jovens a partir do consumo, através dos usos e das apropriações do *smartphone* pelos jovens da pesquisa.

## 5.2. Ligando o coração aos dedos: as relações de amor entre os jovens e suas conexões

### a.mor

sm (*lat amore*) **1** Sentimento que impele as pessoas para o que se lhes afigura belo, digno ou grandioso. **2** Grande afeição de uma a outra pessoa de sexo contrário. **3** Afeição, grande amizade, ligação espiritual. **4** Objeto dessa afeição. **5** Benevolência, carinho, simpatia. **6** Tendência ou instinto que aproxima os animais para a reprodução. **7** Desejo sexual. **8** Ambição, cobiça;

Durante o convívio com os jovens do Jardim Aurora, observei a relação dos participantes e suas redes de afinidade, compostas por pessoas conhecidas e desconhecidas, mas que entre si possuíam características semelhantes a dos jovens. Como exemplo, podemos ver o gosto e a necessidade de estarem sempre em contato uns com os outros para expressarem suas conquistas e demandas construídas a partir da convivência com outros jovens dentro e fora do



seu convívio social. Em boa parte desse percurso, o telefone celular foi utilizado pelos jovens como instrumento de comunicação. O principal recurso utilizado era a conexão à internet.

A necessidade de explorar o amor como categoria analítica pertinente às micromemórias afetivas e à fragmentação surgiu após perceber que muitos jovens utilizavam as redes para expressar o afeto pelos sujeitos mais próximos. Existiam jovens que dizem que “sem a internet, não dá para fazer nada”, inclusive construir novas pontes entre os contatos virtuais, além de manter contato com os colegas e amigos de longa data. Também havia os jovens que conseguiam, de uma forma tímida, expressar suas afetividades a partir de pequenos gestos.

Nesse ambiente, o celular serviu como elemento de aproximação entre os jovens e eu, propiciando que pudessemos estar conectados, independentemente da minha presença na comunidade. Em alguns momentos fui capaz de realizar longas conversas pelo WhatsApp, as quais, certamente, foram responsáveis por fornecer detalhes das experiências de sociabilidade digital de dois dos participantes privilegiados, Laura e Icaro. Com esses dois jovens, tive a oportunidade de conversar pelo comunicador instantâneo e identificar a importância do aplicativo em suas vidas. Entretanto, durante boa parte da atividade de campo, Anneliese e Érika não possuíam acesso ao aplicativo, devido à resistência tecnológica por parte da mãe. Durante alguns dias desinstalei o aplicativo na tentativa de compreender que sentimentos poderiam significar para essas jovens, e procurei entender: Será que a ausência do dispositivo poderia gerar sentimento de exclusão para ambas? Ou essa necessidade era criada a partir de uma rede que estava em expansão? Após desinstalar o Whatsapp, constatei que a necessidade tecnológica é criada quando você possui acesso a qualquer tipo de mecanismo que lhe inclua em rede de circulação de informação e que lhe permita ter acesso mais rápido e dinâmico ao aplicativo empregado. No caso de Anneliese e Érika, a ausência do comunicador em seus celulares não permitia o acesso a uma série de construções e compartilhamentos de informações, gerando uma exclusão de uma parte de suas conexões. As jovens não possuíam o aplicativo no celular, mas o desejavam, criando uma série de expectativas e necessidades a partir das informações de usos feitos por outros jovens. Dessa forma, davam indícios à mãe de que necessitavam fazer o *download* para ter acesso a coisas que perdiam devido a não utilização do aplicativo.

Em minhas conversas sobre os usos de aplicativos por jovens, Anneliese e Érika apresentavam suas visões dos usos do “whats” e como isso poderia melhorar a relação delas e de outras pessoas que conheciam. Diferentemente de Icaro e Laura, ambas só tinham em suas redes sociais pessoas que faziam parte de suas vidas há algum tempo, como amigos da comunidade, colegas e jovens do grupo da igreja.

Quando não vou na aula ficaria mais fácil de ter como conversas com os colegas pelo whatsapp. Eles nos falaria as matérias que foram dadas na aula e nós poderíamos estudar em casa. Como não temos whatsapp não pudemos ficar sabendo o que acontece na aula. Teve uma vez que fui mal em uma prova, pois não fui na aula e a professora marcou prova de um dia para o outro. Cheguei lá e fiz a prova, mas não me saí tão bem quanto eu sairia se tivesse estudado para ela. Nessas coisas o whatsapp facilitaria nossos estudos. (Érika, 15 anos)

Além da escola, o whatsapp ajudaria bastante para conversar com o grupo de jovens da Igreja. Nós temos um grupo no whatsapp, mas como não temos, todos na igreja sabem que não temos whatsapp e não temos acesso das coisas que falam por lá. Algumas coisas, quando são importantes nos ligam ou enviam mensagens. (Anneliese, 15 anos)

A convivência com as jovens e compreensão dos motivos pelos quais a não utilização era imposta pela mãe, devido a alto número de jovens na comunidade que realizavam “sacanagem” pelo aplicativo. Val resolveu resguardar as jovens. Nesse sentido, as jovens compreendiam a atitude da mãe como uma expressão de carinho, zelo e amor.

O afeto demarcado pelo amor, expresso aqui pelos jovens, ganhou suas múltiplas variações: o amor de mãe, o amor de filho, o amor de pai e o amor de amigos. Esses e outros amores eram observados em períodos que oscilavam de acordo com as necessidades de cada um dos jovens. O uso do telefone celular na construção e na manutenção do amor pode ser percebido desde a foto inserida como papel de parede no celular, que mostrava as pessoas mais importante para eles, até o compartilhamento de uma mensagem ou imagem que demonstrasse esse sentimento nos sites que participavam.

Essa forma de expressar suas emoções ganhou visibilidade na pesquisa quando identifiquei que os jovens tinham um cuidado especial com suas mães. A figura materna nas três famílias é de extrema importância. Essas mulheres ocupam uma posição fundamental na formação de seus filhos. São elas, Dona Terezinha, Dona Iolanda e Val, que coordenam as atividades no ambiente doméstico, administram as compras e cobram dos filhos mais empenho nos estudos. Em alguns momentos, pude perceber que o carinho não se limitava às ações do cotidiano, como auxiliar na limpeza da casa, cuidar do irmão e os avós: o amor não expresso em palavras, também ganhou espaços aos quais as mães não tinham acesso, mas de certa forma eram contempladas pelo amor dos filhos. Em alguns momentos, o telefone celular servia como artefato capaz de capturar toda a magnitude desses momentos envoltos de amor e carinho. Para tanto, o celular não operava somente no momento da captura da fotografia, mas também na construção e na visão para compartilhar aquele instante. Com os aplicativos eram inseridos

filtros que, segundo os jovens, eram capaz de “melhorar” o registro para que depois fosse salvo no aplicativo e/ou compartilhado entre suas redes.

Um desses momentos foi possível observar na convivência com a família de Laura: Dona Terezinha, além de fazer os serviços domésticos, cuidava do neto Davi. Essa dinâmica foi adotada para que Laura pudesse trabalhar. Durante os primeiros meses de pesquisa, Laura estava desempregada e buscava uma profissão. Os cuidados do filho eram compartilhados com mãe. Apesar da pouca experiência no mercado de trabalho, a jovem resolveu, em uma tarde, fazer o seu currículo pelo telefone celular para que encaminhar às agências de trabalho da cidade. A jovem havia contado que por algum tempo havia sido modelo de corte e pintura em uma empresa de treinamento de novos cabeleireiros, algo que, segundo ela, havia lhe dado a oportunidade de conviver com muitas pessoas.

Durante um tempo trabalhei em salão que ensinavam as pessoas a cortar cabelo, fazer penteados e pintar. Sempre estava com um visual diferente. Já tive cabelo de tudo quanto é cor: rosa, vermelho. Mas o mais legal de tudo é que tu conhecia bastante gente. A loja é bem conhecida e tudo mais. No final das atividades a gente chegava a desfilas, bem legal. Agora estou buscando um trabalho bom, que me dê dinheiro e que eu possa comprar coisas para o Davi e para mim. (...) Cheguei a fazer meu currículo para enviar para as empresas pelo celular. [E como tu fizeste isso?] Peguei aquele “word” do celular e comecei a colocar meus dados. Não ficou muito grande porque não tenho muita experiência, né. E depois enviei por email para as empresas de seleção. [Deve ser cansativo digitar texto muito longo no celular] Não! (risos) vivo no meu celular, mando bastante mensagem e ele sempre está perto de mim. Então fica prático fazer no celular. (Laura, 21 anos).

Com a crise, após alguns meses na tentativa de encontrar um emprego, a jovem conseguiu a vaga como secretária no centro da cidade. Durante o trajeto de sua casa e o trabalho, Laura utiliza o telefone celular como forma de entretenimento, de ocupar seu tempo ocioso, os microtédios, até a sua chegada no local de trabalho. Como sua jornada de trabalho envolve dois turnos, a jovem não volta para a comunidade para realizar as refeições. É nesse meio tempo, do intervalo do almoço, que a jovem busca entrar em contato com a mãe pelo telefone para saber como estão as coisas sua casa, além de ficar informada sobre a situação do filho Davi.

Da mesma forma, o contato que é feito por Dona Terezinha com seus filhos, nos diferentes momentos do seu dia a dia. Castells et al (2007) e Winocur (2009) apontam que o telefone celular vem cooperar com as relações familiares, principalmente em momentos que eles estão distantes do ambiente familiar. Outro ponto ainda é observado por Ling (2004) e Nicolaci-da-costa (2007) sobre o uso dos telefones celulares como aspecto de segurança. Em uma de suas pesquisas, Nicolaci-da-costa (2007) aponta que os telefones celulares são tidos como objetos importantes nas dinâmicas familiares, sobretudo para as mães, que tinham no

dispositivo uma forma de controlar “24 horas por dia através dos celulares” (NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p 109). A pesquisa explica que a necessidade empregada pela mãe não tinha como objetivo constranger ou proibir os filhos da realização de alguma tarefa, mas saber sobre sua localidade e sua segurança. Nessa perspectiva, também é possível pensar a realidade vivenciada pelas gêmeas Anneliese e Érika, que possuem o telefone celular como meio de comunicação com os pais. Diferentemente de Laura e Icaro, as irmãs gêmeas ganharam o celular da mãe após ingressarem no colégio de ensino médio. O dispositivo foi um presente de aniversário de quinze anos. Val, diferente de muitas mães, não liga constantemente para as filhas, explicando que confia na educação dada às filhas.

Damos os celulares para elas terem como entrar em contato conosco caso algo aconteça. Vai que algo de ruim aconteça com elas e elas estão longe de casa. Esses dias mesmo elas não avisaram que não tinham mais passagem para voltar para casa e ligaram do telefone deles para o pai delas pegar elas no colégio. Se elas não tivessem o celular, elas não teriam como entrar em contato com a gente. Daí, para algumas coisas o telefone é importante. Como nesse caso. Qualquer coisa se elas demoram eu ligo. Para não ficar pensando coisa ruim também. (Val, 32 anos, Dona de casa)

Com isso, o telefone celular entra em jogo para qualquer eventual necessidade que as jovens precisem de auxílio dos pais. Diante da preocupação de Val, as filhas adotaram a postura de comunicar sobre qualquer imprevisto, seja a saída mais cedo do colégio, seja a necessidade de buscá-las em algum lugar na cidade. Anneliese explica que sempre existe um “jeitinho” para se comunicar com os pais, já que nem sempre possuem saldo disponível para efetuar a ligação.

Mesmo sem saldo no celular sempre damos um jeitinho de falar quando é algo importante. Se precisamos falar na mesma hora, ligamos para o telefone do pai, daí ele nos retorna ou ligamos para o telefone aqui de casa. Nem sempre temos saldo no celular. Fica mais fácil sempre o pai nos ligar porque ele tem bônus para o nosso celular, então ele sempre pode ligar para nós. Quando é preciso falar com a mãe, ligamos aqui para casa. É mais barato pois é a mesma operadora do celular e do telefone. (Anneliese, 15 anos).

No outro lado, está Icaro, segundo o qual, a utilização do celular por parte de sua mãe é mais liberal. Dona Iolanda raramente liga para o filho. Acredita que o filho não precisa ser monitorado, já que ele sabe dos “limites” criados pelas circunstâncias atuais da família. Nessas condições, Icaro aproveita e não utiliza o celular para “dar satisfação” de onde ele está. O jovem argumenta que sempre está com outros amigos e que a mãe não precisa se preocupar com a situação dele.

Quando saio de casa eu já digo pra ela não me ligar. Não é necessário me ligar, ela sabe onde eu vo tá, então não precisa me ligar. Daí eu explico que nem sempre estou com o celular na mão pra ouvir ele tocar. Guardo no bolso, daí não vejo e não atendo. Pra evitar que ela fique nervosa, eu já digo – nem me liga. Se algo acontecer sempre tem alguém pra me ajudar. Mas, na maioria das vezes estou com meus amigos. Inclusive na noite quando saio, saio com meus amigos e fica tudo tranquilo. Nem precisa me ligar. (Icaro, 17 anos).

Na observação, também pude constatar que a grande maioria dos jovens utiliza o telefone celular para captação fotográfica, principalmente de si e de seus amigos. Raros foram os momentos em que os jovens compartilhavam alguma imagem da comunidade. Geralmente, os casos que apresentavam imagens do Jardim Aurora, compartilhadas em redes sociais, possuíam um tom de denúncia: as fotografias apresentam o contexto atual da comunidade, demonstrando a situação das ruas, a falta de iluminação pública ao anoitecer e a pouca segurança, queixas constantes dos moradores da comunidade. Mas, a maioria das fotos dos participantes a que tive acesso eram reflexo de momentos que os jovens estavam compartilhando momentos alegres, por meio das quais buscavam expressar algum tipo de contentamento.

Os jovens apresentavam suas relações com as redes de afinidade através de fotografias compartilhadas. Dessa forma, as imagens oportunizam os jovens a apresentarem os “momentos de busca de afetos, positivos ou negativos, que recomenda para situações felizes ou não tanto, mas, próximas da felicidade na distância que as fotos aproximam sem, contudo, trazê-las de volta” (KOURY, 2008, p.164). Nessa perspectiva, compreendo a importância da imagem na sociabilidade desses jovens e na construção e manutenção de suas redes de afinidade.

A sociabilização através das imagens (não somente fotografias) é uma estratégia criada pelos jovens como forma de apresentar suas construções afetivas, seu estado de espírito. Foi o que fez Laura quando utilizou a câmera fotográfica do seu telefone celular, modelo *Samsung Duos*, para capturar imagens do seu filho desde os primeiros dias de vida. Com o passar dos meses e com a proximidade do primeiro ano de vida da criança, pensou em reunir as fotografias para construir um vídeo que contemplasse os principais momentos da vida de seu filho. Para a jovem, fazer o vídeo é uma forma de agradecimento pelas alegrias compartilhadas com o filho. Dessa forma, a significação da produção do vídeo faz “[...] refletir sobre um passado que se foi e que permanece na intemporalidade fria da foto, referência à própria fotografia como ilusão da manutenção dos momentos queridos eternamente presentes” (KOURY, 2008, p.163).

O Davi vai completar um ano. Fiz um vídeo com as fotos que tirei dele durante este ano e montei o vídeo em um aplicativo que baixei. Ele é super fácil de fazer, fui colocando as fotos e depois coloquei uns efeitos. Acho que é uma forma de mostrar o

quanto eu o amo. Ele é coisa que mais amo na vida, tenho bastante paciência com ele, mas só com ele. Com outras crianças, eu não tenho paciência. No dia do aniversário dele eu posto no Facebook e todos meus amigos vão curtir. Ele é muito especial para mim (Laura, 21 anos).

Ao mesmo tempo que Laura constrói uma narrativa sobre os principais momentos de Davi, através de uma montagem do vídeo compartilhado no site de rede social Facebook, ela é capaz de elaborar estratégias de como pode conseguir um maior número de visualizações e “curtidas”. Laura aponta que o vídeo em homenagem ao filho é uma forma de as pessoas ficarem sabendo o que está passando em sua vida, suas conquistas e também seu amor pelo filho.

**Figura 19** – Vídeo publicado por Laura para homenagear o filho em site rede social



**Fonte:** Reprodução Facebook

A publicação de imagens com conteúdo familiar faz com que as publicações em sua página no Facebook ganhe “um maior número de curtidores”. A prática de publicar imagens pela jovem fez com que ela pensasse e criasse estratégias de como melhorar o número de curtidas. Para a jovem, o número de pessoas que curtiam sua imagem no site revelava uma aceitação enquanto personagem presente em uma rede social, não somente digital, mas capaz de refletir em seus sentimentos e aceitação de si mesma.

Postei uma foto com a minha mãe como demonstração do carinho que tenho por ela. Minha mãe é especial, amo ela. Quando publicamos uma foto no Facebook, tem um monte de pessoas que comenta que a gente é gata e curtem a publicação. Isso é bom, aumenta minha autoestima. Gosto de compartilhar o que sinto. Outro dia cheguei até compartilhar uma foto que o Davi tirou com a mãe, isso mesmo ele mesmo (risos) tão pequeno e já sabe tirar foto. São coisas boas, me sinto bem em compartilhar com os outros. Fico chateada com algumas pessoas. Não sei se tu sabe, mas pessoas, hoje em dia, só olham para um rostinho bonito e não se importam com a beleza interior, isso é muito comum. Quando posto uma imagem geralmente é para trocar a imagem do perfil, não fico muito tempo com a imagem do perfil igual, não consigo (Laura, 21 anos).

A construção da sociabilidade através do compartilhamento de fotos em site de rede social e a oscilação na “autoestima” e na forma de “estar chateada”, vivenciadas por Laura, vão ao encontro das “gramáticas” da solidão descritas por Rezende e Coelho (2010). Nessas gramáticas existe uma temporalidade marcada por oposições, que são recorrentes na fragmentação propiciada pelo tempo demarcado como a noite e o dia e os tempos ociosos e produtivos, como o espaço entre o trabalho e o lazer.

Nessa lógica, as autoras apontam que “há assim muitas formas de sentir-se só” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 64). Podemos explorar a questão da relação conexão e celular e aprofundar a ideia da solidão descrita como algo presente na vida de alguns jovens na sociedade moderno-contemporânea, fruto de uma aceleração dos vínculos impulsionados pelo consumo da tecnologia. Diferente de alguns pesquisadores pós-modernos, que versam que a modernidade e a tecnologia são responsáveis por enfraquecerem os laços sociais, acredito que a tecnologia serve de elemento essencial para a sociabilidade dos jovens na sociedade atual. A solidão não é fruto inerente da sociedade contemporânea, mas sim um elemento explorado e percebido com maior facilidade devido à circulação da informação e à construção e percepção científica a partir desse conhecimento. Nessa construção, Rezende e Coelho (2010) demonstram que existe diferenças importantes para pensar as “gramáticas da solidão”, fornecendo indícios de que existe uma diferença entre o que é sentir-se só para um jovem e para um idoso: enquanto para o jovem ficar em casa em um sábado à noite traz o sentimento de solidão, para um idoso os dias de semana podem ser tomados como rotinas mais solitárias (REZENDE, COELHO, 2010, p. 64). Por esse ângulo, a rede social serve para Laura como uma forma de fugir da solidão, buscar novas formas de encontrar algo que lhe permita não se sentir só, exprimindo a construção de ambivalência apontada por Rocha e Pereira (2009), como uma das formas de construção da demarcação da juventude enquanto componente constitutivo de múltiplas experiências, muitas vezes, contraditórias.

**Figura 20** – Foto tirada por Davi possui construção de status afetivo por Laura



**Fonte:** Reprodução do perfil de Laura no Facebook

Nessa perspectiva, também é possível pensar na construção das narrativas de si no site de rede social. As diferentes estratégias de como e o que compartilhar fazem com que os jovens tenham diferentes formas de se apresentar nas redes. Icaro, não publicava muitas imagens de si, mas tinha prazer em publicar fotos em que estava fazendo alguma atividade ou quando estava na companhia dos amigos e colegas. No entanto, acreditava que o número de pessoas que curtiam as suas imagens na rede social era inferior daquelas que curtiam as imagens quando estava com outras pessoas. Nessa construção, a maioria das imagens que o jovem compartilhava para construir sua apresentação no site era em conjunto de outros jovens, demonstrando que seria enturmado. Além, das imagens o jovem costumava publicar no site fotografias de cantores e atores, memes e imagens contendo letras de música com a intenção apresentar-se enquanto um jovem descolado. Dessa forma, o jovem acredita que está transmitindo aos amigos virtuais um pouco sobre como ele é no dia a dia.

Compartilho com meus amigos do Facebook muitas imagens. Não gosto de tirar foto! [E quando você tira fotos de si] Quando estou bem da vida, daí gosto de tirar fotos e compartilho das minhas como também quando estou com pessoas que gosto. Pego e compartilho. Para as pessoas verem a boniteza [risos]. Também compartilho bastante da Lady Gaga, então se tiver alguma coisa dela e se gosto também coloco no Face.



Também compartilho imagens que têm escrito a letra de música, gosto e cantar, canto na igreja, por isso sempre é bom enviar mensagens boas para as pessoas. Isso faz com que coisas boas acontecem com a gente. [E por que você compartilha tantas coisas?] No fundo você sabe, né. Sempre é bom ser aceito. Ser descolado, me sinto descolado quando as pessoas vão lá e curtem o que estou postando no Facebook (Icaro, 17 anos).

**Figura 21** - Reprodução de imagens compartilhadas pelo Icaro no Facebook



**Fonte:** Reprodução Facebook

A experiência de “ser descolado” para Icaro é fruto da aceitação das suas escolhas e a formação de seu caráter enquanto sujeito. Ele gosta de se apresentar bem e usar o telefone celular como recurso para estar “por dentro do que rola” com seus amigos. Nessa perspectiva, de posse de determinado objeto, Barros e Rocha (2014) evidenciam que o consumo de bens tecnológicos executam um papel importante “na construção de uma identidade positiva frente aos pares e aos mais favorecidos economicamente” (BARROS, ROCHA, 2014, p. 47).

Essas mediações propiciadas pelo acesso às tecnologias, em especial ao uso e à apropriação do telefone celular, se tornam presentes principalmente na construção do seu “eu” desses jovens na prática de suas coletividades e na sua aceitação de grupo, fruto daquilo que ele consome.

As fotografias que eu posto, sabe as *selfie*, pode ser só eu, mas também posto com meus amigos. Elas são bem mais curtidas que as imagens que eu compartilho de outras páginas. Gosto de publicar fotos, me sinto bem publicando elas. Agora não estou usando o Facebook para compartilhar as fotos com meus amigos, tenho usado bem mais o whatsapp, pois por lá a gente consegue conversar, mandar fotos, mandar áudio, enviar vídeo essas coisas todas. Tá certo que não tem muita gente e não tem como curtir, mas eu tô usando bem mais whatsapp meus contatos próximos tem o número e conversamos por lá. Ainda tenho [Facebook] mas tou usando pouco agora. (Icaro, 17 anos).

Diferente dos costumes de Icaro, em compartilhar fotos em redes sociais “quando se sente bem da vida”, Anneliese e Érika possuem dinâmicas diferentes de compartilhamento de

imagens da rede social. Em suas redes, grande parte das imagens publicadas pelos jovens que fazem parte da igreja. Na maioria das vezes, são fotos na qual as irmãs aparecem e são “marcadas”, o que faz com que as imagens também aparecem em suas páginas. Anneliese e Érika utilizavam o celular para acessar o Facebook, mas principalmente para ter acesso ao Facebook Messenger, comunicador presente no site de rede social, já que era através do site que as jovens tinham acesso aos amigos. As dinâmicas afetivas apresentadas através das imagens publicadas com as jovens geralmente retratavam momentos felizes com membros da família e amigos da igreja.

**Figura 22-** Demonstração de afeto entre amigas, imagem compartilhada a partir do celular com uso do app retrica



**Fonte:** Reprodução Facebook

Nessa e em outras perspectivas, assim como aponta Barros (2009, p. 111), a sociabilidade em sites de redes sociais e a publicação de imagens e demais artigos digitais servem como um “reforço dos laços com os pares”. No mesmo olhar apresentado por Barros (2009), aponto que a sociabilidade digital em sites de rede social para Anneliese e Érika serve como um espaço para reforçar os laços sociais já mantidos em outros espaços de convivência. Nesse sentido, a internet e os espaços dos sites de redes sociais servem para as jovens como um “espaço ambíguo, potencialmente enganoso, em que o estabelecimento de relações ‘verdadeiras’ seria pouco provável” (BARROS, 2009, p. 112). Tendo em vista esse aspecto, as relações sociais tidas pelas jovens nesses ambientes digitais são uma extensão das relações já firmadas no cotidiano. Suas construções com o celular também são fragmentadas e só compartilhadas com esses indivíduos que conhecem a troca das vivências cotidianas.

Nessa lógica, o telefone celular assume características de um dispositivo capaz de construir e armazenar fragmentos de memórias cotidianas que, por ventura, podem ser compartilhadas, não somente através das redes sociais digitais, mas também através das redes. No caso do compartilhamento com as redes sociais digitais, como o Facebook, as publicações ganham novas dinâmicas e são impulsionadas por interações com os membros que compõem a rede social de cada sujeito presente no site. Sendo assim, os celulares podem ser considerados um dispositivo sociocultural tecnoafetivo que remonta fragmentos vivenciados e compartilha experiências em constante transformação diante da dinâmica empregada em cada site de rede social.

### **5.3. “Nem sempre foi assim na rua”: sobre violência e outros afetos em *smartphones***

Quase que diariamente ouvimos em nossos círculos de amizade que alguém teve seu celular roubado. A mídia colabora com a circulação desse tipo de informação e recentemente tem explorado a violência e o roubo de telefones celulares em grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, como um dos principais elementos para apresentar fatos relacionados à falta de segurança pública. No entanto, o roubo de aparelhos celulares também se tornou recorrente em cidades de pequeno e médio porte no país<sup>42</sup>. Outra informação difundida pela mídia está relacionada ao consumo excessivo do telefone celular pelo jovem, transformando a utilização do dispositivo em “uma nova doença” que leva o consumo excessivo da tecnologia pelos jovens.

Diante do consumo da mídia televisiva pelos pais, notei que existia uma preocupação da parte deles em relação à utilização do telefone celular pelos jovens. Meu respaldo com essa construção tinha sempre a intenção de desconstruir a informação e mencionar os pontos positivos e negativos da utilização do telefone pelos jovens, bem como mencionar outras tecnologias que também foram tidas como preocupantes diante do seu tempo. Os pontos positivos estavam relacionados à educação, ao contato imediato com o jovem e à sociabilidade com outros jovens. Já o ponto negativo estava do isolamento do convívio social. Eu mencionava que o jovem necessitava fazer outras atividades, para além do uso do smartphone no cotidiano.

---

<sup>42</sup> “O crime da moda: roubo de celulares aumenta 128% em cinco anos”, reportagem do Jornal Zero Hora evidencia o aumento do roubo por se tratar de um bem de consumo de fácil troca e receptividade entre os consumidores. < <http://goo.gl/VtuwH4> > Acesso em: 15.01.2016

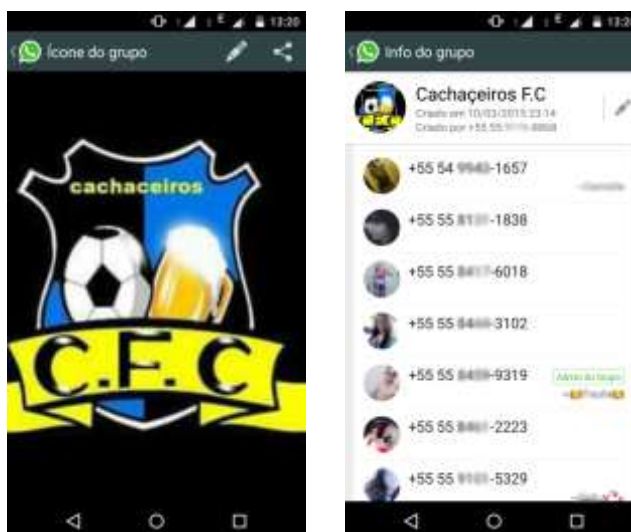
Se ele soubesse realizar diferentes tarefas, o telefone celular poderia ser incorporado a momentos de lazer.

Já a relação com a violência e a construção do campo imergiu da preocupação dos amigos e dos familiares. Assim como Silva (2014), tive que lidar com a insegurança dos familiares diante da pesquisa de campo em um dos bairros considerados um dos mais violentos da cidade de Santa Maria. Boa parte dessa crença é devido à criação histórica feita pela mídia, a qual foi desconstruída ao longo do primeiro momento do estudo. Não diferente, em alguns momentos tive medo de andar sozinho pela comunidade. Com o tempo, o medo deu lugar à experiência etnográfica, conhecendo o território da minha pesquisa e, o mais importante, aprendendo a me relacionar com os jovens participantes. O olhar do estrangeiro passou a tornar-se familiarizado com algumas circunstâncias da comunidade. Observar o medo como fruto de uma construção norteadas propriamente pelas experiências de consumo midiático sobre o local foi desconstruída no convívio com os jovens, e essa desconstrução afeto fez com que minha percepção mudasse com o passar dos meses. Na perspectiva de Rezende e Coelho (2010, p. 34) o medo está entre os principais sentimentos decorrentes do seres humanos e é através dele que “o indivíduo exerce o autocontrole”, tornando-se capaz de mediar as experiências a partir de um “processo civilizador”. Com a experiência em curso, o medo deu lugar à inquietação. Nos primeiros meses da segunda parte da pesquisa, a aproximação aos quatro participantes, pedi para que os jovens indicassem amigos ou conhecidos da comunidade que pudessem colaborar com a pesquisa. Os jovens indicaram seus amigos, cada qual com diferentes usos e apropriações do dispositivo.

Laura havia mencionado que conhecia um jovem que tinha vários contatos de jovens da comunidade por ser moderador de um grupo de Whatsapp. No mesmo dia em que comentou sobre este jovem, ela entrou em contato perguntando ao jovem se poderia repassar o contato dela para que eu pudesse explicar a minha pesquisa para ele. Foi então que conheci Jr, o administrador do grupo, pelas trocas de mensagem pelo Whatsapp apresentei a ideia de participar do grupo para conhecer mais jovens da comunidade e posteriormente, se possível, fazer o convite para participarem da minha pesquisa. No mesmo dia, Jr me adicionou no grupo, assim como eu havia pensado que aconteceria, existia algo que ainda não havia encontrado na convivência com os jovens da comunidade: a reprodução da violência. Os afetos, em uma perspectiva positiva – alegria, amor, bondade, companheirismo, felicidade –, já tinham aparecido em conversas informais e em publicações feitas por esses jovens em suas redes sociais. De certa forma, as comunicações e as performances afetivas negativas fizeram com que eu começasse a perceber lacunas deixadas na construção do campo, de uma forma não tão

harmônica quanto imaginava e com novas perspectivas de compor um cenário de sociabilidade por meio do celular por estes jovens.

**Figura 23:** Screenshot do grupo de Whatsapp “Cachaceiros F.C”.



**Fonte:** Arquivo pessoal do autor/ reprodução do grupo do Whatsapp

Durante aproximadamente um mês, acompanhei as notificações de um grupo do Whastapp denominado “Cachaceiros F.C”. Observei, com o passar dos dias, que com a introdução de novos jovens o grupo deixou de ser somente de jovens do Jardim Aurora e começou a congregar jovens de outros bairros e comunidades da cidade de Santa Maria. Entre um diálogo e outro, havia conversas sobre relacionamento afetivo, os rapazes flertando as meninas e o envio de imagens provocantes para todo o grupo. Uma das mensagens que me chamou a atenção foi a circulação da imagem da menina que havia sido decapitada no início de março pelo marido em Pernambuco<sup>43</sup>.

A reação dos rapazes ao compartilharem a imagem foi tomar a situação como algo natural, presente no cotidiano. Alguns rapazes apoiavam a atitude do agressor e confessaram que fariam o mesmo com a “namorada traidora”. As jovens e outros rapazes ficavam quietos e tentavam trocar de assunto. O “clima ficou pesado”, até o administrador do grupo pedir para que não fosse mais encaminhadas imagens violentas para o grupo. No entanto, a violência contra as jovens ocorria de forma quase diária, dando-se por piadas machistas e compartilhamento de imagens de sites eróticos. Muitos dos jovens do sexo masculino

<sup>43</sup> Mulher é decapitada pelo namorado por causa de troca de mensagens no celular. Matéria pode ser acessada na íntegra aqui: <<http://goo.gl/eL6xIK>>

aproveitavam a situação para mostrar suas visões de mundo construídas a partir de uma violência de gênero, muitas vezes, naturalizadas no cotidiano dos jovens de bairro populares.

Outra performance comum entre os jovens de sexo masculino era a circulação de imagens de si mesmos enrolados em toalhas de banho, convidando as meninas do grupo para tomar banho com eles. As meninas, por sua vez, enviavam fotos de si, das quais, muitas eram no espelho, insinuando-se aos meninos. Quando o “flerte” entre os meninos e meninas ficava em um tom mais íntimo, era comum haver convites para um possível encontro. Observei a presença de namorados e namoradas dentro do grupo que constantemente brigavam diante comentários e conversas com outros membros do grupo. Uma jovem do grupo chegou a conversar em PVT<sup>44</sup> dizendo que a sua participação no grupo se devia somente à desconfiança que tinha em relação ao namorado. Estava ali como forma de vigiar os passos do garoto.

Após um tempo sem interação com os jovens, somente observando, o moderador retirou-me do grupo para acrescentar outros jovens do Jardim Aurora e de demais comunidades da cidade. A partir da experiência com o grupo de WhatsApp, pensei em algumas relações afetivas mediadas pelo telefone celular e causadas pela experiência de compartilhamento de dados e visualização de mensagens nos aparelhos de namorados, bem como o roubo de telefones celulares e a ausência do objeto era capaz de afetar os jovens da pesquisa.

Com as experiências afetivas mediadas pelo telefone celular favorecendo a sociabilidade digital desses jovens, foi possível observar que existem nuances nas construções dos jovens da pesquisa. Um dos relatos etnográficos capaz de montar uma construção em diferentes níveis afetivos mediados pelo celular é o relacionamento amoroso. Silva (2012) observou, com o decorrer da pesquisa, que o telefone celular nem sempre condizia a sentimentos harmoniosos, levando a considerar que o dispositivo também foi responsável por mediar sentimentos destrutivos entre relacionamentos afetivos, como o ciúmes e a raiva. Em um de seus relatos etnográficos, Silva (2012, p.247-248) descreve o ciúmes decorrente dos relacionamentos a partir de ligações e conteúdos que chegam no telefone de uma de suas interlocutoras. Com a desconfiança do marido, a interlocutora foi capaz de arremessar o dispositivo contra a parede, o que é descrito como um sentimento de raiva. Sendo assim, a violência que poderia ser descontada no outro sujeito, no companheiro, é projetada no aparelho, causando uma perda material para a interlocutora.

---

<sup>44</sup> Sigla que os jovens designavam as conversas privadas com outra pessoa. Geralmente, o PVT era uma imposição feita pelo administrador quando o diálogo ficasse paralelo ao assunto tratado no grupo como forma de organizar o fluxo de mensagens.

É importante salientar que a mediação dos usos dos telefones celulares no relacionamento afetivo de alguns jovens sofre a intervenção de outro sentimento, o ciúmes. Rezende e Coelho (2010) apontam que os “sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem”. Nesse sentido, as autoras (2010) explicam que a construção dos sentimentos não são universais – o ciúmes, por exemplo, não é fruto exclusivo daqueles que possuem um relacionamento amoroso. Entretanto, é uma construção pautada pelas “regras de relacionamento” que regem as formas de estar com alguém ou, como as autoras dizem, “prescritas de reciprocidade e exclusividade, mas que o condenam em outros modelos de relacionamento nos quais as ‘regras’ é compartilhar do outro, a exemplo dos modelos poligâmicos” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 12).

Nesse contexto, o telefone celular opera como um objeto responsável por mediar construções sobre os relacionamentos que circulam entre as juras de amor e ciúmes, as brigas e até mesmo o rompimento dos laços afetivos. Na comunidade, boa parte dessas construções afetivas são dadas a partir da construção da sociabilidade digital avançada dos participantes, principalmente da utilização das imagens, sendo elas, muitas vezes, responsáveis pelas brigas dentro dos relacionamentos.

Lasen (2015) aponta que a crescente produção de imagens de si e sua circulação em páginas de internet resultam na exposição das pessoas e são capazes de reconstruir categorias, como o público e o privado, bem como construção e a manutenção da percepção de si. Para a autora, essas *autofotos*<sup>45</sup> são recorrentes devido ao acesso à tecnologia digital, em especial à popularização dos telefones celulares com câmeras, que facilitam a circulação e a produção dessas imagens. Lasen (2015) explica que apesar de comumente ser usada a categoria *selfie* para lucidar a construção de imagens digitais, é necessário cuidar e pensar amplamente sobre os usos das categorias que envolvem a construção do olhar por intermédio das imagens digitais. Na perspectiva dessa autora (2015, p. 63), “os usos de *selfies* são múltiplos, bem como, o que implica diferentes interações e articulações com a divisão público / privado”. Já as *autofotos* compreendem três aspectos distintos e inter-relacionados: apresentação, representação e forma de realização. Nesse sentido, as *autofotos* são “representações pessoais e públicas de gênero e desempenhos do auto para si e para os outros, com diferentes graus de autenticidade e encenação lúdica. Eles também contribuem para uma dupla inscrição de corpos, online e off-line” (LASSEN, 2015, p. 64).

---

<sup>45</sup> Lasen (2015) aponta que as práticas de *autofotos* são mais recorrentes desde o início da circulação de imagens via telefones celulares e que a recente aparição da terminologia “*selfie*” não supre todas as demandas da construção de imagens digitais.

Laura, a jovem que conheceu seu primeiro namorado pela internet, o pai do seu primeiro filho, pelo site de relacionamento Orkut, não deixou de usar as ferramentas digitais para conhecer novos pretendentes. Em fevereiro de 2015 teve a oportunidade de conhecer a nova “paquera” de Laura. A jovem havia mencionado que estava participando de um grupo do Facebook chamado “WhatsApp Santa Maria”, no qual as usuários se apropriavam do site de rede social para obter novos contatos para o comunicador instantâneo.

As estratégias utilizadas pelos usuários para a obtenção de novos contatos para o WhatsApp estava relacionada a uma performance de interação, entre eles o “jogo do add”, dinâmicas de afinidade de conteúdo ou unicamente a publicação do seu número na comunidade. No “jogo do add”, os jovens deixam seus números de telefone celular em um comentário da publicação e são adicionados por diferentes pessoas que tenham interesse em conversar. A única “regra” era informar ao novo contato que havia conseguido o seu número na comunidade do Facebook. Existiam administradores de grupo que criavam estratégias relacionadas ao número de participantes do grupo. Como é possível observar na imagem a seguir, o número de mulheres do grupo era de 35 e de homens 15. Os homens que gostariam de participar do grupo deveriam indicar o contato de duas mulheres para fazer parte desse grupo.

**Figura 24** – Screenshot de uma publicação do grupo Whatsapp Santa Maria



**Fonte:** reprodução do grupo Whastapp Santa Maria / Facebook

Lasen (2015) atribui a popularização das tecnologias à câmera fotográfica presente nos dispositivos móveis, o que possibilita as práticas de envio de *autofotos* para a construção de uma sociabilidade virtual. Em outra pesquisa, a investigadora (2012, p. 254) evidencia que as



imagens pessoais tornaram-se cruciais para a prática comunicativa e sociabilidade em rede, favorecendo não somente a atualização de perfis nas redes sociais, mas também estratégias contemporâneas para um “flerte e jogo de sedução” a partir de vídeos e imagens erotizadas.

Tais imagens foram recorrentes no grupo de Whatsapp Santa Maria no Facebook, principalmente quando relacionadas aos grupos que tinham como foco principal práticas sexuais e/ou envio de imagens e vídeos. Já no grupo de Whatsapp com jovens da comunidade, as imagens de sedução eram percebidas pelo compartilhamento de imagens por jovens de ambos os sexos, como forma de provocação e incitação ao prazer. As jovens mais cautelosas em suas abordagens tinham suas imagens com *shorts jeans* e camisetas justas ao corpo em frente aos espelhos. Já os jovens tinham, na maioria das vezes, mostravam o corpo tirando fotos sem camiseta ou somente de toalha. Tais envios de imagens eram recorrentes e algumas tinham indícios de circular em outros aplicativos sociais, como o Snapchat.

No que diz respeito às dinâmicas relacionadas ao conteúdo, era publicada uma imagem de um grupo do Whatsapp e as jovens que tinham interesse na temática eram adicionadas ao grupo pelo administrador. Geralmente, as temáticas eram relacionadas a práticas sexuais ou possuíam algum tipo de circulação de imagens. Nessas ações o responsável pelo tópico na comunidade era o próprio moderador do grupo no comunicador instantâneo. Quando a estratégia utilizada era a publicação do número, existiam os jovens que simplesmente publicavam um texto em conjunto com o número ou aqueles que utilizavam-se de imagens suas para atrair os olhares dos novos amigos.

**Figura 25** – Montagem de *screenshots* de publicações do grupo do WhatsApp



**Fonte:** Reprodução do Grupo WhatsApp Santa Maria / Facebook

O caso de Laura pode ser percebido como um entre vários relacionamentos contemporâneos que começaram a partir do envolvimento virtual dos sujeitos. A jovem conheceu Thomaz na comunidade Whatsapp Santa Maria e, após alguns dias conversando diariamente com o rapaz, Laura pediu o número de seu telefone celular para que pudesse adicioná-lo em seu WhatsApp. O sentimento e a atração mútua de um namoro virtual fez com que os jovens passassem a conviver também fora das redes. Depois de um tempo e de alguns encontros, a jovem resolveu assumir o namoro e levou Thomaz para que Dona Terezinha e Seu Pedro o conhecessem. Com passar dos meses, com uma relação consolidada, ambos conheciam os familiares e amigos um do outro e Laura e Thomaz começaram estabelecer regras de quais aplicativos poderiam utilizar e como poderiam relacionar com os contatos. Essa construção, segundo Laura, foi ideia de Thomaz. O motivo que levou o jovem fazer tal proposta para Laura foi o ciúmes que ele tinha ocasionado pela maneira que a sua namorada relacionava com os contatos no site Facebook. Thomaz chegou a fazer a proposta de desativar os perfis de ambos e criar um perfil “de casal”, segundo Laura. Laura comentou que foi a primeira a desativar o perfil. Porém, após observar que o namorado não havia feito o mesmo, continuou acessando o site a partir de um segundo perfil, não atualizado, que havia criado enquanto morava em Porto Alegre.

Continuo acessando o Facebook no celular. Quando vejo que ele está por chegar aqui em casa eu desinstalo o programa, ele nem sabe que eu continuo vendo as coisas no Facebook. Sem falar que continuo conversando com os meus amigos, né. Ele não tem esse perfil, fiz ele quando morei em Porto Alegre por alguns meses, só quem tem são meus amigos e meus familiares. Se ele for lá ver no perfil, ele não vai perceber que estou usando, sabe porque eu não tô atualizando. Então não tem como, vou continuar acessando o site até ele desativar o dele. Se foi ele que deu a ideia de desativar o perfil, por que ele não excluiu também? Se ele tem direito de fazer isso, eu também tenho (Laura, 21 anos).

O não cumprimento do acordo por parte do namorado fez com que a jovem criasse uma dinâmica para acessar a rede social sem que Thomaz soubesse que estava acontecendo. Nessa situação, o telefone celular foi utilizado por Laura como forma de ter acesso ao site, mas, ao mesmo tempo, como forma de despistar o namorado para ter partes da sua sociabilidade digital. Com os laços de confiança fragilizados, a jovem comprou, no centro da cidade, um novo número de telefone para testar a fidelidade do namorado. Para comprovar sua suposta teoria, a jovem pegou o *tablet* do filho e colocou o chip com o novo número, realizou o download do Whatsapp no dispositivo móvel e adicionou o jovem entre os contatos do novo dispositivo, para depois chamar para uma conversa.

Sabe como é, né. Baixei o aplicativo no tablet, pois não poderia desativar o meu whats. Todos os dias a gente falava pelo whats e não tem como colocar dois números em um celular. Então resolvi o problema, comprei um novo número e instalei no tablet do Davi. Quando instalei, logo ele perguntou de onde eu havia conseguido o número dele. Daí tive que inventar uma historinha. (risos) falei que eu havia pego o número dele no grupo do Facebook. Porém, que eu estava namorando desde fevereiro e não tive como conversar com ele. Passei a conversinha pra ele. Ele continuou conversando comigo. No entanto, levei um fora, ele disse que desde fevereiro não estava mais no grupo pois estava namorando, com uma guria e que gostava dela. Não sei, acho que deve estar escondendo algo de mim, não confio muito nele (Laura, 21 anos).

Apesar de ter “levado um fora” do próprio namorado, Laura não sentiu confiança nas atitudes demonstradas por ele enquanto conversava com o jovem pelo comunicador. O convívio entre ambos foi sempre conturbado quando as questões estavam relacionadas à sociabilidade digital de ambos, principalmente quando a situação estava relacionada à posse do telefone celular e aos grupos de discussão que Thomaz possui. Laura, por ter ciúmes do namorado, não gosta que ele tenha grupos no WhatsApp, pois grande parcela desses são todos com homens, e “você sabe como são grupos de homens, rola muita putaria, não gosto disso”.

Durante muito tempo, Thomaz conseguiu contornar as brigas e o ciúmes de Laura. No entanto, em uma das discussões, o jovem chegou a arremessar o telefone celular de Laura contra a parede. A jovem brigou com o rapaz e ele chegou a ressarcir a jovem monetariamente. Segundo Laura, o valor dado pelo jovem era suficiente para comprar um telefone celular novo. No entanto, resolveu guardar para outra ocasião e ela ficou sem telefone celular. Apesar do ressarcimento do valor do objeto danificado, a jovem deixou de ter acesso a uma série de informações contidas no dispositivo, perdendo grande parte dos contatos que mantinha e lembranças não compartilhadas em sites de rede social e de armazenamentos de arquivos.

Nesse contexto, aproximando das ideias de Lasen (2004), a jovem deixou de ter acesso a uma série de fragmentos situacionais dispostos dentro do dispositivo, construindo assim uma perda de dados que, para a jovem, significavam informações importantes. Nessa perspectiva, a jovem foi afetada pela perda dos dados que não serão mais acessados devido à fragilidade da tecnologia. Dados presentes nas memórias tecnológicas são suscetíveis de perda. Dessa forma, Laura não terá mais acesso às imagens que estavam salvas no HD do dispositivo, mas conseguirá realizar a construção de uma nova lista de contatos a partir da articulação com seus amigos e familiares.

No entanto, a violência e a perda de dados não é decorrente somente das brigas de casais. Em outro relato etnográfico, dessa vez compartilhado por Icaro, o jovem chegou a perder seus dados digitais após ter seu telefone celular roubado em um assalto, o que lhe causou um “mal-

estar”. Apesar de sempre ser cuidadoso com seu dispositivo, o jovem não foi agredido fisicamente, mas teve um dos seus bens mais preciosos tirado de si, o telefone celular.

Tava indo para a igreja e fui assaltado por outros jovens. Me pediram o celular e eu dei. Não cheguei a reagir, fiquei sem reação. Dei o celular. Tive medo e não sabia o que fazer, tremia... então fui para a igreja e depois do culto fui dar queixa na polícia. Sei que não ia conseguir meu celular de novo. Uma pena, tenho várias fotos e músicas lá dentro que gostava. Mas fiz isso para que nenhuma outra pessoa passe por isso no mesmo lugar. Foi horrível. Mas, sei que vai acontecer de novo, a rua tá violenta. Mas a rua nem sempre foi assim. [E como ela era?] Pelo menos aqui [no Jardim Aurora] conseguimos fazer as coisas. Agora saí para ir na igreja e fui assaltado, a rua tá violenta demais. (Icaro, 17 anos)

Após ser assaltado, Icaro confessou que não comprou nenhum celular. Sua percepção sobre o uso do celular mudou com o tempo, assim como os dos demais jovens da pesquisa. Diferentemente da postura adotada pelo jovem ao comprar um novo celular sempre que alguém da comunidade possuísse o mesmo modelo que o seu, o jovem acreditava que sua mãe não tinha que lhe dar outro telefone celular. Dessa forma, resolveu pegar um dos telefones antigos que estavam disponíveis em casa. Apesar de não ser um *smartphone*, o jovem utilizava o celular principalmente para escutar música no caminho para a escola. No entanto, o fato de ser um telefone qualquer fazia com que o jovem não o mostrasse para nenhuma pessoa, fazendo do dispositivo apenas um tocador de música.

Tô sem internet no celular desde que desde que fui assaltado e não pretendo comprar outro. Peguei um celular que tinha lá em casa, que dá para escutar música e tô usando. Coloco os fones e vou escutando até chegar no colégio. Não uso o celular no colégio, ele não tem câmera só toca rádio. Então coloco ele na mochila pra ninguém ver. Só tiro ele de volta quando volto para casa e escuto música de novo. Nem coloquei o número no celular, só uso pra escutar música. (Icaro, 17 anos).

Apesar de serem ofertadas as condições para comprar outro telefone celular a Icaro, ele utilizou um aparelho de telefone celular para suprir uma de seus principais hobbies, o de escutar música. Nesse sentido, o dispositivo opera somente como um tocador de músicas, já que o jovem não adquiriu um número para realizar a tarefa de ligação. Como seu dispositivo é simples, não possui conexão com a internet, fazendo com que sua sociabilidade virtual seja oportunizada por outro dispositivo, o notebook, o qual, anteriormente, operava somente para *download* de músicas e a realização de trabalhos do colégio. Quando questionado sobre a necessidade de ter um celular *smartphone*, Icaro afirma que ter acesso à tecnologia celular

facilita muito a comunicação com os colegas, mas que agora possui outras prioridades e pretende comprar outros objetos que possam lhe auxiliar na carreira de cantor.

O telefone que foi roubado faz falta. Não pretendo comprar um novo, quero comprar algumas coisas que podem me ajudar na hora de cantar. Esses tempos ganhei um microfone da minha mãe e agora eu quero comprar umas caixas de som. Elas são boas e vão fazer com que eu possa cantar melhor. Depois com outro dinheiro eu posso comprar um telefone melhor, mas agora fico com esse velho que tenho. Nem número coloquei, mas ainda dá pra usar. (Icaro, 17 anos).

Apesar de ter se tornando um bem essencial na construção das relações de sociabilidade entre jovens, o telefone celular tornou-se um objeto desejado em segundo plano por Icaro. Nessa perspectiva, as necessidades de consumo do jovem circundam a aquisição de outro objeto que pode lhe servir como um *hobby*, mas que ao mesmo tempo pode ser utilizado como forma de serviço para obtenção de lucro. Dessa forma, Icaro pensa em adquirir uma caixa de som para, posteriormente, comprar um telefone celular com mais funcionalidades, já que a única função que lhe cabe no dispositivo atual é a rádio que toca no celular.

#### **5.4. “Esse sim, é celular pra jovem”: sobre telefones celulares e smartphones**

Com a evolução dos telefones celulares e a chegada dos telefones inteligentes, os *smartphones*, grande parcela dos jovens se sente desconfortável ao manusearem um telefone que esteja fora da moda. A implicação dos olhares de outros jovens, o que vira motivo de piada, é um dos motivos apresentados pelos jovens do Jardim Aurora.

Silva (2010) observou entre os participantes de sua investigação que a posse de um telefone celular sempre estava relacionada ao imaginário social dos pertencentes ao grupo social, dando a entender que existia um julgamento dos outros em relação àqueles que utilizavam um celular que não julgavam adequado/moderno. A experiência descrita por Silva (2010) não era somente uma atitude unicamente jovem, mas permeava a prática de pessoas de todas as idades que se sentiam desconfortáveis por portar telefones celulares mais antigos. De mesmo modo, Barros e Rocha (2014) destacam que os adolescentes “ficavam envergonhados quando tinham modelos mais antigos ou baratos”. Da mesma forma, os autores mostram que apesar de haver, por um lado, “comentários críticos de alguns pais sobre a ostentação de certos modelos de celulares, por outro, é comum ver na localidade o uso de aparelhos caros, com recursos e design tidos como ‘modernos’” (BARROS, ROCHA, 2014, p. 55).

Na experiência de campo, tive a oportunidade de observar a construção e envolvimento dos jovens com o smartphone. No primeiro momento, na atividade educacional feita com os jovens da Escola Anita Garibaldi, constatei, ao longo do ano de observação dos jovens, que o telefone celular era utilizado na maioria das vezes para comunicar as expressões cotidianas desses jovens e que, muitas vezes, o telefone era usado para capturar imagens e fotografias de si. Nessa perspectiva, foi trabalhada, com os jovens, uma oficina de fotografia para mostrar o olhar deles sobre a comunidade. No primeiro dia de captação fotográfica, foi decidido que o trabalho seria realizado em duplas, para que todos os jovens tivessem a oportunidade de fazer a captação fotográfica – inclusive o jovem que não possuía o telefone celular. Esse jovem acreditava que sua liberdade estava acima de tudo e que com a posse do telefone celular seus pais saberiam onde encontra-lo. Castells et al (2007) e Winocur (2006) apontam que o telefone celular se tornou um dos dispositivos mais procurados pelos pais para terem acesso a informações de localização e bem-estar dos filhos na sociedade contemporânea. Pavesi e Dias (2014) apontaram, em seu estudo, que alguns jovens chegam a customizar o som de seus telefones celulares para não serem caçados ao atenderem uma ligação dos pais.

Nesse entido, o telefone se tornou, para os jovens, um objeto para captar as imagens cotidianas relacionadas à realidade, proveniente das memórias afetivas na comunidade. No primeiro dia de captação, tive que lidar com a questão de diferenciação entre as posses dos objetos. Um dos jovens participantes comentou que eu “estava me achando” por possuir um telefone celular “melhor” que os deles. Na ocasião, tive que explicar que a necessidade da pesquisa sobre consumo de *smartphones* fez com que eu comprasse o dispositivo para aprender a manusear o objeto, aprendendo através da minha própria experiência de consumo do *smartphone*. Que antes mesmo de ter aquele aparelho meu celular era outro e que nem tinha tantas funcionalidades como aquelas, presente no dispositivo.

No ponto de vista da cultura material, é possível pensar como o objeto celular é responsável por alicerçar as relações sociais. Miller (2013, p. 19) argumenta que em muitos casos, assim como na vivência com os jovens da Anita Garibaldi, os telefones celulares são responsáveis por dar significado ou representar uma pessoa ou grupo. Nas palavras do autor, em alguns casos os “trecos nos criam”, articulando construções sociais através das trocas de signos e símbolos que são capazes de construir as ações na sociedade moderna contemporânea.

Apesar de o mercado de telefonia móvel ter uma gama de aparelhos celular para todos os perfis de usuários, os jovens buscam, na maioria das vezes, um *smartphone* capaz de suprir suas necessidades básicas. Para Pereira e Rocha (2014), a compra de um telefone inteligente está atrelado a essa perspectiva, principalmente quando esse aparelho é responsável por auxiliar

o sujeito na construção de sua sociabilidade virtual. “A compra de um *smartphone* pelos jovens vem sendo motivada pela capacidade que o dispositivo possui [de] adaptar-se às necessidades do seu usuário, bem como promover a interação com outros sujeitos (PEREIRA, ROCHA, 2014, p. 75). Ainda que na pesquisa de campo a maioria dos jovens tivessem a posse de um *smartphone* de entrada, muitos jovens reclamavam do objeto, principalmente pelo pouco espaço de memória e pela qualidade das fotografias tiradas. Por esse ângulo, pode-se pensar o telefone celular a partir das funções dadas a ele. Miller (2013) argumenta que a função é algo constitutivo da cultura material, é que através da funcionalidades dadas aos objetos que aprendemos explicar os objetos que nos cercam. “A função ainda é nosso equipamento-padrão quando avançamos rumo a qualquer explicação acerca de por que temos o que temos. É o modo como rotulamos bens, desde frigideiras até trajes de banho” (MILLER, 2013, p. 70). Dessa forma, o telefone celular opera para os jovens por meio da funcionalidades da máquina. Sendo assim, um aparelho antigo não é bem visto pelos jovens para sua posse, diferentemente de um *smartphone*, aparelho repleto de funcionalidades ganha diferentes usos e apropriações pelos sujeitos, em especial os jovens. No entanto, Miller (2013) explica que os usos e as apropriações das funções são permeadas pela construção social e cultural que temos. Sendo assim, cada sujeito será responsável por construir um objeto único, por mais que este seja o mesmo objeto que outro sujeito opere. “Se nossos costumes sociais e culturais, de qualquer maneira, estiverem ligados a funções, isso teria produzido uma humanidade relativamente homogênea, cuja variação seria correlata às diferenças nos ambientes” (MILLER, 2013, p. 71).

Anneliese e Érika durante o primeiro semestre de 2015, a mãe que lhes permitiam acesso a redes sociais e a uma série de aplicativos, porém não eram *smartphones*: eram telefones celulares que se encontram na transição dos telefones celulares convencionais e telefones inteligentes. Apesar das funcionalidades apresentadas nas máquinas, as irmãs desejavam ter celulares mais condizentes com suas idades. Segundo elas, “*smartphones* são coisa para gente jovem”, implicando com o consumo do Ernesto que possuía um telefone celular de última geração, enquanto elas estavam com os telefones celulares mais antigos.

Querida sim ter um celular melhor, um *smartphone*. Esse sim, é um celular pra jovem. [Mas, o teu pai tem um *smartphone*. O que você acha disso?] Acho que ele não tem idade para usar um celular assim. Ele deveria nos dar o telefone dele e usar o nosso (risos). [...] É verdade, não que ele não pode ter um telefone desses, mas que combina mais conosco, combina (Érika, 15 anos).

A ideia de Érika de que o *smartphone* é um objeto para pessoas com menos idade que o seu pai também é compactuada por Anneliese. Ambas acreditam que o telefone está ligado às

funcionalidades que lhes permite fazer. Com o passar do semestre e da investigação, em outro momento, as jovens ganharam um novo telefone celular, o almejado *smartphone*. Nessa oportunidade, as jovens contaram que compra do telefone celular foi feita em conjunto, toda a família foi para o centro da cidade comprar o objeto na loja.

Nem sabíamos que o pai ia comprar um telefone celular para nós. Ele falou pra nós que de tarde todos íamos para o centro que ele estava com vontade de ver os telefones celulares, mas não disse que ia nos dar. Então ele subiu e foi na Colombo e começou a ver os preços e perguntar qual telefone celular nós queríamos. A mana e eu queríamos o mesmo celular. Os nossos telefones antigos eram de marcas diferentes porque no dia da compra não tinha da mesma marca. [E a marca é importante para vocês?] Não que ela seja importante, mas fica melhor pra não ter briga. Depois de ver a marca e tinha igual, o pai foi lá e comprou. Ficamos super felizes com os telefones novos (Anneliese, 15 anos).

**Figura 26** - Smartphones de Anneliese e Érika são da mesma marca para evitar brigas



**Fonte:** Diário de Campo Virtual/ Romulo Tondo

Após ganharem os *smartphones*, os telefones celulares de Anneliese e Érika ganharam outros donos, a mãe e o irmão. Apesar de não serem adeptos ao uso frequente do telefone celular, Val ficou com o telefone de Anneliese que possuía canções da igreja e que poderiam ser tocadas quando ela quisesse. Já Joaquim herdou o telefone celular de Érika, que estava em melhor condições de uso. Essa prática de circulação de objetos tecnológicos também foi observado por Barros (2012). Em sua observação, aponta que os bens “têm um ciclo de vida prolongado, entrando em um sistema de trocas informais entre familiares e vizinhança, podendo ser dados ou vendidos” (BARRO, 2012, p. 114). Nesse contexto, foi possível observar a



circulação dos celulares não somente entre membros da família, como foi o caso de Anneliese e Érika. No caso de Laura, a jovem havia guardado uma quantia em dinheiro por muito tempo para poder comprar um novo telefone celular, já que algumas funcionalidades do dispositivo não estavam mais funcionando. Com a compra do novo dispositivo, a jovem resolveu presentear o afilhado com o seu telefone antigo. Segundo a jovem, o garoto de apenas 6 anos de idade sabia mexer no celular, o qual serviria somente para ele jogar na internet.

No início do ano passado [2014] eu comprei esse telefone celular que tenho agora. Bom, o outro celular não funcionava direito, mas algumas coisas funcionavam e outras não. Tipo a máquina estava ruim, não conseguia conectar à internet fora de casa, só com a WiFi e a memória essa já estava bem gasta. Não conseguia colocar mais as fotos minhas e do Davi. Então comprei um celular novo e dei o antigo para Kin, meu sobrinho que mora aqui na rua. Ela vai apenas jogar pelo celular na internet. Ainda bem que só está funcionando só a WiFi... senão a mãe dele me matava. [Porque a mãe dele iria te matar?] Porque ele iria pedir dinheiro para comprar créditos para colocar na internet para estar jogando o tempo todo. Mas, como o celular não funciona a 3G eu não tenho com o que me preocupar. E internet em casa eles tem, igual aqui em casa. (Laura, 21 anos).

**Figura 27** - Antigo smartphone de Laura ganha um novo dono



Fonte: Diário de Campo virtual / Romulo Tondo

Igualmente aos dados obtidos por Barros (2012), os principais beneficiados com a circulação dos telefones celulares no âmbito do Jardim Aurora eram os próprios jovens, e no caso de Laura, uma criança. Apesar da etnografia focar nos usos e apropriações dos telefones celulares por jovens, Kin e seu irmão mais velhos foram as únicas crianças que tinham telefones celulares com quem teve a oportunidade de conviver. A lógica não era diferente da lógica

empregada com os jovens, em que a mãe estava preocupada com os filhos. No entanto, sobre o imaginário dos usos de telefones celulares por adultos foi possível observar em uma das visitas que fiz as participantes Anneliese e Érika duas crianças do sexo feminino brincando.

Por um bom tempo observei a brincadeira das meninas. Diferentemente de Kin, que possuía um telefone celular para acessar jogos em redes sociais, essas meninas utilizavam-se de outras estratégias para socializar com outras crianças da mesma idade. Elas realizavam brincadeiras de corda, amarelinha, donas de casa e profissionais de beleza.

Entre uma atividade e outra, percebi a presença do celular na brincadeira das meninas. O objeto ocupava um plano expressivo na atividade. As crianças estavam brincando de salão de beleza e o telefone celular foi utilizado como instrumento de contato entre ambas. Na brincadeira, cada uma ocupava papel social, a dona do salão de beleza e a cliente. A criança que encenava a consumidora utilizava o celular para entrar em contato com a dona do estabelecimento e esta não possuía o dispositivo físico.

A estratégia criativa usada pela criança na ausência do aparelho foi imaginar que os dedos da mão, o dedo polegar e o mínimo, fossem um telefone celular. A ausência por parte de uma das crianças não dificultou a construção da cena, permitindo que as crianças se utilizassem da imaginação para construir suas expectativas em relação à cena. Nesse caso, o celular, mesmo na ausência material, está presente e circula no imaginário dessas crianças e opera como instrumento de comunicação e agregador de sociabilidade.

Nessa lógica, Miller (2013) acredita que a ausência dos dispositivos na vida das pessoas não significa que elas não queiram consumi-los. Diferente das crianças que não possuíam o telefone celular por serem “pequenas”, os jovens estão envolvidos na presente construção de suas sociabilidades com e através do telefone celular. Dessa forma, o dispositivo se tornou imprescindível para a construção de uma ponte com as relações através das redes sociais. Na perspectiva de Rocha, no consumo, “a cultura material – os bens – é veículo privilegiado para a comunicação entre pessoas, a manutenção de vínculos ou o estabelecimento das relações sociais” (ROCHA, 2006, p. 29).

Sendo assim, os telefones celulares servem como molduras para as construções da sociabilidade desses jovens, explorando suas potencialidades através da elaboração de cadeias afetivas que circulam em espaços híbridos e dinâmicos, suas relações face a face e ambientes digitais, dando ao objeto um caráter significativo para a mediação das expressões cotidianas desses jovens.

## CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

A experiência do trabalho de campo afeta.

A frase acima foi capaz de nortear algumas das principais observações realizadas durante a pesquisa de campo junto à comunidade do Jardim Aurora e, posteriormente, auxiliar na reflexão sobre os dados obtidos pela convivência com os jovens participantes desta pesquisa. A construção teórica e metodológica desta investigação é fruto da aproximação entre o campo das Ciências da Comunicação e da Antropologia Social, mais especificamente, com a Antropologia Urbana, através de um estudo etnográfico com moradores de uma comunidade popular. A pesquisa de caráter qualitativo tornou-se mais que necessária, visto que alguns pontos dessa interface seriam propícias para a compreensão do consumo por esse segmento da sociedade. Sendo assim, encontrei na etnografia uma maneira de vivenciar com um grupo de quatro jovens suas experiências de consumo mediadas pelo telefone celular, o que possibilitou entender o consumo como um exercício de comunicação, um fenômeno social importante para a construção e manutenção da vida em sociedade. Consumimos como meio de interação com o outro e ao mesmo tempo como forma de distinção. Já a escolha do público “jovem” e da localidade, o território para a investigação de trabalho de campo, são reflexos de uma área ainda pouco explorada no ambiente acadêmico, especialmente no que tange ao consumo por jovens de comunidades populares.

Diante disso, esta pesquisa, vem somar esforços com uma série de investigações brasileiras que versam sobre o consumo de diferentes segmentos das camadas populares (BARROS, 2007; ROCHA, 2009, SILVA, 2010; PINHEIRO MACHADO e SCALCO, 2012, PAVESI, 2014, YACOOUB, 2015, entre outros). Esta pesquisa visa ainda, especialmente, contribuir com as pesquisas que constroem um olhar sobre o consumo tecnológico, tomando como objeto empírico os telefones celulares, dispositivos essenciais para a construção da sociabilidade dos jovens na sociedade moderno-contemporânea.

Foi com um percurso não linear que averigui como os telefones celulares são capazes de impactar de forma positiva e negativa a construção e a manutenção das redes de sociabilidade de jovens do Jardim Aurora, principalmente na construção do dispositivo como mediador afetivo (Lasen, 2004). Nesse ângulo, o telefone celular foi responsável por emoldurar as experiências afetivas e, muitas vezes, foi capaz de ajustar suas performances junto a seus pares e demais sujeitos que compõem suas redes de afinidade. Diferentemente da proposta de Bauman (1997, 2001), que aponta o enfraquecimento das relações sociais por meio do consumo, em

especial do uso da internet, na atividade de campo percebi que os jovens do Jardim Aurora apropriam-se do telefone celular para realizar tarefas que permitam potencializar suas experiências fora da rede. A virtualização dos afetos é decorrente de uma convivência com suas redes de afinidade primárias, familiares e amigos, sujeitos que constantemente fazem parte de suas experiências cotidianas. Para tanto, foi necessário percorrer um caminho desde a revisão de literatura, na qual busquei conceitos capazes de fornecerem indícios que poderiam contemplar a experiência da juventude local. As propostas de fragmentação, de Rocha e Pereira (2009), e de Tecnologia afetiva, de Lasen (2004), tornaram-se de extrema importância, tornando-se conceitos norteadores desta reflexão. Por vezes, a teoria foi contemplada na construção de um campo exaustivo, que perdurou 17 meses, cheio de idas e vindas decorrentes de uma construção científica. Essa investigação foi calcada na reflexão e no compartilhamento de resultados obtidos pela convivência com os jovens do Jardim Aurora, permitindo um diálogo eficaz no grupo de “Consumo e Culturas Digitais”, coordenado pela professora Sandra Rubia, e nos congressos de Comunicação e Consumo, fortalecendo as análises diante dos achados de campo.

Para tanto, o primeiro capítulo desta dissertação foi destinado à revisão de literatura, principalmente investigações que tinham o telefone celular como objeto de pesquisa, auxiliando na compreensão do dispositivo como um artefato sociocultural apropriado pelos sujeitos de acordo com suas experiências. Essas, por sua vez, são permeadas por uma construção cultural. Em outras palavras, os usos do telefone celulares podem ser semelhantes, mas a intensidade e os modos de uso variam de acordo com a construção pessoal do sujeito, favorecendo múltiplas formas de construir as experiências mediadas por esse artefato.

Nessa lógica, permito-me compreender a cultura como algo plural em nossa sociedade, o que faz com que a investigação fosse calcada na materialidade do objeto e em seus usos e apropriações. Para isso, também foi necessário compreender as lógicas empregadas sobre a posse do *smartphone*, além de perceber que a necessidade de consumo é criada a partir das relações sociais entre os indivíduos, assim como resgatam Rocha e Aucar (2015) que “os objetos, portanto, dialogam entre si, estabelecem conexões de significados e parâmetros sociais”. Para esse fim, também foi necessário, estudar as diferentes formas de construção da juventude brasileira, apresentando uma reflexão que vá além da atual conjuntura do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Outras visões colaboram com a construção da juventude como um caminho decorrente das temporalidades e espacialidades culturais. Nesta investigação, o olhar foi ao encontro de Rocha e Pereira (2009), os quais atribuem ao consumo uma lógica simbólica

de “ser jovem” na sociedade contemporânea, bem como a utilização dos objetos tecnológicos como cerne de uma experiência de sociabilidade juvenil.

No que consiste à construção da experiência juvenil, os autores também apostam nas marcas da ambivalência e da fragmentação, sendo esta última importante na construção da categoria analítica, as micromemórias afetivas, que consistem em fragmentos digitais das experiências juvenis em suas múltiplas atividades, que podem ou não ser compartilhadas com suas redes de afinidade a partir do dispositivo, bem como o afeto humano x máquina. Ao se tratar do compartilhamento, também é necessário realizar o desenvolvimento de cadeias afetivas, ou seja, o percurso pelo qual o fragmento passa desde sua concepção até sua publicação ou seu apagamento da memória digital.

Através da experiência de campo foi possível averiguar que entre os jovens do Jardim Aurora o *smartphone* se tornou um objeto capaz de auxiliar na construção das relações, suscetível a diferentes apropriações e interpretações decorrentes de seus usos diários. Nesta perspectiva, fica possível ponderar através da construção do aporte teórico que os celulares são capazes potencializar as experiências de vida pela mediação das conexões, responsáveis por construir uma manutenção dos laços sociais com os sujeitos (Horst e Miller, 2006), bem como mediar os afetos a partir do dispositivo (Lasen, 2004). Contudo, se fez necessário pontuar que o consumo tecnológico dos jovens não é unicamente o *smartphone*. Essa leitura tecnológica por parte dos jovens é perecível de tecnologias, que acabam sendo, por muitas vezes, o segundo ou até mesmo o terceiro objeto tecnológico usado pelo sujeito ao mesmo tempo. No que tange aos usos e apropriações do dispositivo com as demais mídias, o telefone serve como principal ponto de acesso às redes sociais, bem como a utilização de múltiplas ferramentas disponíveis no dispositivo, que potencializam a socialização de ideias em tempo real.

Sendo assim, pensar o consumo de *smartphones* por esses jovens, com uma perspectiva etnográfica, é fazer um exercício da construção de uma realidade material em constante transformação na sociedade moderno-contemporânea. É estranhar o que para muitos jovens, das distintas classes sociais, tem se tornado cotidiano: a posse de um objeto que os conecta aos seus amigos e ao mundo.

Nessa perspectiva de estranhamento, no terceiro capítulo, foi desenvolvido um diálogo com autores (CAIAFA, 2007; FONSECA, 2010; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, GEERTZ, 2008) que tecem ideias e reflexões a partir de pesquisas etnográficas. Por esse ângulo, a etnografia colaborou com o olhar próximo desses jovens, o “estar lá”, descrito por Roberto Cardoso de Oliveira em “*O trabalho de antropólogo*” (2006). Não seria possível obter dados significativos para a pesquisa sem a construção de uma relação entre os participantes e eu.

Como uma via de mão dupla, o afeto faz parte do trabalho de campo, pois nós, enquanto pesquisadores, somos responsáveis por mensurar e dosar as relações que deveremos ter com os participantes de nossas investigações. É através dessa afetação mútua que é possível perceber as diferentes formas de construir as necessidades operacionais de um objeto.

Clifford Geertz (2008) argumenta que o estudo etnográfico deve ser percebido através observação das culturas, empregando uma “descrição densa” a partir da presença prolongada do investigador na atividade de campo. Nessa perspectiva, o pesquisador será capaz de, através da observação, interpretar os códigos culturais fornecidos pela sujeitos da pesquisa que, por sua vez, são capazes produzir constantemente diferentes significados a partir da sua convivência em sociedade. Dessa forma, tive de aprender a observar não somente os usos dos *smartphones* por esses jovens, mas também perceber as singularidades de cada jovem enquanto sujeitos únicos que desfrutavam das experiências de consumo da tecnologia.

No capítulo quatro, foi realizada uma descrição do Jardim Aurora, da aproximação com os 43 educandos da escola Anita Garibaldi e da imersão no campo com as três famílias e os quatro jovens que se tornaram os participantes privilegiados dessa pesquisa. O acompanhamento de diferentes momentos no Jardim Aurora, fiz com para que pudesse observar novas e velhas práticas de consumo dos telefones celulares pelos jovens e por suas redes de afinidade. Se para muitos o uso de mensagens de texto se tornou uma tecnologia obsoleta, para alguns desses jovens, tornou-se uma estratégia para comunicação com seus iguais. Mostrando-se uma tecnologia eficaz para aqueles que não possuem acesso à internet e ou com aqueles que a conexão com à internet é realizada a partir da tecnologia 3G, mas ainda precária, segundo a utilização dos jovens.

Ao pensar no consumo de serviços, existem diferenças entre os usos. Os jovens, em sua maioria, dividem os valores dos créditos em custo dos pacotes de internet, SMS e ligações. Sendo o primeiro a ser adquirido o pacote para internet, seguido da aquisição de mensagens de texto e o restante utilizado nas ligações. Para os pais e mães desses jovens, o custo de acesso à internet está atrelado à satisfação de lhes proporcionar algo a mais em sua educação e entretenimento. Essa prática foi observada nas três famílias, apesar de Laura não ter terminado o ensino médio, a internet é dividida com a irmã que realiza o terceiro grau. Nessa circunstância, também optei por pensar os diferentes níveis do consumo de tecnologia nas famílias, tendo em vista que as mães eram as principais incentivadoras de uso da internet para as pesquisas escolares e ao mesmo tempo de entretenimento.

No que tange ao auxílio da internet para o de entretenimento, as mães afirmavam que preferiam ter os filhos em casa, diante de seus olhos, a tê-los perambulando pelas ruas. Nessa

perspectiva, o telefone celular auxiliava também em momentos em que os pais estavam longe dos filhos, como propriamente Castells et al (2007) e outros autores apontam que o celular tornou-se um cordão umbilical que une os filhos a mãe.

Já o uso e a apropriação dos celulares e de outras tecnologias possibilita constatar diferentes perfis de consumo, e tal observação é sustentada pelo conceito de pobreza digital. O conceito aqui apresentado tende a construir a partir as nuances entre os perfis de consumo tecnológico centrado nos usos e apropriações da tecnologia, diferente da construção elaborada somente pela posse de um terminal bem tecnológico. Sendo assim, foi possível ponderar, através da experiência etnográfica, que os jovens do Jardim Aurora possuem nuances em seus perfis de consumo tecnológico, mas todos se encontram em um patamar alto de consumo de tecnologia, por fazerem usos diários das principais tecnologias e saberem utilizá-las de uma melhor forma possível. Nessa relação, o telefone celular é o principal objeto consumido pelos jovens, alguns pela identificação com a tecnologia ou como a perspectiva empregada por Nicolaci-da-Costa (2006), na qual o dispositivo fornece aos sujeitos usuários “a mobilidade, a instantaneidade, a personalização e o acesso direto, possibilitados pela comunicação instantânea a distância via celulares, dão fluidez a uma rede de sociabilidade intensa” (NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p.68), permitindo-lhes uma construção em diferentes momentos de suas vidas cotidianas. No que tange ao uso do telefone celular e demais tecnologias pelos pais desses jovens, foi possível observar que os homens possuem maior contato com a tecnologia. As mulheres estão preocupadas com manutenção das atividades domésticas e utilizam essa tecnologia, na maioria das vezes, como instrumento de comunicação com os filhos.

Apesar da proximidade etária com os jovens da pesquisa, o que facilitou a empatia entre investigador e participantes, os usos e as apropriações do objeto à luz da cultura material faz com que tenhamos formas distintas de criar e reconstruir nossos lugares no mundo a partir desse objeto. Se levarmos em consideração a passagem de Douglas e Isherwood em “O mundo dos bens”, em que os objetos são neutros e os usos que fizemos deles são sociais, a forma com que nos apropriamos são distintas nos diferentes momentos de nossas vidas, sendo capazes de servir como cercas e/ou pontes. Na ocasião, ao compreender o comportamento de consumo dos jovens, podemos pensar que o telefone celular nesse ambiente contemporâneo serve tanto como cerca, na forma de delimitar uma elaboração de juventude conectada, de delimitar tribos por meio de aplicativos e grupos privados em sites de redes sociais e comunicadores instantâneos, e como ponte, pela presença do dispositivo na construção da sociabilidade virtual, na qual o

telefone celular se tornou uma das principais formas de acesso, não somente à internet, mas às demais formas de construir redes de afinidades a partir desse dispositivo híbrido.

Outro caminho encontrado, e auxiliado pelo campo da Antropologia Social, é a observação desses jovens de maneira horizontal, sem diferenças e pré-julgamento de suas escolhas. Elaborar as ideias a partir da convivência, da observação participante, das entrevistas e das conversas informais é dar visibilidade às práticas de consumo elaboradas por esses jovens como forma de (re)construir suas formas de sociabilizar com seus iguais. É na troca de ideias e nessa horizontalidade que a interpretação dos dados etnográficos faz sentido e não apresenta apenas uma visão na interpretação dos dados. É pensar essas juventudes não através do olhar do adulto que, muitas vezes, traz em seu discurso do consumo do telefone celular como algo prejudicial à formação dos jovens. Dessa forma, existem apontamentos que devem ser construídos a partir desse olhar vivencial junto ao jovem e o uso da tecnologia, em especial, dos telefones celulares.

Por fim, o último capítulo, vem contribuir com os estudos acadêmicos sobre consumo de tecnologia por jovens de camada popular. Nessa perspectiva, também foi necessário dialogar com os jovens e seus familiares sobre os resultados obtidos e apresentados nos congressos, como uma forma de contemplar o retorno dos dados obtidos a partir da experiência etnográfica. Isso fez com que os pais dos jovens da pesquisa tivessem um olhar apreciativo dos usos e das apropriações do telefone com o andamento da investigação. No entanto, saliento que o discurso midiático ainda é responsável por permear grande parte das casas, fazendo com que o discurso de patologização sobre o consumo de telefones celulares seja algo presente na vida dos jovens.

No cenário descrito por grande parcela das reportagens televisivas, o telefone celular vem alterando de forma negativa o comportamento dos sujeitos que o consomem. No entanto, existem também reportagens que pautam o auxílio dos celulares no contato via internet, favorecendo o uso de aplicativos de comunicação e sociabilidade virtual, como o caso do Whatsapp. O olhar desses pais encontram-se direcionado, muitas vezes, às práticas tidas como práticas de sociabilidade que possam colocar seus filhos em risco. Diferentemente das demais tecnologias, o uso dos celulares torna-se complexo para os pais, tendo em vista que muitos não dominam o uso da internet, pois não sabem com quem esses filhos estão se relacionando. É a dificuldade encontrada por alguns pais em compreender as novas formas de estar presente e de relacionar com outros sujeitos. É importante salientar que se deve fazer um parêntese e esclarecer que o uso excessivo do celular e de outros dispositivos tecnológicos pode apresentar indícios de uma dependência. Porém, o discurso midiático vem sendo empregado de forma generalizada e para as famílias que, muitas vezes, só possuem acesso a este tipo de informação,



tomam como verdade absoluta e constroem, assim, dinâmicas para proibir os jovens de utilização da tecnologia.

Outro dado importante na experiência de campo foi observar como o celular era responsável por mediar as relações afetivas. Nessa lógica, o *smartphone* tornou-se, na mão desses jovens, uma máquina potencializadora das experiências *off-line* e *online*, (re)construídas, muitas vezes, a partir de imagens, vídeos e mensagens, construindo, dessa forma, cadeias afetivas e micromemórias afetivas, que constantemente eram migrar do acesso público da linha do tempo dos sites de redes sociais ao uso privado do Whastapp.

No Facebook, as imagens e fotos ganhavam força para a construção de cadeias afetivas, que como costuras permeavam as relações desses jovens em momentos especiais. Assim como aponta Barros (2009) em seu texto “na internet, todo mundo é feliz”, nos espaços de sociabilidade em rede para grande parcela desses jovens só é permitido dar vazão aos bons momentos. Os momentos de desavenças com os pais, amigos e namorados não são explorados em ambientes digitais. Eles são silenciados, muitas vezes, a partir do pressionar a tela em um movimento de deletar toda aquela memória ruim. Em alguns momentos, as micromemórias também se tornam negativas, principalmente quando são resgatas fotos de pessoas que não fazem parte do convívio social desses jovens.

Ficou também muito evidente junto que além do acesso à internet, outro recurso utilizado com frequência pelos jovens era a câmera fotográfica. Tendo função importante na constante apresentação do “eu” nas redes sociais digitais e podendo ser percebida como uma forma de marcação e de exposição da intimidade desses jovens em busca de uma aceitação dos grupos que ele cria e, ao mesmo tempo, recria no ambiente virtual. Nessa perspectiva, o telefone celular é capaz de sintetizar e concentrar as demandas afetivas desses jovens, mostrando que o dispositivo é responsável por potencializar o alcance daquilo que anteriormente era restrito a um grupo de sujeitos, principalmente na esfera familiar, e ganhando novas proporções com os usos e as apropriações. Nesta perspectiva, é capaz de afetar as relações diárias, como nos casos de ciúmes e raiva, fazendo com que a materialidade do objeto seja capaz de afetar também os seus donos.

Foi também na experiência com os jovens que percebi que existem outros segmentos de consumo e práticas socioculturais que devem ser investigadas diante da sociabilidade no ambiente virtual. Uma delas diz respeito ao vazamento de dados digitais (imagens e vídeos) provenientes de *sexting*, caracterizados como “revenge porn”. Também pôde-se perceber o consumo de aplicativos sociais de caráter de circulação mista e privada, como o Snapchat. Além dos usos de aplicativos sociais para o encontro de pretendentes, como o Tinder, Happen, entre

outros, em que os usuários vêm depositando grandes expectativas, desencadeando uma série de sentimentos, entre eles a frustração. Sem dúvida, a perspectiva do celular como mediador das relações afetivas torna-se de grande importância, não somente no segmento juvenil, mas também em qualquer etapa da vida em que o sujeito possa narrar e compartilhar suas emoções com suas redes de afinidade. Após um longo tempo de convivência com esses jovens, tive que me ausentar do Jardim Aurora, mas os jovens continuaram a me mandar notificações pelas redes sociais e pelo comunicador instantâneo.

Laura, hoje espera seu segundo filho, realizou as provas do ENEM para finalizar o ensino médio e quer conseguir cursar algum curso na área de saúde, pois seu sonho é ser médica. Laura não comprou um celular novo e criou um perfil de casal com o namorado no Facebook, agora é ela quem aceita os amigos na rede, deixando de lado um pouco o seu ciúmes.

Icaro, parou de frequentar a Igreja e agora busca na música e na vida noturna da cidade novas formas de sociabilidade antes não permitidas pela congregação do qual fazia parte. O jovem sonha um dia poder subir ao palco com alguma cantora gospel brasileira e dar continuidade a um sonho. O celular faz parte das rotinas do jovem e das conversas pelo comunicador instantâneo e compartilhamento de sua localização em sites de rede social.

Anneliese e Érika, passaram para o segundo ano do ensino médio e agora o telefone celular faz parte de sua rotina diária, especialmente o uso do WhatsApp que foi liberado pelos seus pais para conversarem com os jovens que convivem com elas na igreja. Para as jovens, o consumo de telefones celulares aumentou gradualmente ao longo da pesquisa, mas ainda possuem o mesmo posicionamento relacionado a quem aceitar em suas redes sociais digitais: somente aqueles que fazem parte de seu dia a dia.

Como citado anteriormente, essa investigação conduziu um olhar sobre o consumo dos telefones por jovens de comunidade popular em uma perspectiva de interface. Dessa forma, foi possível observar que a apropriação dos *smartphones* pode ter múltiplos significados, não esgotados nesta investigação, favorecendo a sociabilidade desses sujeitos em suas experiências *off-line* e *online*. Nesse sentido, o telefone foi compreendido como um objeto emoldurador das experiências juvenis na contemporaneidade, sendo responsável por afetar não somente as experiências do usuário, mas também daqueles que compõem suas redes afetivas. Todas essas experiências de consumo estão em constante transformação: os telefones celulares, as conexões e os afetos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. IN: FREITAS, Maria Virgínia (org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005, pp. 19-39.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. IN: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (orgs). **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. pp. 73- 90.

\_\_\_\_\_. **Cenas Juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: ANPOCS/ Scritta, 1994.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACHA, Maria de Lourdes; NETO, Celso Figueiredo; SCHAUN, Angela. Celular: o *gadget* da inclusão social para a baixa renda. IN: **Revista de Estudos da Comunicação**, V.14, nº35, set/dez 2013, pp. 377-397.

BARBOSA, Lívía. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004

BARROS, Carla. Da Produção ao consumo: diversidade cultural nos usos coletivos de tecnologias entre grupos populares. IN: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.12, n. 35. pp. 129-148. Set-Dez. 2015a.

\_\_\_\_\_. ROCHA, Everardo. Lógica de consumo em um grupo das camadas populares: uma visão antropológica de significados culturais. IN: **Cultura e experiência Midiática**. ROCHA, Everardo; PEREIRA, Claudia; BARROS, Carla (Orgs). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Mauad, 2014a. pp. 39-62.

\_\_\_\_\_. A TV no Celular: Reflexões sobre usos coletivos. IN: **Anais do Congresso Internacional em Comunicação e Consumo (COMUNICON)**, ESPM-SP, São Paulo, 2014b.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade juvenil, classificações e “gostos” culturais: um estudo no universo de *games* e rede sociais em *lan house* populares. IN: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia; SOUZA, Angela Maria. (orgs). **Consumo e Cultura Material: perspectivas etnográficas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012a. pp.115-130.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade e “Territorialidade” no Universo Digital: transitando em contextos tecnológicos de jovens nas camadas populares. IN: BARBOSA, Livia (org). **Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012b. pp. 97- 120.

\_\_\_\_\_; ROCHA, Everardo. Lógica de Consumo em um Grupo das Segmentos Populares: Uma Visão Antropológica de Significados Culturais. IN: ROCHA, Angela; SILVA, Jorge Ferreira. (ORG). **Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro: Mauad, 2009, pp.31-48.

\_\_\_\_\_. “Na internet, todo mundo é feliz”: sociabilidade e familiaridade do universo das camadas populares. IN: **Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro: Mauad, 2009, pp.97-112.

\_\_\_\_\_. **Trocas, hierarquia e mediação**: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. Tese (Doutorado em Administração) – Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, COPPEAD, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. pg. 112/121.

BRASIL. Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. In: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6. ago. 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/2OVjck> > Acesso em: 3. fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014.

\_\_\_\_\_. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2013

\_\_\_\_\_. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2015

\_\_\_\_\_. Estado do Rio Grande do Sul. LEI Nº 12.884, DE 03 DE JANEIRO DE 2008. Dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. IN: **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, de 04 de janeiro de 2008. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/VOpW1D> > Acesso em: 3. fev. 2015.

B2 Agência. **Radar Jovem**: Experiências e o novo consumo. 2015.

CAIAFA, Janice. Parte 2. IN: \_\_\_\_\_. **Aventuras nas cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007. pp.135-180.

CANCLINI, Néstor García. Ser diferente é desconectar-se? Sobre culturas juvenis IN: \_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. pp.209-224.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. IN: \_\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo; São Paulo: Unesp, 2006. pp. 17-36.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: UNESP, 2008.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**: a global perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTRO, Gisela. *Screenagers*: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. IN: BARBOSA, Livia (org). **Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 61-77.

COUTO, Gil Horta Rodrigues. **Telefones celulares**: os impactos das suas materialidades e situacionalidades na cultura e comunicação contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzien. 2. ed.. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. IN: \_\_\_\_\_; BARROS, Antonio (ORGs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2 ed. 5 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 62-83.

DUTRA, Flora Ardengh. **Usos e apropriações do celular por jovens de classe popular**. 2014, 213p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Tradução: Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco de. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. IN: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v. 5 n. 1 3. Jul. 2008.

FONSECA, Ana Graciela Mendes Fernandes da. **“24 horas ligado”**: usos e implicações do telefone celular na vida cotidiana. 2011, 166 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. IN: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; e PETERS, Roberta (orgs). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. pp. 205-227

GALPERIN, Hernán; MARISCAL, Judith. **Pobreza y Telefonía Móvil en América Latina y el Caribe**. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2007.

GALPERIN, Hermán; MARISCAL, Judith; BARRENTES, Roxana. **The Internet and Poverty**: Opening the black box. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. 13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HINE, Christine. **Etnografía Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HORST, Heather; MILLER, Daniel. **The Cell Phone: an anthropology of communication**. Oxford: Berg, 2006.

\_\_\_\_\_. From kinship to link-up - Cell phones and social networking in Jamaica. **CURR ANTHROPOL**, 46 (5) p. 755 - 778. 2005

LASEN, Amparo. Tecnologías afectivas: de cómo los teléfonos móviles participan en la constitución de subjetividades e identidades. IN: GATTI, G; MARTÍNEZ DE ALBÉNIZ, I; TEJERINA, B. (eds). **Tecnología, cultura expert e identidad en la sociedad del conocimiento**. Universidad del País Vasco, Bilbao, pp: 215-248. Disponível para acesso em: <<https://goo.gl/YR1sE7>>. Acesso em: 07.nov.2015.

\_\_\_\_\_. **Understanding mobile phone users and usage**. Vodafone Group. 2005

\_\_\_\_\_. **Affective Technologies: emotions and mobile phones**. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: < <http://goo.gl/xJyzbO> > 22. jun. 2014.

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 4, nº 10, 2007.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Consumo: uma perspectiva antropológica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

LING, Rich. **The Mobile Connection: the cell phone's impact on society**. New York: Morgan Kaufman, 2004.

\_\_\_\_\_. Chica adolescentes y jóvenes adultos varones: dos subculturas del teléfono móvil. *Revista de Estudios de Juventud*. Nº 57, pp. 33-46, 2002.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. IN: **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas**

sensibilidades nas culturas jovens. ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Mauad, 2006. pp.53-70.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. IN: **Psicologia e Sociedade**. Nº 17, v.2, mai/ago, 2005. pp. 50-57.

OLIVEIRA, Annelore Spieker de. **Smartphones e trabalho imaterial**: uma etnografia virtual sobre sujeitos usuários de dispositivos móveis convergentes. 2007, 136p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

PAVESI, Patrícia. “Celular bom só com conexão”: um estudo etnográfico sobre o consumo de celulares e acesso à internet entre jovens de grupos populares. IN: **Consumo popular**. YACCOUB, Hilaine (org). 1 ed. Rio de Janeiro: Mundo Marketing Editora. 2015, pp.153-180.

\_\_\_\_\_. **Oi, tem internet? Claro! No mundo Tim! Sem conexões não vivo: o consumo do acesso à internet na Grande Terra Vermelha**. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_; DIAS, Vinícius Lorde. Entre Selfies, autorretratos, as TIC's e a vida on/off: a autopoiesis dos consumidores jovens de internet num bairro de periferia em Vila Velha-ES. IN: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/OXnty>> Último acesso em: 05.mai.2015.

PEDROSA, Leyberson Lelis Chaves. **Nas Mãos dos Jovens**: modalidades de uso do celular para produção de vídeos no contexto de uma escola pública. 2011. 222 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília – DF.

PEREIRA, Cláudia; ROCHA, Natália. No quarto, na mochila em todo lugar: os significados do consumo de tecnologia e do luxo entre jovens. IN: **Culturas e experiências midiáticas**. ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia; BARROS, Carla (Orgs). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Mauad, 2014. pp. 63-82.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORGs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. 5 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 125-145.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.



ROCHA, Everado; PEREIRA, Cláudia. Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre jovens. IN: **Culturas e experiências midiáticas**. ROCHA, Everado; PEREIRA, Cláudia; BARROS, Carla (Orgs). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Mauad, 2014. pp. 15-38.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ROCHA, Everado. Os bens como cultura: Mary Douglas e a Antropologia do Consumo. (Prefácio). IN: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzien. 2. ed.. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013. pp. 7-18.

\_\_\_\_\_. Invisibilidade e revelação: camadas populares, cultura e práticas de consumo. IN: ROCHA, Angela; SILVA, Jorge Ferreira. (ORG). **Consumo na Base da Pirâmide**: Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro: Mauad, 2009, pp. 13-19.

\_\_\_\_\_. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. IN: ROCHA, Everado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs). **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano**: Novas Sensibilidades nas Culturas Jovens. Editora PUC Rio; Mauad X, 2006. pp. 15-34.

\_\_\_\_\_. **Representações do consumo**: estudos sobre a narrativa publicitária. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Mauad X, 2006.

\_\_\_\_\_; AUCAR, Bruna. Cultura Material e convergência de mídia: um estudo sobre a construção da subjetividade contemporânea. IN: **Culturas e experiências midiáticas**. ROCHA, Everado; PEREIRA, Cláudia; BARROS, Carla (Orgs). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Mauad, 2014. pp.103-120.

SARTI, Cynthia Anderson. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. A família como ordem simbólica. IN: **Psicologia USP**. v.15, nº3, 2004. pp.11-28.

SILVA, Sandra Rubia. Do medo ao encontro etnográfico: etnografando práticas de consumo de telefones celulares em um bairro popular. IN: GOIDANICH, Maria Elisabeth; MEZABARBA, Solange Riva. (ORGs). **Etnografias possíveis**: experiências sobre consumo no ambiente urbano. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2014. pp.113-140.

\_\_\_\_\_. De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como “tecnologia afetiva”. IN: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia; SOUZA, Angela Maria. (orgs). **Consumo e Cultura Material: perspectivas etnográficas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012a. pp.243-265.

\_\_\_\_\_. Performances de masculinidade, práticas e subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. IN: **Revista de Comunicação, Mídia e Consumo**. ESPM/SP. Ano 9, v.9, nº 26, 2012b. pp. 61-82.

\_\_\_\_\_. **Aspectos socioculturais da apropriação de telefones celulares entre mulheres em situação de vulnerabilidade social**. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

\_\_\_\_\_. Vivendo com celulares: identidades, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. IN: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João. (Orgs). **Culturais Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, pp. 311-311.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: A luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED.; Brasília, DF: Unesco, 2003.

TONDO, Romulo. Smartphones e pobreza digital: o consumo de telefones celulares e internet por jovens de camada popular. IN: **Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade e 5º Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática**. UFSM. Santa Maria. 2015

\_\_\_\_\_; SILVA, Sandra Rubia. Celular, imagem e emoção: o consumo e apropriação de telefones celulares na construção do olhar do jovem sobre sua comunidade. In: YACCOUB, Hilaine (Org). **Consumo Popular**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mundo do Marketing Editora. 2015a. pp. 181-200.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. O passado vivido e o presente compartilhado: sobre o consumo de smartphones por jovens de comunidade popular e as micromemórias afetivas em espaços virtuais. IN: **Congresso Internacional de Comunicação e Consumo**, 2015, São Paulo. Anais

Comunicon 2015, 2015. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/VZLnqR> > Acesso em: 12. nov. 2015b.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORGs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2 ed. 5 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011. pp. 98-109.

VELOSO, Letícia; BARBOSA, Livia. Notas sobre o conceito de juventude e geração. IN: BARBOSA, Livia (Org). **Juventude e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 17-27.

WINOCUR, Rosalía. Conflitos e diferenças geracionais no uso das tecnologias digitais. IN: **Desidades**. v.2, nº.2, mar. 2014. pp. 18-24.

\_\_\_\_\_. **Robinson Crusoe ya tiene celular**: la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI: Universidade Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.

YACCOUB, Hilaine (Org). **Consumo Popular**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mundo do Marketing Editora. 2015.

## SITES

COSTA, Christian. "Relembre a trajetória do 'jogo da cobrinha' nos celulares Nokia" IN: **Revista Info - GAMES/ Notícias**. Editora Abril. Publicado dia: 3 de setembro de 2013, às 11h46min. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/7z9VHP>> Último Acesso em: 09.mai.2015

IBN LIVE/ CNN. **Mobile phone turns 40: Motorola press release from April 3, 1973**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/JWli34> > Acesso em: 04. Mar.2015

MARTINS, Laura. Facebook revela total de usuários de WhatsApp, Instagram, vídeos e mais. **Techtudo**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/Efny0p> > Acesso em: 24.jun.2015

MASHABLE. **The First Cellphone Went on Sale 30 Years Ago for \$4,000**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/n9Wktr> > Acesso em: 04. Mar.2015

MOTOROLA. **Timeline**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/j8H4FR> > Acesso em: 04. Mar.2015

OLHAR DIGITAL. **89 milhões de brasileiros acessam o Facebook**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/0xxAAG> > Acesso em: 24. Jun. 2015.

PLACE. **Lady Gaga's LittleMonsters**. Site oficial. Disponível para acesso em: < <https://littlemonsters.com>>. Acesso em: 9.mai.2015

Santa Maria em Dados. Disponível em: < <http://santamariaemdados.com.br/>>. Acesso em: 13.nov. 2015

**TETO BRASIL**. Disponível para acesso em: < [www.techo.org/paises/brasil](http://www.techo.org/paises/brasil) > Acesso em: 25.abr.2015

**APÊNDICES**

**Juventude e Consumo**  
**Questionário sobre consumo de mídias pelos jovens da Escola**

Uma equipe de investigadores do grupo de pesquisa “Consumo e Culturas Digitais” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PosCom) da Universidade Federal de Santa Maria está interessada em conhecer o que você pensa e como utiliza algumas mídias em seu dia a dia. Agradecemos a colaboração em responder este questionário até o final. As respostas serão tratadas de forma **SIGILOSA**, isto é, os dados fornecidos por você serão analisados e apresentados somente em trabalhos científicos das áreas da Ciência da Comunicação, Antropologia, Consumo e áreas afins. Dessa forma, não existem respostas certas ou erradas, apenas nos interessa saber a sua opinião.

**Série:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_ **Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

Qual destes veículos de comunicação você consome diariamente?

( ) Rádio ( ) Jornal ( ) Televisão ( ) Internet ( ) Todos

Com qual você mais se identifica. Enumere sua preferência de 1 a 4. (Sendo 1 para o que mais se identifica e 4 para o que menos se identifica).

( ) Rádio ( ) Jornal ( ) Televisão ( ) Internet

Enumere qual dos veículos abaixo você acredita que transmite mais credibilidade?

( ) Rádio ( ) Jornal ( ) Televisão ( ) Internet

Qual dos jornais abaixo você costuma ler e com que frequência?

( ) A Razão ( ) Diário de Santa Maria ( ) Correio do Povo ( ) O Sul ( ) Zero Hora  
( ) Diariamente ( ) Alguns dias da semana ( ) Só finais de semana

Qual das rádios abaixo você costuma escutar e qual o tempo médio?

( ) Atlântida ( ) Itapema ( ) Medianeira ( ) Imembuí ( ) Santamariense  
( ) Guaratan ( ) Nativa ( ) Rádio Universidade ( ) Carai

Tempo médio em horas: \_\_\_\_\_

Qual canal de TV você costuma assistir e qual o tempo médio?

( ) RBS TV/ Globo ( ) TV Pampa/ Rede TV ( ) SBT ( ) MTV ( ) Outros \_\_\_\_\_

Tempo médio em horas: \_\_\_\_\_

Você tem acesso a Internet? ( ) Sim ( ) Não

Caso tenha, qual o local de acesso e com que frequência você acessa?

Você possui perfil em alguma rede social?

Orkut  Twitter  Last.fm  Myspace  Facebook  Outros: \_\_\_\_\_

Você possui algum comunicador instantâneo?

Facebook Messenger  Google Talk  Whatsapp  Skype Outros: \_\_\_\_\_

Você faz download de músicas, séries ou filmes da web?  Sim  Não

Você possui celular?  Sim  Não

Você possui acesso à internet pelo celular?  Sim  Não

Como você acessa a internet pelo celular?  3G  WiFi  ambas

O que utilidades no seu cotidiano o celular possui?

Você utiliza o celular dentro da sala de aula? Como?

Você costuma conversar pelo celular com seus amigos?

Que tipo de aplicativo ou rede social você usa para conversar?

Você adiciona pessoas desconhecidas em suas redes sociais?

Qual é o critério para adicionar outros jovens em suas redes sociais?

**Entrevista sobre posse e uso de mídias por gerações****Jovem**

Nome:

Idade:

Você estuda? Em que ano você se encontra e qual o nome da sua escola?

O que você gosta de fazer nas horas de lazer?

Você possui quais destas mídias?

Televisão  Rádio  DVD  MP3  Telefone Celular  Internet  
 Computador  Outra \_\_\_\_\_

Entre as mídias que você possui qual (is) você sabe mexer?

Televisão  Rádio  DVD  MP3  Telefone Celular  Internet  
 Computador  Outra \_\_\_\_\_

Entre as mídias citadas, quais delas seus pais sabe mexer?

Televisão  Rádio  DVD  MP3  Telefone Celular  Internet  
 Computador  Outra \_\_\_\_\_

Teus colegas e amigos possuem celular?

O que você acha da ideia de ter um telefone celular?

O que você faz com o telefone celular?

Você possui acesso à Internet?

Você acha importante ter acesso à internet?

Teu telefone celular é de cartão ou conta?  Cartão  Conta



Qual é a sua operadora? ( ) Oi ( ) vivo ( ) Tim ( ) Claro

Gosta do serviço prestado por ela?

Em média, quanto você gasta com o telefone celular por mês?

Você acha caro o serviço de telefonia móvel?

Se fosse mais barato o que você faria?

Quais recursos do celular você costuma utilizar? ( ) Ligar ( ) SMS ( ) Acesso à Internet

Você consegue acessar a internet do celular?

Seus pais possuem celular?

O que você acha do telefone deles? Você gostaria de ter um igual?

O que você acredita que seus pais fazem com o celular?

O telefone deles possui acesso à internet?

Você costuma auxiliar sua mãe/ seu pai em alguma dúvida sobre o uso do celular?

Você mexe no celular de seus pais sem autorização?

Você costuma conversar com as pessoas pelo celular? Mandar mensagem de texto? Conversar por mensagem de texto?

Você chega a atender ao telefone dos teus pais?

Já chegou a ler alguma mensagem de texto?

O que o celular te ajuda no dia a dia? E o que ele não ajuda?

Você tem Facebook?

Você é amigo da sua mãe?

Qual a relação dela com o telefone?

Quais são as dificuldades que você acredita que seus familiares possuem ao mexer no celular?

Quais membros da tua família possuem telefone celular?

**Entrevista posse e uso de mídias por gerações  
Pais e ou responsáveis**

**Nome:**

**Idade:**

**Estado Civil:**

**Qual grau de instrução:**

**Profissão:**

**Sua casa é própria?**

**Quem mora contigo?**

**Quantos filhos? E a idade de cada um deles?**

**Em que escola eles estudam e a série? Foi difícil conseguir a vaga nesta escola?**

**Você ganha alguma bolsa auxílio do governo?**

**O que você gosta de fazer nas horas de descanso?**

**Você possui quais destas mídias? Exemplos:**

Televisão, Rádio, DVD, MP3, Telefone Celular, Internet Computador

**Entre eletrônicos que você possui qual (is) você sabe mexer?**

Televisão, Rádio, DVD, MP3, Telefone Celular, Internet Computador

**Entre os eletrônicos citados, quais delas o seu filho sabe mexer? Exemplos:**

Televisão, Rádio, DVD, MP3, Telefone Celular, Internet Computador

Outra \_\_\_\_\_

Você possui acesso à Internet?

Por que você acha importante ter acesso à internet?

Teu telefone celular é de cartão ou conta? ( ) Cartão ( ) Conta

Qual é a sua operadora? ( ) Oi ( ) vivo ( ) Tim ( ) Claro

Gosta do serviço prestado por ela?

Em média, quanto você gasta com o telefone celular por mês?

Você acha caro o serviço de telefonia móvel?

Se fosse mais barato o que você faria?

Quais recursos do celular você costuma utilizar? ( ) Ligar ( ) SMS ( ) Acesso à Internet

Você consegue acessar a internet do celular?

Teus filhos possuem celular?

Quem deu o aparelho para eles?

Qual o motivo de dar um aparelho celular para eles?

Você acha importante que eles tenham celular?

O que você acredita que seus filhos fazem com o celular?

O telefone deles possui acesso à internet?

Você auxilia os seus filhos na utilização do telefone celular?

Você recarrega (dinheiro) o celular do filho?

Você chega a atender ao telefone do teu filho?

Já chegou a ler alguma mensagem de texto?

Em que situações o telefone celular te atrapalha?

E em que situações ele auxilia teu dia a dia?

## PERGUNTAS SEMIABERTAS

### **Amizade**

Para você o que é amizade?

Qual é a importância de se ter amigos?

Você possui amigos virtuais? (Alguém que você nunca conheceu presencial).

Para você existe diferença entre uma “amizade presencial” e uma “amizade virtual”?

Seus amigos possuem celular?

Você costuma fazer novas amizades e lhes fornecer o seu número de celular de imediato?

Quando que você fornece o teu número de celular?

Quais as principais qualidades de um amigo? Eles devem ser encontradas em ambos os tipos de amizade?

Como você se sente ao estar com seus amigos?

### **Amor**

O que é amor para você?

Você sente amor por alguém? (Ex: Pais, mãe, irmão, amigos)

Você já namorou? Conte como foi esse namoro.

Alguma vez você brigou por causa de alguém?

Você se considera maduro para ter um relacionamento?

Você já conheceu alguém nas redes sociais que você gostaria de ter um relacionamento?

Você mantém contato com essa pessoa?

Você utiliza o telefone celular com essa pessoa? Que tipo de recursos vocês usam?

Alguma vez você teve um relacionamento à distância? Comente como foi.

Alguma vez você já brigou por causa de mensagens ou conversas no seu celular?

Como você se sentiu diante dessa briga?

Que tipo de coisas você não gosta de presenciar nas redes sociais do teu namorado?

Quando você conheceu seu namorado o que chamou atenção nele?

Você utilizava o celular na maioria dos contatos com ele? Caso sim, que meios você utilizava para entrar em contato com ele?

Alguma vez você teve um relacionamento à distância? Comente como foi.

### **Desejo**

Se você pudesse adquirir um novo objeto para você o que seria? Qual o motivo?

Das coisas que você possui, o que você trocaria por algo melhor?

Seu telefone celular é de última geração?

Como você se sente quando com relação ao seu telefone celular?

Você costuma a utilizar o celular diante de seus amigos?

Você usa os mesmos recursos no celular que seus amigos?

### **Violência**

O que é violência para você?

Você alguma vez violentou alguém? Por qual motivo? Comente

Alguma vez você já presenciou algum tipo de violência? Conte como foi?

Como você se sentiu ao presenciar tal circunstância?

Alguma vez você já foi assaltado, agredido verbalmente ou sofreu discriminação?

Conte como foi?

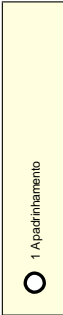
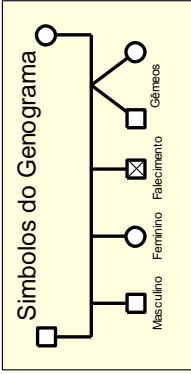
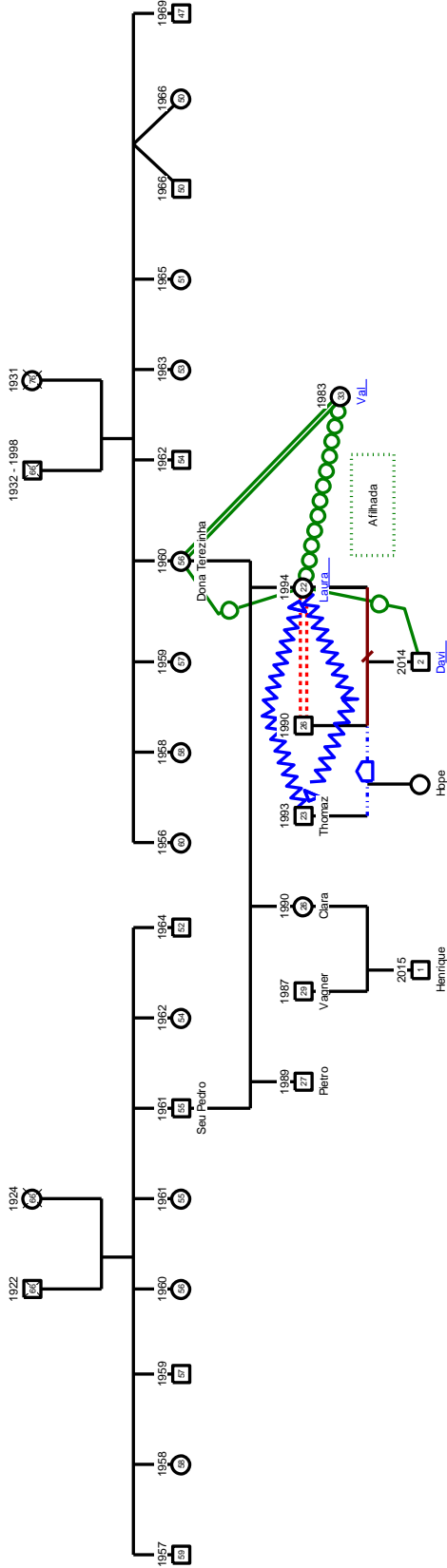
Como você se sente diante da violência urbana?

Você acredita que o telefone celular pode te auxiliar em algum caso de violência? Comente.

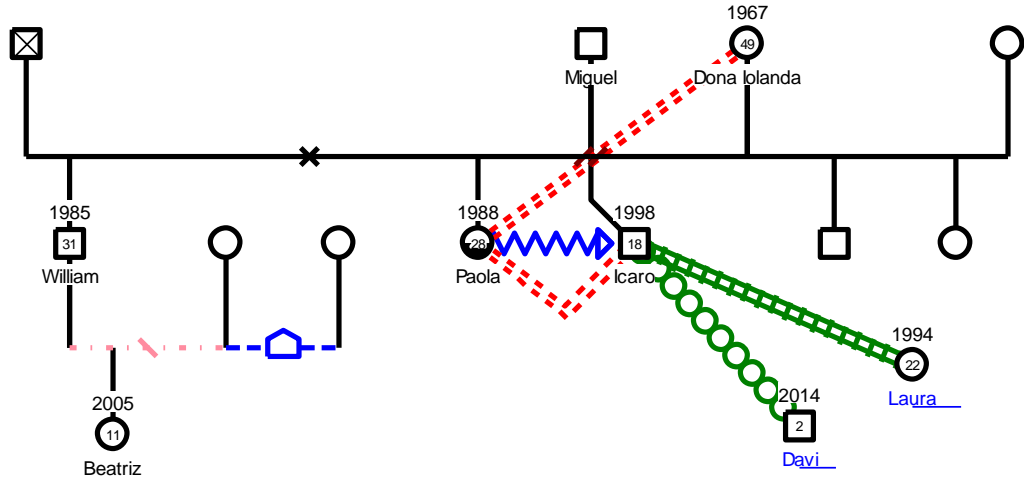
Como você vê esses roubos de telefones celular?

Como você reagiria em uma circunstância violenta?

GENOGRAMA LAURA



**GENOGRAMA ICARO**



**Símbolos do Genograma**

Masculino    Feminino    Falecimento

- 1 Adopção
- 1 Abuso de drogas e álcool

**Relacionamentos Emocionais**

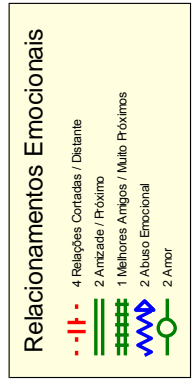
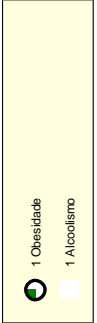
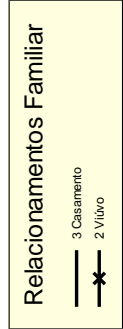
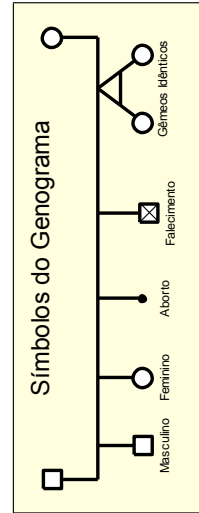
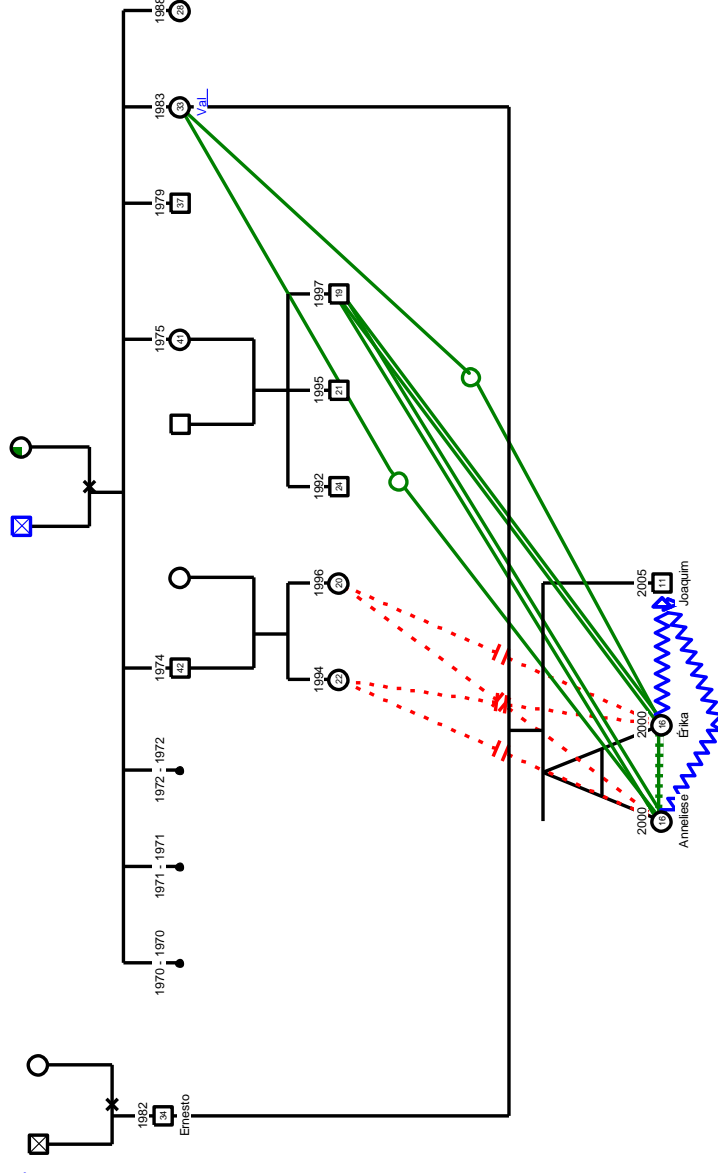
- 1 Melhores Amigos / Muito Próximos
- 1 Abuso Emocional
- 2 Desacordo/Conflito

**Relacionamentos Familiar**

- 1 Casamento
- 1 Divorciado
- 1 Viúvo
- 1 Noivos e vivendo juntos
- 1 Caso de amor e separados



GENOGRAMA ANNELIESE E ÉRIKA





Tenha acesso a outros dados da pesquisa  
no tumblr criado para divulgação científica dessa pesquisa.  
[www.celulareseafetos.tumblr.com](http://www.celulareseafetos.tumblr.com)